

PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: EXPECTATIVAS, SENTIMENTOS E A INTERAÇÃO COM O BEBÊ

Daniela Centenaro Levandowski

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Psicologia sob orientação do
Prof. Dr. César Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Porto Alegre, março de 2001.

Oração de um Pai

“Senhor, já não sou mais criança.

Tenho a impressão de que estou chegando à plenitude de meus dias.

Meu lar, meus filhos, minha mulher, meu trabalho, dizem que já realizei alguma coisa!

Hoje volto meus olhos para os filhos que a tua bondade me concede!

Não posso esconder minha alegria incontida de ser pai!

Quando nasceu meu primeiro filho, meu coração quase explodiu de alegria. Depois vieram os outros e a alegria continuou.

Senhor, neste dia eu te dou graças pelos filhos que me deste.

Não posso esconder, nesta hora, uma certa preocupação.

Eles são tão frágeis, eles têm tantas riquezas escondidas nesta fragilidade.

De noite, quando eles estão dormindo, eu vou contemplá-los no quarto. Fecho os olhos e penso no futuro. Quem serão eles? Que lhes reserva a vida? Quero ser amigo de meus filhos, quero escutá-los, quero servir a cada um deles. Quero chorar com eles.

Senhor, faze com que eu saiba respeitar a personalidade de cada um deles.

Faze, Senhor, com que eu seja paciente e compreensivo.

Neste dia, eu imploro tuas mais ricas bênçãos para os filhos da minha vida.”

*“O que conta é o sentido que cada um consegue dar
ao que acontece em sua vida, em sua história,
porque é somente encontrando um sentido
que o homem pode viver, viver bem,
e, por sua vez, dar a vida”
(Szejer & Stewart, 1997, p. 180)*

AGRADECIMENTOS

Ao longo da caminhada do Mestrado, várias pessoas contribuíram de forma especial para que o final fosse alcançado com sucesso:

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador, o Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini, que acreditou no meu sonho, me permitindo alcançá-lo com todo o rigor e ética necessários a um pesquisador. Além disso, por ter me proporcionado uma infinidade de ensinamentos teóricos e metodológicos que levarei comigo em minha futura caminhada acadêmica e profissional. Obrigada pela leitura atenta, pelo incentivo, pelas críticas e pela humildade e companheirismo;

Em segundo lugar, não posso deixar de agradecer aos participantes da pesquisa, pessoas com as quais aprendi muito, por tê-los acompanhado por vários meses em um período tão especial de suas vidas: a chegada do primeiro filho. Sem eles, a realização deste trabalho não seria possível;

Aos meus colegas de pesquisa, agradeço inicialmente a acolhida na UFRGS. Além disso, pelas dicas, pelo material fornecido, pelas trocas teóricas e pelas confraternizações, enfim, por todos os momentos de convivência grupal, tão agradáveis e enriquecedores. Com certeza vocês me fizeram crescer pessoalmente. Obrigada por também embarcarem comigo no meu sonho e acreditarem em mim;

Aos meus colegas do Mestrado, companheiros de jornada, muito obrigada pelos ensinamentos teóricos, pelas sugestões, pela acolhida e principalmente pelos momentos de convivência extra-UFRGS, momentos estes que trouxeram sempre encorajamento e alegria;

À minha equipe de trabalho, as bolsistas e auxiliares de pesquisa Ana Paula Kroeff Vieira, Daniela Rockett Rosa, Patrícia Royer Voigt e Genilda Martins Maliska, meus sinceros agradecimentos. Obrigada pelas transcrições, pela observação de vídeos, pelos comentários teóricos e pela amizade. Obrigada também pela seriedade e responsabilidade com as quais desenvolveram suas atividades de pesquisa. Com certeza, este trabalho também tem a cara de cada uma de vocês;

Ao nosso querido Alziro, salva-vidas, o indispensável, obrigada pelo cuidado e pela disponibilidade;

Também à Margarete, nossa secretária, a eficiência em pessoa, um muito obrigada por todos os problemas burocráticos solucionados;

Às funcionárias da Biblioteca, Val e Sheila, pelo incentivo, pela alegria e disponibilidade sempre demonstradas;

Às minhas colegas da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (Comitê de Bebês), pelas dicas teóricas, pela torcida e pela amizade;

À minha família, Pai, Mãe, Cacá e Nati, pelo apoio incondicional, pela presença diária, e principalmente pelo amor recebido em todos estes anos. Obrigada por partilharem comigo esta etapa da minha vida, acreditando mais uma vez na minha capacidade e vivendo esta dissertação junto comigo;

Ao meu namorado e grande amor, Beto, pelo incentivo, pela presença constante, pelo entendimento da minha ausência, pelas horas de alegria e de tristeza e principalmente pelo amor, muito obrigada.

E por fim, mas nem por isso menos importante, agradeço aos meus amigos, pessoas que escolhi para partilhar a minha vida, por sua sinceridade e simplicidade. Muito obrigada por todo o incentivo!

RESUMO

O objetivo deste estudo foi examinar eventuais diferenças nas expectativas e sentimentos de futuros pais adolescentes e adultos, bem como na sua interação com o bebê aos três meses de vida. Participaram do estudo 23 futuros pais, sendo doze adolescentes ($M = 17,7$ anos, $DP = 1,0$) e onze adultos ($M = 29,9$ anos, $DP = 3,8$). Todos esperavam seu primeiro filho. Os futuros pais foram entrevistados no final da gestação e quando o bebê completou três meses. Nesta ocasião foi realizada a observação da interação da díade pai-bebê. A expectativa inicial que previa diferenças entre os grupos não foi totalmente corroborada neste estudo. Análise de conteúdo das entrevistas, utilizando seis categorias temáticas, mostrou mais semelhanças do que particularidades em relação às expectativas e sentimentos dos futuros pais. O Teste de Mann-Whitney também não revelou diferenças significativas na interação pai-bebê entre adolescentes e adultos. Estes resultados sugerem que a idade não é necessariamente um fator determinante para a transição para a paternidade, e que muitos adolescentes podem realizar este processo com sucesso, especialmente quando recebem apoio familiar e social.

ABSTRACT

This study aimed to examine the expectations and feelings of adolescent and adult expectant fathers, and their interaction with their three-months-old's baby. The subjects were 23 expectant fathers, 12 adolescents ($M = 17,7$ years, $DP = 1,0$) and 11 adults ($M = 29,9$ years, $DP = 3,8$). The expectant fathers were interviewed in the last trimester of the pregnancy and when the baby was three months' old. At this moment, a naturalistic observation of the father-baby interaction was employed. The previous hypothesis was that there were differences between the two groups wasn't totally supported by this study. Content analysis of the interviews, employed six themes, revealed more similarities than particularities relative to the expectations and feelings of expectant fathers. Mann-Whitney test also didn't reveal significant differences between adolescent and adult fathers relative to the interaction with the baby. These results suggest that the age of the father isn't a determinant factor to the transition to fatherhood, and that many adolescents are able to become fathers successfully, especially when receive family and social support.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>11</u>
<u>A ADOLESCÊNCIA COMO FASE DO CICLO VITAL</u>	<u>11</u>
<u>GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA</u>	<u>21</u>
<u>PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA</u>	<u>26</u>
<u>ASPECTOS SOCIAIS</u>	<u>27</u>
<u>ASPECTOS EDUCACIONAIS</u>	<u>31</u>
<u>ASPECTOS FAMILIARES</u>	<u>32</u>
<u>ASPECTOS PESSOAIS</u>	<u>38</u>
<u>ASPECTOS RELACIONAIS DOS PAIS ADOLESCENTES COM A GESTANTE/MÃE ADOLESCENTE</u>	<u>47</u>
<u>ASPECTOS RELACIONAIS DE PAIS ADOLESCENTES COM SEU BEBÊ</u>	<u>50</u>
<u>OBJETIVOS DO ESTUDO</u>	<u>60</u>
<u>CAPÍTULO II</u>	<u>61</u>
<u>MÉTODO</u>	<u>61</u>
<u>PARTICIPANTES</u>	<u>61</u>
<u>DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS</u>	<u>65</u>
<u>INSTRUMENTOS E MATERIAL</u>	<u>66</u>
<u>CAPÍTULO III</u>	<u>71</u>
<u>EXAMINANDO AS EXPECTATIVAS E SENTIMENTOS DE FUTUROS PAIS ADOLESCENTES E ADULTOS</u>	<u>71</u>
<u>DISCUTINDO AS EXPECTATIVAS E SENTIMENTOS DE FUTUROS PAIS ADOLESCENTES E ADULTOS</u>	<u>161</u>
<u>CAPÍTULO IV</u>	<u>171</u>
<u>EXAMINANDO A INTERAÇÃO PAI-BEBÊ ENTRE ADOLESCENTES E ADULTOS EM UMA SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO LIVRE</u>	<u>171</u>
<u>DISCUTINDO A INTERAÇÃO PAI-BEBÊ ENTRE ADOLESCENTES E ADULTOS EM UMA SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO LIVRE</u>	<u>178</u>
<u>CAPÍTULO V</u>	<u>184</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>184</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>189</u>

<u>ANEXO A: CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE</u>	<u>200</u>
<u>ANEXO B: FICHA DE CONTATO INICIAL</u>	<u>201</u>
<u>ANEXO C: CONSENTIMENTO INFORMADO</u>	<u>202</u>
<u>ANEXO D: ENTREVISTA DE DADOS DEMOGRÁFICOS</u>	<u>203</u>
<u>ANEXO E: ENTREVISTA SOBRE A GESTAÇÃO E AS EXPECTATIVAS DO FUTURO PAI</u>	<u>204</u>
<u>ANEXO F: OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO FAMILIAR</u>	<u>205</u>
<u>ANEXO G: DEFINIÇÕES OPERACIONAIS DOS COMPORTAMENTOS PATERNOS E INFANTIS E INSTRUÇÕES PARA A CODIFICAÇÃO</u>	<u>206</u>
<u>ANEXO H: RELAÇÃO DAS SEQÜÊNCIAS SINCRÔNICAS E ASSINCRÔNICAS PAI-BEBÊ</u>	<u>210</u>
<u>ANEXO I: PROTOCOLO INICIAL</u>	<u>212</u>
<u>ANEXO J: PROTOCOLO FINAL</u>	<u>213</u>
<u>ANEXO L: ÍNDICES DO KAPPA PARA OS COMPORTAMENTOS PATERNOS, INFANTIS E AS SEQÜÊNCIAS SINCRÔNICAS OBSERVADAS</u>	<u>214</u>
<u>ANEXO M: CORRELAÇÃO ENTRE DADOS DEMOGRÁFICOS E AS CATEGORIAS DE COMPORTAMENTOS PATERNOS, INFANTIS E AS SEQÜÊNCIAS SINCRÔNICAS OBSERVADAS</u>	<u>215</u>

Lista de Tabelas

Tabela 1: Dados demográficos dos casais adolescentes

Tabela 2: Dados demográficos dos casais adultos

Tabela 3: Síntese dos relatos dos futuros pais para cada categoria temática analisada

Tabela 4: Índices do kappa para os comportamentos paternos, infantis e as seqüências sincrônicas observadas

Tabela 5: Correlações entre dados demográficos e categorias de comportamentos paternos, infantis e as seqüências sincrônicas

Tabela 6: Incidência média, desvio padrão e nível de significância para cada categoria de comportamentos paternos

Tabela 7: Incidência média, desvio padrão e nível de significância para cada categoria de comportamentos do bebê

Tabela 8: Incidência média, desvio padrão e nível de significância para cada categoria de comportamentos sincrônicos

INTRODUÇÃO

A paternidade na adolescência, como tema de estudo no meio acadêmico nacional, tem sido pouco investigada. A maior parte dos estudos versam sobre a gestação na adolescência a partir da perspectiva da gestante adolescente. Contudo, dado o expressivo número de casais adolescentes que atualmente passam pela situação inesperada de gestar e cuidar de um bebê, é importante que seja dada uma maior atenção ao futuro pai adolescente. Neste sentido, o presente estudo visa examinar as expectativas e sentimentos de futuros pais adolescentes, bem como sua interação com o bebê aos três meses de vida. Além disso, pretende-se comparar estes aspectos envolvendo a paternidade tanto em um grupo de pais adultos, o que permitirá apontar para eventuais semelhanças e particularidades de cada grupo.

Primeiramente serão revisadas as principais características da adolescência como fase do ciclo vital e o contexto de transformações bio-psico-sociais envolvendo o adolescente. Em um segundo momento, será examinada a questão da gestação na adolescência, e, por fim, serão revisados alguns estudos específicos sobre a paternidade na adolescência.

A Adolescência Como Fase do Ciclo Vital

Os autores que se dedicaram ao estudo da adolescência são unânimes em afirmar que esta é uma fase bastante complexa do ciclo vital, pela quantidade e qualidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que o indivíduo experimenta. A adolescência é por isso um evento psicológico e social, além de biológico, que se manifesta diferentemente de acordo com o ambiente social, econômico e cultural do adolescente (Knobel, 1992). Aberastury (1992) refere que o início da adolescência se dá concomitante às primeiras transformações biológicas, que se iniciam em idade não definida. Já em relação ao término da adolescência, Blos (1994) salienta que são adotados critérios variados, que obedecem, principalmente, a fatores de natureza sócio-cultural. O autor cita como requisitos para que o adolescente alcance o status adulto a escolha da identidade sexual, a capacidade de manter relações afetivas estáveis, a

independência econômica, o comprometimento profissional, a formação de um sistema de valores próprio e a manutenção de um bom relacionamento com a geração precedente. Desse modo, nesta fase o jovem depara-se com muitas tarefas desenvolvimentais, que abrangem todos os domínios de sua vida: pessoal, familiar, social, escolar e biológico (Aberastury, 1992; Blos, 1994, 1997). Para Montmayor (1986), a resolução destas tarefas afetará o comportamento global do adolescente, e o modo como poderá enfrentar a experiência da paternidade.

Russell (1980) e Montmayor (1986) concentraram-se nos aspectos sociais destas tarefas da adolescência, indicando que os eventos pelos quais o jovem necessita passar mudam de acordo com fatores históricos, sociais e culturais. Constataram a existência de um número limitado de eventos de passagem e também de um período de tempo e uma seqüência considerados apropriados para que eles aconteçam, como por exemplo, a realização de uma faculdade durante a juventude. Existiria toda uma organização social para apoiar estas passagens, que não estaria presente nos casos em que a ordem de ocorrência ou extensão dos eventos se altera, como por exemplo, quando ocorre uma gestação na adolescência. Russell (1980) ressalta que a quantidade de estresse de qualquer transição varia com a importância social dos papéis envolvidos, e com o grau no qual esta se dá fora do tempo previsto. Como o papel de pai é fundamental em nossa sociedade, se poderia esperar que a transição precoce para a paternidade seria bem estressante para os envolvidos. Os pais adolescentes, nesta situação, iniciam suas trajetórias sexual e parental precocemente, alguma vezes antes e poucas vezes conjuntamente com a trajetória conjugal. Frequentemente assumem a trajetória parental e simultaneamente a profissional, sem ter completado a escolarização. Assim, para Russell, o pai e a mãe adolescentes se defrontam simultaneamente com muitas tarefas desenvolvimentais individuais e familiares. Dessa forma, Montmayor ressalta que os problemas enfrentados pelos adolescentes não decorreriam apenas de preconceitos ou imaturidade, mas também de falta de preparo social para apoiá-los, causando estresse adicionais para os envolvidos. De fato, na literatura sobre paternidade adolescente, é unânime a afirmação de que este evento fora do ciclo de vida esperado causa uma sobrecarga para os jovens envolvidos (Belsky & Miller, 1986; Elster & Hendricks, 1986; Robinson, 1988), pois acabam enfrentando duas crises simultaneamente: a paternidade e a adolescência (Nunes, 1998; Robinson, 1988; Young, 1988), sem muitas

vezes terem capacidade para lidar com ambas (Elster & Hendricks, 1986). Ao mesmo tempo, a gravidez é vista até como uma tentativa por parte do jovem de evitar o confronto com as tarefas evolutivas normais da fase adolescente (Lewis & Volkmar, 1993).

Tomando em consideração uma perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento, Steinberg (1985) comenta as mudanças da adolescência consideradas fundamentais. São elas: mudanças biológicas, cognitivas e sociais. Dentre as mudanças biológicas, a puberdade é o evento mais importante, trazendo mudanças na aparência e no alcance da capacidade reprodutiva, o que requer adaptação do adolescente e dos que o rodeiam. A puberdade como processo biológico se estende aproximadamente dos nove aos quatorze anos, caracterizando-se pelo surgimento da atividade hormonal que possibilita o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, indicando assim a maturação sexual (Outeiral, 1994).

De acordo com Blos (1994), é a maturação o fato biológico que introduz a puberdade no plano psicológico, pois impulsiona a uma nova organização das pulsões e do ego. Ele considera que a adolescência se caracterizaria sobretudo por tais mudanças físicas. De fato, a puberdade exige uma nova adaptação física e mental do adolescente (Blos, 1994), o que remete diretamente a uma reformulação da auto-imagem, no sentido de definir sua identidade sexual (Montmayor, 1986). Este processo gera muitas dúvidas nos jovens, que preocupam-se muito com a normalidade de suas transformações corporais, nunca antes experimentadas de forma tão abrupta e radical, bem como com sua atratividade física (Blos, 1994; McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977). Esta situação poderia gerar grande quantidade de estresse para os adolescentes (Montmayor, 1986).

A puberdade também repercute no plano psicológico no sentido de evidenciar as diferenças sexuais entre meninos e meninas e confrontar o adolescente com a descontinuidade de sua experiência infantil (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977). De forma geral, este evento físico ainda influenciaria as relações interpessoais do adolescente, pois as mudanças da aparência induziriam a uma modificação do comportamento do próprio adolescente e por conseqüência daqueles que se relacionam com ele (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Steinberg, 1985). Nesse sentido, Steinberg fez um estudo com famílias de adolescentes em idade pubertária e notou que

os padrões de interação se modificam durante a maturação, passando de um breve período de conflito para o estabelecimento de um novo padrão, em que os filhos passam a ter mais poder para influenciar as decisões familiares.

A maturação física não segue um padrão uniforme de acontecimento, também não acontecendo no mesmo ritmo entre o adolescente e seus pares, e ainda menos entre os sexos (Atwater, 1988; Blos, 1994; Coleman, 1980; McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Steinberg, 1985). Dentre os meninos, a maturação sexual precoce parece ser mais vantajosa do que a tardia (Atwater, 1988; Steinberg, 1985), pois aumentaria sua auto-estima, possibilitaria um relacionamento mais positivo com os pares e as meninas e facilitaria assumir papéis de liderança em seu grupo de iguais (Atwater, 1988; McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Montmayor, 1986; Steinberg, 1985). Ao mesmo tempo, a maturação biológica precoce também levaria a experiências sexuais precoces, o que aumentaria a chance de uma paternidade na adolescência (Montmayor, 1986). De modo geral, a aparência mais adulta levaria a uma entrada precoce nos papéis adultos. Como o sucesso e o status social seriam conseguidos mais facilmente, esses garotos não teriam necessidade de desenvolver soluções flexíveis e criativas para os problemas da vida, e disporiam de menos tempo para experimentar novos papéis e identidades (Atwater, 1988; Steinberg, 1985). No entanto, ainda não está claro qual é o verdadeiro impacto da maturação sexual precoce ou tardia no desenvolvimento psicológico dos jovens. Muitos dos efeitos psicológicos de ser precoce ou tardio quanto ao crescimento físico parecem depender do indivíduo, de sua família, do apoio dos pares e de suas experiências de vida (Atwater, 1988).

Já as mudanças cognitivas que ocorrem na adolescência se traduzem por habilidades de pensamento mais avançadas, que trazem ao adolescente maior aptidão para pensar sobre situações hipotéticas e sobre conceitos abstratos, afetando até mesmo o modo como o adolescente pensa sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo (Steinberg, 1985). Ele pode fazer relações de relações, o que lhe permite formular hipóteses e testá-las, e reformulá-las frente às evidências da realidade. Assim, durante este estágio o indivíduo se torna capaz de raciocinar dedutivamente e pode se engajar em pensamentos causais e fornecer explicações científicas para os eventos (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977).

De fato, para Piaget (1976), é na adolescência que se atinge o pensamento formal, que possibilita o pensar sobre possibilidades não imediatamente presentes em uma situação a fim de resolvê-la, bem como gerar hipóteses e gerenciar conscientemente o próprio funcionamento mental. O que diferencia a lógica do adolescente no estágio de operações formais do estágio prévio das operações concretas é que o adolescente pode pensar sobre seu próprio raciocínio, o que implica em uma nova separação sujeito-objeto (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977). Este descentramento envolve um procedimento que se desenvolveu gradualmente desde a infância (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977), permitindo que o adolescente elabore teorias e filosofias a respeito do mundo e de si mesmo. Nesse sentido, a cognição permite ao jovem realizar uma atividade mental que lhe é necessária, conforme Aberastury (1992), já que para alcançar a maturidade afetiva e intelectual precisa construir antes seu sistema de valores, uma ideologia própria que confronta com a de seu meio, e teorias políticas e sociais que lhe permitam posicionar-se frente ao mundo, defendendo um ideal. No entanto, tais construções se constituem em soluções transitórias para sua crise, pois possibilitam a fuga do mundo externo e uma volta para o mundo de fantasia, tão essencial nos primórdios da etapa adolescente. Isto porque aumenta a onipotência narcisista e a sensação de prescindir do mundo externo.

Muitas mudanças pessoais podem acontecer subjacentes a esta mudança no tipo de raciocínio do adolescente. Por exemplo, fica evidente um certo egocentrismo, que se refere a uma dificuldade de diferenciar entre sujeito e objeto, variando conforme o estágio de desenvolvimento. Em outras palavras, o adolescente passa a pensar em si mesmo como o foco único das preocupações dos outros. Esta preocupação de estar sendo objeto de atenção faz com que ele atente para seu comportamento e aparência (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977). Isto porque, durante a adolescência o indivíduo pode pensar sobre o modo como as outras pessoas pensariam sobre ele, isto é, considerar-se como um objeto da percepção e pensamento dos outros. Uma consequência do egocentrismo seria o intermitente idealismo fantasioso do adolescente, pois conforme Piaget (1976), o adolescente tenta adaptar seu ego ao ambiente social, ao mesmo tempo em que também tenta adaptar o ambiente ao seu ego. Assim ele pode ser altamente interessando em reformas políticas, religiosas ou educacionais e pode

desenvolver idéias de natureza egocêntrica como solução para problemas nestas áreas (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977).

No entanto, como afirmam McKinney, Fitzgerald e Strommen (1977), ao contrário dos demais estágios de desenvolvimento cognitivo, há pouca consistência quanto à idade na qual a lógica formal se inicia. Isso porque as operações formais se referem tanto a um estágio de desenvolvimento cognitivo quanto a um estilo de raciocínio. Em uma situação específica um determinado adolescente poderia ou não recorrer aos recursos da lógica formal. Algumas variáveis que determinam este uso, de acordo com estes autores, seriam: quantidade de experiência prévia do adolescente com um dado problema, o tipo de problema com o qual o adolescente está sendo confrontado, seu estado de alerta ou fadiga, e sua capacidade intelectual geral. Assim, nem todos os adolescentes contam com este tipo de raciocínio e provavelmente nenhum adolescente o adquire completamente.

Relacionando o desenvolvimento cognitivo com a parentalidade, Montmayor (1986) comenta que os adolescentes não possuem muitas informações sobre bebês e seu desenvolvimento, sobre problemas comuns da adolescência, e podem ainda ser menos capazes do que os adultos para lidar com materiais impressos. Para este autor, os adolescentes mais novos têm dificuldades em adquirir e utilizar informações contidas em livros sobre o cuidado de crianças, dependendo mais de sua experiência prática e aprendizagem por tentativa-e-erro, estratégias potencialmente perigosas quando empregadas com bebês. Além disso, os adolescentes têm dificuldade para manter agendas e planejar seu futuro imediato e a longo prazo. Estas duas deficiências podem impedir um cuidado efetivo da criança, uma vez que um pai sensível é considerado como aquele que pode perceber as necessidades da criança, interpretá-las corretamente e planejar o seu atendimento apropriado. Tais capacidades requerem habilidades como gerar e testar hipóteses, selecionar um plano de ação e monitorar seus efeitos, que o adolescente pode ainda não ter bem desenvolvidas. Neste sentido é que a literatura aponta amplamente a imaturidade cognitiva do adolescente como um fator que dificultaria a responsividade ao bebê (Elster & Hendricks, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Young, 1988).

Por fim, as mudanças sociais da adolescência incluem assumir novos papéis sociais e assim adquirir novos direitos, deveres e responsabilidades, tais como licença

para dirigir e votar. A redefinição social provoca uma redefinição pessoal, com a avaliação das habilidades e competências, pois o jovem pode agora se engajar em outras atividades como casamento, trabalho, o que altera sua auto-imagem e as relações com os outros (Steinberg, 1985).

Um outro aspecto relacionado às modificações da adolescência diz respeito às questões psicossociais enfrentadas pelos jovens, que seriam cinco, conforme Steinberg (1985): a consolidação da identidade, a aquisição da autonomia e da intimidade, a consolidação da sexualidade e da capacidade de realização. Em relação à identidade, o jovem pode se preocupar com quem ele é realmente e o que será no futuro, passando por um período de experimentação de papéis, na tentativa de encontrar sua verdadeira identidade (Steinberg, 1985).

Para Aberastury (1992), somente quando o adolescente aceita seus aspectos de criança e de adulto simultaneamente é que poderá aceitar suas mudanças corporais e assim começar a definir sua identidade. O processo de busca da identidade ocupa grande parte de sua energia, fazendo com que o jovem se mostre diferentemente em cada situação ou ambiente. Para ela, estas flutuações da identidade refletem as mudanças internas, bem como o número maior de modelos de identificações tomados pelo adolescente. Blos (1996) comenta que não só os pais, mas também o grupo de amigos, os professores e qualquer outro adulto significativo passam a ser considerados como modelos, influenciando na forma final da identidade do adolescente.

Considerando a influência da família sobre a formação da identidade, a relação pais-filho é a mais importante, pois o genitor do mesmo sexo é um modelo de identificação direta para o adolescente (Montmayor, 1986). Como diz Blos (1994), mesmo quando diz que não é como os pais, o jovem já está definindo sua identidade. Nesse sentido, os meninos são geralmente mais negativamente afetados do que as garotas pela ausência de um pai, por causa da falta de um modelo de papel sexual apropriado. Atwater (1988) comenta que nas famílias onde o pai é ausente, os filhos teriam mais probabilidade de sofrer problemas emocionais e sociais, abandonar a escola e se engajar em comportamentos anti-sociais (consumo de drogas, álcool, atividade sexual) do que nas famílias intactas.

Em relação ao grupo de amigos, outra fonte de modelos para a formação da identidade adolescente, Outeiral (1994), baseando-se em autores psicanalíticos, refere

que estes aparecem como uma forma de socialização de culpas, como defesa contra as ansiedades e como uma maneira de comparação e/ou identificação no aspecto corporal, que, devido à puberdade, está sendo modificado.

O grupo de iguais parece ser importante especialmente para os meninos, pois eles não possuem muitas oportunidades de identificação masculina, o que os leva a construir sua identidade de gênero por oposição à identidade feminina (Teti & Lamb, 1986). Dessa forma, segundo estes autores, na adolescência os iguais passam a ter um papel relevante para a consolidação dessa identidade, que se dá juntamente com a consolidação da identidade global. De fato, a auto-estima de muitos adolescentes relaciona-se ao valor que o grupo lhe dá, e para tanto comportam-se de acordo com normas estritas quanto aos comportamentos considerados masculinos.

Já a aquisição da autonomia se dá por uma luta para se estabelecer como independente e autogovernado, ou seja, ser menos dependente emocionalmente dos pais, ser capaz de tomar decisões independentemente e estabelecer um código de valores e moral próprios (Steinberg, 1985). Conforme Blos (1994; 1996), a aquisição da autonomia em relação aos pais seria a tarefa psíquica principal da adolescência. O autor refere-se à autonomia aludindo ao processo de separação-indivuação que ocorre na criança, abordado por Mahler, reeditado na adolescência para ser consolidado. De acordo com Blos, o adolescente deve, neste período, obter a independência relativa dos pais, a autonomia emocional e financeira, a partir da definição de sua identidade pessoal única, com um sistema de valores próprio. Isso o leva a estabelecer uma nova forma de relação com as gerações precedentes. Para Blos (1994), a individuação provoca sentimentos de solidão e confusão, bem como medo, pois representaria o fim dos sonhos megalomaniacos da infância, uma vez que o adolescente vê que esta tem fim, e que deve assumir sua própria existência individual, com compromissos aos quais não pode escapar. A esse respeito, Aberastury (1992) afirma que a entrada no mundo adulto é desejada e temida pelos adolescentes, por ser um momento crucial do processo de desprendimento que se iniciou com o nascimento.

Ainda em relação ao processo de separação-indivuação, Aberastury (1992) comenta que a rebeldia e o desprezo aparecem como uma forma de defesa do jovem contra a dependência excessiva dos pais, dos quais quer ambivalentemente a separação. De fato, estas atitudes seriam como que rupturas violentas de dependência, mais do que

sinal de amadurecimento, elaboração ou resolução de conflitos (Blos, 1996). No caso da ocorrência da paternidade na adolescência, Young (1988) ressalta que a conquista da autonomia em relação aos próprios pais fica prejudicada em vista da necessidade de seu apoio para o enfrentamento da nova situação. Nesse sentido, o adolescente poderia entrar em conflito com os genitores para mostrar que ao menos pode controlar o bebê, apesar de ainda não conseguir controlar sua própria vida.

Outra questão psicossocial seria a aquisição da intimidade, que se refere à capacidade de estabelecer uma relação de amor e verdade com os pares, seja de amizade ou de namoro (Steinberg, 1985). Já a consolidação da sexualidade diz respeito a tornar-se sexualmente ativo, o que é importante porque modifica a relação do adolescente com seus pares e também porque faz surgir muitas questões difíceis, tais como esforçar-se para incorporar a sexualidade dentro de um senso de si mesmo ainda em desenvolvimento, a necessidade de resolver questões sobre valores sexuais e saber-se preparado ou não para entrar em uma relação (Steinberg, 1985).

Quanto às manifestações afetivas do adolescente e a conseqüente intimidade, estas também estão bastante relacionadas com a consolidação da identidade, pois, como salienta Aberastury (1992), somente quando se percebe como um ser único que necessita de um outro para sua complementação é que o adolescente poderá lançar-se a relacionamentos afetivos mais duradouros. Montmayor (1986) complementa que talvez um senso de identidade precário, que levaria a uma capacidade insuficiente para a intimidade, seria parcialmente responsável pela insatisfação marital e discórdia encontrada entre casais adolescentes, que resulta em uma interação não sensível com o bebê.

Finalmente, a capacidade de realização engloba as mudanças nos planos e comportamentos educacional e profissional, com a tomada de decisões importantes sobre a escolarização e a carreira, muitas delas dependentes do desempenho escolar do adolescente, da avaliação de suas próprias competências e capacidades, das suas aspirações e expectativas para o futuro e da direção e dos conselhos que recebe de seus pais, professores e amigos (Steinberg, 1985).

Em relação aos aspectos psíquicos, amplamente ancorados nas mudanças comentadas acima, as tarefas mais importantes da adolescência seriam a elaboração de três lutos, conforme Aberastury (1992): luto pelo corpo infantil, luto pelos pais da

infância e luto pela identidade infantil, aos quais se soma, como decorrência, o luto pela bissexualidade. Estes lutos estão relacionados entre si. Segundo Aberastury (1992), o adolescente deve renunciar ao corpo infantil, que representa uma renúncia a todo o seu mundo infantil, a fim de que possa assumir tarefas de maior responsabilidade social e pessoal. Além disso, para a autora, o adolescente deve decepcionar-se com seus pais, percebendo-os não mais como os pais onipotentes da infância, mas sim como portadores de defeitos e qualidades. Esse afrouxamento dos laços objetivos infantis, de acordo com Blos (1996), facilitará sua identificação com os mesmos e conseqüentemente seu processo de separação-individuação. Conforme Aberastury (1992), essa nova relação com os pais é promovida também pelas mudanças corporais, que colocam o adolescente em uma nova posição. Já o terceiro luto traz a necessidade de uma nova definição de si mesmo, ou a uma consolidação da identidade anterior, ancorada da mesma forma nas mudanças corporais (Aberastury, 1992). A partir disso, o jovem pode assumir também uma escolha sexual, a genitalidade, onde passa a ver o outro como uma pessoa necessária à sua satisfação sexual e pessoal, perdendo a fantasia poderosa de auto-suficiência presente na infância (Freud, citado por Blos, 1994). Com isso decorre também a definição de uma posição sexual, que no desenvolvimento normal seria heterossexual (Blos, 1994).

Tendo-se em vista esse panorama desenvolvimental, percebe-se que, com o advento das primeiras experiências sexuais, os adolescentes acabam expostos a uma gravidez inesperada, principalmente quando não há informação ou uso de métodos anticoncepcionais adequados. Nos últimos anos tem havido um grande aumento no número de adolescentes grávidas, tanto em nosso país como em âmbito mundial (Soares, 1999). Isso nos remete ao suporte social que essas adolescentes necessitam, incluindo-se aí o pai do bebê, suas famílias de origem, a escola, os amigos e até, em certos países, o governo, através de incentivos financeiros.

Considerando essa situação, pretende-se investigar o impacto dessa experiência psíquica complexa que é a gravidez na adolescência, com todas as adaptações que exige, em pais adolescentes, que estão a deparar-se com todas as tarefas evolutivas próprias da adolescência. Pensa-se que essa situação precoce terá repercussão psíquica e comportamental no pai adolescente, uma vez que, conforme ressalta Nunes (1998), ele deve desempenhar simultaneamente dois papéis sociais diferentes e nem sempre

complementares, ser adolescente e ser pai, para os quais não se encontra psicologicamente preparado.

Gravidez na Adolescência

A mídia é unânime em demonstrar, através da divulgação de resultados de censos e levantamentos na área da saúde, o aumento da atividade sexual na adolescência e a idade cada vez mais precoce de seu início, gerando conseqüências indesejáveis como a gravidez (Dimenstein, 1999; Soares, 1999). A maturidade física precoce, a maior disponibilidade de métodos contraceptivos e as pressões sociais seriam alguns dos fatores predisponentes da atividade sexual precoce (Dennison & Coleman, 1998).

De fato, muitos estudos, dentre eles os de Taquete (1992) e Macedo e Souza (1996), mostram que as gestações em jovens menores de vinte anos vêm aumentando, trazendo consigo muitos problemas associados tanto à mãe como ao bebê, como por exemplo, complicações na gravidez e no parto, bebês com baixo peso ao nascer, apgar baixo, infecções perinatais e prematuridade, dentre outros.

No entanto, para alguns autores, a gravidez adolescente não pode ser considerada como uma epidemia, pois as taxas atuais se assemelham às de décadas passadas (Coley & Chase-Lansdale, 1998; Dean, 1997; Jorgensen, 1993). A maior visibilidade e relevância social adquirida pelo evento se deve não ao maior número de nascimentos, mas sim ao maior número de jovens existente na sociedade atual (Steinberg, 1985), ao fato de que elas recorrem menos ao aborto e à adoção do que antigamente e também optam mais freqüentemente por não casar com o companheiro (Coley & Chase-Lansdale, 1998; Dean, 1997; Dennison & Coleman, 1997).

De qualquer forma, reportagem recente da Folha de São Paulo (Dimenstein, 1999) relatou os resultados de uma enquete sobre as causas da gestação na adolescência e indica que apenas 15% das garotas de quinze a dezenove anos no Brasil usava métodos anticoncepcionais, o que explica porque em cada dez, uma já tem dois filhos. Além disso, Soares (1999) apontou que uma em cada três jovens de 19 anos no Brasil é mãe ou está grávida do primeiro filho, que é indesejado para 49,1% delas. As estatísticas oficiais, de acordo com a reportagem da Folha de São Paulo, ainda mostram

que um milhão de jovens por ano têm filho só no Sistema Único de Saúde (SUS), o que equivale a quase 30% de todos os nascimentos no país. São vários os riscos para as gestantes, inclusive porque de cada mil grávidas, trinta e duas recorrem ao aborto. Em termos regionais, reportagem do Jornal Zero Hora (21/11/99) indicou que 35,6 mil bebês nasceram de mães jovens no ano passado, o que equivale a dizer que, de cinco partos realizados, um foi em adolescentes. Dos partos atendidos pelo SUS, 26,5% foram em jovens de 10 a 19 anos, um pouco abaixo do nível nacional assinalado acima. Este tipo de parto tem aumentado 2% a cada ano. A reportagem também confirmou a tendência nacional de pouco ou nenhum uso de métodos anticoncepcionais entre as jovens do estado. A maioria destas jovens são de classe baixa, vivem em cidades pobres ou nas periferias das metrópoles e não freqüentam a escola (54%).

Na literatura nacional e internacional são citadas como causas para a gravidez na adolescência o mau uso ou não uso de métodos contraceptivos (Coleman, 1980; Cerveny, 1996; Landy, Schubert, Cleland, Clark & Montgomery, 1983; Macedo & Souza, 1996), ter expectativas sociais e educacionais limitadas em virtude de pertencer a uma classe sócio-econômica baixa (Cochran, 1997; Dean, 1997; Jorgensen, 1993) e apresentar um padrão familiar peculiar de uma relação emocionalmente próxima com a mãe e distante com o pai (Atwater, 1988; Landy & cols., 1983; Taquete, 1992), ao invés de um padrão de personalidade específico. De fato, para aquelas jovens de nível sócio-econômico mais desfavorecido, a gravidez poderia ser entendida como única alternativa viável para atingir o status adulto (Cochran, 1997).

Além disso, características próprias da fase adolescente, como por exemplo, o pensamento mágico e onipotente, também influenciariam negativamente, aumentando a probabilidade de uma gravidez inesperada. Isso porque a jovem poderia concluir erroneamente que não é vulnerável à gestação e assim não praticar o sexo seguro (Kiselica & Pfaller, 1993). A influência dos fatores da adolescência também se dá porque a primeira relação é vista como uma entrega romântica ao parceiro, não sendo necessário maior proteção (Macedo & Souza, 1996). Além disso, usar regularmente a pílula confirmaria o fato de ser sexualmente ativa, e uma vez que suas relações sexuais normalmente são ocasionais, imprevisíveis e carregadas de culpa, esta culpa seria aumentada pela “prova” concedida pelo uso da pílula (Taquete, 1992). Um outro ponto também encontrado em pesquisas nacionais (Cerveny, 1996; Macedo & Souza, 1996) é

que a preocupação maior dos jovens parece ser com a prevenção de AIDS e doenças sexualmente transmissíveis e não com a prevenção da gravidez.

Para Taquete (1992), também o sentimento sexual existente na adolescência é exacerbado, especialmente em nosso meio, frente à grande estimulação televisiva. Em contrapartida, a sociedade não oferece meios adequados para que os jovens extravasem seus sentimentos sexuais com segurança. De fato, percebe-se que os adolescentes deparam-se atualmente com modelos liberalizantes no que concerne à sexualidade, que enfatizam contatos sexuais antes do casamento, até mesmo sem uma relação afetiva que implique qualquer compromisso (Nunes, 1998). Ainda no que diz respeito aos modelos liberalizantes, os próprios jovens consideram que hoje há muita liberdade sexual em nossa sociedade (Macedo & Souza, 1996).

Quanto à família, Taquete (1992), investigando adolescentes grávidas, realmente constatou a presença de problemas graves no contexto familiar destas jovens, tais como alcoolismo, desestruturação familiar e carências de ordem afetiva, sendo a mais importante em relação à figura paterna, principalmente nas adolescentes de classe econômica mais baixa. Um número expressivo de adolescentes fizeram depoimentos negativos em relação à figura paterna (43% dos casos), sendo o relacionamento considerado fraco ou pouco afetivo. A relação familiar era de muita agressividade para a maioria delas. A autora salientou que a falta da figura paterna pode ter induzido a uma procura precoce por relacionamentos afetivos com outros homens, e a gestação pode ter representado uma forma de suprir a ausência física e/ou emocional do pai e/ou da mãe, a necessidade de ter uma família mais próxima da ideal e/ou as necessidades sócio-econômicas.

Outros achados que apontam nesta mesma direção foram encontrados por Landy e cols. (1983). Os autores encontraram que há, entre adolescentes grávidas norte-americanas, uma grande incidência de um relacionamento afetivo pobre com seus pais. Realizaram um estudo longitudinal a fim de explorar algumas características psicossociais de jovens que se tornaram mães, comparando-as com jovens não grávidas e adultas grávidas. Os resultados da bateria de testes psicológicos e das entrevistas não indicaram diferenças significativas entre os grupos. Contudo, as jovens grávidas relataram uma relação pai-filha significativamente mais pobre que o grupo controle de não gestantes. Em um número expressivo de casos foi encontrado que seus pais eram

ausentes ou inefetivos, e que as casas eram dirigidas pelas mães. Em relação à bagagem familiar destas adolescentes, as características comuns foram: falta de uma boa relação emocional inicial, de amor parental, de proteção, de estima, de encorajamento, e de desenvolvimento de uma adequada segurança emocional. Os autores constataram que estas jovens parecem não ter recebido muita valorização de seus pais em relação à sua feminilidade, e que por isso sentiam-se inseguras em sua atratividade física, buscando precocemente ter relações sexuais com outros homens.

No entanto, a partir de um estudo realizado com gestantes adolescentes de Porto Rico, Ortiz e Nuttall (1987) encontraram resultados contraditórios aos dos estudos acima citados. Investigando as diferenças entre as jovens que levaram a gestação a termo e as que abortaram, constataram que uma grande proporção das jovens que decidiram levar a gestação a termo mencionaram a influência dos membros da família e dos amigos, o que não foi tão evidente no grupo que abortou. Em relação aos pais, a mãe da adolescente foi mais influente do que seu pai, que em geral não exerceu nenhum papel na decisão em ambos os grupos. Contudo, a relação com ambos os genitores foi avaliada pelas adolescentes que levaram a gestação a termo como boa. Os namorados (71%) e melhores amigos (67%) também foram extremamente influentes no grupo que decidiu manter a gestação, sendo a relação da gestante com eles também considerada boa. Já no grupo que abortou havia pouca influência de qualquer pessoa, parecendo a decisão ter sido tomada apenas pela garota. As relações com os genitores, namorado e amigos também não foram tão bem avaliadas pelas jovens deste grupo. Os achados destes autores apontam para a influência exercida pelos pais da adolescentes e por seu namorado na decisão da garota de deixar ou não a gestação prosseguir.

Um outro aspecto bastante evidente nas pesquisas sobre gravidez na adolescência é a considerável ênfase que tem sido dada ao tema sob o ponto de vista da gestante. Com poucas exceções, menos esforços têm sido direcionados para a investigação dos futuros pais adolescentes, que freqüentemente são seus parceiros antes, durante e depois da gestação (Hendricks, 1988). Isso nos remete ao suporte social que essas adolescentes necessitam, pois a presença de uma rede de apoio social para as jovens grávidas ou mães tem sido apontada como uma forma de aliviar muitos dos efeitos negativos decorrentes de uma maternidade na adolescência (Colletta & Gregg, 1981). Este apoio pode se dar de várias formas, tais como direção cognitiva,

reforçamento social, assistência disponível, estimulação social e apoio emocional. Desse modo, a rede de apoio poderá influir positivamente na sensibilidade materna através do alívio do estresse, do aumento dos conhecimentos sobre desenvolvimento infantil, do aumento da auto-estima e da efetividade percebida pelas mães ou do fornecimento de assistência prática (Lamb & Elster, 1986; Young, 1988).

Em relação ao namorado/companheiro, a literatura aponta que a qualidade da relação conjugal afeta a interação com o bebê e a experiência da maternidade (Lamb & Elster, 1986; Parke, Power & Fisher, 1980). Assim, se poderia supor que aquelas adolescentes que permanecem com seus namorados/companheiros teriam uma experiência mais positiva da maternidade do que aquelas que enfrentam sozinhas a nova situação. Antes disso, o apoio do namorado/companheiro parece ser importante até na decisão de levar ou não a gestação a termo entre adolescentes (Bruno & Bailey, 1998; Ortiz & Nuttall, 1987). Durante a gravidez, as adolescentes grávidas cujos parceiros são adolescentes parecem receber mais cuidado pré-natal do que aquelas cujos parceiros são adulto (Dallas & Chen, 1999).

No entanto, em relação à criança, o padrão encontrado parece ser de pouco envolvimento do pai adolescente com o cuidado. Dessa forma, percebe-se que mesmo que os homens possuam um desejo de se envolver, parecem não ter ainda as habilidades necessárias para tanto (Dennison & Coleman, 1998). Por exemplo, no caso dos pais adolescentes, eles se encontram, assim como as mães, resolvendo tarefas da adolescência e ao mesmo tempo enfrentando as tarefas da paternidade (Elster & Hendricks, 1986; Teti & Lamb, 1986; Young, 1988; Sadler & Catrone, 1983). Além disso, cada vez mais é constatado nas pesquisas da área o papel fundamental exercido pela adolescente e sua família e a família de origem do próprio pai no seu grau de envolvimento com o bebê, podendo tanto incentivá-lo quanto impedi-lo (Allen & Doherty, 1996; Belsky & Miller, 1986; Cervera, 1994; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Dennison & Coleman, 1998; Furstenberg, 1980; Marsiglio & Cohan, 1997; Parke, Power & Fisher, 1980; Rhein, Ginsburg, Schwarz, Pinto-Martin, Zhao, Morgan & Slap, 1997). Assim, para atender às necessidades das jovens gestantes adequadamente, mais estudos deveriam ser direcionados ao futuro pai adolescente, uma vez que nem os profissionais que lidam com estes jovens encontram-se preparados para atendê-lo (Trindade & Bruns, 1999; Westney, Cole & Munford, 1986).

Concluindo, a gravidez/maternidade adolescente tem sido vista como um problema na sociedade atual, sendo as conseqüências sociais e econômicas objeto de constante discussão e debate na arena política e na mídia. Tem sido difundido um modelo deficitário das mães e pais adolescentes, que os retrata como promíscuos, irresponsáveis e inadequados em suas habilidades parentais (Dennison & Coleman, 1998). Muitas pesquisas têm confirmado estes estereótipos, mas, para estes autores, as experiências, motivações e aspirações destes jovens variam grandemente, não sendo prudente classificar todos os adolescentes do mesmo modo.

Paternidade na Adolescência

Na literatura científica sobre a paternidade comenta-se seguidamente o fato de que, de modo geral, o estudo deste tema tem sido relegado a uma posição de menor destaque em relação aos estudos sobre a maternidade. O pai foi esquecido por um longo tempo como figura importante para o desenvolvimento psicológico da díade mãe-criança (Elster & Lamb, 1986). Atualmente nota-se um resgate deste campo de estudo em diversos países (Robinson & Barret, 1982), inclusive em nosso contexto, com os estudos realizados por Ramires (1997) em relação ao exercício atual da paternidade, por Krob (1999), abordando a transição para a paternidade e a interação com o bebê, e por Martini (1999), examinando a síndrome de couvade, que se refere aos sintomas físicos e emocionais experienciadas pelo futuro pai durante a gravidez da esposa. Pode-se supor que este “retorno” à figura do pai reflita uma nova concepção social de paternidade, em que os pais estão assumindo um papel mais ativo e afetivo na criação de seus filhos.

Este ressurgimento do interesse sobre o tema da paternidade e a conseqüente produção teórica sobre o tema é um dos principais fatores propulsores para o surgimento de estudos sobre a paternidade na adolescência (Fonseca, 1998). Para este autor, outros fatores propulsores seriam o surgimento e disseminação dos movimentos feministas e a conseqüente produção teórica e política neste enfoque.

Contudo, não se percebe uma preocupação tão grande com a questão específica da paternidade adolescente, onde há uma grande escassez de estudos. Em âmbito internacional, observamos alguns poucos pesquisadores que se dedicam ao tema, sendo

que a maioria dos estudos foram realizados nas décadas de 70 e 80, tendo um enfoque principalmente social e étnico. Em nosso país a situação não é diferente, pois temos documentadas, de acordo com Fonseca (1998), pouco mais de uma dezena de artigos científicos sobre a questão.

Além disso, mesmo que os pais adolescentes sejam ainda classificados como ausentes, constata-se que esta já não é mais a única situação encontrada (Redmond, 1985; Fonseca, 1998; Trindade & Bruns, 1999), pois vários adolescentes vêm assumindo a paternidade e acompanhando suas namoradas, motivados por uma vontade pessoal e não somente por pressões familiares e/ou sociais. Assim, se antes o próprio adolescente excluía-se da relação da díade mãe-bebê, hoje muitos deles se incluem, precisando por isso que lhes seja dada a devida atenção e eventual auxílio. Como afirmam Elster e Lamb (1986), o pai adolescente agora é visto como um componente essencial de um caro problema social.

Percebe-se dessa forma que a paternidade na adolescência não pode mais ser considerada como fato irrelevante, continuando esquecido e desconhecido. Ao contrário, estes futuros pais necessitam ser conhecidos e ter atendidas as suas necessidades, para que possam desempenhar de forma mais efetiva este novo papel em uma idade tão precoce. Além das questões gerais envolvendo a gravidez na adolescência, a paternidade em particular envolve diversas questões. Nesse sentido, examina-se a seguir algumas das dimensões envolvendo a paternidade na adolescência, a saber: aspectos sociais, educacionais, familiares, pessoais e relacionais com a gestante adolescente e com o bebê.

Aspectos Sociais

No seu estudo com pais adolescentes, Fonseca (1998) deparou-se com um muro de silêncio no trabalho com estes jovens pais, além de bibliografia nacional insuficiente e ausência de dados e de instrumentos de coleta capazes de captar as informações necessárias à uma intervenção. Este silêncio revelava, em sua opinião, uma relação perversa da sociedade adulta para com o jovem, pois ao anular socialmente a paternidade adolescente, acaba-se por legitimar a ausência paterna, dificultando-se ao adolescente pensar, prevenir ou assumir sua condição de pai real ou virtual. Para o autor, o silêncio em relação a este evento deve-se a uma percepção do futuro bebê como

“sendo da mãe”, e a um reconhecimento do(a) adolescente como sendo principalmente filho(a) e não pai/mãe. Assim, Fonseca salienta que, mesmo quando um pai adolescente decide assumir um papel ativo como pai de seu filho, ele é boicotado pelas instituições sociais (escolares, militares, jurídicas, de saúde, etc.).

De fato, a literatura aponta a falta, em muitos casos, de uma rede de apoio social adequada para auxiliar os pais adolescentes, o que denotaria talvez a existência de preconceitos e barreiras sociais em virtude da paternidade ser considerada um evento adulto (Elster & Hendricks, 1986). Nesse sentido, no estudo conduzido por Nunes (1998) os pais adolescentes pensavam ser percebidos pelas outras pessoas como imaturos. O autor comenta que os adolescentes pais não desempenham livremente seu papel, pois a sociedade já não deixa muita escolha para o homem desempenhar o papel de pai, e quando este é jovem acaba sendo taxado de imaturo e incapaz. Ser pai na adolescência, para Nunes, é uma brincadeira quebrada por um acidente, que a sociedade não tenta minimizar, pois julga a todo instante estes jovens, fazendo com que se sintam pressionados e se achem os maiores culpados de tudo. O autor coloca que, em relação ao pai adolescente, poderíamos pensar em figuras imaginárias como papai-se-meteu-numa-fria, papai-super-homem-sem-capa ou papai-lobo-mau. Assim, a tarefa principal destes adolescente, conforme Nunes, seria conseguir manter intacta sua auto-estima, fugindo dos estereótipos rígidos impostos pela sociedade, preservando sua individualidade e identidade.

A respeito dos estereótipos sociais, Robinson (1988) cita achados de um estudo que conduziu anteriormente no qual investigou tal questão em relação aos adolescentes pais. Os resultados indicaram a presença de pelo menos cinco deles: 1) o super garanhão, homem vivido, que conhece na prática mais sobre sexo e sexualidade do que os outros adolescentes; 2) o Don Juan, que explora as frágeis adolescentes e tira vantagem delas; 3) o macho, aquele que não tem controle interno e que necessita demais provar sua masculinidade; 4) o fugaz, inconstante, cujos relacionamentos com adolescentes são casuais, com pouco envolvimento emocional; e 5) o pai fantasma, aquele que se ausenta e se afasta do cuidado e educação do filho e também da parceira. Contudo, Robinson (1988) ressalta que estes estereótipos não podem ser generalizados para todos os adolescentes, pois alguns deles envolvem-se física e psicologicamente com a mãe da criança e o bebê, o que também é apontado por Fonseca (1997; 1998).

Em termos metodológicos, Fonseca pontua que as pesquisas que associam linearmente a paternidade ou maternidade adolescente e o impacto negativo nos filhos não consideram que as crianças observadas em geral são primogênitos, e que as experiências com o primeiro filho são sempre mais complexas.

Assim, percebe-se a existência de preconceitos de idade, gênero e nível sócio-econômico, pois como afirma Fonseca, há uma idéia dominante da maternidade como fato essencial no destino da mulher, e da não paternidade como destino do homem. Contudo, nem todos os homens e mulheres aceitam passivamente estas prescrições. Para Teti e Lamb (1986), relacionando-se este fato com a paternidade na adolescência, percebe-se que a necessidade de assumir rígidos estereótipos masculinos impediria um relacionamento adequado entre os adolescentes e seus filhos. Isto porque, segundo estes autores, os jovens pais evitariam um maior contato afetivo por considerá-lo um comportamento tipicamente feminino, por se encontrarem em uma fase de consolidação de sua identidade de gênero.

Além disso, de acordo com Teti e Lamb (1986), em nossa sociedade a divisão tradicional do trabalho e de papéis delega ao homem a provisão material. O cumprimento com sucesso deste papel provedor é considerado como uma das maiores provas de masculinidade. Isso cria para os pais adolescentes grandes pressões, no sentido de que se encontram tendo que cumprir com este papel socialmente determinado, embora sem uma escolaridade que proporcione um emprego satisfatório. De fato, para os autores, os empregos disponíveis aos futuros pais adolescentes requerem poucas capacidades, fornecem mínimas oportunidades de promoção e pagam pouco. Desta forma, entendem porque é mais desejável para muitos deles escapar das responsabilidades da paternidade.

Sobre este aspecto, Nock (1998), examinando dados longitudinais de um estudo de 15 anos sobre a adolescência, mostrou que a paternidade nesta idade está associada com uma variedade de conseqüências sócio-econômicas negativas. Os pais adolescentes ganham menos, completam menos anos de estudo, estão menos empregados durante todo o ano e têm mais altas taxas de pobreza que os homens que não tiveram filhos antes do casamento. Quanto ao estado de pobreza, as razões seriam o casamento ou a coabitação e a formação de atitudes e crenças que são inconsistentes com as demandas da força de trabalho.

Já dentro de uma perspectiva de papéis sociais, a literatura aponta que gerar um filho na adolescência traz uma mudança de rumo na vida do adolescente, que não sabe lidar com estes dois novos papéis sociais simultaneamente: adolescência e paternidade (Elster & Hendricks, 1986; Nunes, 1998; Robinson, 1988). Em um estudo com oito pais adolescentes gaúchos, Nunes (1998) investigou como a paternidade é vivenciada pelos adolescentes, encontrando justamente este paradoxo entre os papéis sociais. As respostas mais frequentes sobre a experiência da paternidade foram: maior responsabilidade, ambivalência e imaturidade. Para o autor, o fato de ter filhos, por si só, confronta os pais com a privação da liberdade, porque eles devem dar assistência ao recém-nascido. O adolescente, cuja gravidez não foi planejada, vê uma drástica mudança em sua vida, o que faz com que não consiga lidar bem com o papel de adolescente (fazer festa, farra, ficar com as meninas, ensaiando um comportamento sexual frente ao sexo oposto) e de pai simultaneamente (imposição de responsabilidade, privação das festas, saídas noturnas, necessidade de trabalho remunerado). Segundo o autor, o filho na adolescência cria forçosamente responsabilidades a mais. O peso dessas responsabilidades econômicas e psicológicas pode por à prova a personalidade do indivíduo.

Infelizmente, a situação retratada por algumas pesquisas demonstra a ausência de um tipo de assistência prática como a que é necessária para os pais adolescentes. Em dois estudos com pais adolescentes de três etnias distintas (brancos, negros e latinos), Hendricks (1980; 1988) constatou que professores e religiosos seriam pouco utilizados por estes pais como fonte de auxílio, por não serem percebidos como preparados para atender às suas necessidades. Escolas, hospitais ou mesmo agências de serviços sociais também foram mencionadas no estudo de Allen e Doherty (1996) como fonte de obstáculos para o envolvimento dos pais adolescentes com seus bebês. Muitos deles sentiam que a equipe desses locais, ao invés de facilitar, prejudicava seus esforços para cuidar de seu bebê. Os pais adolescentes referiram que estas instituições pareciam estar contra eles e a favor das mães adolescentes.

Aspectos Educacionais

Conforme a literatura, problemas educacionais e abandono da escola são fatos constantes no caso de uma gestação na adolescência, tanto para a gestante quanto para o futuro pai adolescente. Quanto à educação formal, Nock (1998) observou um efeito negativo da paternidade adolescente sobre os anos de escolarização, pois ela esteve associada com baixos níveis de escolaridade. De acordo com Marsiglio (1986) a baixa escolaridade independe da etnia do pai adolescente e do fato de viver ou não com a criança. Taquete (1992) encontrou resultados semelhantes entre as mães adolescentes, mostrando que todas abandonaram os estudos em algum momento (antes, durante ou depois da gravidez). Ao mesmo tempo, a maioria não trabalhava fora de casa (59%), o que indica que essas jovens estavam praticamente sem uma ocupação.

O desinteresse pela escola também foi constatado em relação aos adolescentes pais na pesquisa realizada por Dearden, Hale e Alvarez (1992). A partir de um enfoque retrospectivo nos antecedentes educacionais de homens ingleses que foram pais na adolescência (até os 20 anos), eles notaram que estes homens tinham experienciado mais dificuldades acadêmicas, e que estas antecediam a paternidade por mais de uma década. Através de análises estatísticas, os autores verificaram que as variáveis que mediam a falta de interesse dos pais na educação de seus filhos adolescentes estavam fortemente associadas com o risco de paternidade adolescente, assim como a avaliação negativa das habilidades acadêmicas destes meninos feita por seus professores, e o desejo do próprio menino de terminar seus estudos o quanto antes possível. Estudo de Fargot, Pears, Capaldi, Crosby e Leve (1998) sobre os preditores de paternidade na adolescência também cita o mau desempenho acadêmico como um forte fator preditor. Na pesquisa realizada por Stouthamer-Loeber e Wei (1998) investigando a relação entre delinqüência e paternidade adolescente, os autores referem como possíveis variáveis explanatórias desta relação estar acima da idade correspondente à série escolar e ter baixo desempenho escolar. Contudo, cabe ressaltar que, em seu estudo, Hendricks (1980) encontrou resultados diferentes dos descritos acima. Os pais adolescentes mostravam bom relacionamento com os professores e uma opinião positiva sobre a escola e o estudar. Resultados semelhantes também foram encontrados por Harris (1998), pois os adolescentes não deixariam a escola em virtude da paternidade.

Independentemente da atitude em relação ao estudo, a frequência à escola torna-se uma das maiores preocupações dos pais adolescentes, conforme indicaram os resultados encontrados por Elster e Panzarine (1983). Os autores investigaram os estresses de vinte futuros pais adolescentes durante a gestação e o pós-parto, encontrando que na área vocacional-educacional as maiores preocupações referiam-se a como eles dariam suporte financeiro para sua nova família, como manteriam ou adquiririam um emprego e como terminariam a escolarização. Para Westney e colaboradores (1986) o término da escolarização e a conquista de um emprego contribuiriam para o aumento da auto-estima destes adolescentes, bem como para o aumento de sua competência para resolver as tarefas da vida, auxiliando também no desenvolvimento da responsabilidade e da independência. Segundo Westney e cols. somente com esse tipo de assistência os adolescentes conseguiriam realizar seus ideais de paternidade adulta.

Aspectos Familiares

De acordo com Furstenberg (1980), já foi reconhecida a importância da família na origem da gravidez na adolescência. Devido ao seu papel como socializador sexual, a família escreve uma grande parte do *script* sexual que os adolescentes atuam. Este *script* é geralmente confuso e confundido pelos adolescentes. Para Trindade e Bruns (1999), como os pais não conseguem impedir as relações sexuais de seus filhos, acabam por impedir que eles vivenciem de forma autêntica a responsabilidade, o prazer e o cuidado por si e pelo outro que fazem parte da sexualidade humana.

Furstenberg (1980) afirma ainda que, quando a gravidez ocorre pela primeira vez, os adolescentes expressam grande apreensão em relação às reações de seus pais. Estes geralmente demonstram mais entendimento e apoio do que os jovens esperam, o que os alivia e gratifica. Até as tensões pré-existentes na relação pais-filhos frequentemente se dissolvem. Para Trindade e Bruns (1999), os adolescentes e seus pais, ao se depararem com a paternidade, têm seu mundo modificado, pois passam a enfrentar o que até o momento “fingiam” não ver, isto é, a iminência do filho vir a ser pai.

De acordo com Furstenberg (1980), a família acomoda-se à parentalidade precoce de forma dialética. Todos os membros da família são afetados pelo processo de realinhamento promovido pela gravidez na adolescência. A partir de uma pesquisa com famílias de gestantes adolescentes, Furstenberg constatou que a gravidez não planejada exigiu uma decisão da família sobre como proceder com a gestação, o que envolveu uma comunicação delicada entre os pais e os adolescentes. Elas necessitam decidir se incorporam ou não a criança e o pai da criança. Para o autor, quando o pai adolescente clarifica sua intenção, ele frequentemente passa a auxiliar no cuidado da criança. A ele também são dados alguns direitos, como ajudar na seleção do nome e visitar a criança após o nascimento. Da mesma forma, à família dele podem ser estendidos estes privilégios. Como regra geral, Furstenberg constatou que alguns direitos e responsabilidades são divididos entre as linhagens materna e paterna, embora a mãe do bebê e sua família geralmente tenham mais poder no que diz respeito ao quanto de contato com o bebê será permitido ao pai e seus parentes. O autor também postula que a solidez do sistema familiar bloquearia uma aliança viável da adolescente com o pai do bebê, diminuindo a sua participação no cuidado da criança. Os achados do estudo de Cervera (1994) com 16 famílias de adolescentes gestantes, utilizando entrevistas, apontam na mesma direção. O autor encontrou que, de acordo com as adolescentes, o pai do bebê teve algum envolvimento durante a gestação, apesar de ele permanecer envolvido após o parto apenas em 11 casos. A maioria das jovens referiu que o pai do bebê foi emocionalmente apoiador e que as ajudou financeiramente. Já os pais destas adolescentes referiram que os rapazes eram distantes, imaturos e irresponsáveis.

Ouro estudo conduzido por Allen e Doherty (1996) com pais adolescentes também indicou que a família e os amigos, tanto seus como das mães adolescentes, foram considerados obstáculos para seu envolvimento com o bebê, especialmente se eram hostis a eles ou não apoiavam a relação da dupla. Também no estudo conduzido por Dallas e Chen (1999) a maioria dos pais adolescentes via sua relação com a mãe da adolescente de forma favorável, sendo considerada essencial para manter o envolvimento contínuo com a criança. Para os autores, estes adolescentes pais dependem de suas mães e destas novas relações para apoiar seu papel paterno e ajudar na transição para a paternidade. Contudo, não possuem ainda as habilidades de

comunicação e negociação adequadas para obter o suporte que necessitam da nova família.

Ainda em relação à família da jovem, Nunes (1998) percebe que a pressão maior sobre os adolescentes de seu estudo veio do pai da adolescente, que comumente tem um sentimento de vazio quando outro homem lhe “rouba” e engravida a filha sem permissão. Isso ocasiona um distanciamento entre o pai da moça e o adolescente, em um momento em que seria menos angustiante para ambos que existisse um diálogo e uma troca de experiências sobre o papel paterno.

De modo geral, a maioria das famílias parece distribuir de forma bem sucedida entre seus membros as responsabilidades pelo cuidado da criança (Furstenberg, 1980). Contudo, segundo o autor, há diferenças quanto ao número e tipo de cuidadores. Oposições quanto aos direitos da criança podem surgir dentro da família, principalmente quando inicia a fase da disciplina, pois surge a questão de quem exerce autoridade sobre a criança. No entanto, o autor coloca que os adolescentes em geral permanecem na casa dos pais da garota ou próximos dela, pois casar ou estabelecer uma residência independente significa reduzir os subsídios materiais e de cuidado proporcionados pela família extensa. Em vista disso, para Furstenberg muitas vezes os familiares assumem um papel bastante grande no cuidado da criança, permitindo aos adolescentes que lidem de forma adequada com os estresses de uma parentalidade precoce. Contudo, o cuidado precoce de uma criança pode trazer prejuízos para a família, no momento em que esta não permite o crescimento do jovem no desempenho do papel materno/paterno.

A respeito disso, cabe ressaltar que grande parte da literatura aponta que continuar morando com a família de origem, em especial a mãe, traria vantagens para a adolescente (Dennison & Coleman, 1998; Jorgensen, 1993; Furstenberg, Brooks-Gunn & Morgan, 1987; Lamb & Elster, 1986). Em virtude de sua idade e experiência, as avós ofereceriam um modelo adequado de maternidade para as jovens. Pensa-se também que as avós ofereceriam assistência prática e agiriam como proteção contra alguns dos estresses e limites inerentes à maternidade (Dennison & Coleman, 1998). Em alguns estudos, sua presença está relacionada a melhores resultados educacionais e laborais (Dennison & Coleman, 1998; Jorgensen, 1993; Furstenberg, Brooks-Gunn & Morgan, 1987; Lamb & Elster, 1986) e menores níveis de estresse emocional (Colletta & Gregg, 1981). Em outros termos, morar com os pais possibilitaria aos adolescentes continuar

cumprindo as tarefas normais da adolescência. Obviamente, o nível de apoio proporcionado depende da disponibilidade de recursos da família, mas o apoio emocional parece ser o mais importante (Jorgensen, 1993).

No entanto, muitos estudos também encontraram resultados negativos para a convivência da mãe adolescente com sua família, tais como baixa auto-estima e responsividade das mães adolescentes e maior incidência de problemas de comportamento e apego entre as crianças, dependendo da intrusividade da avó materna (Dennison & Coleman, 1998; Jorgensen, 1993). Mais especificamente, para as adolescentes mais jovens, morar com a família relaciona-se com resultados mais positivos, enquanto que para as adolescentes mais velhas ter uma outra residência é que se relaciona (Coley & Chase-Lansdale, 1998). Isto porque no segundo arranjo a avó pode assumir seu papel tradicional de avó, possibilitando que a mãe adolescente tome suas próprias decisões, favorecendo assim sua individuação e autonomia.

Em resumo, ainda há desacordo entre as pesquisas no que diz respeito aos benefícios para as jovens mães de morarem com a família extensa. Por um lado, os achados indicam uma forma de proteção para as mães adolescentes, favorecendo uma maternidade mais positiva e afetuosa (Coley & Chase-Lansdale, 1998). Por outro lado, muitas vezes sua presença na casa dos pais criaria um sistema complexo, instável e conflitivo para o cuidado da criança, porque nem sempre ocorreria uma divisão adequada de tarefas, as despesas adicionais que envolvem o cuidado da criança seriam sustentadas pelos avós e o nível de estresse emocional aumentaria devido ao novo arranjo do sistema familiar (Jorgensen, 1993). Isto poderia prejudicar até mesmo o funcionamento do bebê. O padrão mencionado na literatura como mais benéfico para as mães adolescentes seria o cuidado partilhado do bebê com a avó, e não um afastamento das obrigações maternas (Coley & Chase-Lansdale, 1998).

De fato, nos estudos realizados por Trindade e Bruns (1999) e Nunes (1998), os pais adolescentes citaram tanto aspectos positivos relacionados ao apoio recebido da família de origem (ex.: apoio emocional e financeiro) como aspectos negativos (ex.: não lhes permitir assumir o papel paterno). Para Trindade e Bruns (1999), o apoio oferecido pela família poderia significar uma certa reparação da culpa, decorrente de uma educação sexual ineficiente por parte dos pais. De forma geral, conforme Nunes (1998),

estas atitudes ambivalentes atestariam a falta de preparo das famílias para enfrentar a situação.

Nesse sentido, um aspecto que cabe ser ressaltado em relação ao apoio da família é que a avó materna parece se envolver mais que a paterna no fornecimento de apoio à adolescente (Marsiglio & Cohan, 1997). No entanto, esta situação parece ser diferente entre os pais adolescentes negros, pois a literatura indica que a maioria deles recebe apoio da família e dos amigos (Cochran, 1997). Também no estudo de Redmond (1985), a família do pai adolescente teve alguma participação, especialmente na decisão do jovem de assumir a gestação. Nesse sentido, Christmon (1990a) encontrou em sua investigação com pais adolescentes que sua relação e atitudes em relação à família de origem influenciam no seu desejo de se envolver com o bebê.

Antes disso, a família já aparece como fator protetor contra a ocorrência da gestação na adolescência, pois dependendo de suas atitudes, estimula o jovem a manter relações sexuais seguras (Jorgensen, 1993).

Com respeito às características estruturais da família de origem, Westney e cols. (1986) constataram em seu estudo com futuros pais adolescentes que mais da metade deles vivia em famílias cujos genitores (pai e mãe) estavam presentes. Outro terço vivia em famílias com apenas um genitor presente, em geral a mãe. No estudo de Hendricks (1988) entre pais adolescentes de diferentes etnias (brancos, negros e latinos), os latinos geralmente provinham de famílias cujo pai estava presente durante seu crescimento (87%), enquanto que isso acontecia menos entre os negros e os brancos. No entanto, a maioria destes jovens, nos três grupos étnicos, referiram sentirem-se mais próximos das mães que dos seus pais durante o seu crescimento. Os resultados da pesquisa realizada por Allen e Doherty (1996) também indicaram que em geral os pais adolescentes cresceram em casas onde o pai foram quase sempre ou totalmente ausentes, física e/ou emocionalmente. Essa constatação foi corroborada pelo estudo de Dallas e Chen (1999), onde muitos jovens viam sua mãe como uma fonte primária de suporte emocional, financeiro e de aconselhamento.

Em suma, a literatura parece apontar um padrão de relação familiar característico entre os adolescentes pais, semelhante ao das mães adolescentes. Estes teriam uma relação bastante próxima com a própria mãe, enquanto que seu pai seria ausente (emocional ou fisicamente) (Christmon, 1990b; Elster & Hendricks, 1986;

Trindade & Bruns, 1998). Esta situação poderia influenciar negativamente o adolescente, por receber uma mensagem de que em seu futuro papel não necessitaria se envolver com o bebê, por ser esta uma tarefa feminina.

De fato, investigando o modelo paterno de pais adolescentes, Trindade e Bruns (1999) encontraram que este era geralmente o próprio pai. Também a pesquisa conduzida por Allen e Doherty (1996) confirmou estes achados. Neste estudo a fonte principal das percepções destes jovens sobre a paternidade foram as memórias infantis de seus próprios pais. Outras fontes citadas foram parentes do sexo masculino, professores, amigos e ídolos e para alguns também a mãe e a avó. Quando questionados por que os pais eram importantes para as famílias, muitos dos participantes indicaram o papel paterno como de provedor econômico e de suporte emocional para a família. Alguns citaram que os pais eram importantes para manter a família unida, usando termos como liderança para descrever este papel. De acordo com Allen e Doherty, estes pais também viam a si mesmos como os principais disciplinadores de suas crianças no futuro, talvez como um desejo de contrabalançar a indulgência materna ou como reflexo de seu ressentimento por terem crescido em um lar onde só a mãe esteve presente. A maioria sentia que era particularmente importante para o menino ter o pai envolvido durante seu desenvolvimento, pela necessidade de um modelo. Dallas e Chen (1998) constataram que os participantes de seu estudo viam a paternidade como um importante papel, que só poderia ser preenchido completamente por um homem. Os autores encontraram como influências para estes adolescentes a participação de seu pai biológico, a quantidade de contato com ele, sentimentos de abandono, crenças sobre a singularidade do papel paterno e sentimentos sobre as influências ambientais.

Na verdade, a presença de um modelo de atuação paterna auxilia o rapaz na sua vivência como pai, possibilitando-lhe um parâmetro de como agir (Trindade & Bruns, 1999). Segundo Allen e Doherty (1996), devido ao modelo de papel paterno negativo, muitos pais adolescentes têm dificuldade de imaginar-se como parceiros e pais bem sucedidos. Como exemplificam Teti e Lamb (1986), um adolescente cujo pai possui um papel familiar apenas de provisão, estando ausente no plano afetivo, provavelmente agirá da mesma forma em relação ao seu próprio filho. Assim, para Trindade e Bruns (1999), o pai pode ser utilizado pelos adolescentes como modelo direto, o que gera apenas um repetir de suas ações. No entanto, as autoras também apontam que o pai pode

servir como um modelo indireto, no momento em que o adolescente reflete sobre sua experiência e a recria, elaborando uma maneira própria de educar seu filho e se relacionar com ele, que resulta em uma relação mais autêntica. De fato, alguns participantes da pesquisa de Allen e Doherty (1996) referiram que estavam sendo melhores pais para suas crianças do que seus pais haviam sido para eles. Com isso, segundo Trindade e Bruns (1999), o questionamento da estrutura familiar, próprio da adolescência, interferirá no modo como o adolescente construirá sua identidade e vivenciará a paternidade. Para as autoras, esta liberdade permitiria uma nova visão de pai, mais participativo, próximo e afetuoso. De fato, contrariando os estereótipos negativos, os pais adolescentes do estudo de Allen e Doherty (1996) mencionaram o significado positivo da paternidade, utilizando metáforas espirituais para descrever o tornar-se e o ser pai, como por exemplo, ver o filho como uma dádiva divina.

Por fim, do ponto de vista da teoria psicanalítica, a família tem um papel essencial no desenvolvimento da identidade paterna (Rothstein, 1978). Este se dá de forma contínua, iniciando bem antes da paternidade em si, e envolve uma variedade de conflitos e temas que são conscientes em vários graus e em diferentes estágios de desenvolvimento. Inclui o desenvolvimento de certas qualidades pessoais, objetivos, atitudes, auto-representações, relações de objeto, conflitos e mecanismos de defesa.

Aspectos Pessoais

Outro aspecto bastante importante a ser examinado é o pessoal, pois grandes transformações internas são provocadas no adolescente em virtude da paternidade. Além disso, no plano pessoal aparecem refletidas todas as outras considerações feitas ao longo desta introdução sobre a família, a escola e a sociedade frente a este evento, bem como as relações estabelecidas pelo futuro pai adolescente.

Um aspecto bastante investigado em relação ao pai adolescente é a prontidão para a paternidade. Westney e cols. (1986), investigando a percepção da prontidão para a paternidade entre futuros pais adolescentes, relataram que nesta percepção são levados em conta muitos fatores, entre eles os sociais, emocionais, financeiros e ocupacionais. Estes autores comentam que as pesquisas sobre o tema mostram que a maioria destes futuros pais não se percebe como estando pronto para a paternidade. Os autores

encontraram dados que corroboram tais afirmativas, pois, dos 28 participantes do seu estudo, 21 projetavam se tornar pais a partir dos 20 anos. Na pesquisa de Allen e Doherty (1996), muitos participantes também perceberam-se como sendo pais muito precocemente, desejando adiar o evento. Em seu estudo, Nunes (1998) também constatou que os pais adolescentes, de modo geral, não se encontravam preparados psicologicamente para realizar todos os ajustes necessários ao desempenho do novo papel. Ao se deparar com a situação da gravidez da namorada, os adolescentes perceberam que seu lado infantil ainda atrapalhava no enfrentamento da situação.

Quando comparados aos pais adultos, os adolescentes não apresentariam uma prontidão psicológica, em virtude de serem menos racionais em suas decisões, menos capazes de fazer julgamentos morais e cognitivos e terem menos informações sobre o desenvolvimento infantil (Belsky & Miller, 1986). Para Cochran (1997), como muitos pais adolescentes não planejam a gestação, não se encontram preparados para assumir este novo papel, até mesmo porque suas expectativas sobre sua habilidade para cumprir com suas obrigações paternas são muitas vezes irreais.

Assim, de acordo com Westney e cols. (1986), mesmo com um padrão que ressalta a não prontidão para a paternidade, existem adolescentes que se esforçam para ter um comportamento responsável. Entre os participantes do estudo de Hendricks e Montgomery (1983), realizado em duas cidades norte-americanas, aproximadamente 40% respondeu que estava muito pronto para a paternidade. Aproximadamente 60% deles indicou que a experiência de ser pai mudaria sua vida de forma positiva, não considerando errado ter uma criança antes do casamento. A maioria deles também indicou estar preocupado em relação ao futuro de sua criança.

Uma das razões para a ambivalência e a não prontidão dos adolescentes em relação à paternidade, de acordo com Teti e Lamb (1986), é o desejo de estabelecer autonomia, mencionado anteriormente. Uma das mais importantes tarefas da adolescência é a ruptura parcial com os pais e a aquisição de um senso de independência, principalmente para os meninos, que geralmente recebem menor supervisão parental e são mais encorajados a ser independentes desde uma idade mais precoce. Para estes autores, a gestação na adolescência seria um impedimento maior para os rapazes do que para as moças no que se refere à aquisição de autonomia. Muitos deles consideram que esta situação significa continuar sob o controle dos pais ou da

sociedade. Além disso, Montmayor (1986) destaca que a adolescência é uma fase de consolidação da identidade, e um pai adolescente com uma identidade difusa pode encontrar dificuldades em ser pai e marido efetivo. Somado a isso, para o autor, a falta de um senso claro de identidade pode fazer com que o adolescente passe a competir com sua criança pela atenção da parceira, e se sinta ameaçado e com ciúmes do interesse que ela demonstra pelo bebê. Um outro aspecto relacionado à identidade citado por Montmayor é que o tornar-se pai na adolescência afeta o desenvolvimento subsequente da identidade, uma vez que fecha muitas oportunidades de vida, por forçar o adolescente a fazer certas escolhas.

No entanto, contrariando o exposto acima, Nakashima e Camp (1984), investigando algumas características de pais de bebês nascidos de mães adolescentes, não encontraram diferenças significativas entre os pais adolescentes e adultos no que tange ao seu funcionamento cognitivo e suas atitudes em relação ao cuidado da criança.

A questão da prontidão poderia estar relacionada à reação inicial dos adolescentes à notícia da gravidez, em geral negativa ou ambivalente, isto é, de tristeza, choque, surpresa, medo (Dallas & Chen, 1999; Westney & cols., 1986). Para Trindade e Bruns (1999) estas respostas dos pais adolescentes refletiriam sua imediatez e envolvimento com o agora, que não engloba uma reflexão sobre a possibilidade de uma gravidez. Este susto revelaria, então, a idéia de que estes adolescentes não estão na idade certa para ser pai, ficando perplexos quando isso se mostra como realidade.

Já quanto ao período da gravidez, a literatura aponta que os adolescentes vivenciariam maiores estresses do que os futuros pais adultos, em função de sua etapa de vida. Nesse sentido, Elster e Panzarine (1983) realizaram um estudo com futuros pais adolescentes, investigando os estresses vivenciados pelos mesmos. Os autores encontraram como principais estressores para os pais adolescentes durante o período pré-natal e no pós-parto: preocupações profissionais e educacionais; preocupações em relação à saúde presente da mãe, à saúde imediata e ao futuro bem-estar do bebê e o que aconteceria no parto e nascimento; preocupações envolvendo suas atitudes como pais, incluindo questões de disciplina e cuidados; problemas nas relações, especialmente problemas com suas parceiras, amigos, pais, e seus sentimentos de alienação religiosa, ciúme da atenção que o bebê estava recebendo, inveja da liberdade de seus pares; e preocupações pela saúde de seus pais devido à gestação. De acordo com os autores, um

achado importante foi a pequena relevância das preocupações referentes ao papel paterno. Para eles, isso talvez se deva à presença de outros problemas mais orientados para a crise que possivelmente preocupariam estes pais.

Elster e Panzarine também investigaram a relação entre gestação esperada ou não e o escore total de estressores no terceiro trimestre da gestação. Aqueles jovens que desejavam a gestação tinham uma relação amorosa de mais tempo com suas parceiras, souberam da gravidez desde o início e relataram menos estresse do que aqueles que não haviam antecipado a concepção. A descoberta da gestação e o fato de permanecerem envolvidos precipitaram as preocupações quanto ao apoio financeiro e escolaridade. Segundo Elster e Panzarine, estes achados confirmam a idéia de um padrão reproduzível nos tipos de estressores que afetam estes pais, independentemente de sua raça, estado civil ou nível sócio-econômico. Os autores declararam ainda que o modo como os futuros pais gerenciarão a crise simultânea da gestação, da futura paternidade e do casamento influenciará em seu comportamento e no de sua parceira. De fato, no estudo de Dellman-Jenkins e cols. (1993), para a grande maioria dos adolescentes os estresses da parentalidade estavam sendo bem enfrentados. Apenas alguma dificuldade quanto à disciplina da criança foi referida pelos jovens. Os pais e mães adolescentes referiram sentirem-se seguros e confiantes em seu papel parental. Mais especificamente, eles referiram sentirem-se confortáveis realizando atividades e brincando com seu bebê.

No que se refere ao papel paterno, o estudo de Allen e Doherty (1996) investigou o que significava para os adolescentes ser pai, quais eram as origens destas percepções e qual sua influência na conduta como pai. Os participantes descreveram que seus comportamentos paternos estavam apoiados em suas percepções de paternidade e na socialização étnica e familiar recebida sobre o papel paterno ideal. Os que melhor articulavam estas percepções pareceram ser os mais envolvidos com suas crianças. De fato, no estudo de Elster e Panzarine (1983), os adolescentes cuja resposta inicial à gestação foi positiva experimentaram um ajustamento relativamente fácil. E muitos dos pais mais envolvidos do estudo de Allen e Doherty (1996) indicaram que ser pai contribuiu para seu desenvolvimento pessoal. Redmond (1985) também encontrou que os adolescentes, em sua maioria, consideravam a paternidade uma experiência positiva quando a dupla havia planejado a gravidez.

Contudo, entre os adolescentes investigados por Allen e Doherty (1996), a responsabilidade foi um aspecto relevante da sua percepção sobre a paternidade. Além disso, os autores constataram que muitos participantes pareciam sobrecarregados pelo grande número de obrigações paternas. Neste estudo, porém, todos referiram um envolvimento significativo na vida da criança, seja através de contribuição financeira ou outras formas de cuidado. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Dallas e Chen (1999). Mesmo citando várias barreiras em relação à paternidade, os pais adolescentes referiram ter um papel importante na vida de sua criança. De um modo geral, Allen e Doherty (1996) encontraram entre os participantes um entendimento da experiência da paternidade mais profundo do que sugeririam os clichês socialmente veiculados. Eles demonstraram consciência sobre os desafios típicos da paternidade e sobre os problemas associados com a parentalidade precoce. Contudo, a maioria não tinha consciência dos seus direitos e obrigações legais por ser pai adolescente.

De outro modo, no estudo realizado por Harris (1998), os adolescentes não haviam planejado a gravidez e a maioria deles mencionou aspectos negativos de tornar-se pai, tais como maior responsabilidade e redução da liberdade. Além disso, Dallas e Chen (1999) encontraram adolescentes confusos sobre o que esperar da paternidade, sobre seu papel durante a gestação e sobre como reagir quanto às mudanças do corpo, do humor e dos comportamentos da adolescente. Os discursos dos adolescentes revelaram, de acordo com Trindade e Bruns (1999), que a paternidade é uma experiência dolorosa, que os arranca subitamente de seu cotidiano marcado pela falta de responsabilidade e de envolvimento em seus projetos. A gravidez exige uma súbita reformulação dos seus planos. Para as autoras, um dos sentimentos vivenciados pelos jovens é a ambivalência, que revela um não engajamento total com a paternidade. Conforme as autoras, muitas vezes esta ambigüidade é reforçada pela mídia ou pelo discurso de outros membros, tais como colegas ou familiares. Trindade e Bruns também afirmaram que o não estar preparado para ser pai pode indicar o não estar preparado para refazer os projetos de vida. Neste caso, sentimentos negativos, de medo, perplexidade, de perda da liberdade, tendem a aflorar. O rapaz deve assumir agora uma função reconhecida socialmente, engajando-se em um universo de relações até então para ele desconhecidas. De fato, Elster e Panzarine (1983) especularam que, com a descoberta da gestação, os pais adolescentes começam a lidar com as reações sociais

adversas associadas a uma concepção antes do casamento. Depois do casamento, no entanto, os problemas surgem da relação marital e da separação do grupo de iguais.

Quanto às competências da paternidade, os pais adolescentes do estudo de Dallas e Chen (1999) citaram: fornecer apoio financeiro e material, afeição, direção e disciplina para a criança; desempenhar tarefas de cuidado da criança e contribuir com as tarefas domésticas. As atividades de cuidado incluíam levar a criança doente para o médico, alimentar, vestir, trocar fraldas e acalmar o choro. Os participantes se preocupavam se eles teriam a paciência para disciplinar de forma apropriada suas crianças. De acordo com os autores, este estudo demonstrou que os pais adolescentes enfrentam muitas questões semelhantes às de pais adultos, tais como fornecer suporte material e assistência aos problemas da criança, apesar de terem menos recursos que eles. Em estudo conduzido por Rothstein (1978) sobre a experiência de aborto e paternidade nos homens, uma comparação entre as questões dos sujeitos adolescentes e adultos também não sugeriu muitas diferenças. Para o autor, o adolescente pode experimentar questões universais do desenvolvimento da paternidade com uma variante particular ao seu estágio de desenvolvimento. Preocupações com a preparação pessoal e financeira para a responsabilidade de cuidar e sustentar o bebê foram proeminentes nos dois grupos. O contraste entre os grupos foi evidente em relação às preocupações sobre a aquisição da autonomia, sendo maior para os adolescentes.

Ainda quanto ao cuidado do bebê, muitas vezes os adolescentes desejam auxiliar financeiramente e participar do cuidado da criança (Robinson, 1988). Nesse sentido, conforme Christmon (1990b), a auto-imagem do adolescente seria uma influência importante no seu desejo de envolvimento com o bebê, pois conforme o autor, a melhor auto-imagem indicaria que o adolescente estaria resolvendo os conflitos adolescentes que podem esconder seu desejo de assumir alguma responsabilidade pela criança, estando assim mais apto para lidar com a paternidade. As expectativas pessoais em relação ao papel paterno também apareceram como fator influente no desejo de assumir responsabilidades frente à criança.

Assim, vê-se que os pais adolescentes podem se deparar com algumas barreiras de natureza variada, que lhes dificultam o envolvimento com o bebê e o desempenho do papel paterno. No estudo de Dallas e Chen (1999), os pais adolescentes citaram alguns destes obstáculos, tais como recursos financeiros limitados, o sentimento de falta de

maturidade e a dependência de outros para o sustento material do bebê. Estes pais expressaram frustração sobre suas tentativas de manter a aprovação dos seus pares ao mesmo tempo em que lutavam para cumprir as responsabilidades em relação à criança. Em seu estudo, Hendricks (1988), questionando os problemas enfrentados pelos jovens pais, encontrou a falta de dinheiro, a perda da liberdade, problemas com a mãe do bebê e problemas com vários membros da família de origem da parceira. Em um estudo piloto anterior, Hendricks (1980) encontrou resultados semelhantes. Os pais eram postos à prova por vários problemas, sendo que nenhum deles foi mais proeminente: fornecer suporte financeiro para a mãe da criança e para a criança, não se entender com a mãe da criança por vários motivos, ser jovem e lutar para criar a criança de um modo apropriado, a mãe da criança querer casar antes que ele termine a escolarização, enquanto ele quer esperar até estar mais estabilizado, problemas com o pai da adolescente, não ser capaz de comprar roupas para o bebê, não encontrar uma boa cuidadora para o bebê, casamento, ressentimentos da mãe da adolescente em relação a ele, não poder ver o bebê quando quer e não ser capaz de freqüentar a escola.

Em relação ao mesmo tema, Rhein e cols. (1997) também encontraram como uma barreira importante ao envolvimento do pai adolescente a resistência por parte da mãe e da avó materna, bem como o uso de drogas, considerado como uma barreira por 75% dos pais adolescentes. Análises univariadas revelaram uma diferença significativa entre os pais envolvidos e não envolvidos no que se refere ao desinteresse paterno, falta de dinheiro e idade do primeiro filho. Aproximadamente metade dos pais adolescentes citou que o sexo da criança determinava seu nível de participação. Para estes autores, é importante ressaltar que os obstáculos para o envolvimento encontrados pelos pais adolescentes podem diminuir a intensidade de suas aspirações. De fato, no estudo de Allen e Doherty (1996), muitos participantes comentaram que outros pais adolescentes que eles conheciam perderam interesse pela criança, provavelmente como resultado direto da frustração com estes obstáculos. A análise dos dados do estudo conduzido por Fagot e cols. (1998) corroborou estes achados, pois revelou que menos da metade das crianças deste estudo vivia com sua mãe e seu pai biológico aos 2 anos de idade, e que 40% delas não tinha contato com o pai, o que, para os autores, indicaria uma falha no desempenho de seu papel. De fato, no estudo de Rhein e cols. (1997), entre aqueles pais

que mostraram desinteresse pela criança houve uma associação entre falta de dinheiro e falta de conhecimento sobre seu cuidado.

Por fim, o apoio institucional ou da comunidade também é um fator de incentivo ou impedimento do envolvimento do pai adolescente com o filho, conforme apontam Marsiglio e Cohan (1997), até mesmo pelas normas e expectativas existentes em relação ao comportamento paterno.

A partir do que foi exposto, percebe-se que os adolescentes enfrentam dificuldades pessoais durante a gestação e o pós-parto. Para Trindade e Bruns (1999), as dificuldades devem ser ainda maiores para aqueles adolescentes que silenciam, que não querem falar de suas vivências como pais. Eles podem não desejar ser pai, sofrerem uma grande pressão familiar para assumir a criança e a parceira, ou ainda pensarem que a preocupação com o filho é responsabilidade exclusiva da mãe. Além disso, para as autoras o silêncio também pode indicar uma reflexão sobre as próprias ações, possibilitada pelo nascimento do filho. Contudo, pelo grande número de mães adolescentes abandonadas por seus parceiros, é mais provável que ele indique um modo de ser pouco autêntico destes jovens, revelando um descompromisso com suas ações e uma falta de zelo e cuidado para com o filho e a gestante.

Já examinando as conseqüências psicológicas da paternidade na adolescência na idade adulta, Buchanan e Robbins (1990) encontraram que os adultos que vivenciaram uma gravidez da namorada na adolescência demonstraram mais ansiedade que aqueles que não vivenciaram. No entanto, entre o grupo cuja namorada ficou grávida, aqueles que decidiram abortar demonstraram mais ansiedade do que aqueles que se tornaram pais. Dentre estes, os que viveram com a mãe do bebê ou se casaram demonstraram ansiedade igual aos que não casaram ou não foram morar junto. No entanto, estatisticamente falando, não houve diferença significativa entre os que tiveram a criança e casaram ou viveram junto com a companheira e os que não vivenciaram uma gravidez da namorada.

Contudo, Robinson e Barret (1987) não encontraram diferenças entre a idade do pai (adolescente ou adulto) e seu auto-conceito e ansiedade. Para os autores, este resultado segue a linha de vários estudos que não vêm encontrando diferenças entre pais adolescentes e adultos. Nesse sentido, a idade e a escolaridade também não foram preditores da percepção do papel parental entre pais americanos negros, conforme

estudo citado por Cochran (1997). A renda e o estado laboral (empregado/desempregado) foram os maiores preditores, pois os pais que estavam empregados e tinham uma renda anual considerada por eles como suficiente atribuíram grande valor ao seu papel.

Ainda em relação aos aspectos pessoais, Robinson e Frank (1994) estudaram a auto-estima de 313 jovens adolescentes de ambos os sexos e etnias diversas, e sua relação com o comportamento sexual. As análises revelaram diferenças significativas apenas entre os jovens que se tornaram pais, pois apresentaram um nível menor de auto-estima do que os que não se tornaram pais na adolescência. Os resultados apresentados na literatura não são consistentes em relação à auto-estima do pai adolescente. Isto porque pesquisas revisadas por Allen e Doherty (1996) indicaram o oposto, mostrando que os pais adolescentes encontravam-se com a auto-estima elevada por tornarem-se pais.

Outro aspecto investigado é a relação entre a paternidade adolescente e a delinqüência. Stouthamer-Loeber e Wei (1998), utilizando dados quantitativos de um estudo longitudinal com adolescentes norte-americanos pais e não pais e seus genitores e professores, encontraram que os fatores relacionados com a paternidade adolescente foram um subconjunto dos fatores relacionados com a delinqüência. Houve uma probabilidade duas vezes maior para a delinqüência nos futuros pais adolescentes do que nos não pais durante 4 anos de observação, indicando que esta tendência não declinava com a paternidade. Os pais adolescentes tenderam a cometer vários atos delinqüentes no ano em que se tornaram pais e no ano seguinte, em geral roubo e consumo de drogas e bebidas. Tinham também uma tendência maior a ter uma ação judicial do que os não pais.

Nesse sentido, o estudo realizado por Fagot, Pears, Capaldi, Crosby e Leve (1998) parece confirmar estes achados. Através de um estudo comparativo envolvendo 35 pais adolescentes norte-americanos e um grupo controle de adolescentes não pais, os autores investigaram os preditores da paternidade adolescente e a qualidade de vida de suas crianças em termos de saúde e tipo de supervisão parental recebida. Fagot e cols. (1998) encontraram como preditores mais importantes para a paternidade biológica até os 20 anos, o contexto de risco (baixo status sócio-econômico, baixa renda, comportamento parental anti-social), pobre disciplina parental, engajamento em um

grupo de iguais desviante, falhas acadêmica e comportamento anti-social. Tais fatores são citados em pesquisas prévias como chaves para o desenvolvimento do comportamento anti-social. Os pais jovens tinham sido presos mais vezes do que o restante da amostra. Além disso, consumiam mais drogas e cigarro e completavam o segundo grau menos freqüentemente. Assim, para os autores, os achados confirmam a hipótese de associação entre a paternidade precoce e o desenvolvimento baseado no modelo de coerção, que considera que as práticas de gerenciamento coercitivo das famílias são determinantes primeiros da aprendizagem de comportamentos anti-sociais das crianças. No entanto, as impressões clínicas do estudo sugeriram que muitos pais parecem aceitar a paternidade, imaginando-a como algo que melhoraria suas vidas e que os faria funcionar completamente como adultos. Entretanto, para os autores, esta impressão pode indicar um outro pensamento imaturo dos adolescentes, relacionado com sua falha de desenvolvimento.

Em suma, percebe-se que na literatura da área ainda não há um consenso no que se refere a questões importantes relativas ao aspecto pessoal dos pais adolescentes, tais como sua prontidão para a paternidade, seu desempenho do papel paterno e as conseqüências psicológicas de ser pai na adolescência.

Aspectos Relacionais dos Pais Adolescentes com a Gestante/mãe Adolescente

Em virtude do que foi anteriormente exposto quanto aos problemas pessoais e familiares enfrentados pelos pais adolescentes, cabe examinar agora alguns aspectos de sua relação com a mãe de seu bebê. Infelizmente, de acordo com Hendricks e Montgomery (1983), a maioria do que se conhece sobre as atitudes de pais adolescentes não casados em relação à paternidade e sua relação com a mãe de sua criança se deve a depoimentos das mães adolescentes. Há uma escassez de registros sobre as percepções dos próprios pais adolescentes acerca desta relação.

A partir da literatura, fica evidente a existência de duas posições a respeito da vida conjugal dos adolescentes: por um lado, a parentalidade uniria o casal, até mesmo pela decisão de morarem juntos, promovendo um crescimento da dupla. Nesse caso, a relação afetiva do casal jovem continuaria sendo positiva (Trindade & Bruns, 1999). Por exemplo, Hendricks e Montgomery (1983) perceberam que, antes e depois da

gestação, os participantes de seu estudo consideravam sua relação com a mãe do bebê como sendo de amor. Estas respostas de percepções positivas na relação com a mãe do bebê também foram encontradas em outras pesquisas realizadas com pais adolescentes (Dallas & Chen, 1999; Hendricks, 1988; Nunes, 1998; Trindade & Bruns, 1999; Westney & cols., 1986). Além disso, no estudo de Dallas e Chen (1999) os participantes viam esta relação como importante para o bem-estar da criança. Eles esperavam continuar seu relacionamento com a mãe da criança após o nascimento do bebê, não necessariamente através de um casamento. Esse tipo de relação também parece não variar entre diferentes grupos étnicos, conforme os resultados da pesquisa de Hendricks (1988).

Complementando estas constatações está o estudo realizado por Westney e cols. (1986), em que os jovens que se sentiam despreparados ou não queriam se tornar pais eram os que não tinham probabilidade de se engajar em comportamento de apoio em relação à saúde de suas parceiras antes do parto, ou que não indicavam um desejo de cuidar e interagir com sua futura criança, além de também projetarem baixos níveis de envolvimento pós-natal com a gestante adolescente, quando comparados com aqueles jovens que estavam aceitando sua futura paternidade. Além disso, os jovens deste estudo que tinham mantido relações de longa duração antes da gestação com suas parceiras tendiam a dar mais apoio para elas antes do parto, e a perceber-se como mantendo uma relação próxima com a mãe e o bebê após o nascimento. Metade dos participantes do estudo de Westney e cols. disseram manter contatos telefônicos semanais com suas parceiras grávidas e $\frac{3}{4}$ referiram sair junto com elas semanalmente. Uma proporção semelhante respondeu que as encorajava a consumir uma dieta balanceada. A grande maioria dos futuros pais (90%) disse acompanhar suas parceiras durante as visitas pré-natais ou providenciar transporte.

Por outro lado, a parentalidade poderia ter efeitos negativos sobre a relação conjugal, com o nascimento do filho e a decisão de morar junto minando o estado de enamoramento anterior. Isto porque a rotina mudaria a relação, e o filho exigiria uma exclusividade que é incompatível com a estrutura instável da paixão. Assim, é exigida dos adolescentes uma reformulação na maneira de viver com a parceira (Trindade & Bruns, 1999). Nesse sentido, muitos autores, dentre eles Atwater (1988), Elster e Panzarine (1983) e Steinberg (1985), enfatizam que duplas que casam na adolescência

experimentam mais problemas maritais e apresentam taxas de divórcio mais altas. Mais especificamente, a taxa de divórcio de homens que casam na adolescência é três vezes maior do que a taxa de homens que casam quase aos 30 anos, e para as mulheres, quatro vezes maior (Steinberg, 1985). Contrariamente, a esse respeito, Heath e McKenry (1993), investigando a vida familiar adulta de 277 homens que foram pais na adolescência, encontraram que eles possuíam níveis de satisfação marital e instabilidade nas relações pessoais íntimas semelhantes aos de homens que haviam se tornado pais entre os vinte e os trinta anos. Além disso, sua satisfação com o papel de pai era maior do que a do grupo que se tornou pai na idade adulta. O que os pesquisadores não investigaram é se esses achados não ocorreriam pelo fato desses pais não assumirem responsabilidades em relação ao cuidado da criança, tendo assim uma visão mais positiva do papel paterno.

Conforme Steinberg (1985) a maior taxa de instabilidade marital entre casais adolescentes se deve a características negativas que estão associadas com altas taxas de divórcio em todas as idades. São elas: casar por causa de uma gestação, viver sob estresse econômico e ter menor nível educacional e perspectivas de trabalho mais limitadas. Em muitos casos, eles já iniciam a vida conjugal com problemas de difícil solução que não contribuem para o sucesso do casamento.

Respostas que indicavam um relacionamento negativo entre o pai adolescente e a mãe de seu filho foram encontradas por Nunes (1998). Em geral referiam-se ao término do relacionamento ou à imaturidade/infantilidade. Para o autor, no relacionamento do jovem com a mãe de seu filho muitas vezes aparecem refletidas as dificuldades dos adolescentes para manterem casamentos estáveis, atendendo às pressões sociais. Furstenberg (1980) coloca que, de modo geral, a parentalidade adolescente complica o processo de formação familiar. De fato, para Nock (1998), apesar de o casamento ter efeitos saudáveis para a maioria dos homens, aqueles que casaram após se tornarem pais parecem ter formado um modelo de casamento diferente daqueles que se casaram antes de ter filhos. O autor considera que este modelo poderia explicar por que os casamentos subseqüentes de homens que foram pais na adolescência não melhoram totalmente os efeitos de uma gestação antes do casamento.

Quando a relação com a mãe do bebê foi considerada negativa, os pais adolescentes participantes do estudo de Hendricks e Montgomery (1983) citaram como

problemas a adolescente não deixá-lo ver o bebê, falta de entendimento e comunicação, desacordo em geral, ver outros rapazes aproximando-se da adolescente, discussões sobre capacidades e habilidades do bebê, não passar tempo suficiente com a adolescente, problemas com a mãe dela e falta de dinheiro. De fato, a relação com a mãe da criança foi citada no estudo de Allen e Doherty (1996) como um fator promotor do envolvimento e participação dos pais, quando é positiva, pois afeta tanto a quantidade como a qualidade das interações com a criança. Quando a relação não é boa, os participantes deste estudo referiram ver a criança menos freqüentemente e também pareceram mais reticentes sobre a natureza específica de suas interações com sua criança. Dados semelhantes foram encontrados por pesquisas revisadas por Belsky e Miller (1986), Dennison e Coleman (1998) e Marsiglio e Cohan (1997).

Aspectos Relacionais de Pais Adolescentes com seu Bebê

Em virtude das dificuldades geradas pela paternidade na adolescência, algumas delas comentadas nas seções anteriores, muitos autores sugerem que os adolescentes não desejam se envolver com o bebê e assumir as responsabilidades da paternidade (Amazarray & cols., 1998; Dennison & Coleman, 1998; Parke, Power & Fisher, 1980).

No entanto, a idéia do não envolvimento é contraposta em outras pesquisas que indicam que os pais adolescentes demonstram um desejo de participar do cuidado da criança e permanecem em contato com o bebê após seu nascimento (Allen & Doherty, 1996; Cochran, 1997; Christmon, 1990b; Dallas & Chen, 1999; Dennison & Coleman, 1998; Nunes, 1998; Robinson, 1988; Westney & cols., 1986).

Os achados da pesquisa conduzida por Westney e cols. (1986) confirmam estas idéias, pois a grande maioria dos futuros pais adolescentes entrevistados pelos autores expressou o desejo de oferecer algum grau de cuidado físico ao bebê, de interagir com ele e estar suficientemente próximo para estabelecer um vínculo paternal. De acordo com os autores, estes adolescentes previam uma relação contínua com a mãe do bebê após o parto, seja por casamento ou pela manutenção da relação anterior à gestação, eram mais velhos, tendiam a ter períodos maiores de amizade e expressavam mais freqüentemente a intenção de apoiar a gestante durante a gravidez.

Também investigando a relação do adolescente com seu filho, Nunes (1998) encontrou como respostas mais frequentes: um retorno à infância, identificação com o bebê e desejo de assumir o filho(a). O autor comentou que, mesmo com as dificuldades encontradas, os pais adolescentes pareciam gostar de seus filhos, depositando neles sua vontade de viver. Além disso, a criança parecia fazê-los retornar à infância recém deixada para trás. Os discursos dos pais adolescentes do estudo de Trindade e Bruns (1999) também indicaram que a convivência com o filho propiciava aos jovens se sentirem seguros, satisfeitos e felizes em perpetuar e zelar pela família, como também criarem projetos nos quais o personagem central era a criança. Para estas autoras, o estado provocado pelo nascimento do filho dirimiu as dúvidas e perplexidades vividas no momento do anúncio da gestação pela namorada. No estudo de Allen e Doherty (1996), os participantes referiram que seu relacionamento com a criança era mais próximo do que seu relacionamento com a mãe da criança. Mesmo não convivendo com elas, eles declararam passar um tempo com a criança pelo menos em dias alternados. Os adolescentes participantes do estudo de Dallas e Chen (1999) também discutiram a importância de estabelecer e manter vínculos contínuos com o(a) filho(a). A sua limitada competência financeira e falta de experiência de vida não pareceu inibir sua habilidade para amar sua criança e/ou a mãe dela. Dallas e Chen também constataram nestes adolescentes uma crença de que influenciariam positivamente a vida de seu(sua) filho(a) pela manutenção de contato e envolvimento.

Um outro estudo conduzido por Rhein, Ginsburg, Schwarz, Pinto-Martin, Zhao, Morgan e Slap (1997), investigando o envolvimento dos pais adolescentes a partir da perspectiva dos pais adolescentes, mães adolescentes, avós paternas e maternas encontrou que os pais adolescentes eram envolvidos ao menos semanalmente com vestir (65%) e brincar com a criança (74%), conforme depoimento das mães adolescentes.

De fato, conforme Christmon (1990b), o fato de que os pais adolescentes têm sido ativos na vida de suas crianças tem sido largamente ignorado. Parke, Power e Fisher (1980) comentam até que o fato dos pais adolescentes terem pouco contato com seu bebê é um preconceito, uma concepção errônea veiculada socialmente. Na verdade, a partir de uma revisão de literatura, Coley e Chase-Lansdale (1998) encontraram que, apesar das baixas taxas de casamento e alta incidência de divórcio entre mães adolescentes e seus parceiros, pelo menos 50% dos pais adolescentes vivem com sua

criança algum tempo depois do nascimento, embora esta situação não dure muito e pareça variar conforme a etnia do pai. Além disso, muitos pais adolescentes vêem suas crianças regularmente, ao menos durante os primeiros anos. Para Parke, Power e Fisher (1980), estes jovens muitas vezes estabelecem uma relação “estável” com a criança mesmo depois de ter estado separado dela por um grande período de tempo, em que normalmente terminam a escolarização e conseguem um emprego melhor. Os autores acreditam que a falta de contato inicial não impede o desenvolvimento de uma relação pai-criança satisfatória ou diminui o impacto do pai no desenvolvimento posterior da criança.

Assim, o que parece é que muitos pais adolescentes querem se envolver, e quando não o fazem seria por considerarem as demandas e responsabilidades da paternidade muito grandes frente às suas habilidades pessoais (Dennison & Coleman, 1998). Como comentado anteriormente, a não prontidão e a inadequação muitas vezes encontrada entre estes pais não surpreende, considerando-se que a paternidade forçaria uma transição inesperada e acelerada para o mundo adulto.

Teti e Lamb (1986) comentam que, além da falta de prontidão, os pais adolescentes devem lidar com variados graus de habilidade e disposição para cuidar de suas crianças. Contudo, de acordo com Trindade e Bruns (1999), o cuidado realizado por pais adolescentes muitas vezes não seria autêntico, pois muitos se casaram apenas para atender às pressões da família da adolescentes, ao invés de por uma consciência da responsabilidade quanto à gestação.

Alguns autores, dentre eles Teti e Lamb (1986) e Christmon (1990a), supõem ainda que grande parte da ambivalência que os pais adolescentes demonstram em relação à paternidade se deve ao fato de que estão ainda desenvolvendo seu papel sexual como homens. Este fato os faz evitar qualquer comportamento de cuidado, pois são estereotipadamente femininos. Conforme estes autores, pesquisas demonstraram a rigidez da tipificação sexual em adolescentes do sexo masculino pela sua resposta às crianças. Aos 14 ou 15 anos, eles tenderam a ignorar manifestações sociais de crianças mais do que as adolescentes, além de escolherem menor quantidade de gravuras com bebês do que elas. Contudo, tais diferenças desapareceram quando se comparou adolescentes mais velhos. Para Teti e Lamb (1986), estes achados sugerem que, na adolescência inicial, os rapazes são mais pronunciadamente diferentes das moças como

defesa contra as incertezas da maturação sexual e da formação da identidade. Quando estas são resolvidas, os homens podem ampliar suas concepções de papel sexual masculino e sentir-se menos ameaçados pela expressão de comportamentos estereotipadamente femininos. Além disso, segundo os autores, em nossa cultura a paternidade é definida por suporte econômico e material mais do que por um comportamento de cuidado e carinho, e assim, a condição de desenvolvimento do adolescente o limitaria novamente, uma vez que ele não pode fornecer o apoio financeiro que a nova família necessitaria. Outros motivos, citados por Dennison e Coleman (1998) para explicar a ausência destes jovens seriam: desconhecimento da gestação e não acreditar que ele seja o pai do bebê.

Contudo, quando envolvidos, os pais adolescentes parecem ser capazes de vencer os obstáculos encontrados e se tornar pais competentes e cuidadores (Cochran, 1997; Marsiglio & Cohan, 1997; Robinson, 1988; Young, 1988). Apesar de estereótipos populares os retratarem como seres irresponsáveis e exploradores, as poucas pesquisas existentes sobre a interação com o bebê mostram que as diferenças entre o comportamento parental de mães e pais adolescentes são semelhantes às aquelas encontradas entre o comportamento parental de mães e pais adultos (Lamb & cols., 1986). A seguir são examinadas de forma mais detalhada algumas idéias veiculadas pela literatura no que tange especificamente à interação de pais adolescentes com seu bebê.

A Interação Pai Adolescente-Bebê

Tratando mais especificamente da interação pai-bebê, de acordo com Lamb e Elster (1986), a habilidade de proporcionar uma interação parental de alta qualidade, antes considerada como uma característica pessoal do genitor, hoje é vista como sendo também influenciada por fatores ambientais e da criança. Assim, mais especificamente, esta habilidade poderia ser afetada pelo desenvolvimento cognitivo do adolescente, por suas atitudes em relação ao cuidado de crianças e pela quantidade de conhecimentos possuídos sobre o desenvolvimento infantil, pelas características de seu bebê, pelo estresse vivenciado e sua capacidade de lidar com ele e pela presença ou não de uma rede de apoio social. Fatores pessoais e sociais também foram citados por Soulé (1987) e Anderson (1996) como facilitadores ou barreiras para a interação adequada pai-bebê (ex.: idade do genitor, maturidade psicológica e rede de apoio social).

O primeiro fator citado por Lamb e Elster (1986) seria o desenvolvimento cognitivo, pois os adolescentes estão adquirindo o pensamento lógico e abstrato. Por isso, assumir um papel parental antes de ter alguma experiência na resolução de problemas sociais complexos poderia ter um efeito negativo para os adolescentes pais/mães. Além disso, essa imaturidade cognitiva, aliada às tarefas da adolescência, criaria um egocentrismo, que impediria que as necessidades do bebê fossem avaliadas corretamente e como mais urgentes do que as do próprio jovem (Marsiglio & Cohan, 1997; McArney, Lawrence, Aten & Iker, 1984; Sadler & Catrone, 1983; Young, 1988).

Como segundo fator aparece o desconhecimento dos estágios de desenvolvimento do bebê, que poderia alterar as atitudes em relação à criação e cuidado do bebê através de expectativas errôneas em relação às suas capacidades. Por um lado, a falta de conhecimento poderia levar a uma subestimação das capacidades da criança, considerando-a apenas uma portadora de necessidades físicas, com limitada capacidade mental. Contudo, por outro lado, também poderia levar a uma superestimação de suas capacidades (Allen & Doherty, 1996; Harris, 1998; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997). Dessa forma, para estes autores, o conhecimento escasso sobre o desenvolvimento do bebê impediria uma interpretação correta de suas necessidades, e por conseguinte uma resposta adequada a elas. Parke, Power e Fisher (1980) comentam alguns estudos que parecem mostrar que este desconhecimento sobre o desenvolvimento infantil não seria global, e sim limitado a algumas áreas.

De modo geral, as causas deste desconhecimento seriam a menor escolaridade dos jovens ou a menor quantidade de contato e experiências com crianças (Dennison & Coleman, 1998; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Young, 1988). De fato, a literatura aponta que as experiências prévias com cuidado infantil aumentariam a probabilidade de envolvimento paterno durante a idade adulta (Cabrera & cols., 2000). Os achados do estudo de Westney, Cole e Munford (1988), confirmam esta idéia, pois quanto mais o pai adolescente tinha conhecimento sobre o bebê, mais esperava oferecer apoio para ele e para a gestante. Além disso, conforme Lamb e Elster (1986), o conhecimento afetaria não só as atitudes em relação à criança como também a satisfação com o papel parental.

Para Robinson (1988), Robinson e Barret (1987) e Reis e Herz (1987), as expectativas irreais sobre o bebê levariam a atitudes impacientes e intolerantes que

freqüentemente resultariam em disciplinamento físico punitivo. Nesse sentido, no estudo de Fagot e cols. (1998) os filhos de pais adolescentes tinham sido mais provavelmente prematuros e muitos tinham sofrido graves danos corporais, que não queimaduras ou cortes. No entanto, no estudo conduzido por Harris (1998), os resultados não corroboram a hipótese de que quanto mais jovem o pai adolescente, mais punitivo seria com a criança. Inclusive as mães adolescentes tenderam a ser mais punitivas que os pais adolescentes.

De fato, na literatura encontra-se um bom número de estudos sugerindo que os pais adolescentes estariam mais propensos a abusar e maltratar seus filhos. As causas citadas para este comportamento seriam: ter expectativas irreais sobre o comportamento e o desenvolvimento da criança, estresses relativos aos familiares, cônjuges e emprego, frustração causada por não atingir seus objetivos educacionais e ocupacionais, insegurança econômica, baixa renda e isolamento dos amigos como resultado da gravidez (Jorgensen, 1993). No entanto, uma análise mais detalhada revela que as condições associadas com o risco de uma gestação entre adolescentes também pesariam para o comportamento abusivo ou negligente dos pais adolescentes (Jorgensen, 1993), pois as taxas de nascimento entre adolescentes são maiores para aqueles grupos sócio-econômicos que são considerados oficialmente como de maior risco (Bolton & Belsky, 1986).

Contudo, as expectativas de alta incidência de maus tratos entre pais adolescentes nem sempre são confirmadas/embora os adolescentes apresentem características bastante presentes entre pais adultos que abusam, tais como dificuldade para resolver conflitos e crises, expectativas irreais em relação à criança, desconhecimento do desenvolvimento infantil e pouca tolerância para os tipos de frustração impostas pela paternidade. No entanto, o risco não decorre apenas da presença destas características, mas sim do número e grau dos estresses e da capacidade de coping do adolescente (Bolton & Belsky, 1986). Nesse sentido, segundo Bolton e Belsky (1986), em virtude dos escassos conhecimentos sobre a relação entre pais adolescentes e seus bebês, muitas vezes são aplicados a esta situação conhecimentos adquiridos entre pais adultos, que não refletem a verdadeira configuração dos fatos entre adolescentes. Assim, muitas crenças sobre pais e mães adolescentes, tal como a de que

as crianças destes pais estariam correndo risco de ser maltratadas, não são apoiadas por evidências científicas, mostrando-se incorretas.

Ainda é importante ressaltar que existem diversos graus de risco entre pais e mães adolescentes (Bolton & Belsky, 1986). Por exemplo, na observação de 17 crianças com até 2 anos de idade com seus pais adolescentes, em casa e em situação de laboratório, Fagot e cols. (1998) encontraram diferenças entre a interação mãe-criança e pai-criança. Foram aplicados vários instrumentos e sugeridas algumas tarefas conjuntas para a dupla. Na montagem de um quebra-cabeças, a criança solicitou mais auxílio dos pais do que das mães. Os autores também observaram que os pais adolescentes, em comparação com as mães, mostraram níveis mais altos de comportamentos diretivos e negativos, bem como uma tendência a mostrar níveis mais baixos de assistência cognitiva do que as mães. Para os autores, o uso destas estratégias pareceu ser característico dos pais das crianças que mais tarde desenvolveram problemas de comportamento anti-social.

Nesse sentido, para Bolton e Belsky (1986), os pais adolescentes estariam em posição de maior risco para abuso e maus tratos do que as mães adolescentes, em virtude das pressões que enfrentam serem mais fortes do que as enfrentadas por elas. Além disso, eles podem ser mais violentos, ter dificuldade com abuso de álcool e drogas, seus planos podem ter sido mais severamente cortados pela gravidez, podem sentir-se mais isolados da criança e de sistemas de apoio e podem pensar que não têm capacidade para contribuir ativamente na vida de sua criança. Isolados da criança, falham em conhecê-la e em adquirir respostas protetoras comuns a outros pais.

O terceiro fator que influenciaria a qualidade da interação mãe-bebê seriam as características do bebê, tanto psicológicas como comportamentais. Conforme Lamb e Elster (1986), alguns bebês são claramente mais sociáveis que outros, empregando mais formas de estabelecer contato com os pais. Quando as interações são mutuamente satisfatórias, os pais mais provavelmente desenvolvem um sentimento de auto-confiança e efetividade que por consequência melhoraria a qualidade da interação. Infelizmente, os achados de vários estudos concluem que as adolescentes em geral percebem seu bebê como sendo de temperamento difícil (Jorgensen, 1993; Marsiglio & Cohan, 1997). Em relação ao gênero, os pais adolescentes poderiam preferir o sexo

masculino, até mesmo pela etapa de desenvolvimento da identidade sexual em que se encontram (Marsiglio & Cohan, 1997).

Além disso, o tipo de relacionamento que os pais adolescentes estabelecem com a criança é influenciado pelo fato da gravidez não ser desejada ou antecipada nesta idade. Conforme Cabrera e cols. (2000), os pais tendem a ser mais envolvidos se a gravidez foi desejada. Contudo, isto varia em função dos recursos psicológicos e econômicos, bem como do apoio social recebido.

Ainda quanto às características do bebê, Brazelton e Cramer (1992) comentam que as fantasias dos pais sobre o bebê e sobre suas vivências passadas com os próprios pais influem na interação com o mesmo, modificando até sua percepção destas características. O bebê pode ser visto como representando um filho ou parente já falecido, ou como um substituto dos próprios pais. Além disso, conforme Cabrera e cols. (2000), à medida que a criança cresce, demonstrando um novo conjunto de habilidades e necessidade, o pai também se desenvolve e se modifica.

A qualidade da interação também seria afetada pelo estresse parental, que diminuiria a sensibilidade do genitor ao bebê (Christmon, 1990a; Lamb & Elster, 1986). Como mencionado anteriormente, os adolescentes poderiam enfrentar mais estresses em virtude da ocorrência da gestação fora do tempo previsto socialmente, como por exemplo, isolamento, rejeição, problemas educacionais, profissionais e econômicos, etc., ou poderiam ter menos recursos pessoais para lidar com o estresse normal de uma gestação (Russel, 1980; Lamb & Elster, 1986).

O último fator citado por Lamb e Elster como influente no comportamento parental seria o apoio social, que pode se dar na forma de oferecimento de modelos, reforçamento social, assistência, estimulação social e apoio emocional. A sensibilidade parental poderia ser afetada pela rede de apoio social através da diminuição do estresse, do aumento do conhecimento sobre desenvolvimento infantil, da promoção da auto-estima e da efetividade percebidas e/ou do fornecimento de uma ajuda prática. O apoio mais importante parece ser o emocional, principalmente quando proveniente da família de origem.

Apesar de todos estes fatores que podem influir negativamente na interação pai adolescente-bebê, Lamb & Elster (1985), em um estudo comparativo entre mães adolescentes e seus parceiros adolescentes e adultos em sua interação com o bebê aos

seis meses de idade, em ambiente natural, não encontraram diferenças significativas entre a idade dos pais e os comportamentos observados, o estresse referido, o apoio social e a qualidade diádica. Na verdade, foram encontradas apenas três diferenças significativas entre as medidas observacionais. Os pais adultos e adolescentes de menor idade foram significativamente mais responsivos aos bebês do que os pais adultos jovens. Os pais adultos também se engajaram mais em estimular o bebê do que os pais adolescentes de menor idade e os adultos jovens. Além disso, tenderam a partilhar mais prazer com as mães do que os outros grupos. No entanto, de forma geral, a idade do pai contribuiu para poucas diferenças nas interações mãe-bebê, pai-bebê e mãe-pai. Para estes autores, as adolescentes e seus parceiros se assemelham muito aos pais adultos. Concluindo, eles comentam que uma variação na idade parental é um determinante muito menos importante da variação na qualidade do comportamento parental do que uma variedade de fatores sócio-ecológicos e variáveis de personalidade que estão freqüentemente correlacionadas com a idade parental, obscurecendo assim as relações envolvidas.

Robinson (1988), revisando pesquisas realizadas com pais adolescentes, também aponta que eles não difeririam psicologicamente dos pais adultos. Sendo assim, mesmo enfrentando dificuldades pessoais como desconhecimento do desenvolvimento infantil, imaturidade, falta de habilidades pessoais, eles conseguiriam permanecer com suas parceiras e interagir adequadamente com o bebê, ainda mais quando auxiliados. O mesmo é apontado por Sadler e Catrone (1983), pois de acordo com estes autores, os adolescentes, quando ajudados, podem superar as dificuldades inerentes a ser adolescente e ser pai simultaneamente. O mesmo tem sido apontado por muitas pesquisas no que se refere à mãe adolescente (Dennison & Coleman, 1998; Lamb & Elster, 1986; Young, 1988).

Assim, como apontam Allen e Doherty (1996), mesmo que vários fatores possam influenciar negativamente a qualidade e quantidade das interações paternas, os pais adolescentes geralmente oferecem benefícios diretos e indiretos para a criança. Os benefícios diretos seriam o fornecimento de comida, roupa e o preenchimento das necessidades materiais da criança, bem como a disponibilidade emocional, que lhe ajudaria a desenvolver um senso de confiança (Cabrera & cols., 2000). Enfim,

benefícios ao desenvolvimento social e/ou cognitivo da criança (Parke, Power & Fisher, 1980).

Já os benefícios indiretos seriam as diferentes formas de apoio para a mãe adolescente, em especial o emocional (Allen & Doherty, 1996). Isso porque a qualidade da relação entre pai e mãe em vários momentos afeta as atitudes e comportamentos maternos, o que por sua vez afeta o desenvolvimento social e cognitivo da criança. O apoio financeiro têm influência direta e indireta, porque permite que a mãe atenda as necessidades da criança e ao mesmo tempo se sinta segura economicamente. Já o emocional é importante entre os adolescentes, tendo em vista os preconceitos que podem enfrentar, bem como conflitos que podem surgir entre a mãe adolescente e sua família. Entre pais adultos, também o consenso no cuidado da criança, a percepção do pai sobre a competência materna e outras qualidades da relação conjugal estão relacionadas ao envolvimento ou competência materna (Parke, Power & Fisher, 1980).

Concluindo, apesar de existirem algumas pesquisas sobre a interação pai adolescente-bebê, chama atenção o fato de que foram encontradas poucas pesquisas observacionais desta relação. De modo geral, a observação direta e a comparação com pais adultos não têm sido utilizadas na literatura revisada. Ao contrário, os conhecimentos obtidos sobre a interação entre pais e mães adultos e também sobre a interação mãe adolescente-bebê têm sido empregados para entender a interação pai adolescente-bebê. Assim, os dados e idéias disponíveis não são conclusivos para definir se estas díades estariam mesmo correndo riscos excessivos para problemas desenvolvimentais ou de ajustamento. Poucos pesquisadores têm estudado diretamente tanto a responsividade das mães e pais adolescentes como a segurança do apego entre seus bebês e eles.

Objetivos do estudo

Como pode ser visto na literatura, os achados em relação aos futuros pais adolescentes nem sempre apontam na mesma direção, mas em geral, indicam que eles têm sentimentos ambivalentes em relação à gestação de suas companheiras e experienciam mais estresses durante este período. Além disto, seu envolvimento com o bebê nem sempre está próximo do que se considera como adequado, seja pela pouca convivência ou pelo término do relacionamento com a companheira, ou mesmo por uma inabilidade para o cuidado gerada pela falta de informações e pelo enfrentamento precoce desta experiência. Assim, por ainda estarem em processo de desenvolvimento, tendo necessidades prementes em várias esferas da vida, eles parecem reagir mais lentamente à paternidade, sendo menos responsivos ao bebê e às necessidades da companheira quando comparados aos pais adultos.

Neste sentido, o presente estudo visou examinar a paternidade entre pais adolescentes e adultos, investigando-se as expectativas e sentimentos dos futuros pais, bem como sua interação com o bebê aos três meses de vida. A idéia de se comparar pais adolescentes e adultos atende a sugestões de Elster e Lamb (1986) e de Robinson e Barret (1982) sobre a necessidade de se verificar se existem diferenças entre os dois grupos e, caso existam, qual a extensão das mesmas nas duas faixas etárias. Com base na literatura, esperava-se que as expectativas e sentimentos dos futuros pais adolescentes em relação à gestação e à futura paternidade fossem mais ambivalentes do que os de futuros pais adultos. Além disto, esperava-se que após o nascimento do bebê, os pais adolescentes fossem menos responsivos em relação ao bebê do que os pais adultos, e que estivessem menos envolvidos com seu cuidado.

CAPÍTULO II

Método

Participantes

Participaram deste estudo 23 futuros pais, sendo doze adolescentes e onze adultos. Todos esperavam seu primeiro filho e durante a gravidez, suas companheiras¹ não apresentaram complicações físicas.

Todos os participantes fazem parte de um estudo longitudinal realizado pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/UFRGS (1999) que acompanha 80 casais da gestação ao segundo ano de vida da criança, envolvendo diferentes idades, nível sócio-econômico e configurações familiares². Cada pesquisador ficou responsável por acompanhar um grupo de casais em diferentes momentos do desenvolvimento do bebê. Em função dos interesses da autora, coube-lhe acompanhar em particular os futuros pais adolescentes (10) e alguns futuros pais adultos (04). Para completar a amostra, recorreu-se aos casos acompanhados pelas demais pesquisadoras do grupo, todas seguindo o mesmo procedimento de coleta de dados.

Os futuros pais foram selecionados em dois hospitais da rede pública da cidade de Porto Alegre que realizavam grupos de gestantes (18 - 09 adolescentes e 09 adultos) e também por indicação (colegas, outras gestantes) (2 - 02 adolescentes). Outra forma de recrutamento utilizada foi através de anúncio em veículos de comunicação locais (jornais e TV) (3 - 01 adolescente e 02 adultos).

A seleção dos futuros pais ocorreu através de suas companheiras, que preenchem a **Ficha de contato inicial** contendo alguns dados demográficos do casal. Aqueles casais que preencheram os critérios do estudo (ex.: estar esperando o primeiro filho, estar no terceiro trimestre da gestação, não apresentar complicações físicas

¹ No presente estudo optou-se por utilizar a palavra companheiro/a para se referir ao outro membro do casal, seja casado ou namorado, configurando a condição de morar junto.

² Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, conforme documento do Anexo A.

durante a gestação) foram contatados posteriormente por telefone. A recusa dos futuros pais adolescentes em participar do estudo foi baixa. Daqueles contatados através do grupo de gestantes, cerca de 20% não quis participar, apesar da gestante ter aceito o convite. O mesmo ocorreu quando o convite envolveu indicação e/ou recrutamento nos corredores dos hospitais. A recusa entre os futuros pais adultos também foi baixa, e semelhante à dos pais adolescente (aproximadamente 20%).

Uma vez recrutado o grupo de futuros pais adolescentes, buscou-se emparelhá-los com os futuros pais adultos, em termos de morarem ou não junto com a esposa/companheira, bem como em escolaridade e nível sócio-econômico. Para tanto, utilizou-se de todos os participantes disponíveis no banco de dados do estudo longitudinal acima mencionado.

A Tabela 1 e a Tabela 2 apresentam as características demográficas dos participantes. No grupo adolescente, a idade variou de 16 a 19 anos ($M = 17,7$ anos, $DP = 1,0$), e no grupo adulto, de 25 a 38 anos ($M = 29,9$ anos, $DP = 3,8$). A escolaridade variou no grupo adolescente de 4 a 11 anos ($M = 7,9$ anos, $DP = 2,3$) e no grupo adulto de 5 a 14 anos ($M = 9,2$ anos, $DP = 3,3$). O nível sócio-econômico variou de baixo a médio, com base na escolaridade e profissão dos futuros pais. Em geral os participantes exerciam alguma atividade remunerada.

Tabela 1: Dados demográficos dos casais adolescentes

Numero de Identificação do casal	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Raça	Sexo do bebê
1 Futuro pai Gestante	18	Solteiros (não moram juntos)	9 anos	Operador de xerox	Branca	Masculino
	15		9 anos	Estudante	Branca	
2 Futuro pai Gestante	19	Companheiros	8 anos	Marceneiro	Negra	Masculino
	18		11 anos	Estudante	Branca	
3 Futuro pai Gestante	18	Companheiros	5 anos	Consertos eletrônicos	Branca	Feminino
	14		8 anos	Estudante	Negra	
4 Futuro pai Gestante	16	Companheiros	7 anos	Fabricação de coleiras	Branca	Feminino
	14		8 anos	Estudante	Branca	
5 Futuro pai Gestante	19	Casados	11 anos	Aux. Escritório	Branca	Masculino
	17		9 anos	Estudante	Branca	
6 Futuro pai Gestante	18	Companheiros	7 anos	Aux. Escritório	Negra	Masculino
	19		8 anos	Babá	Negra	
7 Futuro pai Gestante	17	Solteiros (não moram junto)	9 anos	Office-boy	Branca	Feminino
	16		10 anos	Estudante	Branca	
8 Futuro pai Gestante	18	Companheiros (noivos)	10 anos	Aux. Escritório	Negra	Masculino
	14		8 anos	Estudante	Branca	
9 Futuro pai Gestante	18	Companheiros	5 anos	Pedreiro/Estudante	Branca	Masculino
	18		7 anos	Estudante	Branca	
10 Futuro pai Gestante	19	Companheiros	11 anos	Supridor	Negra	Masculino
	18		11 anos	Estudante	Branca	
11 Futuro pai Gestante	17	Solteiros (não moram junto)	10 anos	Estudante	Branca	Feminino
	17		10 anos	Estudante/Estagiária	Branca	
12 Futuro pai Gestante	16	Companheiros	4 anos	Estudante	Negra	Masculino
	14		8 anos	Estudante	Branca	

Tabela 2: Dados demográficos dos casais adultos

Número de Identificação do casal	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Raça	Sexo do bebê
13 Futuro pai	27	Casados	5 anos	Pedreiro	Branca	Feminino
Gestante	24		8 anos	Doméstica	Branca	
14 Futuro pai	30	Casados	5 anos	Zelador de Igreja	Branca	Masculino
Gestante	26		4 anos	Do lar	Branca	
15 Futuro pai	34	Casados	10 anos	Aux. Escritório	Branca	Feminino
Gestante	29		11 anos	Aux. Enfermagem	Branca	
16 Futuro pai	30	Casado	11 anos	Marceneiro	Branca	Feminino
Gestante	33		15 anos	Auxiliar Administrativo	Branca	
17 Futuro pai	28	Casados	11 anos	Almoxarife	Branca	Feminino
Gestante	30		15 anos	Aux. Laboratório	Branca	
18 Futuro pai	38	Casados	6 anos	Mecânico	Branca	Feminino
Gestante	37		11 anos	Secretária	Branca	
19 Futuro pai	25	Moram juntos	11 anos	Representante de vendas	Branca	Masculino
Gestante	20		11 anos	Não trabalha	Branca	
20 Futuro pai	25	Casados	13 anos	Comerciante	Branca	Feminino
Gestante	21		13 anos	Estagiária	Branca	
21 Futuro pai	32	Casados	14 anos	Servidor público federal	Branca	Masculino
Gestante	25		13 anos	Do lar	Branca	
22 Futuro pai	29	Casados	11 anos	Representante de vendas	Branca	Masculino
Gestante	23		14 anos	Assistente técnica da Carris/Estudante.	Branca	
23 Futuro pai	31	Companheiros	6 anos	Comerciante	Branca	Masculino
Gestante	31		8 anos	Comerciante	Branca	

Delineamento e Procedimentos

Foi utilizado um delineamento longitudinal, com dois grupos de comparação (Nachmias & Nachmias, 1996), sendo um de futuros pais adolescentes e outro de futuros pais adultos. Foram examinados em cada grupo as expectativas e os sentimentos do futuro pai, bem como a interação do pai com o bebê no seu terceiro mês de vida.

A pesquisadora compareceu a seis grupos de gestante para explicar às participantes a pesquisa, em termos gerais. Aquelas que desejavam participar, preenchiam uma **Ficha de contato inicial**. Após isso, foi feito um contato telefônico com aquelas cujos companheiros preenchiam os critérios do estudo, a fim de se explicar de forma mais detalhada os objetivos e fases da pesquisa. A partir de sua aceitação em participar, foi marcada uma entrevista, iniciando-se assim a coleta de dados na residência do casal ou de um dos cônjuges, dividida em duas fases: antes e depois do nascimento do bebê.

Para aqueles casais indicados por alguém (2) ou que contataram com o grupo de pesquisa a partir de anúncio nos meios de comunicação (3), o preenchimento da **Ficha de contato inicial** se deu por telefone, bem como a explicação mais detalhada da pesquisa e a marcação de um dia para a realização da primeira fase da coleta de dados.

Nesta fase, inicialmente houve o preenchimento pelo casal de um **Consentimento informado**. Após isso, os participantes foram solicitados a preencher, com o auxílio da pesquisadora, a **Entrevista de dados demográficos do casal**, com o objetivo de confirmar e complementar os dados obtidos com a **Ficha de contato inicial**. Em um terceiro momento foi realizada individualmente com o futuro pai a **Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai**, que foi gravada³. Nessa ocasião já se comunicou ao casal o período da próxima visita à família.

Na segunda fase, quando o bebê completou três meses, o casal foi novamente contatado via telefone⁴, sendo marcada uma data para a visita à família. Nessa ocasião,

³ Nesta ocasião foram também aplicados, com a ajuda de outra pesquisadora, o **Genograma familiar do casal**, a **Narrativa conjunta do casal** e a **Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante**, mas estes instrumentos não foram utilizados no presente estudo. A duração aproximada de cada sessão de coleta de dados foi de duas horas.

⁴ Apenas 20 pais participaram (11 adultos e 09 adolescentes) desta fase do estudo, pois três casais adolescentes estavam separados no momento da entrevista.

realizou-se a **Observação da interação familiar**⁵, envolvendo uma seqüência de quatro situações de interação livre de oito minutos: pai-mãe-bebê, pai-bebê, mãe-bebê e novamente pai-mãe-bebê. Para fins do presente estudo analisou-se apenas a interação livre entre pai-bebê.

Instrumentos e material

1) **Ficha de contato inicial** (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Gianlupi & Ribeiro, 1998): esta ficha foi preenchida pelas gestantes nos hospitais com o auxílio da pesquisadora, ou por telefone, com o objetivo de selecionar os possíveis participantes do estudo. Para tanto, investigou alguns dados demográficos, tais como idade da gestante e do companheiro, escolaridade, profissão, estado civil, existência de outros filhos, estado de saúde durante a gestação e data prevista para o nascimento do bebê. Era também anotado o telefone e/ou endereço para o contato posterior. Cópia no Anexo B.

2) **Consentimento informado** (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Gianlupi & Ribeiro, 1998): este documento visou informar aos participantes, de forma sucinta, os objetivos da pesquisa, bem como o nome e telefone do pesquisador responsável. Foi assinado pelo casal em duas vias, permanecendo uma com a pesquisadora e a outra com os participantes. Cópia no Anexo C.

3) **Entrevista de dados demográficos do casal** (Piccinini & cols., 1998): foi preenchida pelo casal, com o auxílio da pesquisadora na primeira fase da coleta de dados. Esta ficha visou confirmar os dados obtidos com a Ficha de contato inicial e obter dados demográficos adicionais sobre o casal, tais como estado civil, religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa. Cópia no Anexo D.

⁵ Nessa ocasião também foi realizada, com a ajuda de outra pesquisadora, a **Entrevista sobre a experiência da paternidade**, a **Entrevista sobre a experiência da maternidade**, a **Entrevista sobre as impressões dos pais sobre o temperamento do bebê**, a **Entrevista sobre a experiência da parentalidade** e o **Q-sort de valores parentais**, mas estes instrumentos não foram utilizados no presente estudo.

4) **Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai** (Piccinini & cols., 1998): essa entrevista investigou os sentimentos do futuro pai durante a gestação da companheira, o seu envolvimento com a gestação, o relacionamento do casal e com as respectivas famílias e amigos naquele período e as mudanças pessoais e conjugais percebidas pelo futuro pai. Além disso, investigou-se suas expectativas em relação ao bebê, ao seu desempenho do papel paterno, ao desempenho da companheira no papel materno e ao relacionamento da nova família, dentre outras. Cópia no Anexo E.

5) **Observação da interação familiar** (Piccinini, Lopes, Averbuch, Castoldi, Corrêa, Gianlupi, Levandowski & Ribeiro, 1999): foi composta por uma seqüência de quatro episódios de interação livre entre a família: pai-mãe-bebê, pai-bebê, mãe-bebê e novamente pai-mãe-bebê. Cada episódio da seqüência teve duração de oito minutos. Foi solicitado ao pai que agisse livremente com seu bebê, como fazia normalmente quando estavam juntos. Foi enfatizado que o objetivo do estudo era o de observar o comportamento e o desenvolvimento do bebê. A sessão foi filmada pela pesquisadora com auxílio de outra pesquisadora. A mãe foi solicitada a se retirar do local, para que se evitassem possíveis interferências na interação com o pai, sendo o mesmo procedimento utilizado com o pai durante a filmagem da interação mãe-bebê. Durante os episódios de interação a pesquisadora teve uma postura apenas de observação, não sendo encorajada nenhuma interação verbal ou comportamental com ela. A ordem da seqüência de interação mãe-bebê e pai-bebê foi alternada entre os participantes. No presente estudo foi considerada apenas a interação livre do pai com seu bebê. Cópia no Anexo F.

Para fins de análise, utilizou-se em um estudo piloto um protocolo baseado no Sistema de Codificação da Interação Mãe-Criança originalmente desenvolvido por Belsky, Rovine e Taylor (1984), Isabella, Belsky e von Eye (1989) e na proposta derivada destes trabalhos utilizada por Carro, Piccinini e Millar (1999). Cada episódio de interação pai-bebê foi dividido em intervalos de 15 segundos, em que foram pontuadas a ocorrência de 16 categorias de comportamentos paternos (*interpreta/fala pelo bebê; responde à vocalização/choro do bebê; fala para o bebê; estimula com objeto/brinquedo; estimula sem objeto/brinquedo; colo; sorri para o bebê; acaricia/beija o bebê; embala/aconchega o bebê; olha o bebê; olha para a câmera/outro lugar; posiciona-se face a face; acalma o bebê; deita o bebê; fica em*

pé/movimenta-se com o bebê; ajeita o bebê), 10 categorias de comportamentos do bebê (*vocaliza/choraminga; chora; alerta/acordado; sonolento/dorme; olha para o pai; comportamentos involuntários; sorri para o pai; alerta/irrequieto; olha para a câmera/outro lugar; segura brinquedo/estímulo; responde ao estímulo*), 30 categorias de seqüências sincrônicas da dupla pai-bebê (*vocaliza/vocaliza; vocaliza/sorri; vocaliza/acaricia - beija; vocaliza/estimula com objeto - brinquedo; vocaliza/estimula sem objeto - brinquedo; vocaliza/embala - aconchega; vocaliza/acalma; vocaliza/ajeita o bebê; vocaliza/olha; vocaliza/chora; olha/olha; olha/sorri; olha/acaricia - beija; olha/estimula com objeto - brinquedo; olha/estimula sem objeto - brinquedo; responde ao estímulo/estimula com objeto - brinquedo; responde ao estímulo/estimula sem objeto - brinquedo; sorri/sorri; sorri/acaricia - beija; sorri/estimula com objeto - brinquedo; sorri/estimula sem objeto - brinquedo; chora/embala - aconchega; chora/acaricia - beija; chora/acalma; chora/olha; chora/ajeita o bebê; alerta - irrequieto/resposta adequada; comportamentos involuntários/resposta adequada; sonolento/deita; sonolento/embala*) e 06 categorias de seqüências assincrônicas da dupla (*chora – ignora; vocaliza – ignora; olha – ignora; sorri – ignora; comportamento involuntário – ignora; sonolento – estimula*). A descrição operacional das categorias de comportamentos paternos e do bebê observados encontra-se no Anexo G, e a descrição das seqüências sincrônicas e assincrônicas encontra-se no Anexo H.

As co-ocorrências sincrônicas foram definidas como trocas recíprocas entre o pai e o bebê, independente de quem iniciou tal troca, ou seja, quando os comportamentos de ambos aconteciam um após o outro ou simultaneamente. Operacionalmente, sincronia foi definida como responsividade ao comportamento do outro membro da díade, representando comportamento responsivo (Belsky, Gilstrap & Rovine, 1984; Belsky, Rovine & Taylor, 1984; Belsky, Taylor & Rovine, 1984; Carro, Piccinini & Millar, 1999; Isabella & Belsky, 1991; Isabella, Belsky & von Eye, 1989). Assim, neste estudo, os comportamentos que compõem as seqüências sincrônicas foram definidos a partir do cruzamento de alguns comportamentos paternos e do bebê. Já assincronia foi definida como não responsividade de um membro da díade ao comportamento do outro (ex.: bebê chora – pai ignora), ou a emissão de um comportamento não adequado ao comportamento emitido pelo outro membro (por

exemplo, bebê sonolento - pai estimula), sendo os comportamentos que compõem as seqüências assíncronas definidos da mesma forma.

A medida da interação recíproca é inerentemente diádica, não apenas porque contém comportamentos maternos/paternos e do bebê. De acordo com Belsky, Taylor e Rovine (1984), o constructo diádico sugere que, em uma troca entre mãe/pai e bebê, pode não ser apropriado separar as contribuições individuais, uma vez que sua identificação pode ser muito difícil. Por exemplo, um comportamento do bebê pode ser considerado como iniciador da interação apenas se a mãe/o pai respondê-lo, o que não poderia ser adequadamente considerado como iniciador.

Contudo, a simples ocorrência de comportamentos paternos e infantis em determinado intervalo não garantia que fossem computados como seqüências sincrônicas. Ao se examinarem tais seqüências, buscou-se avaliar a qualidade positiva ou negativa presente entre os comportamentos infantis e maternos. Por exemplo, definiu-se como interação sincrônica aquela em que ambos os membros contribuem para a interação observada (por exemplo, bebê olha para o pai, pai vocaliza para o bebê), ou em que a interação envolve uma clara troca de comportamentos (por exemplo, pai estimula, bebê sorri para o pai), ou em que o comportamento de pelo menos um dos membros da díade é julgado como apropriadamente responsivo ao comportamento do outro (por exemplo, bebê chora ou está agitado, pai embala).

Conforme Belsky, Gilstrap e Rovine (1984), Belsky, Rovine e Taylor (1984), Isabella e Belsky (1991), a dimensão sincronia é considerada importante para o desenvolvimento do apego, significando uma resposta adequada, consistente e contingente da mãe (em outros termos, sensível) aos sinais comportamentais emitidos pelo bebê, sejam eles de desconforto ou de contentamento. Ou seja, refere-se a uma identificação correta das necessidades do bebê, à elaboração de um plano de ação e à execução de uma ação-resposta adequada à satisfação destas necessidades. Assim, esse conceito tem sido sistematicamente relacionado à sensibilidade materna. No presente estudo, entende-se que esta teorização sobre a sensibilidade e responsividade materna e a interação sincrônica mãe-bebê poderia ser aplicada também à interação pai-bebê. De acordo com Belsky, Gilstrap e Rovine (1984) e Belsky, Taylor e Rovine (1984), é realmente necessário, para avançar nosso conhecimento sobre a experiência humana inicial, examinar a parentalidade de uma perspectiva do sistema familiar, isto é,

acrescentando-se o pai, pois além da díade mãe-bebê, existe uma relação conjugal e a relação pai-bebê. Estes autores ainda apontam que trabalhos descritivos têm mostrado que os pais podem ser tão sensíveis com seus bebês quanto as mães, mesmo que seu estilo de brincar e suas razões para cuidarem de seu bebê sejam diferentes daqueles das mães.

CAPÍTULO III

Examinando as expectativas e sentimentos de futuros pais adolescentes e adultos

Nessa seção, serão examinadas as respostas dos pais a algumas questões da *Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai* que investiga diversos aspectos relacionados com a experiência de estar esperando o primeiro filho e as expectativas quanto ao bebê e ao relacionamento futuro com o mesmo.

As respostas de pais adolescentes e adultos foram examinadas através de análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dione, 1999). A análise ocorreu de acordo com o esquema a seguir: 1) transcrição de todas as entrevistas; 2) demarcação de unidade temáticas; 3) criação de uma estrutura de categorias temáticas ampla a partir da leitura das entrevistas e de outras estruturas de análise utilizadas previamente (Martini, 1999; Krob, 1999); 4) identificação das unidades temáticas em cada entrevista; 5) análise propriamente dita. Dois codificadores foram utilizados para a identificação das categorias e análise das entrevistas. Eventuais discordâncias na codificação eram dirimidas através de discussão e, quando necessário, contou-se com a apreciação de um terceiro juiz.

A seguir encontra-se a estrutura final de categorias temáticas utilizadas na análise das falas dos futuros pais adolescentes e adultos no presente estudo. Após isso, segue a apresentação dos resultados da análise, com descrição de cada categoria temática e transcrição de alguns trechos ilustrativos das entrevistas. Ao final da apresentação de cada categoria enfatizam-se as semelhanças e particularidades das falas de pais adolescentes e adultos.

*Estrutura de categorias temáticas derivadas da
Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai*

1. Vivenciando a gravidez

- 1.1 Reação inicial e sentimentos acerca da gravidez
- 1.2 Reação da própria família e da família da companheira à notícia da gravidez
- 1.3 Reação dos amigos à notícia da gravidez
- 1.4 Participação no pré-natal*⁶
- 1.5 Contato com o bebê *
- 1.6 Sentimentos em relação às mudanças no corpo da companheira
- 1.7 Preocupações em relação à gravidez e ao bebê**
- 1.8 Expectativas em relação ao parto**

2. Mudanças decorrentes da gravidez

- 2.1 Mudanças pessoais**
- 2.2 Mudanças conjugais**

3. Apoio à gestante

- 3.1 Apoio solicitado pela gestante ao futuro pai
- 3.2 Apoio oferecido pelo futuro pai à gestante**
- 3.3 Rede de apoio social

4. Vivências transgeracionais

- 4.1 Lembranças relacionadas ao próprio pai*
- 4.2 Lembranças relacionadas à própria mãe*
- 4.3 Modelos de pai**
- 4.4 Modelos de mãe**
- 4.5 Características de um bom pai
- 4.6 Características de uma boa mãe

5. Bebê imaginado

- 5.1 Reação inicial quanto ao sexo do bebê
- 5.2 Escolha do nome do bebê
- 5.3 Características físicas, emocionais e/ou comportamentais imaginadas do bebê**

6. Expectativa quanto à paternidade e a vida futura do bebê

- 6.1 Expectativas quanto à paternidade
- 6.2 Expectativas quanto à criação do filho*
- 6.3 Expectativas quanto ao apoio à companheira**
- 6.4 Expectativas quanto ao apoio social
- 6.5 Expectativas quanto a mudanças pessoais e conjugais**
- 6.6 Expectativa quanto às características e/ou comportamentos da futura criança
- 6.7 Expectativas quanto ao futuro da criança**

⁶ O sinal * indica que a categoria (ou subcategoria) foi empregada primeiramente por Martini (1999). Já o sinal ** indica que a categoria (ou subcategoria) foi empregada primeiramente por Krob (1999). As demais categorias (ou subcategorias) foram criadas para uso neste estudo, a partir da leitura das entrevistas.

1. Vivenciando a gravidez

Esta categoria examinou diversos aspectos relacionados ao período da gestação, tais como as reações pessoais, dos familiares e dos amigos à notícia da gravidez, a participação do futuro pai no pré-natal da companheira e suas preocupações em relação à gravidez e ao bebê. Este tema foi examinado através das seguintes questões: “Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez da tua mulher, desde que tu ficaste sabendo até agora”, “Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?”, “Como tu te sentiste no início e agora, no final da gravidez?”, “Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?”, “Como te sentes em relação ao nascimento do bebê?”, “Como está a saúde da tua mulher?”, “Tu tens ido ao médico junto com a tua mulher para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foste?”, “Ela fez alguma ecografia? Tu estavas junto? Como te sentiste ao ver o bebê?”, “Como estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da tua mulher?”. Quando este tema apareceu relacionado a outras questões da entrevista, os comentários dos pais foram também aqui considerados. Os relatos foram agrupados em oito subcategorias denominadas: *reação inicial e sentimentos acerca da gravidez; reação da própria família e da família da companheira à notícia da gravidez; reação dos amigos à notícia da gravidez; participação no pré-natal; contato com o bebê; sentimentos em relação às mudanças no corpo da companheira; preocupações em relação à gravidez e ao bebê e expectativas em relação ao parto.*

1.1 Reação inicial e sentimentos acerca da gravidez

Nesta subcategoria examinou-se tanto a reação inicial dos futuros pais à notícia da gravidez como seus sentimentos acerca da gestação.

Considerando-se as falas dos pais adolescentes e adultos, constata-se a existência tanto de reações iniciais positivas e negativas à notícia da gravidez, quanto de reações ambivalentes. Dentre aqueles que relataram reações positivas (J3⁷, J8, J11, A13, A14, A18, A19, A21, A23), destacam-se os sentimentos de alegria, contentamento,

⁷ A letra J significa futuro pai jovem, enquanto que a sigla A indica futuro pai adulto. O número que acompanha estas letras refere-se ao número recebido pelo participante no presente estudo, conforme a ordem de coleta dos dados, a fim de preservar sua identidade.

como se estivessem realizando uma espécie de sonho ou recebendo uma benção de Deus. Isso pode ser visto nos seguintes relatos:

“Ah, foi bom. Foi uma mudança diferente, mas uma mudança para melhor também. Eu queria o nenê. Aí aconteceu e para mim foi bem melhor. Foi tipo assim quase que um sonho realizado...” (J8)

“... é uma coisa que a gente estava buscando em Deus, e Deus concedeu essa benção, eu acho assim. (...⁸) Para fechar mais uma benção na vida do casal” (A14)

Já dentre as reações negativas (J1, J4, J7, J9, A15, A16, A20), destaca-se em geral o choque, a surpresa, o ficar sem resposta, a dúvida quanto a assumir ou não a gestação, o não acreditar na notícia, o não saber o que fazer e o medo da reação dos próprios pais ou dos pais da companheira à notícia, como exemplificado a seguir:

“O primeiro dia eu fiquei meio... eu não esperava, ela não me falou. ... eu não esperava porque eu estava pensando em outras coisas, mas... (...) ela fez o exame e não me falou nada. Ela fez tudo sozinha e não me falou nada. Nós estávamos conversando um assunto e ela me deu o atestado (risos) e aí... Me mostrou e aí eu... fiquei até surpreso, não sabia o que ia fazer. E aí foi que eu fiquei sabendo. Ah, eu sou meio, as minhas emoções eu guardo muito. Não sou espontâneo assim. (...) fiquei meio assim, porque eu não esperava ainda.” (A16)

“Foi uma surpresa. Ah, fiquei meio assim, espantado. Não sabia o que fazer. (...) Foi surpresa. Me preocupou um pouco... por causa que eu não sabia o que fazer, sabe. Eu não sabia como é que eu ia fazer, para conseguir assim... levar adiante (...) É, se assumia ou não assumia...” (J4)

“Bem assustado de começo, porque no começo a gente se assusta um pouquinho, não estávamos esperando, não era planejado. (...) eu me assustei assim... quando a gente soube que ela estava grávida a gente morava num apartamento alugado, pode se dizer que era um gasto (...)... eu me assustava com esse tipo de coisa assim... (...) eu fiquei bem mais nervoso, tinha medo até de contar para o meu pai e para a minha mãe, sabe, (qual seria) a reação deles. Porque a gente já namorou uns três anos, a gente se conheceu na faculdade, namorou uns três anos. Já estava vivendo junto e casou no final do ano passado. Então é muito pouco tempo de casado (...).” (A20)

Outra reação referida foi de ambivalência, uma reação mista de tristeza e alegria (J2, J5, J6, J10, J12, A17, A22):

“Ah, fiquei super feliz. Ao mesmo tempo, eu não vou dizer que eu fiquei super, super feliz, assim. Um misto de alegria e o outro de tristeza, porque como é que a gente ia explicar para os nossos pais, que ela estaria grávida...” (J6)

⁸ Os depoimentos dos participantes não tiveram seu sentido alterado neste estudo. Foram feitas apenas correções gramaticais, a fim de facilitar a leitura. Os três pontos em cada sentença indicam que o participante fez uma pausa em sua fala, nem sempre a completando. Já os parênteses indicam que houve um corte nas falas, sendo retiradas as idéias que não se referiam ao tema em questão. Além disso, os colchetes indicam o acréscimo de alguma palavra ou idéia, sempre feito com o objetivo de clarificar o texto ao leitor.

“... como é que eu vou dizer para ti, mesmo sendo planejada da tua parte, automaticamente quando tu sabe te dá um baque muito grande, que a gente não pensava que ia ser rápido assim, mas foi e eu fiquei super satisfeito, super alegre, saber que daqui há nove meses estava iniciando uma nova vida aqui dentro, foi bem legal, foi uma sensação bem legal, diferente. Até quando ela me ligou, ela ligou para o meu celular, ela falou que eu ia ser pai, eu desliguei o celular na cara dela, porque me pegou desprevenido, então eu tornei a ligar de novo e falei “Agora me conta de verdade, de novo, se é verdade ou não...” (A22)

Comparando-se as falas dos pais jovens e adultos, diversas semelhanças e particularidades foram encontradas. Tanto os futuros pais jovens quanto os futuros pais adultos referiram reações positivas, negativas e ambivalentes à notícia da gravidez. Mais especificamente quanto às reações negativas e ambivalentes presentes nos dois grupos, Soulé (1987) comenta que poderiam ser decorrentes da situação de exclusão da paternidade, isto é, gerando um filho, o homem geraria o próprio rival, que viria lhe retirar a exclusividade junto à pessoa amada, no caso a companheira. Assim, estas reações dos futuros pais poderiam estar demonstrando sua consciência subjacente à questão. Além disso, como afirmam Szejer e Stewart (1997), qualquer desejo é ambivalente, não sendo diferente o desejo de ter um filho.

Comparando-se os dois grupos, destaca-se entre os adolescente uma tendência⁹ em direção a uma reação ambivalente ou negativa, o que também foi encontrado nos estudos de Lamb, Elster, Peters, Kahn e Tavaré (1986), Westney e cols. (1986), Dallas e Chen (1999) e Trindade e Bruns (1999). Este tipo de reação poderia estar relacionado com o não planejamento da gravidez por estes adolescentes, tanto no aspecto psíquico quanto nos aspectos econômico, familiar, conjugal, etc., indicando talvez uma dificuldade dos adolescentes para refazerem seus projetos de vida (Trindade & Bruns, 1999). Além disso, no momento da notícia, o adolescente se encontra com o bebê em potencial (agora real) que ele não queria encontrar nesta fase da vida, como fala Soulé (1987), apesar de biologicamente saber que ele tem muito mais capacidade de torná-lo real que durante a infância. Assim, a adaptação a essa nova realidade se daria de forma mais abrupta, inesperada, impedindo-os de expressar uma reação qualquer e muito menos uma reação positiva à notícia, conforme apontado pela literatura (Amazarray, Machado, Oliveira & Gomes, 1998; Dallas & Chen, 1999; Trindade & Bruns, 1998; Trindade & Bruns, 1999). De fato, quanto menos desejada é a gravidez, pior parece ser

⁹ O uso da palavra tendência está baseada na presença/incidência de determinada idéia no depoimento dos participantes.

a reação inicial à notícia (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Szejer & Stewart, 1997).

Além disso, este contexto poderia também explicar o medo da reação dos próprios pais e/ou dos pais da namorada à notícia da gestação referido por muitos futuros pais adolescentes (J1, J2, J5, J6, J12), também encontrado em outras pesquisas (ex.: Furstenberg, 1980).

Outro fator que contribuiria para essa reação negativa ou ambivalente poderia ser a grande dicotomia entre ser pai e ser adolescente, como apontado pela literatura (Belsky & Miller, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Harris, 1998; Kahn & Bolton, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Nunes, 1998; Robinson, 1988; Rothstein, 1978; Russel, 1980; Sadler & Catrone, 1983; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999; Young, 1988). Os adolescentes em um primeiro momento sentiriam a gravidez como uma fonte de perdas e restrições, não conseguindo vislumbrar nenhum ou poucos ganhos com a experiência.

No entanto, também foram encontradas algumas reações positivas (J3, J8, J11), principalmente entre os adolescentes que desejavam ser pais e/ou que haviam planejado de alguma forma a gestação¹⁰. Estes talvez não haviam se dado conta das dificuldades que poderiam enfrentar com o fato de se tornarem pais, ou até mesmo já haviam pensado em como lidar com a nova situação. Além disso, se poderia pensar na questão da afirmação pessoal que traz um filho principalmente quanto à identidade sexual.

Já os futuros pais adultos expressaram mais frequentemente uma reação positiva à notícia da gravidez, o que poderia estar diretamente relacionado com um certo planejamento da mesma, diferentemente do que ocorre com os futuros pais adolescentes.

No que diz respeito aos sentimentos dos futuros pais quanto ao período da gravidez, foram também encontrados sentimentos positivos, negativos e ambivalentes. Dentre os sentimentos positivos (J1, J3, J4, J5, J10, A14, A17, A19, A20, A21, A22, A23), encontra-se a felicidade, o estar “curtindo” este novo momento, o estar aprendendo com a experiência, buscando organizar-se para a chegada do filho, bem

¹⁰ Cabe ressaltar que, a partir do depoimento dos participantes, constata-se que dos doze adolescentes, nove não haviam planejado a gestação e apenas um referiu o planejamento do casal para isso. Já dos onze adultos, sete haviam planejado a gestação, e apenas dois não tinham esse planejamento.

como de mudança em relação à reação inicial à gravidez, como pode ser visto nos depoimentos a seguir:

“... até hoje estou encarando como normal, como aconteceu, normal, estou indo atrás só. (...) agora assim já estou totalmente acostumado com a idéia. (...) Estou adorando! E eu gosto... Ah, eu não estou assim, tenso, tem uns que se escabelam, ficam “Bah, e agora?”, não sei o que. Não estou desesperado, estou tranqüilo, sabe. Vou, vou, vou tocar eles para frente comigo junto” (J10)

“... e dentro do possível e do impossível eu estou tentando curtir a todo o momento, referente a exames, o bem estar dela, o bem estar do nenê, o nosso bem estar dentro de casa, enfim, tudo aquilo que eu posso fazer, que está ao meu alcance, eu estou tentando curtir da melhor maneira possível” (A22)

Quanto aos sentimentos negativos sobre a gravidez, apenas um futuro pai jovem (J7) mencionou dificuldade, alegando que o período estava sendo tumultuado para ele, porém não especificando em que aspectos isso estava ocorrendo.

Sentimentos ambivalentes sobre o período da gestação (J2, J12) também apareceram. Os futuros pais, apesar de mencionarem que a experiência estava sendo boa, enfatizaram também alguns aspectos que consideravam negativos, como ter que assumir maiores responsabilidades e sentir que a gravidez estava sendo um período incômodo para a companheira. Como exemplos, temos as seguintes falas:

“É bom, mas é ruim também. A parte ruim, tem muita coisa que é ruim, não é ruim, ruim eu acho que é para ela, por causa que ela tem dor, essas coisas, só que quando é ruim para ela, para mim também é ruim, porque se ela tem dor eu também sinto, ontem mesmo ela estava com dor, estava quase chorando, aí é ruim, só o que eu acho ruim é isso aí. Só isso aí, o resto está bom.” (J12)

“Porque para mim também, para mim parece que está sendo difícil... (...) É, ainda mais com filho. Super bom, mas é muito compromisso. É compromisso com o nenê. (...) eu não posso fazer o que eu quero” (J2)

Considerando-se conjuntamente as falas dos futuros pais, constata-se algumas semelhanças entre os grupos. Os sentimentos positivos sobre a gravidez foram relatados tanto pelos adolescentes como pelos adultos. Assim, apesar da reação inicial frequentemente negativa ou ambivalente dos adolescentes, eles parecem ter seus sentimentos modificados no decorrer da gestação, passando a considerar a gravidez como uma experiência positiva, de grande aprendizagem. Esses achados apoiam a literatura (Redmond, 1985; Trindade & Bruns, 1999) que enfatiza que o bebê parece ser “mais não planejado do que indesejado” pelos adolescentes. Após o choque inicial, eles conseguem integrar suas novas responsabilidades e sentimentos, podendo se beneficiar

da experiência (Belsky & Miller, 1986), ainda mais quando auxiliados pela família de origem e/ou pela família de sua namorada. De fato, vários adolescentes citaram o papel fundamental de sua família nesse momento inicial (J1, J4, J5, J6, J9), o que também é apontado pela literatura (Christmon, 1990; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Dallas & Chen, 1999; Ortiz & Nutall, 1987; Redmond, 1985; Trindade & Bruns, 1999; Young, 1988). Quanto aos adultos que se referiram positivamente a este tema, isto poderia estar relacionado com seu maior planejamento da gravidez, que lhes permitiria desfrutar de todas as novidades e peculiaridades deste período desde o início.

Estes achados corroboram a literatura, que indica que o período da gravidez, com todos os reajustes e remanejamentos psíquicos e somáticos que nele ocorrem, permite ao casal preencher o espaço existente entre o desejo de filho e o projeto de filho que conscientemente assumiram e os impulsos ambivalentes que não deixam de existir para pais e mães (Debray, 1988).

De fato, constata-se que no presente estudo apenas futuros pais adolescentes perceberam o período da gravidez como sendo negativo ou referiram-se a ele de forma ambivalente, o que também é apontado pela literatura, em função do contexto conflitivo em que se insere a gravidez na adolescência (Harris, 1998; Trindade & Bruns, 1999).

1.2 Reação da própria família e da família da companheira à notícia da gravidez

Nesta subcategoria estão incluídas todas as falas dos futuros pais que se referiam à reação da própria família à notícia da gravidez, bem como à reação da família da companheira a esta situação.

No que tange à reação da própria família, encontrou-se tanto reações positivas quanto ambivalentes e negativas. Dentre as reações positivas (J1, J5, J7, J8, J12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22), os futuros pais mencionaram felicidade, alegria, contentamento, comemoração, como pode ser visto a seguir:

“Meus pais aceitaram numa boa, não teve problema. A minha mãe ficou tri feliz, por mais que fosse assim sem planejamento nem nada, ficou tri feliz, está bem coruja. Meu pai também, apesar deles serem separados (...). Minhas tias também.” (J1)

“Da minha família ficaram todos contentes, pelo fato da gente estar casado a oito anos e ainda não ter filhos, a minha mãe e os meus irmãos, todos ficaram contentes... É, se alegraram com a gente também.” (A14)

Já dentre as reações negativas (J2, J4, J9, J10, J11, A18), foram citadas a preocupação, a descrença e a surpresa em relação à notícia da gravidez, exemplificadas abaixo:

“...quando o meu irmão ficou sabendo, eu falei para ele, daí ele se apavorou um pouco, que sabia o jeito que eu era, sem responsabilidade nenhuma, não gostava muito de trabalhar, não tinha nada... Falei para a minha mãe também. A minha mãe disse que, sabe como é que é avó... (...) Falou que queria ver como ia ser, o que ia ser de mim, tudo. O meu irmão sim que ficou meio brabo...” (J2)

“... foi difícil falar para a minha mãe, ela não acreditou, aí eu falei ‘Oh, mãe, tenho um negócio para te contar’, aí ela ‘Fala o que é!’, ‘A guria está grávida!’, e ela ‘Ah, tá!’, ela pensou que eu estava brincando. Passou um tempo e eu falei de novo para ela, aí ela acreditou, eu levei o exame (...) Ela bem assim ‘Então tá, vai ter que assumir’. Eu falei ‘Não, claro que eu vou assumir’. Depois ela aceitou.” (J9)

Apenas alguns futuros pais referiram uma reação ambivalente da família à notícia da gravidez (J3, J6, A23):

“A minha mãe é a primeira neta dela, ela ficou feliz, só preocupada. É que ela já estava desconfiada, porque a gente sempre falou para a minha mãe, com a minha mãe eu sempre tive o jogo aberto. Aí ela falava ‘Não, vocês são loucos, capaz, vocês são muito novos!’, não sei o que mais... Aí quando ela ficou sabendo a reação dela foi boa.” (J3)

A análise das falas dos participantes mostra que, apesar das semelhanças encontradas nas reações das famílias dos jovens e adultos, evidenciou-se claramente uma tendência de reações negativas ou ambivalentes entre o grupo adolescente. Já no grupo adulto, a reação da família apareceu como mais positiva. Lamb e cols. (1986) também encontraram entre a família de pais adolescentes reações iniciais negativas à gravidez. Estes achados relacionam-se diretamente aos da categoria acima, uma vez que os adolescentes também tenderam a reagir de forma mais negativa à notícia da gravidez. Contudo, tanto os futuros pais como suas famílias parecem rapidamente se adaptarem à nova situação, conseguindo comemorar o fato e se apegar ao bebê, conforme pode ser inferido pelo depoimento dos adolescentes.

A reação negativa, especialmente presente no grupo adolescente, parece refletir um susto inicial dos pais em relação à sexualidade dos filhos, parecendo imaginar a gravidez como algo distante, não reconhecendo a possibilidade do filho estar mantendo relações sexuais, e portanto correndo este risco. Esta é justamente a grande contradição da sexualidade, apontada por Bruns e Santos (1998): ela pode ser exercida, desde que ocultada. Assim, quando o exercício da sexualidade se desvela na forma de uma

gravidez, a sensação para os envolvidos é de que o mundo desabou (Bruns & Santos, 1998). Isso também foi encontrado no estudo de Trindade e Bruns (1999).

No entanto esta reação negativa da família também poderia estar baseada em preocupações de ordem psicossocial, uma vez que uma criança exige certos cuidados mínimos que podem interferir na situação econômica da família, aumentando consideravelmente suas despesas, bem como na sua estabilidade emocional da mesma, por exigir uma nova distribuição de papéis e responsabilidades, ficando muitas vezes os avós sobrecarregados.

Já quanto à reação da família da companheira à notícia da gravidez, os futuros pais referiram reações negativas e positivas. Dentre as reações positivas (J9, J10, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23), os futuros pais mencionaram felicidade, alegria, contentamento, comemoração, o que se evidencia nos trechos seguintes:

“... eu pensei que aqui fosse ser diferente. Eu pensei ‘Bah, agora vou chegar na D. e vou contar, a mãe dela vai me esgoelar’. Mas não. Foi [uma reação boa] desde o início, ninguém nos botou na parede, nem me botaram na parede. (...) Foi até uma reação da família dela que eu não esperava. Eu esperava ‘Bah, agora vão me botar sentado no sofá e vão...’ (J10)

“A mãe dela não sabia se chorava ou se ria, o que fazia, ficou toda boba... a gente ia uma vez por mês lá na casa da mãe dela, (...) no final de semana que a gente ia, quando a gente tomou contato com a mãe dela foi aquilo, onde ela sentava era a mãe dela, os irmãos dela, as irmãs dela, onde ela ia sempre tinha um em volta dela, acompanhando ela e fazendo pergunta, brincando com ela.” (A13)

Já dentre as reações negativas (J1, J3, J4, J5, J6, J7, J8, J11, J12, A18), foram citadas a preocupação, o choque, a descrença e a surpresa em relação à notícia da gravidez:

“A mãe dela não foi assim explosiva, mas o pai dela já ficou meio... (...) uns cinco dias ele ficou meio assim ainda, por causa que ela é filha única, (...) mas depois ele aceitou, agora está assim normal, nos primeiros dias só que foi ruim.” (J12)

Examinando-se conjuntamente as falas do grupo de jovens e de adultos, percebe-se claramente uma tendência de reações negativas da família da companheira entre o grupo adolescente, diferentemente da tendência do grupo adulto, onde a reação foi mais positiva. Como um dado adicional, em geral a reação negativa foi manifestada pelo pai

da companheira. O fato de os pais das gestantes em geral terem demonstrado reações negativas à notícia da gravidez, apoia os achados de Nunes (1998), de que o pai da jovem sente-se como que traído pelo namorado, que lhe “rouba” a filha e ainda lhe faz um filho.

Nesse sentido, parece que tanto os pais e mães das gestantes quanto os dos futuros pais não parecem estar preparados para admitir a sexualidade de seus filhos adolescentes, surpreendendo-se com o fato da gravidez (Bruns & Santos, 1998; Trindade & Bruns, 1999), mesmo com a grande sexualização das relações, estimulada pelos meios de comunicação em nosso país. Já na idade adulta, com o casamento, a vivência da sexualidade é socialmente permitida (Louro, 1999), e os netos, ou seja, a maternidade/paternidade dos filhos, são esperadas e desejadas pelos futuros avós, como realmente foi declarado pelos participantes adultos do estudo.

Além disso, parece que as preocupações de ordem psicossocial, referidas quanto à reação negativa da família do adolescente, também estariam presentes na família da gestante. Contudo, como nas famílias dos próprios futuros pais, as famílias das companheiras rapidamente se habitua à nova situação e também conseguem comemorar o fato, apegando-se ao bebê, conforme o depoimento dos adolescentes.

De forma geral, estes achados assemelham-se aos de Amazarray e cols. (1998) e Nunes (1998), que não encontraram um padrão de reação da família das adolescentes. Esta variou desde o apoio até a desaprovação.

1.3 Reação dos amigos à notícia da gravidez

Esta subcategoria examinou a reação dos amigos do futuro pai e/ou do casal à notícia da gravidez. Dentre as reações positivas (J2, J7, J8, J9, J10, A13, A14, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23), inclui-se a alegria, o incentivo, o interesse pelo bebê e pelo casal, como se pode constatar nas seguintes falas dos futuros pais:

“Ah, os amigos [ficaram] todos bobos. “E aí papai, papai 2000”, não sei o que. Tem uns três, quatro casais, todos amigos nossos, que também estão no mesmo tempo de gestação, tipo 1 mês, 2 meses de diferença no máximo. Aí todos “Bah, meu filho vai ser namorado da tua”, não sei o que. Tudo assim, sabe. Os amigos acharam super legal.” (J8)

“Ah, todos com uma euforia, agora todos querem ser padrinhos... (...) não sei como eu vou fazer... (...) Mas estão todos contentes, todo incentivando assim...” (A14)

“Tem um que desde os três anos já éramos amigos. Eles vêm aqui, estão até tentando, mas a mulher tem problema. E eles estão bem loucos, eles vêm aqui, passam a mão na barriga e falam de nenê. Às vezes eu falo para parar um pouquinho. Eles falam que se precisar pode deixar com eles, que eles cuidam.” (A20)

Já as reações negativas (J1, J4, J6, J12) incluem afastamento, crítica e desaprovação em relação à notícia.

“Ah, eles ficaram meio assim, mas estão com a gente. Só em cima da gente agora, só perguntando. (J4)

Alguns pais também mencionaram reações tanto positivas quanto negativas de seus amigos (J5, J11):

“Claro, teve amigo meu que falou “Bah, que fria, meu, tá louco, meu, estou brincando”. Mas só na besteira, normal. Foi positiva [a reação deles]. Teve mais [reação] positiva do que negativa. Sempre tem um que diz “Ah, porque tu estás louco, porque não sei o que”. (J5)

“... uns ficaram quietos, outros querendo me matar (risos). Inclusive um (...) ele falou, a gente sempre combinou assim desde guri: (...) “nunca vamos fazer filho, nunca, ninguém nunca vai ter filho, nós vamos morar juntos então” (...). E era assim, a nossa vida ia ser assim. Daí ... (...) o pai dele estava trabalhando em outra cidade, ele se mudou. Eu fiquei sozinho, daí eu comecei, eu nunca tinha tido namorada, só ia ficando, ficando, ficando. (...) porque eu estava muito sozinho, daí eu peguei e comecei a namorar com uma guria, daí larguei daquela guria e comecei a namorar com a L., (...) daí aconteceu, daí ele “Ah, mas agora vou te matar, tu vais ver!”, mas agora ele está aceitando bem legal. A gente até falou “Oh, eu nunca vou ter filha, mas a tua filha pode pedir tudo para mim, tudo que ela quiser, mas eu nunca vou ter filho.” ... o resto assim, uns ficaram meio apavorados, outros ficaram alegres “Oh, parabéns!”, não sei o que. (...) a galera é toda unida, assim, se um está na m., o outro vai lá e puxa. É que é (...) aquela amizade antiga de todo mundo.” (J11)

Como pode ser visto acima, independentemente da reação inicial à notícia da gravidez, os futuros pais relataram que seus amigos continuaram presentes durante a gravidez, apoiando-os e torcendo para que tudo corresse bem (J1, J2, J4, J8, J10, J11, A14, A20, A21, A22, A23). Poucos adolescentes (J2, J12) referiram reações negativas mais intensas dos amigos, envolvendo, por exemplo, o afastamento deles após comunicarem a gravidez aos mesmos:

“Ah, antes dela ficar grávida nós tínhamos um monte de amigos, mas um bando mesmo, aí quando ela ficou grávida, sumiu um para lá, um para cá, agora estão vindo só dois aqui nos ver. O resto todo se foi. Todos se foram.” (J12)

Examinando-se conjuntamente as respostas dos futuros pais, percebe-se que em ambos os grupos os amigos reagiram, de modo geral, positivamente, apoiando os

futuros pais e suas companheiras. No entanto, quando se compara os dois grupos, entre os adolescentes foram encontradas tanto manifestações positivas quanto negativas dos amigos à notícia da gravidez. Já nenhum pai adulto mencionou reações negativas dos amigos à notícia da gravidez. Assim, tem-se a impressão de que os amigos dos futuros pais adultos conseguem reagir melhor à gravidez e acompanhá-la de forma mais próxima. Esse resultado assemelha-se muito à reação inicial de cada pai. Para os amigos dos adolescentes parece ser mais difícil aceitar a realidade da gravidez, ter que lidar com a “perda” do amigo, e se deparar com a possibilidade dele mesmo também vir a ser pai. Ao mesmo tempo, o futuro pai adolescente também acaba se afastando do grupo de iguais em vista das novas demandas relacionadas ao bebê e à gestante. Já entre os casais adultos ter um filho é bastante aceito e incentivado, até porque muitos amigos já têm filhos também, e a nova condição de pai passa a ser mais um fator fortalecedor da amizade, contribuindo até mesmo para aumentar a convivência entre eles, uma vez que muitos amigos são escolhidos para apadrinhar o bebê.

Três adolescentes também mencionaram o fato de seus amigos terem filhos, enfatizando isso como normal dentro do meio em que vivem. Nesse caso, a aceitação dos amigos foi muito maior, talvez por eles mesmos já serem pais, e aí “ganharem” um novo companheiro, situação semelhante à encontrada entre os adultos.

1.4 Participação no pré-natal da companheira

Nesta subcategoria buscou-se analisar as respostas dos futuros pais que se referiam a sua participação no pré-natal da companheira/namorada, bem como sua reação às primeiras imagens do bebê na ecografia e seu desejo de assistir ao parto.

Diversas formas de participação no pré-natal da companheira foram relatadas pelos futuros pais adolescentes e adultos, que foram agrupadas da seguinte forma: acompanhamento contínuo da gestante, acompanhamento eventual e nenhum acompanhamento.

Alguns futuros pais (J3, J6, J7, J8, J11, A14, A20) referiram sempre acompanhar sua companheira ou acompanhá-la na grande maioria das vezes às consultas e exames médicos, como está exemplificado a seguir:

“Todas, todas as vezes [acompanhou a namorada ao médico e exames]. Até agora não deu nenhum conflito com os meus horários no colégio, daí eu fui com ela. Mas quando não der, se naquela matéria eu estiver meio ruim de falta, tiver que fazer alguma coisa, aí ela vai sozinha, porque não vai dar. Ela já sabe, mas sempre dá” (J11)

“Teve uma vez que eu não fui, eu só fui levar ela e não pude ficar, daí as outras vezes eu fui” (A14).

O acompanhamento eventual foi o mais citado pela grande maioria dos pais (J2, J3, J4, J5, J9, J10, J12, A13, A15, A17, A19, A21, A23). Eles referiam acompanhar a gestante apenas ocasionalmente, em virtude de seu trabalho e/ou estudo, apesar de expressarem uma vontade de poder participar mais:

“Eu vou quando eu posso, porque não é sempre que eu posso. Às vezes eu vou (...).. às vezes eu vou marcar consulta com ela. Essas coisas assim eu faço, mas ir assim no médico eu não, não tenho ido. Fui na palestra [grupo de aleitamento] aquele dia porque eu estava... Aí ela me convidou, ela disse “Ah, vai ter um cursinho lá”, eu disse “Bah, cursinho? Tá, vou ir”, aí fui com ela, gostei até... (...) A enfermeira falou um tonel de coisas que eu não sabia. Ela vai seguido [ao médico], mas eu não fui muitas vezes [com ela]. Fui umas duas vezes.” (J10)

“Não, só vou quando é fim de semana, porque eu trabalho em Canoas, daí de Canoas não tem como ir. Às vezes quando eu trabalhava em Sapucaia eu ia com ela, mas agora não, só a última [consulta] que eu fui, que era sábado, daí eu não estava trabalhando. Quando dá eu vou.” (A19)

Alguns pais (J1, A16, A18, A22) referiram não acompanhar nunca o pré-natal da companheira, também em função de seu trabalho e/ou estudo:

“Me parece que está tudo bem [com a saúde dela], pelos exames que ela faz, tudo bem. Não vou [ao médico], porque ela vai geralmente de tarde e eu estou no serviço, daí é difícil. Quem acompanha é a mãe dela, o pai dela. (...) nem em uma ecografia. Duas [ecografias] parece que ela já fez. (...) vai ter mais outra, eu acho, não sei. Daí eu vou, pretendo ir.” (J1)

“... a ida dela à médica, a consulta dela eu não consigo [acompanhar] porque não concilia com o meu horário. O horário que ela vai mais cedo ou eu estou em serviço externo, ou em serviço interno e não consigo conciliar. Mas ela chega em casa e me relata tudo o que aconteceu, então a gente está acompanhando.” (A22)

Chama a atenção que entre as falas examinadas, apenas três futuros pais referiram a participação em algum curso de gestantes ou em palestras (J10, A20, A23), sentindo-se beneficiados com as informações recebidas.

“Fui na palestra aquele dia... Ela me convidou, disse ‘Ah, vai Ter um cursinho lá’, eu disse ‘Bah, cursinho? Tá, vou ir!’. Aí fui com ela, gostei até... A enfermeira falou um tonel de coisas que eu não sabia.” (J10)

Os depoimentos dos futuros pais adolescentes e adultos indicam que de modo geral, o acompanhamento ao pré-natal da companheira é eventual. Os motivos referidos para a esta ausência foram os mesmos para todos os futuros pais: trabalho e/ou estudo. Também mencionaram que a gestante era acompanhada pelos pais dela e/ou pelos seus próprios pais, em geral a mãe, quando eles não podiam estar presentes.

No entanto, comparando-se os dois grupos, pode-se perceber que em geral os adolescentes conseguem acompanhar mais a gravidez de suas companheiras do que os adultos, pois relataram mais vezes terem um acompanhamento contínuo. Apenas um pai adolescente referiu não acompanhar a namorada, sendo que ele não mora com ela. Isso pode ser explicado por ainda não estarem trabalhando, o que lhes permitiria conciliar o horário das consultas e exames com os deveres da escola. Resultado semelhante foi encontrado por Westney e cols. (1986) e Dallas e Chen (1999). Já os adultos, talvez ocupando cargos de maior responsabilidade, não têm a possibilidade de se ausentar do trabalho seguidamente. Assim, demonstraram uma certa frustração por não acompanharem a companheira. A grande maioria deles acompanhando só eventualmente ou não acompanhando o pré-natal.

Cabe salientar que todos os participantes também se referiram ao estado de saúde da gestante durante a entrevista. Vários citaram problemas de saúde normais durante a gravidez, como inchaço, dores nas costas, irritabilidade, etc. (J5, J6, A15, A17, A19, A20, A21, A22, A23). No entanto, quando comparados os depoimentos dos futuros pais sobre este tópico, somente dois participantes adolescentes citaram tais problemas, enquanto que no grupo adulto, muitos pais o fizeram. Esta informação leva a crer que os adultos poderiam estar mais atentos à companheira, até por terem um relacionamento mais íntimo com ela do que os adolescentes. Por outro lado, em virtude da idade, as adolescentes poderiam suportar fisicamente a gravidez de forma mais tranqüila, não apresentando tantos sintomas físicos.

Chama atenção o fato de dois futuros pais adultos mostrarem-se surpresos com a sensibilidade aumentada da gestante (A16, A17).

“Eu acho que ela ficou mais sensível.(...) Tem coisas que acontecem que ela fica mais preocupada, fica mais frágil” (A16)

“... tu falavas qualquer coisa para ela, ela chorava, achava que a gente não estava dando muita importância para ela, mais para o nenê, aquela coisa toda...” (A17)

Em relação à presença na ecografia, as falas dos futuros pais também revelaram muitas variações. Quase todos referiram ter estado presente em pelo menos uma das ecografias realizadas pela companheira (J2, J3, J5, J6, J7, J8, J9, J10, J11, J12, A13, A14, A15, A16, A18, A19, A20, A21, A22, A23), seja por ter sido realizada em um horário que não colidia com seus compromissos, seja por terem conseguido dispensa para acompanhar a gestante, como ilustrado pelos trechos seguintes:

“Eu fui na primeira [ecografia] que ela fez, nesse última não deu porque eu tive que trabalhar, não deu para faltar. Eu vi uma, a primeira que não apareceu o sexo. Daí na última que apareceu eu não vi, eu não estava junto. Aí o pai dela foi com ela.” (J3)

“Só nas ecografias que eu tenho ido. [Ela já fez] umas quatro ou cinco. Uma ela fez para gravar, foi a penúltima, depois fez do coraçãozinho e mais umas duas que ela fez. (...) Eu só não acompanhei a do coração, porque não tinha no horário que eu podia ir. Aí ela fez...” (A16)

Apenas um futuro pai jovem e um pai adulto não assistiram a nenhuma ecografia da gestante (J1, A17), apesar de mostrarem um desejo de poder participar. Chama atenção o depoimento de dois futuros pais jovens que tiveram sua entrada barrada na sala de exames em uma das ecografias da gestante (J2, J11), atestando uma atitude inadequada do sistema de saúde para com os jovens pais:

“Eu não cheguei a ver [o bebê]. Eu fui com ela mas não me deixaram entrar... Não deixaram... Fiquei na porta esperando... Na sala do exame [ela] foi sozinha, eu fiquei com ela até a hora dela entrar... Depois me contou... Eu não consegui... não consegui definir [a foto da ecografia]. (...) A última agora eu não fui, que essa que eu podia entrar no particular eu não pude ir... Perdi... (...) Mas eu escutei o coraçãozinho lá, com a enfermeira, e tudo, super legal.” (J2)

Analisando-se conjuntamente as falas, percebe-se que a grande maioria dos futuros pais presenciou ao menos uma ecografia. Este achado é semelhante ao encontrado na literatura, que aponta que a ecografia é o primeiro encontro da família com o bebê, tornando-se um momento de celebração da vida familiar, em que muitos membros desejam participar, uma vez que ela torna a gravidez mais real para aqueles que não estão vivenciando a experiência física (Clement, Wilson & Sikorski, 1998; Parke, 1996; Sullivan-Lyons, 1998; Szejer & Stewart, 1997).

Quanto à reação às primeiras imagens do bebê na ecografia, constatou-se a ocorrência tanto de reações positivas como negativas. Alguns pais (J4, J6, J7, J8, J10, J11, J12, A23) referiram sentir-se surpresos, alegres, emocionados, gratificados, curiosos, considerando a visão do bebê uma experiência indescritível, um milagre. O fato de poder ver o bebê também reforçou sua identidade de pai, aumentando sua proximidade do mesmo, como pode ser visto a seguir:

“... foi uma coisa forte a gente ver ela mexendo...” (J7)

“Eu fiquei emocionado só, quase chorei na hora, aí eu “Bah, não, não vou chorar”. Aí o doutor me mostrava assim “Aqui é a cabeça, o coração”, aí mostrou o coração, explicou o braço, como está sentado, aí ele mostrava, mediam ele, fiquei assim só pensando e ela assim com o pescoço, pedindo para o doutor virar, o doutor virou assim e mostrou para ela direitinho como é que estava o nenê, mostrou o coraçõzinho para ela. Bah, eu fiquei assim tri emocionado quando eu vi a primeira vez.” (J9)

“Ah, é uma emoção que a gente, é só a pessoa mesmo passando por aquilo ali para saber, a grandeza que Deus pode fazer...” (A14)

Dentre os que viram o bebê na ecografia, muitos descreveram o que o bebê fez e/ou mencionaram partes de seu corpo mostradas pelo médico (J7, J8, J9, J10, J12, A13, A19, A20, A22), alegando que o bebê parecia estar se exibindo para eles:

“Ah, a primeira vez, não, eu só fiquei curioso, meio olhando, porque ela ia... ela estava com oito semanas, aí não dava para ver direito. Daí agora na última ela estava já com 5 meses e meio, 21, 22 semanas. Aí deu para ver direitinho ele chupando o dedo, com o dedo na boca. A gente fica todo bobo olhando”. (J8)

“Bah, é bem legal, tu não faz idéia! (...) Bah, tu te emociona, é muito legal, parece assim, é um grãozinho assim, mas parece que tem uma batatinha brotando, e com dois bracinhos, perninha, é bem legal, daí tem lá, aqui assim, o tronco para baixo, tem a cabecinha, fica bem certinho, bah, fica muito legal de olhar!” (A19)

Já dentre as reações negativas relatadas por alguns pais (J2, J8, J11, A15) estão a dificuldade de entender as imagens, ou a impossibilidade de ver claramente o bebê, o que trouxe uma sensação de tristeza e frustração:

“... é que a gente é leigo no assunto... Tu vais lá, tu vê na televisão as imagens... mas tu não sabes onde é que está. Ele mostra lá, “Aqui é a perninha, aqui é a cabecinha, aqui é a coluna, aqui é não sei o que”, é bem difícil...” (A15)

O pai que não viu o bebê mencionou outra forma de conhecimento, no caso, escutar seus batimentos cardíacos (J2, J10), o que considerou uma experiência positiva.

“Mas eu escutei o coraçãozinho lá, com a enfermeira, e tudo, super legal.” (J2)

De forma geral tanto os futuros pais adolescentes como os adultos reagiram positivamente à imagem do bebê na ecografia. Este achado apoia a literatura, que aponta a ecografia como um momento de grande alegria e surpresa para a gestante e sua família, pois revela subitamente a realidade do bebê que vai nascer, tornando mais tangível algo que antes era apenas fantasioso. De fato, a ecografia traz a realidade e a concretude do bebê, favorecendo o vínculo dos pais com ele, uma vez que amplia suas fantasias sobre o mesmo e fornece a realidade emocional da gravidez (Clement, Wilson & Sikorski, 1998; Debray, 1988; Parke, 1996; Soulé, 1987). Ao mesmo tempo, as reações negativas poderiam decorrer justamente do confronto entre a realidade e o bebê imaginário de cada pai, que também ocorre no momento da ecografia, conforme mencionam alguns autores (Caron, Fonseca & Kompinsky, 2000; Szejer & Stewart, 1997). Como enfatiza Caron e colegas (2000), ela confronta subitamente os futuros pais e mães com um “estranho-familiar”, o que gera sentimentos de ambivalência, uma vez que testa a capacidade destes pais de aceitarem a realidade e suas frustrações, por exemplo quando o sexo do bebê não corresponde ao sexo desejado por eles. Além disso, segundo Clement, Wilson e Sikorski (1998) e Soulé (1987), estas reações negativas poderiam ser decorrentes da inquietude que a ecografia desperta, o que parece contraditório com a segurança que traz aos pais. Isto porque ela mostra o bebê de forma imperfeita, com imagens sombrias ou sombras, e não pode bem cedo fornecer informações seguras sobre a integridade do feto.

No entanto, comparando-se os dois grupos, constata-se que os adolescentes referiram mais reações positivas e negativas do que os adultos. Isso poderia ser decorrente de sua presença mais constante à ecografia e até, eventualmente, de seu desconhecimento do exame, que lhes traria assim maior surpresa, encantamento ou mesmo medo.

Em relação ao desejo dos futuros pais em acompanhar a gestante na hora do parto, alguns pais referiram querer estar presente neste momento (J7, J8, J9, J12, A15, A19), apesar de não terem ainda definido esta questão. Isto se deve também em virtude de circunstâncias externas, como a permissão da equipe e o desejo da gestante de ser acompanhada, conforme pode ser visto a seguir:

*“... eu pergunto para ela ‘Tu vais querer que eu fique junto contigo, esteja lá te dando uma força (na hora do parto)?’, (...) eu falei para ela ‘Se tu te sentires inibida comigo ao teu lado, eu posso te esperar fora da sala, mas se tu quiseres te sentir um pouco mais segura, se tu achares que eu estando contigo lá é melhor, eu posso ficar.’ (...) (J7)
“Estou pensando sim [em assistir ao parto], eu pensei e vou participar, assistir. É permitido. A minha idéia é (...) ficar lá, se eu, se der, se eu agüentar...” (A15)*

Considerando-se globalmente as falas dos futuros pais, percebe-se que tanto adolescentes como adultos desejam assistir ao parto. Contudo, quando comparados os dois grupos, percebe-se que os adolescentes mencionaram mais freqüentemente o desejo de assistir ao parto do que os adultos. Estes achados poderiam estar relacionados aos comentados acima, em que se encontrou uma maior participação dos adolescentes no pré-natal da companheira, em função de ter maior tempo livre. De modo geral, percebe-se que estes participantes estão bastante influenciados pela tendência atual da presença do homem no momento do parto, o que poderia indicar que este momento também se tornou um assunto do casal (Sherwen, 1986; Szejer & Stewart, 1997).

1.5 Contato com o bebê

Nesta subcategoria descreve-se o contato do pai com o bebê durante a gravidez, e mais especificamente sua reação aos primeiros movimentos intra-uterinos.

A análise global dos depoimentos mostrou que neste período da gestação todos os pais já perceberam os movimentos intra-uterinos de seu bebê (J1, J2, J3, J4, J5, J7, J11, J12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22). A grande maioria também percebe que o bebê reage às suas ações, como falar, tocar (J2, J3, J4, J5, J9, J10, J11, J12, A14, A15, A17, A18, A19, A20, A22), e em função disso alguns assumem que o bebê já os reconhece como pais (J3, J10, J11, A13, A18, A22), mostrando-se orgulhosos por isso, como se percebe a seguir:

“Quando eu falo ela se mexe... eu estou deitado com a C., ela fica me chutando assim, às vezes a C. está dormindo, eu fico mexendo na barriga, ela fica se mexendo assim, até acorda ela. Mexe bastante... quando eu boto a mão ela mexe um monte. Me conhece já” (J3)

“... eu curto ele, boto a mão na barriga dela, converso com ele, e vendo o jogo converso com ele, ele fica chutando aqui, chutando ali, então externamente a gente está tendo um contato bem afinado mesmo, estou sentindo que ele reconhece a minha voz, a A. me fala que quando eu saio de manhã e bato a porta, ele sente, ele para de se mexer, aí ele retoma o sono dele de novo, mas enquanto eu estou me vestindo, estou mexendo alguma coisa de manhã cedo antes de sair de casa ela não consegue mais dormir, porque ele fica chutando, empurrando, de noite, ou quando ele está se manifestando, ela encosta a barriga no colchão assim para o pezinho dele bater no colchão. Eu estou curtindo bastante, estou bem próximo dele” (A22)

Muitos pais enfatizaram que conversavam com o bebê (J5, J8, J9, A13, A14, A19, A20, A22), em geral à noite, quando estavam deitados com suas companheiras:

“Ah, eu converso com ele, converso, fico conversando e conversando com ela [a companheira], daqui a pouco ele começa a se mexer, eu começo a falar com ele...” (J9)

“Ah, [quando ela se mexe] eu me sinto um deus, sabe aquela sensação assim ‘Eu que fiz essa...’, um pedacinho meu que está ali. E eu converso, ela se mexe. Às vezes eu ponho a mão e ela fica... eu sinto a mãozinha dela, é um troço sensacional! Quase toda a noite a gente deita na cama e eu converso com ela, passo a mão na barriga, deito e beijo e falo, praticamente toda a noite. Ela reage, chuta, se mexe. Às vezes quando, tem dia que eu não sei se ela está meio irritada, o que ela está, que eu faço, faço e ela não se mexe, aí eu tiro a mão e ela vai lá e faz. E tem dia que eu faço, converso com ela e ela chuta, se mexe, e eu sinto direitinho, com a mão assim, em mim” (A20)

Porém, alguns pais relataram uma certa dificuldade de conversar, por pensarem que o bebê não os entenderia ou pelo seu jeito tímido de ser (J2, A15, A16, A17, A18):

“... na barriga eu não me sinto bem conversando porque eu acho que... (...) ... acho que escuta, mas não está entendendo, então fico meio assim para falar, mas falo porque ela está pedindo, sabe.... (...) Não gosto de falar, eu gosto de chegar e tocar a barriga dela” (J2)

“... não sou muito [de conversar], ela conversa mais, ela que fala, eu passo a mão na barriga dela e ela fica falando que é o papai que está passando a mão” (A17)

Já em relação a tocar ou acariciar a barriga da companheira, os pais não demonstraram dificuldades, ao contrário, comentam ser essa experiência bastante gratificante, algo que fazem instintivamente (J2, J4, J9, J10, J11, A13, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22):

“... (...) é uma coisa assim que é um instinto, quando tu vêes, tu já estás com a mão em cima, já vai passando, tu começa a procurar onde tu vais colocar a mão, às vezes ele, quando ele está mexendo

muito, tu colocas a mão, ele para, fica bem quietinho, e de repente já começa de novo. Mas é um instinto, não adianta.” (A19)

Analisando-se os depoimentos dos futuros pais, constata-se que todos eles já haviam percebido os movimentos intra-uterinos de seu bebê, sentindo que ele reagia à sua presença e por isso ficando felizes. Ao mesmo tempo, muitos participantes, em ambos os grupos, mencionaram certa dificuldade para perceber os movimentos do feto. Esta dificuldade dos futuros pais poderia ser decorrente de seu medo de reconhecer a realidade e a autonomia do filho (Soulé, 1987), pois este é mais um fator que colabora para restringir as fantasias do casal sobre o bebê imaginado. Ou ainda, poderia ser decorrente da vivência indireta da gravidez do homem, uma vez que não sente dentro de si os movimentos, e sim de forma mediada pela companheira (Szejer & Stewart, 1997).

Ao mesmo tempo, os achados do presente estudo concordam com a literatura, que diz que a partir do momento que os pais percebem os movimentos do bebê, um novo contato parece ser estabelecido com o feto, que se torna mais real, e passa a ser visto muito mais como um ser autônomo e completo, inclusive com personalidade (Brazelton & Cramer, 1992; Szejer & Stewart, 1997). Isto pode ser constatado também nos depoimentos de alguns pais que pensam que o bebê será agitado porque movimentasse bastante (J6, J7, J9, A21).

“Ela vai ser bastante agitada, ela se mexe bastante.” (J7)

“Talvez seja um pouco parecido comigo, que dizem que eu sou elétrico desde criança, e a médica já disse que é elétrico, que ela tenta escutar e ele mexe bastante, vai para um lado e para o outro...” (A21)

Quanto ao contato com o bebê, a forma mais utilizada pelos futuros pais adolescentes e adultos para estabelecer contato é tocar ou acariciar a barriga da companheira e conversar com ele. Porém, conversar com o bebê parece ser mais difícil para os participantes do que o toque. Essas dificuldades dos futuros pais poderiam refletir a vivência da gravidez do homem, que em geral se dá de forma indireta, simbólica, uma vez que não acontece dentro de si mesmo (Szejer & Stewart, 1998).

Chama atenção a grande participação dos pais no que diz respeito a ter contato com o bebê. Em geral eles procuram mostrar-se ao bebê, talvez a fim de aproximar-se e fazer-se reconhecer por ele. Nesse sentido, a dificuldade de alguns pais de conversarem com o feto e de perceberem seus movimentos parece justamente refletir essa exclusão

da díade (Soulé, 1987). Além disso, o grande desejo de manter contato pode ser uma forma de lidar com o luto inerente à condição masculina, de que não conseguirá gerar um filho dentro de seu ventre, como a mulher consegue (Soulé, 1987).

Já quando se compara os depoimentos dos futuros pais entre os grupos, constata-se que os adolescentes mencionaram acariciar a barriga menos que os adultos. Ao mesmo tempo, os adultos foram os que mais mencionaram dificuldade para se comunicar com o bebê através da fala, utilizando mais o toque como forma de contato. Esta dificuldade dos adolescentes para acariciar a barriga da gestante poderia estar relacionada ao mencionado na próxima subcategoria (1.6), em que deixaram transparecer uma menor aceitação das mudanças do corpo da companheira. Até mesmo pelo desconhecimento, eles poderiam ter medo de tocá-la.

Especificamente no que tange à reação dos futuros pais aos primeiros movimentos intra-uterinos do bebê, poucos participantes referiram alguma reação. Dentre os que mencionaram o tema, em geral a reação foi boa, de grande emoção (J3, J5, J6, J9, J10, A22). Um pai adolescente referiu sua reação como inexplicável (J4), como pode ser visto a seguir:

“... ela estava deitada na cama e eu estava fazendo suco para ela, (...) e ela botou a mão na barriga e [disse] ‘Bah, I, vem aqui ligeiro!’; aí eu ‘Bah, vem aqui por quê?’, ‘O nenê está mexendo!’; aí eu botei a mão na barriga assim e não mexeu na hora. Aí eu comecei a falar com ele, aí ele começou a chutar, a se mexer, aí eu falava com ele, falava com ele, ele se mexia, cada vez que eu falava com ele, ele se mexia. Bah, eu fiquei tri emocionado!” (J9)

“Ai, foi super legal,, eu nunca tinha visto assim, porque eu nunca tinha tocado na barriga de uma gestante para saber. Mas é super legal, eles começam a fazer ondinha assim...” (J6)

“... me deu um negócio por dentro, não tem como explicar, sabe...” (J4)

No entanto, houve também reações de estranheza e surpresa com o fato, além de descrença (J8, J11, J10, J12) e medo (J5). Dois pais também mencionaram dificuldade para perceber os movimentos iniciais do bebê (A21, A22):

“...eu estava deitado e eu já senti um movimentozinho, sabe, bem levezinho, só um movimentozinho assim... Eu ‘O que que é isso?’, ela ‘Ah, é a tua filha!’, (...) e eu ‘Ai, mentira!’, ela ‘Ah, é sim!’, mas era só assim um movimentozinho bem de levezinho. Mas depois ela começou a ficar mais fortezinha, começou a dar chute” (J11)

“A primeira vez foi tri, que ela estava deitada assim, ela ‘Ah, põe a mão aqui, põe a mão aqui!’. Eu coloquei assim, ele mexeu. Ah, foi tri. (...) No início deu até um medo” (J5)

“... ele mexe, a K. me fala, eu vou lá e toco, mas na verdade eu sinto pouco, eu não consigo sentir, mal o pezinho, que ele estava atravessado, agora ele já ajeitou, mas ele, sei lá, às vezes [sinto] uma mexidinha assim...” (A21)

“No início eu sentia a barriguinha dela crescendo, não sentia o movimento, porque externamente é difícil da gente avaliar, porque o homem não está sentindo isso internamente, ele está sentindo externamente, pelo que vê, então eu me baseava muito pelo que ela estava dizendo, e a gente vinha conversando com ele e tal. Aí quando eu comecei a sentir realmente o movimento dele na minha mão, eu senti que se eu colocava a mão na barriga dela, ele sentia o calor da minha mão, ele vai onde a minha mão está, foi uma sensação fora do comum.” (A22)

Dentre os poucos participantes adolescentes e adultos que referiram alguma reação aos primeiros movimentos intra-uterinos, em ambos os grupos percebe-se reações positivas, de felicidade por terem mais uma confirmação da existência do bebê e de seu estado de saúde, e indiretamente de seu novo papel de pai.

No entanto, comparando-se os grupos, entre os adolescentes ressalta-se a presença de reações de estranheza, surpresa, descrença e medo em relação ao fato, não encontradas entre os adultos, cuja reação foi predominantemente positiva. Estas reações referidas pelos adolescentes poderiam ser decorrentes de seu menor conhecimento sobre a gestação e o desenvolvimento intra-uterino do bebê, uma vez que a literatura documenta amplamente o desconhecimento por parte dos adolescentes quanto aos estágios de desenvolvimento e capacidades do bebê (Bolton & Belsky, 1986; Harris, 1998; Lamb & Elster, 1986; Montmayor, 1986; Parke, Power & Fisher, 1980; Reis & Herz, 1987; Rhein & cols., 1997).

1.6 Sentimentos em relação às mudanças no corpo da companheira

Esta subcategoria diz respeito aos sentimentos do futuro pai frente às mudanças corporais da companheira decorrentes da gravidez.

Analisando-se os depoimentos de todos os participantes, percebe-se uma aceitação destas mudanças entre os futuros pais (J1, J2, J3, J5, J6, J8, J9, J10, J11, J12, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22) e uma reação adequada frente a elas, inclusive com alguns deles ressaltando a beleza da mulher grávida (J3, J8, A16, A20, A21, A22), como mostrado pelos depoimentos abaixo:

“Ela engordou pouco. Que o doutor falou que ela não pode engordar muito, pode prejudicar o nenê, aí eu cuidava dela, não dava muito esses negócio de gordura para ela assim, dava mais fruta. Ah, [me sinto] normal [em relação às mudanças do corpo dela]. Não me importo, não me importo, gosto do jeito que ela é.” (J9)

“Eu acho ela uma gata do jeito que ela está, ela é que está frustradinha que saiu uma estriazinha aqui, uma estriazinha ali, mas eu para mim não mudou em nada, eu achei que ela ficou mais bonita grávida do que antes, e depois é uma consequência, aí depois ela vai fazer uma academia, ela vai voltar para o lugar, eu disse para ela que isso aí acontece, só acontece com quem vai ser mãe, com quem não vai ser mãe não acontece. Nenhuma diferença, para mim não mudou nada.” (A22)

“Ah, eu vou te ser sincero, eu acho linda aquela barriga nela. Ela é que às vezes fica “Ah, eu estou com estria, estou com isso, estou com aquilo”, mas eu não. É tão linda aquela barriga nela... Está muito lindo aquilo. (...)... ela se importa mais do que eu, ela se preocupa mais do que eu estou me preocupando. Está muito lindo.” (A20)

Alguns pais referiram conhecimento das mudanças pelas quais o corpo de sua companheira passaria (J1, J8, J10, J11, A14, A19, A22), enquanto outros, todos adolescentes, mencionaram desconhecimento e surpresa em relação a estas mudanças (J4, J5, J6). Para os que já tinham conhecimento anterior, a aceitação pareceu mais fácil, encarando as modificações corporais como algo natural, parte da natureza humana:

“Ah, eu estou encarando com normalidade, sem problema nenhum. Eu já sabia que isso aí ia mudar com a gravidez, estou me sentindo numa boa” (J1)

“Bah, a barriga cresceu um monte, as pernas também. Só para nós, ela engordou quase 20 kg. Tá louco! [risos]. Uma baita diferença!” (J5)

“Eu, para mim, a gente vê que muda, porque é uma coisa da natureza, mas é ela que fica preocupada, “Ah, estou engordando, engordei não sei quantos quilos”, daí a médica falou que ela tem que se alimentar bem... Daí ela fica assim, “Será que eu como?”, “Claro, tem que se alimentar bem!”. (...) É ela que fica com isso na cabeça, daí eu tento tirar, isso faz parte...” (A14)

Quando vistas em conjunto, percebe-se que as falas dos futuros pais refletem uma aceitação das mudanças do corpo da companheira durante a gravidez, como aumento de peso, inchaço, etc. Para Szejer e Stewart (1997), tanto a aceitação quanto a rejeição das modificações corporais da mulher podem ocorrer entre os futuros pais, dependendo de suas características psicológicas e do relacionamento do casal. Na verdade, para estes autores, estas reações também indicam uma renegociação da sexualidade do casal, que infelizmente não foi diretamente investigada aqui.

No entanto, quando comparadas por grupo, as falas dos participantes indicaram algumas tendências diferentes. Os futuros pais jovens em geral referiram aceitação das

mudanças corporais da companheira, porém suas falas sugerem uma certa desaprovação e estranheza subjacentes em relação a estas modificações, não presentes nas falas dos pais adultos. A questão do engordar foi bastante mencionada pelos jovens, atestando talvez um desconhecimento sobre o tema. Já os futuros pais adultos pareceram realmente aceitar tais mudanças, não se preocuparem com elas e admirarem o novo corpo da companheira. Westney e cols. (1986) também encontraram resultados semelhantes em sua pesquisa, em que os adolescentes mostraram-se confusos sobre como reagir em relação às mudanças da companheira. Szejer e Stewart (1997) comentam que esta reação dos adolescentes poderia ser decorrente de uma incapacidade erótica para exercer a sexualidade com mulheres que parecem muito “mães”, fecundas e poderosas, ou decorrente da inveja da relação fusional do feto com a companheira, evidenciada principalmente pela barriga.

Este tipo de reação talvez também tenha ficado evidente entre os jovens porque na adolescência atual predomina o padrão ser magra, e a gravidez tende a deformar muito mais o corpo da adolescente do que da adulta. Nesse sentido, Sadler e Catrone (1983) também comentam que a formação da identidade sexual que ocorre na adolescência poderia entrar em conflito com a experiência de mudança de imagem corporal promovida pela gravidez. Assim, a preocupação normal dos adolescentes com seu corpo seria reforçada pelas “deformações” da gravidez. O pai adolescente poderia assim identificar-se com a companheira, percebendo estas modificações como negativas. Já os pais adultos parecem conseguir transcender a questão do corpo e pensar que a companheira abriga o filho do casal, exaltando-a por isso.

1.7. Preocupações em relação à gravidez e ao bebê

Nesta subcategoria são examinadas as respostas dos futuros pais que se referiam as suas preocupações em relação à gravidez e ao bebê. Foram encontrados diversos tipos de preocupações nos depoimentos dos futuros pais, agrupados em tópicos referentes: à gestante, ao bebê e a si mesmos. Alguns também referiram não ter nenhuma preocupação (A15, A19).

No que se refere à gestante, a maioria dos futuros pais mencionou preocupação com a sua saúde física (J4, J6, J9, J11, A14, A15, A18, A19, A22, A23), citando medo

de que a gestante caísse, se machucasse, fizesse muito esforço, etc. Quatro pais citaram preocupação com a saúde mental da gestante (A16, A17, A21, A23), no sentido de que ela não perdesse a tranquilidade devido a problemas familiares ou profissionais ou que não sofresse de depressão pós-parto. Um pai (J2) citou preocupação com a felicidade da gestante, já que a gravidez traria um atraso em seus planos de vida. Os depoimentos abaixo exemplificam estas preocupações:

“Não, eu estou preocupado um pouco por causa que ela está com, com anemia. (...)... Eu tenho medo dela ficar anêmica, mais anêmica do que ela já está, e passar para o nenê. E depois o nenê com anemia é a pior bucha que tem! Vai ter que ficar cuidando... (...) ... [no início da gravidez] a gente pensou que ela estava com gravidez tubária.” (J11)

“... eu ficava com medo que ela, se ela pegasse um negócio pesado, ou caísse, entendeu? Então eu ficava com medo, sempre estava cuidando, sempre estou cuidando dela para não cair, para não se machucar...” (J9)

“... [eu me preocupo] com peso, ela não pode pegar peso, eu não deixo, a limpeza da casa eu faço, do meu jeito, mas procuro ajudar ela dentro do possível, não gosto que ela ande na rua sozinha, dirigir muito menos...” (A22)

“...e a vida dela é muito agitada (...)... eu me preocupo com isso aí... Ela sai às 7 horas da manhã e volta para casa às vezes às 8, 9 horas da noite... (...) ... a vida profissional dela é muito corrida..” (A17)

As preocupações quanto à saúde física também estiveram presentes no que se refere ao bebê, no sentido dele ser “normal”, isto é, não apresentar defeitos e nascer com saúde (J1, J3, J5, J10, J11, A14, A18, A20). Um pai citou a preocupação de manter-se sempre em contato com o bebê (A21) e outro de aborto (A19).

“Ah, tenho medo de nascer uma criança deficiente, uma criança com problema. Essa é a minha maior preocupação. Era só essa.” (J3)

“Com relação ao bebê, eu me preocupo também assim se ele está bem, se não tem nada, se ele não vai se enroscar na hora de sair (...) ... a gente fez ecografia e está tudo normal (...), se ele vai nascer perfeitinho, se ele vai nascer bem, com saúde...” (A20)

“Ah, só no início eu, a única coisa que eu tinha medo é que os três primeiros meses são críticos, da F. perder, só isso, a única preocupação que eu tive foi essa aí, porque sempre dizem que os três primeiros meses são críticos, e agora esse oitavo mês, porque, o nenê quer nascer... (...) então não é uma preocupação, mas é que começa a ficar apertado para ele na barriga, porque ela não vai ficar maior do que aquilo, não adianta, o espaço vai continuar ficando pequeno, então imagina tu dentro de uma bola, dentro de uma bola querendo sair e não consegue. É só, foi até o terceiro mês que mais me preocupava um pouco, e agora nesse oitavo mês, que a gente não precisa se preocupar, mas tu sempre, qualquer dorzinha aqui, uma dorzinha ali, a gente já fica meio assim, tu não ficas tranquilo.” (A19)

As preocupações dos futuros pais que se referiam a eles mesmos incluem predominantemente a preocupação de assumir a nova situação, com todas as dificuldades inerentes a ela (J1, J4, J7, J12). Também se encontra a preocupação por ter que abrir mão de coisas suas em virtude da situação, e saber que não poderá consegui-las tão cedo, como um carro (J5), bem como de ter que se modificar (J2). Um futuro pai também ressaltou medo de que a mãe da jovem lhe processasse pela pouca idade dela (J8).

“... só de criar, de serviço, a gente procura aí, eu estou procurando também, mas tá ruim. Está difícil, quem tem, tem que ter, senão, ... (...) tem que ter serviço para poder criar, por causa que eu quero criar.” (J12)

“Como ela tinha, estava fazendo vestibular, tinha faculdade no meio, e isso, adiar, ia poder fazer, mas adiar um pouco... me preocupei um pouco com isso, e comigo um pouco também, porque o jeito que eu era e tudo, corria de moto, o que eu fazia não dava para ela fazer comigo grávida, essas coisas...” (J2)

Finalmente, dois pais (A15, A19) não citaram nenhuma preocupação atual, alegando que a gravidez estava sendo tranqüila, até mesmo economicamente:

“Olha, não, preocupação, não tenho com o que me preocupar. Está tudo comprado para o nenê, a maioria das coisas pelo menos está comprada, então não tem com que me preocupar agora, não tem mesmo.” (A19)

Sumarizando, tanto futuros pais adolescentes quanto adultos mencionaram preocupações com a saúde física da gestante e do bebê. Nesse sentido, percebeu-se um cuidado dos pais em relação à companheira e ao futuro bebê. Robinson e Barret (1987) também encontraram preocupações entre adolescentes em relação à gestante e ao bebê, bem como Hendricks & Montgomery (1983) e Elster e Panzarine (1983). Parke (1996) obteve resultados semelhantes entre adultos.

No entanto, quando se comparou os dois grupos, ficaram evidentes algumas particularidades. Entre os futuros pais adolescentes, as preocupações mais proeminentes relacionavam-se a eles mesmos, com dúvidas sobre sua capacidade de assumir a nova situação e lidar com as perdas e responsabilidades inerentes a ela, o que é bastante ressaltado pela literatura, até mesmo em virtude do não planejamento da gravidez (Belsky & Miller, 1986; Cochran 1997; Elster & Panzarine, 1993; Harris, 1998; Young, 1988). Estas preocupações não foram mencionadas pelos futuros pais adultos. Estes

citaram como maiores preocupações aquelas relacionadas à gestante, especialmente com sua saúde mental, considerada como um aspecto importante durante a gravidez para ela e o bebê. O não ter preocupação no momento da entrevista também só apareceu entre os adultos, até mesmo em virtude do planejamento da gravidez, anteriormente assinalado. Estes achados diferem parcialmente daqueles encontrados por Sherwen (1986) e comentados por Belsky e Miller (1986) e Parke (1996) de que os pais adultos também apresentariam preocupações por não sentirem-se preparados para serem pais durante a gestação.

1.8 Expectativas em relação ao parto

Esta subcategoria mostra as expectativas e sentimentos dos futuros pais em relação ao momento do parto. Suas falas indicaram grande variedade de temas, a seguir desenvolvidos.

O aspecto mais evidente em relação ao parto no depoimento dos futuros pais foi a ansiedade, a difícil espera, a sensação de que os dias estavam passando devagar (J1, J4, J7, J8, J9, J10, J11, J12, A14, A15, A18, A20, A22, A23). Essa espera parece ser ainda mais difícil em virtude de seu desejo de ver e pegar o bebê no colo, como mencionado por vários futuros pais (J5, J6, J8, J10, J12, A20):

“Bah, eu fico assim, como é que eu posso te dizer... Ah, eu, eu fico assim curioso para saber como é que ele é, louco para saber se ele vai nascer com saúde e coisa. Mas eu estou tranquilo e... ai, bastante assim, como é que eu posso dizer, bastante alegre assim, louco para saber como é que ele é, e pegar.” (J6)

“Agora é todo dia “Ah, quando é que vai nascer?”. Não passa nunca o tempo! Eu estou sempre apreensivo para ver como é que vai ser o rostinho, como é que vai ser a aparência.. (...) Só curiosidade. Estou louco que chegue logo para ver, mas também não quero que nasça prematuro. Quero que passe esses dois meses bem rápido, entendeu?” (J8)

“Bem babão, bem babão, alta expectativa. (...) ...mas internamente eu estou bem ansioso, bem agitado, mas aparentemente eu tento manter a calma. Estou rezando que chegue a hora dele vir de uma vez para, para gente começar a compartilhar uma família desde o começo.” (A22)

Outro aspecto bastante citado pelos participantes foram medos em relação ao momento do nascimento, como por exemplo, medo de infecção hospitalar (J3, A20), de

que algo acontecesse errado (J7, A20), de que o bebê nascesse prematuro (A19, A23) e de que a gestante tivesse algum problema durante o parto (A22):

“Eu tenho medo do parto, de dar uma complicação, alguma coisa no parto. Ah, não sei, porque a gente fez aquele cursinho que eles dão lá no Hospital, aquele cursinho(...) Eu me assustei [com a visita á sala de parto], pela dor, pela coisa toda. Até tu saís dali... eu até brinquei, no dia em que nós assistimos isso, eu saí dali e fui na casa da minha mãe e disse “Bah, agora eu sei o que tu passaste para me ter”. Porque é uma coisa assim... e a gente foi no andar ali, sexto ou sétimo, que tem as pessoas em trabalho de parto já. E eu vi uma mulher se contorcendo na cama.. me deu um troço assim... (...) É, ela não se virou e eu estou com medo de ter que ser uma cesárea, tudo isso. Ah, é diferente. É, tem que cortar, abrir, é uma coisa mais complicada, entende, assim, eu acho que tem um perigo maior, até de uma infecção, uma coisa assim, tem o problema da anestesia. Que a anestesia é uma coisa complicada também. (...) Eu não sei, ainda mais mexer nela, a pessoa que eu amo...” (A20)

Alguns futuros pais demonstraram estar otimistas em relação ao parto, torcendo para que tudo corresse bem com o bebê e a gestante (J1, J5, J6, A18, A22):

“... não sei se... tomara que seja normal. Não sei como é que vai ser. Tomara que dê tudo certo. Estou feliz. Estou louco para ver a cara do meu filho assim.” (J5)

“...imagino ele com bastante saúde, e que corra tudo bem com ela.” (A22)

Como também evidenciado nos depoimentos acima, a felicidade em relação ao nascimento foi mencionada por alguns futuros pais (J1, J5, J6), bem como a ausência de preocupações e tranquilidade (A13, A17, A19, A21):

“Não, eu acho que vai ser um parto normal, tranquilo. Tudo indica que é, por isso que eu não tenho muita preocupação” (A13)

Nesta subcategoria vê-se que de modo geral no último trimestre da gravidez de suas companheiras os futuros pais adolescentes e adultos mostram-se ansiosos em relação ao parto. Achado semelhante também foi encontrado por Sherwen (1986) entre pais adultos.

Contudo, quando os grupos foram comparados, verificou-se uma tendência entre os adolescentes de maior ansiedade, expressando um grande desejo de ver o bebê e pegá-lo no colo, bem como uma grande vontade de que tudo desse certo. Já entre os adultos a ausência de preocupações e a tranquilidade foi tão presente quanto a expectativa em relação ao parto. Estes achados poderiam sugerir uma maior apreensão dos adolescentes em relação ao parto, um desejo ambivalente tanto de ver o bebê, e

torná-lo mais concreto para eles, quanto de evitar que esse momento chegasse, por tudo que pode vir a ocorrer a partir do nascimento. A tranquilidade dos adultos, conforme já assinalada em outras subcategorias, pode estar relacionada ao transcorrer da gravidez, desde o início menos tumultuado por questões de planejamento. Assim, o parto seria apenas um fechamento de um período igualmente tranquilo.

2. Mudanças decorrentes da gravidez

Nesta categoria foram examinadas tanto as mudanças percebidas pelo futuro pai em si mesmo durante a gravidez, quanto as mudanças percebidas por ele no relacionamento da dupla neste mesmo período. Tais percepções foram investigadas pelas seguintes questões da entrevista “Eu gostaria que tu me falasses sobre a gravidez da tua mulher, desde que tu ficastes sabendo até agora” e “Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa no relacionamento de vocês?”. Quando este tema apareceu relacionado a outras questões da entrevista, os comentários dos pais foram também aqui considerados. Os relatos foram agrupados em duas subcategorias denominadas: *mudanças pessoais e mudanças conjugais*.

2.1 Mudanças pessoais

Esta subcategoria descreve todas as mudanças pessoais percebidas pelos futuros pais em decorrência da gravidez.

A análise dos depoimentos revelou a ocorrência de mudanças pessoais emocionais e/ou físicas durante o período da gravidez, sendo as emocionais mais proeminentes que as físicas. Os futuros pais referiram sentirem-se mais responsáveis (J5, J6, J7, J8) e amadurecidos (J6), tendo seu modo de pensar modificado (J8, J10), já que agora seu principal objetivo passou a ser a aquisição de bens para garantir o futuro do bebê (J5, J7). Em função disso, alguns futuros pais tiveram que começar a trabalhar (J4, J6, J7, J9, J10), tendo seus compromissos aumentados (J2, J4) e suas atividades de lazer restringidas (J2, A13, A23). Ainda nesse sentido, foi mencionada uma mudança nos planos de vida (J5, J11, A17), como atrasar a realização de uma faculdade e/ou a

aquisição de algum bem. Também foram mencionadas a maior presença em casa (A22) a partir da notícia da gravidez e a necessidade de abrir espaço para o bebê até mesmo fisicamente (A16), isto é, com mudanças na organização da própria casa. Algumas destas mudanças são exemplificadas abaixo:

“Ah, sinto, sinto [mudanças]... a impressão é que eu amadureci mais. E sendo um pouco mais responsável agora. Acho que é, mais responsável do que antes. Antes eu não estava nem aí, estava desligado, tudo. Mas agora não, estou super responsável. Agora estou esperando o quartel vir. Agora vou ter que me dedicar mais à minha família, ao meu filho, à D. É isso.” (J6)

“Ah, mudou bastante coisa, eu comecei a me interessar mais pelo negócio de serviço, procurar adquirir alguma coisa para eu poder dar para minha filha mais tarde... (...) É, eu mudei, fiquei mais interessado, mais responsável.” (J7)

“Acho que só o que eu estou te dizendo, a gente não pode mais sair, não pode mais fazer o que fazia antes... (...) Eu até posso fazer o que eu quero, mas não faço por causa dela, ela não pode fazer porque está grávida [andar de moto]” (J2)

“Acho que não está mudando em nada, só tem que mudar, atrasar um pouco os planos que a gente tinha de fazer faculdade e essa coisara toda.” (J11)

“Eu tinha o meu quartinho que era das minhas coisas de trabalho, e eu já tirei, já esvaziei, já arrumei (...). É, tu vais perdendo o espaço para dar para ela.” (A16)

Dentre as mudanças físicas, foram citados aumento de peso (J5) e enjôo (A13):

“Tinha vezes que eu ficava enjoado também. Ah, eu ficava, sei lá, xarope, ficava quieto, eu falava muito. Mas ia passando, isso aí era de lua também.” (A13)

Apenas um pequeno número de futuros pais referiu não ter percebido nenhuma mudança pessoal em decorrência da gravidez (J1, J3):

“Diz ela que mudou um pouquinho, que eu estou mais nervoso, que não sei o que. Mas eu estou sempre tranqüilo, não sou de me estressar...” (J1)

Considerando-se conjuntamente todos os depoimentos, nota-se que tanto adolescentes como adultos perceberam mudanças pessoais emocionais e físicas decorrentes da gravidez.

Entretanto, quando se compara os grupos etários, constata-se algumas peculiaridades. Entre os adolescentes evidenciou-se uma tendência a citar como

mudança pessoal a maior responsabilidade, seja por terem que iniciar uma atividade remunerada, ou por apenas terem que passar a pensar em um futuro que inclui o bebê. Trindade e Bruns (1998; 1999) também encontraram entre pais adolescentes esta necessidade de modificar seus planos para incluir um terceiro, e Allen e Doherty (1996), Harris (1998) e Nunes (1998) também encontraram entre adolescentes a maior responsabilidade como uma mudança pessoal decorrente da gestação da companheira. Nesse sentido, percebe-se que grande parte das mudanças citadas pelos adolescentes dizem respeito às necessidades exigidas pelo novo papel de pai, que, como apontado pela literatura, ficaria em contradição com as tarefas da adolescência (Belsky & Miller, 1986; Elster & Hendricks, 1986; Harris, 1998; Kahn & Bolton, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Nunes, 1998; Robinson, 1988; Sadler & Catrone, 1983; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999; Young, 1988). Para os adultos, que não mencionaram tantas mudanças, e muito menos mudanças semelhantes às dos adolescentes, provavelmente algumas destas atividades já fazem parte de seu cotidiano, como o fato de trabalhar, por exemplo, atestando talvez uma maior preparação para ser pai. Outra razão para a tendência dos adolescentes de não citarem outro tipo de mudança pessoal não relacionada à responsabilidade poderia ser uma maior distância emocional da gravidez, que assim não exigiria tantas reformulações pessoais e sim estruturais.

De qualquer forma, não se pode esquecer que algumas gestantes deste estudo tinham menos de 15 anos de idade, fator que pode estar contribuindo para que os pais adolescentes se sintam ainda mais responsáveis neste momento.

2.2 Mudanças conjugais

Nesta segunda subcategoria estão incluídas todas as mudanças conjugais citadas pelos futuros pais como sendo decorrentes da gestação.

Na análise dos depoimentos dos participantes, foram encontradas várias mudanças conjugais. Um bom número de pais indicou uma melhora na relação em decorrência da gestação (J7, J8, J10, J11, A16, A19, A21, A23), com maior união do casal (J6, J7, J10, J12, A16, A19, A22, A23), menos brigas (J3, J5, J8, A19, A22), mais compromisso (A13), mais convivência (J9) e confiança (J5) e a necessidade de pensar

no trio, ao invés de apenas no casal (J6, J8, A16, A17, A21). Também foram citadas modificações ou planejamento da (futura) casa (A15, A16, A19, A20). Um jovem citou o seu casamento com a companheira como mudança conjugal (J5). Abaixo encontram-se alguns trechos que ilustram as mudanças conjugais citadas pelos futuros pais:

“[O relacionamento] Mudou, mas para melhor. A gente tem planos para o futuro agora. A gente pensa no nosso conjunto, nós três, e não só ela ou só eu, ou só eu e ela. Agora tem o nenê junto. A gente briga menos, a gente não briga, é mais discussão. Antes tinha um motivo sério, agora é só por besteirinha mesmo. Mas briga séria não brigamos muito.” (J8)

“[Nosso relacionamento] Está como se fosse, como se a gente estivesse namorando no início, sabe, achei que até aproxima mais, uma criança sempre te aproxima mais da outra pessoa, e aí não deixa, que tem muitos casamentos que não dão certo, no momento que tu começa, tu sabes que a falta de dinheiro dá briga, tu queres, tu sempre arrumas, o dinheiro é que faz as grandes coisas, as dificuldades. E com o nenê junto já não, aí tu queres, antes de tu falares qualquer coisa tu pensas no teu filho, tu não queres teu filho, ficar separado e ter que ver ele só quando, uma vez por semana, então isso aí une muito as pessoas. Então uniu ainda mais, a gente não briga, não tem motivo para brigar. Ah, melhorou com certeza.” (A19)

Entretanto também foram citadas algumas mudanças conjugais percebidas como mais negativas pelos participantes, com o casal não podendo fazer algumas atividades anteriormente habituais, como por exemplo, sair à noite, ou conviver com os amigos (J2, J9, J12, A23), ou no sentido do relacionamento íntimo com a companheira, por exemplo, dificuldade para fazer carinho nela, em função das transformações corporais da gravidez (J12):

“Agora a gente não está mais saindo à noite até por, por não ter... a gente sai mais para jantar só, mas como a gente saía assim de ficar a noite toda fora, a gente não faz mais pensando no bebê, porque tem lugares fechados na cidade, sempre tem problemas de calor, sufocamento, poluição sonora, tem gás, fumaça, então a gente parou de sair para dançar, a gente sai mais para jantar, mais no almoço, porque na janta até nem, mais em casa mesmo, ou na casa de um amigo, para a S. passar bem e para fazer economia também.” (A23)

“Ah, é que é muito diferente, tem que ter coisas assim, vamos supor, eu estou ali com ela, deito com ela, não pode tocar nela por causa da barriga, bah, é muita coisa também, muda muita coisa. (...) Até melhorou, também, que antes nós vivíamos saindo, agora a gente não sai mais, acho que faz uns 5 meses que a gente não sai, para mais nada. Mais em casa, a gente sai só para ir comprar pão e voltar.” (J12)

Alguns pais comentaram inicialmente que nenhuma mudança conjugal havia ocorrido em virtude da gestação (J3, J4, J5, J6, J9, A15). Porém, durante a entrevista, mencionaram algumas mudanças, que foram computadas acima. Ao final, apenas cinco

futuros pais (J1, J11, A14, A18, A20) realmente mencionaram não ter ocorrido nenhuma mudança em seu relacionamento conjugal em decorrência da relação:

“Não, nossa relação foi sempre a mesma coisa desde o começo. Desde que a gente se conheceu, começou a namorar, a gente só não se viu uma vez, um dia, os outros a gente passou sempre junto. (...) ... eu não notei assim uma diferença muito grande que alterou a nossa vida, que atrapalhou, que ajudou...” (A20).

Tomando-se as falas de todos os participantes, constata-se que tanto os futuros pais adolescentes como os adultos mencionaram mudanças conjugais positivas decorrentes da gestação, com maior união do casal e menor número de conflitos. Como apontam Lewis e Dessen (1999), a gravidez é um período que pode unir intimamente o casal, em virtude da necessidade de se engajarem na “construção do ninho” para o futuro bebê. Entre adolescentes, achados semelhantes são apontados no trabalho de Trindade e Bruns (1999).

Além disso, alguns futuros pais jovens e adultos também mencionaram que nenhuma mudança conjugal havia ocorrido como consequência da gestação.

De modo geral, a gravidez teve efeitos positivos sobre o relacionamento, pelo menos como percebido pelos futuros pais no terceiro trimestre da gravidez.. Resultados de mudanças conjugais positivas também foram encontrados por Anderson (1996) entre pais adultos. O bebê parece carregar muitas expectativas dos pais, até mesmo no sentido de reavivar o relacionamento. Os conflitos da dupla parecem também ficar em segundo plano frente às nova realidade que o bebê impõe. Infelizmente este padrão não necessariamente se manterá após o nascimento do bebê.

No entanto, quando se consideram as falas de acordo com o grupo etário, percebe-se entre os futuros pais adolescentes uma tendência a indicar mudanças conjugais negativas, no sentido de limitações nas atividades da dupla, como sair à noite, por exemplo, algo bastante comum nesta faixa etária, ou também de não haver ocorrido mudanças. Assim, percebe-se que as atividades normais dos casais adolescentes são alteradas pela gestação, exigindo maiores adaptações da dupla à nova situação, o que corrobora o que a literatura aponta sobre ser pai e ser adolescente como papéis sociais contraditórios (Belsky & Miller, 1986; Harris, 1998; Kahn & Bolton, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Nunes, 1998; Russel, 1980; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999; Young, 1988). Entre os adultos estas limitações até podem acontecer, mas não foram citadas, talvez por não serem percebidas de forma tão

negativa como entre os adolescentes. Os adultos podem achar positivo abrir mão de algumas atividades de lazer em função de uma causa tão nobre como seu bebê, ou então, por planejarem a gravidez, estariam mais cientes e preparados para a ocorrência destas mudanças, pois de fato citaram predominantemente mudanças conjugais positivas.

3. Apoio à gestante

Esta categoria diz respeito ao apoio solicitado pela gestante durante a gravidez, bem como ao apoio dado espontaneamente a ela pelo futuro pai neste período. Além disso, também se refere à rede de apoio social dos futuros pais, isto é, pessoas que estejam lhes apoiando financeira e/ou emocionalmente. Estes temas foram investigados pelas questões “Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela durante a gravidez?”, “Que tipo de apoio ela tem te solicitado?” e “Tem alguma pessoa ajudando vocês durante a gravidez?”. Quando este tema apareceu relacionado a outras questões da entrevista, os comentários dos pais também foram considerados aqui. Os relatos foram agrupados em três subcategorias denominadas: *apoio solicitado pela gestante ao futuro pai*, *apoio oferecido pelo futuro pai à gestante* e *rede de apoio social*.

3.1 Apoio solicitado pela gestante ao futuro pai

Nesta subcategoria procurou-se examinar todo o tipo de apoio que o futuro pai percebia como sendo solicitado a ele pela gestante durante o período da gravidez. Encontrou-se diversos tipos de solicitações de apoio das gestantes aos seus companheiros, desenvolvidos a seguir.

Vários futuros pais referiram que suas companheiras estavam lhes solicitando maior proximidade e contato desde o momento em que ficaram grávidas, pedindo, por exemplo, que permanecessem mais tempo com elas, que as acompanhassem para ir a algum lugar ou que as levassem ao serviço (J1, J3, J7, J11, A14, A16, A22), como exemplificado abaixo:

“Ela está reclamando de estar carente. Eu passo vinte e quatro horas com ela, mas mesmo assim ela está carente. (...) quanto mais tempo eu passo com ela, mais ela está carente. (...) ‘Ai, fica aqui comigo!’, ‘Ai, dorme aqui comigo hoje!’, ‘Eu tenho aula amanhã, L.’. Até eu levanto 7h30min, vou dormir de vez em quando a 1h da manhã, porque eu fico lá com ela. E assim eu estou indo. Daí se eu não tenho aula de tarde, eu pego e deito ali no chão, deito ali na cama, dou uma descansada para poder levar até o final de semana.” (J11)

Outros futuros pais também referiram que suas companheiras pediam muito que eles lhes alcançassem coisas, tais como suco, frutas, chá, objetos guardados em locais altos ou caídos no chão, ou que as ajudassem a se levantar, pela dificuldade de se movimentarem neste período final da gestação (J8, J9, J12, A20, A22):

“Nos últimos dias ela está solicitando, antes ela não solicitava, sempre foi espontâneo. Ah, ‘Sobe o secador, bota a mesa, sobe em uma cadeira e pega as coisas em cima do armário (...) Sei lá, esse tipo de coisinhas que ela vê que vão ser prejudiciais para ela, ela me pede muito...” (A22)

Alguns futuros pais também referiram que as gestantes pediam sua ajuda na realização das tarefas domésticas (J5, A15, A18, A22):

“Não tem nenhuma coisa em especial, mais é em casa, ajudar em casa, nos serviços gerais da casa.” (A18)

Interessante notar que algumas gestantes não solicitavam nenhum tipo de apoio, conforme relato de seus companheiros (J4, J6, J10, A21):

“Ela não me pede muita ajuda, apoio, assim, nunca me pediu.” (J4)

Além disso, poucos participantes referiram que suas companheiras solicitavam apoio emocional (A16, A17), como por exemplo, conversar.

“[ela solicita apoio] mais em termos de conversar, de trocar uma idéia. O resto a gente sempre se deu bem” (A16)

A partir dos relatos dos participantes, percebe-se que tanto as gestantes adolescentes como as adultas estavam requisitando dos futuros pais o mesmo tipo de apoio, como proximidade, companheirismo e auxílio nas tarefas domésticas. Nesse sentido, estas solicitações são bastante coerentes com o estado físico e emocional

decorrente da gravidez, em que aumentam as dificuldades de locomoção e a sensibilidade da mulher (Szejer & Stewart, 1997).

Quando comparados os relatos dos dois grupos, percebe-se algumas tendências entre as companheiras dos futuros pais adolescentes e adultos. De acordo com eles, as adolescentes tendem mais a não solicitar apoio do que as adultas, e quando o solicitam, este refere-se à maior proximidade ou alcançar algo para elas. Já entre os adultos, o tipo de apoio mais solicitado pela companheira tendeu a ser ajuda nas tarefas domésticas, lhes alcançar algo ou levá-las ao serviço. Além disso, somente os futuros pais adultos referiram que suas companheiras lhes solicitavam apoio emocional. Nesse sentido, nota-se como a convivência do casal, maior entre os adultos, poderia permitir à gestante solicitar apoio mais variado do companheiro (material e emocional), principalmente no que se refere à manutenção da casa. Já entre os adolescentes, talvez pela maior presença dos genitores da adolescente na mesma casa ou na vizinhança e/ou pela sua menor disponibilidade, as gestantes não lhes solicitem tanto. De fato, a literatura amplamente aponta a família da adolescente como recurso de apoio ao casal adolescente (Cochran, 1997; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Jorgensen, 1993; Marsiglio & Cohan, 1997; McArney, Lawrence, Aten & Iker, 1984).

Cabe ressaltar que estes resultados refletem a percepção dos futuros pais em relação ao apoio solicitados pelas companheiras durante a gravidez, e por isso mesmo podem não estar refletindo a realidade do casal, e sim sua própria realidade e sentimentos quanto a essa solicitação.

3.2 Apoio oferecido pelo futuro pai à gestante

Nesta subcategoria examinou-se o tipo de apoio que o futuro pai percebia como estando oferecendo à gestante durante o período da gestação. Encontrou-se respostas variadas, sendo que um mesmo participante muitas vezes indicou mais de um aspecto em que apoiava sua companheira.

A maioria dos futuros pais referiu oferecer apoio emocional à gestante (J3, J5, J7, J8, J9, J10, J12, A13, A14, A16, A17, A21, A22, A23), procurando ser carinhoso, estar próximo delas, acalmar suas preocupações em relação ao parto e ao aumento de

peso, evitar brigas, conversar e até fazer as vontades das gestantes, como exposto nos exemplos a seguir:

“Ah, eu ajudo ela quando ela está mal, se sentindo mal, alguma coisa, eu faço alguma coisa para ela, ou quando ela quer ir em algum lugar, eu faço um pouco das vontades dela para agradar, porque ela me agrada também só estando com a barriga ali.” (J8)

“... é que alguém tem que ser, tem que procurar ser mais calmo, eu estou procurando ser a parte mais calma da família, porque a A. é muito emotiva, ela é muito ansiosa, então alguém tem que ser mais calmo... (...) a limpeza da casa eu faço do meu jeito, mas procuro ajudar ela dentro do possível, não gosto que ela ande na rua sozinha, dirigir muito menos, então tudo aquilo que está dentro do meu alcance que eu posso fazer para facilitar para ela eu estou tentando fazer (...) Ah, eu procuro, tanto o apoio material, em casa, ou quando ela está ruim eu vou no serviço buscar ela, alguma coisa assim, a gente conversa bastante...” (A22)

Um bom número de futuros pais também referiu oferecer apoio no que se refere à realização das tarefas domésticas (J1, J5, J6, A17, A20, A22), o que incluiu limpar a casa, ajudar a gestante a se abaixar e levantar, evitar que ela fizesse força e até fazer comida. Apenas um futuro pai referiu ter má vontade em alguns momentos para ajudar a gestante (A20):

“... ela me acorda de madrugada para pedir comida ‘Ah, estou com fome’, daí eu vou lá, ajudo ela, eu estou sempre ali.” (J5)

“Claro que tem coisas que ela não pode fazer, eu vou lá e faço, se eu não estou aqui a mãe dela vai e faz. Mas geralmente faço quando estou em casa, às vezes meio resmungando, meio de má vontade, mas tem que fazer...” (A20)

Alguns pais referiram-se ao apoio dado por eles no que se refere ao aspecto médico (J7, J8, J9, J11, J12, A15, A19, A20), tal como acompanhar a companheira nas consultas, exames e no curso de gestante, cuidar de sua alimentação e estado de saúde, comprando alimentos e remédios necessários e até ensinando noções de higiene.

“Eu tenho acompanhado ela ao médico, ela está fazendo um cursinho lá no hospital para gestantes, eu acompanho ela sempre quando posso.” (J7)

“... eu comprava para ela os negócios da revista, comprava para ela o que precisava, comprava os alimentos, tudo, nunca deixei faltar nada para ela, fruta, leite, nada, o doutor falava que ela podia ficar com anemia, dava bastante leite (...). Me deu as dicas e eu cuidei direitinho dela, para não passar um pouco dos limites [de peso].” (J9)

Outros participantes deram respostas mais evasivas, referindo ajudarem a companheira no que pudessem (J1, J2, A15, A18, A22):

“Ah, ajudo ela em tudo. Tudo que eu posso, dentro do que eu posso eu ajudo ela... em tudo.” (J1)

Apenas um pai declarou não auxiliar muito a companheira, até mesmo em virtude da ajuda recebida por ela da própria mãe (A19):

“Ah, sinceramente eu sou meio desligado nisso, tem a minha sogra que mora aqui conosco, então ela ajuda, ela faz, sabe, então eu não digo assim ‘Ah, eu faço isso’, eu sou meio desligado, eu não sou muito de ficar assim em cima olhando, porque não tem o que se fazer nessa casa de muito pesado, sinceramente, só passar o aspirador de pó” (A19)

Considerando-se globalmente as falas dos futuros pais, percebe-se que tanto adolescentes como adultos têm oferecido apoio emocional à companheira (conversar, tranquilizar, estar próximo), auxílio na realização das tarefas domésticas e atenção aos aspectos médicos (acompanhamento de consultas e exames, cuidados com sua alimentação). Este tipo de apoio também é mencionado na obra de Parke (1996), pois o autor indica que os futuros pais parecem reagir bem à crescente necessidade de apoio da companheira.

Contudo, quando comparados os dois grupos, percebe-se que os adolescentes tenderam mais a oferecer apoio no que se refere aos cuidados médicos do que os adultos, mencionando maior cuidado com a alimentação da gestante e maior acompanhamento ao médico. Estes achados poderiam estar relacionados aos da subcategoria 1.4, em que se encontrou uma maior participação dos adolescentes no pré-natal da companheira, em função de alguns fatores, tais como menor atividade laboral, maior desconhecimento sobre a gravidez e por conseguinte maior ansiedade.

Chama atenção o fato de apenas um pai adulto (A20) ter mencionado um certo desagrado por ter de ajudar a companheira na realização das tarefas domésticas. Esse mesmo futuro pai referiu em outro momento da entrevista ter sido criado por uma mãe que fazia tudo para ele. Assim, esse sentimento de desagrado refletiria uma falta de preparo para esta modificação pessoal e conjugal decorrente da gravidez. Contudo, não se pode descartar a possibilidade de que também outros participantes sintam o mesmo, e não tenham conseguido expressá-lo na presença da entrevistadora, até mesmo pela

pressão social atual de que os homens devem colaborar com as mulheres, dividindo inclusive as tarefas domésticas. Ou, ao contrário, o fato dos demais não terem mencionado este sentimento pode indicar um maior conforto com a situação de ajudar nas tarefas da casa, talvez até pelo funcionamento anterior do casal já ser assim, como manifestado por alguns participantes adultos.

3.3 Rede de apoio social

Nesta subcategoria foi examinada a rede de apoio social dos futuros pais, isto é, pessoas e/ou instituições que estavam lhes apoiando de forma emocional e/ou material durante o período da gestação.

Os futuros pais indicaram diversas pessoas que estavam lhes apoiando durante a gestação. A grande maioria mencionou os próprios pais (J6, J10, J12, A16, A20, A21, A22) ou apenas sua mãe (J3, J5, J7, J9, J11, A14), os pais da companheira (J6, J7, J10, J12, A20) ou apenas a mãe dela (J2, J3, J5, J8, J9, J11, A19, A22), como fica evidente nos exemplos a seguir:

“A mãe dela, o pai dela.[não dão] dinheiro, só apoio mesmo. E os meus pais também, por causa que eles não estão aqui, mas falam com ela, perguntam por ela, eles ligam para cá.” (J12)

“... a minha mãe e a minha sogra (...) estão sempre aí. (...) Ah, ajudam em tudo um pouco... Ajudam até aqui, a mãe dela de vez em quando vem aqui ajudar ela limpar alguma coisa, fazer alguma coisinha. Ajuda no rancho também, que o rancho eu ganho da minha mãe e da minha sogra, daí eu não tenho que comprar comida todo o mês.” (J5)

“A minha mãe e a mãe dela são as únicas que ajudam.” (J11)

“A família ajudou, tranqüilizou a gente (...). E isso me ajudou muito, porque eu esperava uma coisa e a reação foi outra, já me ajuda, cada coisinha ajuda a tranqüilizar a gente.(...) Ah, eles [as famílias] estão sempre junto, se precisar alguma coisa, levar, às vezes quando eu não estou em casa. Que nem esses dias, ela se sentiu meio ruim, nem se sentiu ruim, não, ela se acordou e tinha se urinado um pouco na cama, e ela ficou com medo, não sabia o que era. E eu não estava aqui, e eles [sogros] vieram aqui, pegaram ela e levaram no médico. (...) Esse tipo de coisa eles ajudam. Meu pai também vem aqui e ajuda, leva em algum lugar, traz quando precisa. Esse tipo de ajuda. E estar do nosso lado dando apoio...” (A20).

Também foram bastante citados os próprios familiares (J1, J2, J4, J6, J11, A13, A21, A18, A16) e os da companheira (J1, J4, A18) tais como irmãos, primos, sobrinhos, tios, etc. Um menor número de futuros pais citou ainda os amigos (J7, J10, J11, A14,

A17, A23), vizinhos (J6, J7, A15), colegas de trabalho/escola (J7, A16) ou profissionais (A23) como fontes de apoio durante a gestação:

“Todo mundo, todo mundo ajudando, meus irmãos. Até a vizinhança toda ajuda com as roupinhas e os brinquedinhos.” (J6).

“... a mãe comprou bastante roupinhas, o pai e a mãe da C. também, os amigos dela, a M., vizinha dela que está aí, a B. também, as colgas dela fizeram chá de fralda e tudo.” (J7)

“... ajudando em termos financeiros não. Apoio? Esse meu colega é uma pessoa que eu posso contar bastante com ele. E meus pais e minha família.” (A16)

“Ah, tem a minha prima que ajuda muito. A minha prima, meus irmãos ajudam muito, até trabalhar aqui em casa. A minha prima teve uma guriazinha, e o que um bebê usa fica para o outro, ela deu um monte (de coisas).” (A13)

“... mas está tudo bem, todo mundo em contato, minhas irmãs sempre que a minha mãe vem [do interior] mandam alguma coisa, minha mãe está fazendo uns negocinhos de tricot. (...) Ah, sim, todo mundo está bem envolvido.” (A21)

Examinando-se conjuntamente as falas dos participantes, nota-se que tanto adolescentes como adultos estão recebendo apoio financeiro (especialmente para comprar as roupas para o bebê) e/ou emocional de seus familiares, amigos e vizinhos durante a gravidez.

No entanto, quando se compara os depoimentos de acordo com o grupo etário, percebe-se uma tendência entre os adolescentes de receberem mais apoio de sua mãe e da mãe da companheira, enquanto que entre os adultos quem mais apoia são o pai e a mãe. Estes achados corroboram a tendência encontrada na literatura sobre apoio social entre adolescentes de que é a avó materna do bebê, no caso a mãe da adolescente, que mais apoiaria o casal durante a gravidez e após o nascimento do bebê (Amazarray & cols., 1998; Belsky & Miller, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Furstenberg, Brooks-Gunn & Morgan, 1990; Marsiglio & Cohan, 1997). A mãe do pai adolescente também é citada como importante fonte de apoio para ele (Cochran, 1997; Dallas & Chen, 1999; Elster & Hendricks, 1986), funcionando nesse sentido de forma indireta como apoio para a gestante. Já os adultos, talvez pela maior aceitação da família à gravidez, recebem grande apoio de seus próprios pais e mães.

Um outro ponto a ser ressaltado como peculiaridade entre os grupos é o fato de que os adolescentes parecem receber mais apoio financeiro de seus familiares do que os adultos, que parecem receber mais apoio emocional.

4. Vivências transgeracionais

Nesta categoria descreve-se as lembranças dos futuros pais relativas ao seu relacionamento com os dois genitores, as lembranças de modelos de pai e mãe que gostariam de seguir e que gostariam que a companheira seguisse, bem como as lembranças de modelos de pai e mãe que não desejariam seguir e que não gostariam que a companheira seguisse. Além disso, foram examinadas as qualidades utilizadas pelos futuros pais para caracterizarem um bom pai e uma boa mãe. As questões da entrevista que investigaram esses temas foram: “Quando tu te imaginas como pai, tu pensas em alguém como modelo? Quem seria? Como ele era como pai?”, “Tem alguém que tu não gostarias de ter como modelo de pai?”, “E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?”, “Como tu descreverias um bom pai?”, “Quando tu imaginas a tua companheira como mãe, tu pensas em alguém como modelo? Quem seria? Como ela era como mãe?”, “Tem alguém que tu não gostarias que ela tivesse como modelo de mãe?”, “E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?”, “Como tu descreverias uma boa mãe?”. Quando este tema apareceu relacionado a outras questões da entrevista, os comentários dos pais também foram aqui incluídos. Os relatos foram agrupados em seis subcategorias denominadas: *lembranças relacionadas ao próprio pai*, *lembranças relacionadas à própria mãe*, *modelos de pai*, *modelos de mãe*, *características de um bom pai* e *características de uma boa mãe*.

4.1 Lembranças relacionadas ao próprio pai

Todas as lembranças dos futuros pais relacionadas a seus próprios pais foram consideradas nesta subcategoria. A partir da análise dos relatos dos participantes, encontrou-se lembranças positivas, negativas ou ambivalentes em relação ao próprio pai. Um grande número de futuros pais referiu lembranças positivas de seu próprio pai

(J1, J2, J3, J4, J5, J6, J8, J12, A15, A19, A20, A21, A22), ressaltando características como companheiro, amigo, brincalhão, firme, trabalhador, como pode ser constatado nos depoimentos a seguir:

“Ele vivia brincando comigo, me levando na pracinha, (...) andando comigo. [Estava] Sempre comigo, fazendo brinquedo para mim, arminha de madeira, eu me lembro. Ele fazia bastante coisa.” (J4)

“Procurou sempre o correto, sempre me mostrou o lado correto, sempre foi duro na hora certa, quando precisa, na hora certa saber dizer sim, saber dizer não. Ah, nunca nos deixou faltar nada, sempre nos mostrou o porque de dar valor às coisas, nada cai do céu, tudo é conquistado à base de sacrifício, então isso tudo ele mostrou para nós, tive uma criação perfeita, graças a Deus, até onde ele pode me ajudar com os estudos eu fui...” (A22)

Apenas três futuros pais referiram lembranças ambivalentes do próprio pai (A13, A17, A23), citando tanto características positivas como negativas deste:

“É que o meu pai era um alcoólatra, então ele são com os filhos era uma pessoa que não tinha o que tirar, uma pessoa carinhosa com os filhos, mas ele incomodava a minha mãe, então quer dizer que não adiantava ele ser carinhoso com a gente...” (A17)

Alguns participantes não mencionaram nenhum tipo de lembrança por não terem convivido com seus pais (J7, J9, J10, J11):

“Para falar a verdade para ti, nunca conheci o meu pai. Não conheci ele, nem imagino. Eu fui criado pela minha mãe.” (J9)

Já um pequeno número de participantes mencionou lembranças negativas do próprio pai (A14, A16, A18), citando como razões o alcoolismo e a falta de afeto:

“É que o meu pai sempre foi ausente de nós, ele trabalhava fora e é uma pessoa, ele é alcoólatra, então por causa disso eu penso que ele não se importava muito com a gente, daí quando ele estava junto ele procurava estar mais próximo, mas ele sempre trabalhava fora....” (A14)

Considerando-se todos os depoimentos dos futuros pais, percebe-se que tanto adolescentes como adultos mencionaram lembranças positivas em relação ao próprio pai, referindo-se a ele como um amigo, um companheiro, enfim, alguém que lhes deu afeto e educação. Achados semelhantes foram encontrados por Daly (1993) e Riesch, Kuester, Brost e McCarthy (1996) ao investigarem percepções de pais adultos sobre como haviam sido criados por seus pais.

No entanto, comparando-se os dois grupos, nota-se que entre o grupo adolescente houve um maior número de depoimentos de lembranças positivas do próprio pai, ao contrário do grupo adulto, que referiu mais lembranças negativas e ambivalentes. Por outro lado, também foi no grupo adolescente que apareceu uma maior incidência de depoimentos indicando um abandono pelo próprio pai, o que não deixa de ser um fato negativo. Estes resultados indicam que aqueles adolescentes que conviveram com seus pais têm boas lembranças dos mesmos, o que corrobora parcialmente a literatura (Allen & Doherty, 1996; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Christmon, 1990b; Dallas & Chen, 1999; Jorgensen, 1993; Trindade & Bruns, 1998), que indica que em geral sua relação com o próprio pai seria ruim, distante. Por outro lado, o maior número de abandonos pelo pai entre os adolescentes corrobora esta tendência sugerida pela literatura. Nesse ponto, como mencionam Coley e Chase-Lansdale (1998), não ter nenhuma relação com os próprios pais seria mais benéfico para a criança do que ter uma boa relação inicial que se deteriora com o tempo. Este parece ser o caso de alguns adolescentes do presente estudo.

No que tange aos adultos, a maior incidência de lembranças negativas e ambivalentes poderia indicar uma maior consciência dos aspectos positivos e negativos de sua relação com seus pais, obtida pela maior maturidade pessoal e pela possibilidade de já terem avaliado esta relação na adolescência.

Em todo o caso, não se pode esquecer que o que foi investigado são as lembranças dos futuros pais, que não necessariamente correspondem ao que realmente vivenciaram, e sim à realidade subjetiva de cada um deles (Bowlby, 1989; Riesch & cols., 1996; Slade & Cohen, 1996). De acordo com Stern (1997), esta verdade subjetiva é uma história que a pessoa constrói, acredita e conta sobre seu passado, que contém uma coerência narrativa que pode influenciar mais a vida psicológica atual do que a “verdadeira verdade”. Além disso, não se pode esquecer que estes depoimentos podem estar alterados pela própria situação da gravidez, que predispõe à uma nova elaboração da relação interna com os próprios pais (Brazelton & Cramer, 1992; Parke, 1996; Soulé, 1987; Stern, 1997; Szejer & Stewart, 1997).

4.2 Lembranças relacionadas à própria mãe

Nesta subcategoria são descritas todas as falas dos futuros pais a respeito das lembranças relacionadas à própria mãe. A grande maioria referiu lembranças positivas relacionadas à própria mãe (J3, J4, J5, J6, J7, J8, J9, J10, J11, A13, A14, A16, A18, A20, A21, A22). Na verdade, nenhuma mãe foi lembrada negativamente. Nesse sentido, as mães foram consideradas carinhosas, atenciosas, “corujas”, disponíveis e fonte de incentivo para os filhos. Além disso, em vários casos, elas criaram sua prole sozinhas, sendo então também consideradas batalhadoras. Um outro aspecto que também foi mencionado é o fato destas mães aconselharem seus filhos, serem abertas ao diálogo e também serem firmes, impondo determinados limites. Os depoimentos abaixo ilustram estas idéias dos futuros pais:

“Eu fui criado pela minha mãe. (...) Ah, me criou, deu o que eu queria, o que ela não pode dar, ela não deu, ela ajudou em tudo, o que eu precisava ela me ajudava, em roupa, estudo, em vários negócios ela me ajudava... me ajudava a fazer, dava força, apoio também, para fazer as coisas, o que eu quisesse fazer. Que nem o negócio do quartel, ela incentivou bastante, disse assim ‘Vai, eu te dou ajuda’. Ela me cuidava direitinho e tudo (...) Sempre fazia os negócios por mim, e também quando eu fui crescendo, ela sempre do meu lado, sempre me dando atenção e carinho” (J9)

“Super mãe, super mãe, corujona uma barbaridade. Eu não tenho do que me queixar dela, às vezes eu me queixava dela para ela me dar um tempo para mim respirar, que ela estava sempre na volta, não só comigo como com os outros irmãos também.” (A22)

No entanto, alguns futuros pais também referiram lembranças ambivalentes da própria mãe (J2, J12), alegando tanto aspectos positivos de sua relação com ela como aspectos negativos, dentre eles o abandono e/ou ausência emocional. Nesse caso, para suprir as falhas das mães quanto ao cuidado da criança, as avós, babás e a creche foram utilizadas como recursos:

“Da minha mãe eu lembro pouco, na verdade eu lembro que ela era muito antiga. É que eu acho que até os 3 anos eu fiquei muito em creche, babá, essas coisas, que a minha mãe trabalhava e o meu pai também. Ela tinha que trabalhar... (...)” (J2)

“A minha mãe me deixou quando eu era pequeno, (...) mas também hoje, hoje em dia ela pega e liga para cá todos os dias para ver como eu estou.” (J12)

Apenas um futuro pai (J1) referiu não ter lembranças de seu relacionamento com a própria mãe:

“Não me lembro” (J1).

De modo geral, constata-se que tanto adolescentes como adultos referiram lembranças positivas de sua vivência com a própria mãe. Para a grande maioria, a mãe foi vista como uma pessoa carinhosa, dedicada, atenciosa, mas também firme e batalhadora. Em relação a isso, se poderia pensar se não haveria uma certa idealização dos participantes em relação à figura materna, até mesmo pela tendência social de valorização do papel materno em detrimento do paterno, ou por suas vivências negativas com o próprio pai, inclusive de abandono.

No entanto, quando se compara os grupos etários, percebe-se uma tendência entre os adolescentes de referirem lembranças ambivalentes de sua própria mãe, o que não aconteceu entre os adultos, que mencionaram apenas lembranças positivas. Este achado poderia refletir a desorganização familiar presente em famílias de pais e mãe adolescentes apontada pela literatura (Allen & Doherty, 1996; Landy & cols., 1983; Westney & cols., 1986), inclusive sendo os próprios genitores pais adolescentes ou sozinhos e economicamente desprivilegiados, tendo que se ausentar para trabalhar e assim manter a própria sobrevivência da família. De fato, os dois jovens que citaram este tipo de lembrança provêm de famílias economicamente desfavorecidas. Estes resultados não corroboram totalmente com aqueles encontrados por Elster e Hendricks (1986), Westney e cols. (1986), Allen e Doherty (1996) e Dallas e Chen (1999), de que as mães de pais adolescentes seriam percebidas como mais presentes que os pais.

4.3 Modelos de pai

Esta subcategoria englobou todos os relatos sobre modelos positivos e negativos de pai que os futuros pais gostariam ou não de seguir e suas razões para isso.

Em relação aos modelos positivos, os participantes citaram diferentes modelos. A maioria dos futuros pais citou o próprio pai (J3, J4, J5, J6, J8, A15, A16, A17, A19, A20, A21, A23), por ter sido um bom exemplo, ter provido as necessidades básicas da famílias, sem contudo deixar de ser afetivo e firme. Nos exemplos a seguir pode-se perceber as justificativas dos futuros pais para a escolha do próprio pai como modelo:

“Sei lá, acho que meu pai. (...) Ai, que o meu pai sempre foi companheiro. Ele que passou a infância inteira, toda vida era ele que estava em casa. A gente ia, vinha do colégio, ele buscava. Ele ficava com a gente de tarde. Minha mãe, ela trabalhava o dia inteiro. Daí eu fui criado mais com o meu pai mesmo. É, acho tri.” (J5)

“Eu me imagino como o meu pai. Um cara bom, comedido, que sabe o que faz, sabe o que a gente está precisando, que é duro quando precisa, eu acho que vou ser assim pelo exemplo que eu tive.” (A20)

Em alguns destes casos os participantes mencionaram que imitariam o próprio pai, mas com algumas ressalvas (J3, J8, A17, A23), principalmente em relação a ser alcoolista:

“É que o meu pai era um alcoólatra, então ele são com os filhos era uma pessoa que não tinha o que tirar, uma pessoa carinhosa com os filhos, mas ele incomodava a minha mãe, então quer dizer que não adiantava ele ser carinhoso com a gente...” (A17)

Com menor frequência foram citados outros familiares como modelo de pai, como o irmão (A13), o tio (A14), o cunhado (A21), amigos (J11, A14) e vizinhos (J6), por também serem carinhosos e dedicados aos filhos:

“Um bom pai eu imagino meu irmão, meu irmão para o guri dele é o melhor pai do mundo (...) Imagino meu irmão, ele troca fralda, dá atenção, ensina o guri, volta e meia ele está muito berrão, o meu irmão pega o guri, bota ele sentado e diz ‘Pode ficar aí sentado que nós vamos conversar’, tem que ver a brabeza dele, entende tudo.” (A13)

Chama a atenção que um bom número de participantes referiu não ter nenhum modelo positivo de pai (J9, J10, J12, A18), preferindo ser da forma como é ao relacionar-se com o filho (J1, J12, A22):

“Não, modelo não, eu quero ser eu mesmo, eu mesmo com ele.” (J12)

“... hoje eu não procuro um modelo, (...) porque um modelo fica na tua imaginação e às vezes tu não consegues passar aquilo para a realidade. Eu quero me tornar o meu modelo de pai, eu quero construir a minha características, as minhas atitudes, as minhas ações como pai, eu quero tirar isso do interior, isso aí eu sei que como ela nunca foi mãe, vai ser pela primeira vez, ela vai, isso vai aflorar dela, esse sentimento, da mesma forma acho que da minha pessoa também.” (A22)

Apenas um futuro pai referiu que poderia seguir qualquer modelo de pai diferente do seu próprio pai (J7):

“Menos o meu pai, eu seria qualquer outro...” (J7)

De forma global, os depoimentos dos futuros pais indicaram semelhanças no que diz respeito ao modelo positivo de pai, sendo o próprio pai a figura mais citada nos dois grupos. Em alguns casos, este foi citado com ressalvas. De qualquer forma, este achado apoia a literatura que diz que em geral a vivência com os genitores do mesmo sexo é o maior modelo parental para os futuros pais (Bowlby, 1989; Lewis & Dessen, 1999; Parke, 1996; Riesch & cols., 1996). Além disso, na gestação a relação com os genitores seria revisada, podendo ser re-elaboradas as vivências passadas, tomando-se o pai como modelo direto ou indireto (Anderson, 1996; Brazelton & Cramer, 1992; Parke, 1996; Riesch & cols., 1996; Slade & Cohen, 1996).

Chama atenção entre os grupos a valorização da afetividade e da educação global do filho. Estas características foram as mais citadas como motivo para “imitar” os modelos citados. Nesse sentido, fica evidente uma mudança social de valores no que tange ao papel paterno, já bastante documentada na literatura como *o novo pai*. A ele não cabe somente o sustento material e a educação dos filhos, mas também a participação afetiva e prática na sua criação (Cabrera & cols., 2000; Daly, 1993; Garbarino, 1993; Parke, 1996; Rotundo, 1985). Esta modificação do papel paterno teve lugar a partir de diversas transformações sociais e modificação da própria identidade masculina ocorrida neste século, a partir da qual foi possível aos homens colocar em prática uma parte maior da sua feminilidade (Silva, 2000).

No entanto, entre os grupos percebe-se uma tendência dos adolescentes de priorizarem o lado afetivo, ao contrário dos adultos, que parecem priorizar o lado educativo, formativo. Isto poderia estar relacionado à própria educação que tiveram. Os pais dos futuros pais adultos viveram em uma época bastante diferente culturalmente, tendo criado seus filhos conforme o modelo paterno da época, que valorizava a instrução e a educação (principalmente a colocação de limites aos filhos). Já os pais dos futuros pais adolescentes podem já estar sendo (e ter sido) influenciados pela nova mentalidade em relação ao novo papel paterno, mais participativo e afetivo (Cabrera & cols., 2000; Daly, 1993; Garbarino, 1993; Parke, 1996; Rotundo, 1985; Szejer & Stewart, 1997). Uma outra razão para esta tendência seria a própria idade dos adolescentes, em que o que buscam é justamente superar os limites impostos pelos pais e garantir sua autonomia. Nesse caso, este aspecto educativo não seria tão importante

para eles como o afetivo, o lado prazeroso de ser pai, talvez também por não se acharem ainda em condições de colocar limites em outra pessoa, como em seu filho.

Além disso, constata-se uma tendência entre os jovens de não terem um modelo positivo de pai, preferindo descobrir-se ao longo do exercício de seu papel, o que não aparece tanto entre os adultos. A princípio, este achado iria contra o depoimento anterior dado por alguns destes jovens, no qual ressaltaram suas vivências positivas com o próprio pai. No entanto, poderia estar relacionado com a própria fase adolescente, em que está presente de forma marcante a oposição aos genitores e o desejo de autonomia. Assim, os jovens tenderiam a querer diferenciar-se de seus pais, por melhores que tenham sido, como resultado de uma tarefa normal da adolescência (Blos, 1994; Sadler & Catrone, 1983; Teti & Lamb, 1986). Um outro aspecto que poderia estar relacionado a esta situação é o próprio fato de muitos deles terem sido abandonados por seus próprios pais, não tendo assim um modelo paterno a seguir. Para Daly (1993), muitos pais nesta situação enfrentam dificuldade na construção de sua identidade parental, ao mesmo tempo em que o sentir-se sem modelos a seguir refletiria a mudança atual no que diz respeito ao ideal social do que seja ser pai.

Em relação aos modelos negativos citados pelos futuros pais, isto é, pessoas que eles não gostariam de seguir como modelo de pai, também foram encontradas respostas variadas. Na maioria das vezes, os participantes referiram um modelo negativo genérico, que inclui características como ser drogado, marginal, distante da criança, violento e/ou alcoolista (J2, J3, J5, J9, J10, J12, A15, A19, A20, A21, A22). Alguns participantes também mencionaram o próprio pai como modelo negativo (J7, A13, A14, A16, A17), por possuírem as mesmas características do modelo geral acima citado. Outros participantes referiram não ter um modelo negativo (J1, J5, J6, A18). Alguns também citaram outras pessoas da família (J12, A21) ou amigos (J8). Todos estes exemplos de modelos negativos aparecem nos seguintes depoimentos:

“Um marginal, um drogado... Isso não é um modelo de pai. Um pai que larga... um pai que larga não é pai...” (J3)

“O meu pai seria uma referência assim que é, seria uma idéia assim do que ele viveu o meu filho procurar não viver, porque é uma pessoa... O contrário, então, seria aquilo ali invertido, tirei proveito e vou sempre tirar, mas não o modelo de vida assim, o estilo de vida do meu pai. É que o meu pai sempre foi ausente de nós, ele trabalhava fora e é uma pessoa, ele é alcoólatra, por causa disso daí eu penso que

ele não se importava muito com a gente, daí quando ele estava junto ele procurava estar mais próximo, mas ele sempre trabalhava fora...” (A14)

“Quando os meus pais não estavam e meu irmão mais velho não estava, ele é o segundo, ele era muito firme comigo e com os filhos ele deixa fazer o que quiserem, tanto que os guris me ouvem mais do que ouvem o pai, isso eu não quero, provavelmente isso eu não quero” (A21)

Analisando-se as falas dos futuros pais, percebe-se que tanto pais adolescentes como adultos concordam quanto ao tipo de pai que não desejariam ser para seus filhos, no caso, violento, ausente, viciado em álcool ou drogas, dentre outras coisas. Esse modelo parece refletir um ideal social do bom pai, no sentido de que os modelos negativos corresponderiam a pessoas que se comportam de forma oposta ao que socialmente se considera como sendo um bom pai (Cabrera & cols., 2000; Daly, 1993; Parke, 1996). Além disso, os modelos negativos citados poderiam refletir o modelo de pai que muitos participantes têm ao seu redor, seja pelo ambiente em que vivem, seja pela realidade atual veiculada nos meios de comunicação de massa, por exemplo, em que se percebe a dificuldade de convivência e de diálogo entre pais e filhos. Não se pode esquecer também que o fato de terem citado modelos genéricos poderia ser decorrente de sua dificuldade em identificar determinadas pessoas como maus pais, e uma habilidade maior para identificar valores, ações e padrões que não gostariam de incorporar ao seu exercício do papel paterno (Daly, 1993). De fato, durante as entrevistas os participantes comentaram que costumavam prestar atenção ao comportamento de outros pais e mães e logo identificavam atitudes que não gostariam de “imitar”.

Um outro aspecto interessante diz respeito ao desejo dos futuros pais de que tudo desse certo em sua estréia na vida parental, conseguindo desempenhar com sucesso seu novo papel. Este desejo parece ser universal, conforme apontam Brazelton e Cramer (1992). Assim, todas as características que lhes dificultariam atingir este desempenho foram consideradas negativas, devendo ser evitadas.

Contudo, comparando-se os dois grupos, se percebe entre os adolescentes uma tendência a não indicar o próprio pai como um modelo negativo, tão freqüente entre os adultos, principalmente por ele ser (ou ter sido) alcoolista e/ou ausente. Este achado foi também encontrado por Anderson (1996) entre pais adultos. Quanto aos adolescentes, estes dados são contrários aos achados de Allen e Doherty (1996), de que os adolescentes teriam um modelo de papel paterno negativo proveniente dos próprios

pais. Nesse sentido, os adultos parecem ter maior consciência acerca do pai que tiveram e da necessidade de corrigir seus erros, mostrando um desejo de reparar suas vivências desprazerosas, proporcionando ao filho o que não tiveram. Nesse sentido, sabe-se que os pais podem ser usados como modelos diretos ou indiretos pelos futuros pais (Bowlby, 1989; Parke, 1996; Riesch & cols., 1996; Soulé, 1987; Trindade & Bruns, 1999). Contudo, entre os adolescentes este desejo de ser melhor que o próprio pai também apareceu, mesmo que não os tenham citado como modelos negativos. Assim, esta tendência não pode ser entendida como um indício de que os pais adolescentes teriam modelos de pais mais favoráveis que os adultos, mas sim como indício de um desejo “universal” de futuros pais a acertar, como foi comentado acima. Isto porque alguns adolescentes (3), até mesmo por não terem convivido com seus pais, os consideram como modelo a não ser seguido, ao contrário dos adultos, que mesmo tendo convivido com seus pais, guardam deles lembranças negativas.

4.4 Modelos de mãe

Esta subcategoria englobou os relatos de modelos positivos e negativos de mãe que os futuros pais gostariam que sua companheira seguisse durante o exercício da maternidade, bem como que não gostariam e as justificativas para essa escolha.

Em relação ao modelo positivo de mãe, foram encontradas respostas variadas. Muitos futuros pais mencionaram a própria mãe como modelo (J9, J10, A15, A19, A20, A22). Também foram citadas a mãe da companheira (J3, J4, J11, A15, A17, A19, A22, A23), a mãe de um amigo (J11), as avós (J12) e a irmã (A21), como evidenciado a seguir:

“A minha mãe. Ela cuidou da gente, que nós somos quatro irmãos, ela cuidou, deu atenção aos quatro sozinha, não deixou faltar nada, ela vem aqui e às vezes me xinga e fala umas coisas para mim, e sempre está aí, está em volta de mim, ou então eu vou lá e ela fica me abraçando, sempre do meu lado, dá os negócios para mim, se eu quiser comer ela vai lá e me serve (...).” (J9)

“Acho que a minha mãe ou a mãe da F. São tranquilas, dando apoio, exemplo na hora certa...” (A19)

“Minha avó, minhas duas avós, que elas são parecidas, carinhosas.” (J12)

“A minha irmã (...), que essa minha irmã é pedagoga e a gente sempre fala assim que é uma boa mãe, uma ótima mãe. Ela é firme mas é carinhosa, é tranqüila, fala baixinho com as crianças, tu vais lá e tu vêes que o ambiente familiar deles é super calmo, as crianças são tranqüilas, não tem gritaria (...), as crianças estão muito alegres.” (A21)

Contudo, chama atenção que um bom número de participantes não mencionou nenhum modelo positivo de mãe (J2, J6, J7, J8, A14, A18):

“Não, acho que não tem... Acho que todas as mães querem o melhor para o filho ou para a filha. Só isso. Não tem ninguém como espelho.” (J8)

“Olha, que eu posso ver assim eu não vejo nenhum modelo, até mesmo porque a gente não conversou a respeito disso, mas eu creio que ela deve ter algum modelo...” (A14)

Alguns futuros pais também mencionaram que a companheira deveria se espelhar nela mesma, ao invés de seguir um modelo (J1, A16):

“Acho que nela mesma. Vai se espelhar nela mesma, ela se dá bem com criança. (J1)

“Acho que a M. já é o modelo. Ela mesma.” (A16)

Considerando-se todos os depoimentos dos futuros pais, constata-se que tanto adolescentes como adultos citaram como modelo positivo de mãe sua própria mãe, a mãe da companheira e às vezes não indicaram nenhum modelo que gostariam que a companheira seguisse.

No entanto, comparando-se os dois grupos, evidenciou-se uma tendência entre os adolescentes de considerarem menos vezes a própria mãe como modelo positivo, quando comparados aos adultos. Além disso, eles parecem ter considerado mais vezes uma pessoa de fora da família ou a avó, além de mencionarem mais vezes não terem um modelo positivo de mãe que gostariam que a companheira seguisse. Este achado concorda com os da subcategoria 4.2, em que os adolescentes referiram mais que os adultos lembranças ambivalentes de suas próprias mães, o que justificaria não a escolherem como modelo positivo. Nesse sentido, estes resultados não corroboram o apontado por Elster e Hendricks (1986), Westney e cols. (1986), Allen e Doherty (1996) e Dallas e Chen (1999), de que as mães de pais adolescentes seriam percebidas como mais presentes que os pais. No entanto, não se pode esquecer que pela fase de

desenvolvimento em que se encontram, os adolescentes podem estar tendo uma visão “distorcida” de suas mães, querendo opor-se a elas, e até desvalorizando-as. Isto pode ter uma dimensão saudável, pois estas atitudes são necessárias no sentido de alcançar a separação–individação iniciada na infância (Blos, 1994 e 1996).

Em relação ao modelo negativo de mãe, as respostas encontradas não foram tão variadas. Seguindo suas declarações sobre os modelos negativos de pai, em geral os futuros pais citaram não terem um modelo negativo de mãe e/ou não lembrarem de ninguém em especial (J1, J4, J5, J6, J10, A18, A23). Outros participantes mencionaram um modelo geral, citando características específicas e não uma pessoa em si (J3, J9, J11, A20, A21, A22), tais como ser chata, abandonar a criança, agredir a criança, ser ausente emocionalmente, chantagista, etc., como pode ser constatado nestes depoimentos:

“Não, porque é difícil achar uma mãe fraca. (...) ... o homem até às vezes assim tu encontras uns fracotes assim, mas mãe é muito difícil. Mãe é difícil mesmo. Mãe sempre agarra o filho, bota embaixo da asa e não tem pra ninguém. (...)” (J10)

“... essa mãe oscilante, que é firme com a criança agora e daqui a cinco minutos a criança faz o que quer, e se a criança tem que comer alguma coisa, ela promete que vai levar no parque para a criança comer, eu acho um absurdo ficar barganhando a criança, esse tipo de coisa.” (A21)

Alguns futuros pais também mencionaram a própria mãe como um modelo negativo (J7, J12), em virtude da mãe lhes ter abandonado ou por ser muito super protetora:

“A minha mãe eu acho, a minha mãe não é muito boa. A minha mãe me deixou quando eu era pequeno, acho por isso também...” (J12)

As amigas também foram mencionadas por um dos futuros pais (J8):

“Algumas mães amigas nossas. Os filhos vêem algumas coisas que não devem...” (J8).

As falas dos futuros pais refletem uma certa equivalência entre os grupos quanto ao que consideram um modelo negativo de mãe (aquela que abandona a criança, por exemplo). Além disso, em ambos os grupos os participantes citaram não terem nenhum modelo deste tipo.

Entretanto, a comparação entre os grupos revelou uma tendência entre os adolescentes de não terem modelo negativo ou de que este seja a própria mãe, o que não aconteceu entre os adultos, que em geral nem mencionaram este tema em seus depoimentos. Estes achados parecem confirmar os achados relatados na subcategoria 4.2 no que se refere aos adolescentes, que por suas lembranças ambivalentes relacionadas à própria mãe, a consideram mais freqüentemente como um modelo negativo. Ou também que suas lembranças negativas em relação à própria mãe seriam mais freqüentes do que realmente comentaram. Nesse sentido, mais uma vez estes resultados não corroboram a literatura sobre o tema (Allen & Doherty, 1996; Dallas & Chen, 1999; Elster & Hendricks, 1986; Westney & cols., 1986) que aponta que as mães dos pais adolescentes seriam percebidas pelos mesmos como mais próximas e afetuosas do que seus pais.

4.5 Características de um bom pai

Esta subcategoria englobou todas as falas dos futuros pais em que eles mencionavam características que, na sua opinião, descreveriam um bom pai.

Os futuros pais mencionaram diversas características para definir um bom pai, na maioria das vezes citando mais de uma. Educar e orientar o filho apareceram como as principais características citadas pelos participantes como definindo um bom pai (J3, J4, J6, J10, J12, A14, A16, A17, A18, A20, A21).

“Eu acho que um bom pai é... um amigo, sincero, e eu acho que tem que ser, que tem que ter um pouco de rigidez também na educação, eu acho que é... eu fui criado com rigidez e para mim não fez mal. E eu vejo hoje muita liberdade e aí as coisas se tornam muito fáceis de fugir do controle. Acho que para mim é fundamental [ter firmeza].” (A16)

“Acho que tem que... dialogar bem com os filhos, antes de bater, conversar bastante e educar eles bem; Acho que é isso.” (J4)

Também foi muito citado ser atencioso com o filho (J6, J7, J8, J9, J11, A13, A19), estar presente e participar de seus cuidados (J6, J11, A14, A17, A21, A22) e ser carinhoso (J6, J7, J8, A13, A18, A19):

“Ah, um bom pai, em primeiro lugar, no mínimo deveria, deveria não, tem que dar bastante atenção para o filho, fazer quase todas as vontades do filho, sempre orientando, mas fazer quase todas as vontades do

filho, estar sempre do lado do filho dia-a-dia, quando der um tempinho, dar carinho para o filho, que é o mais importante” (J6)

Foi ainda mencionado ser amigo/companheiro (J4, J5, J11, J12, A16, A22), ser trabalhador (J3, A18, A19), ser compreensivo (J5, J7, J8) e responsável (J5, J10, A15):

“Acho que pai é, pai é aquele que assume um filho, que cuida do filho até... Até a morte, porque não adianta, tu podes estar velho ali, se tiver que dar dinheiro, ou apoiar, conversar, o pai sempre faz isso, a mãe a mesma coisa. Acho que pai é isso aí, é tu agüentar o teu filho nas horas boas e ruins. É um casamento.” (J10)

“Um bom pai é aquele que é amigo, não é aquele que falta (...) O bom pai é aquela pessoa que foi consciente em fazer o filho (...), que ajudou a gerar aquela vida e não se ausenta nunca, está sempre presente com aquela pessoa, desde pequenininha até atingir a maioridade, e que quando o filho for constituir sua família também não se ausente.” (A22)

Examinando-se conjuntamente as falas dos participantes, percebe-se que os futuros pais de ambos os grupos definem o que é um bom pai da mesma forma, ressaltando tanto aspectos afetivos (ser amigo, companheiro, compreensivo) como formativos (educar, orientar, ser responsável). Estas características citadas pelos participantes parecem refletir, como foi mencionado acima, um novo ideal social do que seja um bom pai, em que o aspecto afetivo passou a ser tão valorizado como a questão da manutenção econômica da criança (Daly, 1993; Cabrera & cols., 2000; Garbarino, 1993; Parke, 1996). Allen e Doherty (1996) também encontraram entre pais adolescentes a presença de um modelo social ideal de pai que serviria para moldar seus comportamentos paternos.

No entanto, quando comparados os dois grupos, constata-se uma tendência entre os adolescentes a referirem mais características afetivas (ser compreensivo, amigo, atencioso, etc.) do que os adultos, que parecem valorizar mais as características formativas, citando mais a educação e orientação do filho, a participação em seus cuidados, o ser trabalhador e a satisfação das necessidades materiais do filho. As falas dos futuros pais parecem estar em consonância com o tipo de educação recebida de seus genitores, já mencionadas anteriormente (subcategoria 4.1 e 4.3). Os pais adultos tiveram pais que lhes deram uma educação mais rígida do que afetiva, enquanto o oposto parece ter ocorrido com os adolescentes, em virtude da idade de seus genitores e do momento histórico em que nasceram e foram criados. Há algumas décadas atrás o modelo vigente valorizava a disciplina, o que já não parece ser primordial atualmente,

em que se valoriza o aspecto afetivo (Daly, 1993; Garbarino, 1993). Acrescido a isso, até mesmo o fato de se tornarem pais na adolescência mostra como os pais destes jovens podem ter-lhes dado maior liberdade do que os pais dos adultos o fizeram, incluindo a atividade sexual precoce.

4.6. Características de uma boa mãe

Esta subcategoria englobou todas as falas dos futuros pais que se referiam a características consideradas apropriadas para definirem uma boa mãe.

Os futuros pais citaram diferentes características ao definirem uma boa mãe, tais como ser carinhosa (J1, J7, J8, J10, J12, A13, A18, A19, A21), atenciosa (J1, J7, J8, J9, J10, A13, A18, A19), presente (J11, A16, A20, A22), compreensiva (J2, J7, A16), ser amiga (J5, J6), cuidadosa (J10, A20) e companheira (J5, A16). Também foram citadas características mais formativas (educativas), tais como educar o filho (J3, A14, A15, A20), dialogar (J11, J12, A16), dar liberdade na dose certa para o filho (J7, A15), dar o que o filho necessita (A19, A20), enfim auxiliar o filho em tudo (A13, A18). Estas características ficam evidentes nos depoimentos abaixo:

“Compreensiva, atenciosa, carinhosa, eu acho também que faz bem para a criança e... acho que seria isso. É dando atenção, dando bastante conselho, deixando um pouco, não pouca liberdade, mas também não muita. Ter os cuidados certos.” (J7)

“É o feminino de um bom pai, como eu te falei, é carinhosa, é firme, participativa, calma, para deixar a criança bem calma.” (A21)

“... é aquela que encaminha, que junto com o pai vai cuidar, dar educação, dar tudo...” (A20)

A análise global dos depoimentos dos participantes indica que adolescentes e adultos possuem um modelo semelhante do que seja uma boa mãe, usando as mesmas características afetivas e formativas para definir este modelo, tais como ser amiga, carinhosa, dedicada e aconselhar os filhos. Nesse sentido, percebe-se uma grande semelhança entre as características usadas para definir um bom pai, o que parece mais uma vez demonstrar a existência de um modelo que reflete características socialmente esperadas e desejáveis para pais e mães (Daly, 1993; Garbarino, 1993). Além disso, esta semelhança entre os modelos de pai e mãe poderia refletir as modificações sociais

atuais, cujo resultado seriam modelos de masculinidade e feminilidade nos quais as diferenças entre os sexos são minimizadas (Rotundo, 1985).

Comparando-se os grupos, evidenciou-se novamente uma tendência dos adolescentes de referir mais frequentemente aspectos afetivos do que formativos em relação aos adultos. A razão para isso, conforme comentado anteriormente, poderia ser a educação diferente recebida por estes futuros pais de acordo com a época em que seus genitores viveram e foram criados, transmitindo-lhes assim valores e atitudes diferentes quanto aos papéis parentais (paterno e materno).

5. *Bebê imaginado*

Esta categoria considerou tanto os relatos sobre as preferências do futuro pai em relação às características do bebê, em particular quando ao sexo do bebê, como as características físicas, emocionais e/ou comportamentais imaginadas para o futuro bebê. Isto foi investigado na entrevista através das seguintes questões: “Já sabes o sexo do bebê? Como te sentiste quando soube?”, (Caso não saiba o sexo) “Gostaria que fosse menino ou menina? Por quê?”, “Vocês já pensaram em um nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo especial para a escolha?”, “Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?”, “Que características físicas tu imaginas que o bebê vai ter?”, “Como tu imaginas que vai ser o jeito dele? Por quê?”, “Com quem tu achas que ele vai ser parecido? Por quê?”. Quando este tema apareceu relacionado a outras questões da entrevista, os comentários dos pais também foram incluídos aqui. Os relatos foram agrupados em três subcategorias denominadas: *reação inicial quanto ao sexo do bebê*, *escolha do nome do bebê* e *características físicas, emocionais e/ou comportamentais imaginadas do bebê*.

5.1 Reação inicial quanto ao sexo do bebê

Esta subcategoria diz respeito à reação inicial dos futuros pais ao saberem o sexo de seu bebê, bem como as suas preferências quanto ao mesmo. A grande maioria dos futuros pais já tinha esta informação quando a entrevista foi realizada. Apenas dois

casais ainda não sabiam (J4, J9), por terem feito somente uma ecografia no início da gravidez.

Dentre aqueles que já conheciam o sexo do bebê e comentaram sobre sua reação, a grande maioria referiu uma reação positiva no momento em que obtiveram esta informação (J1, J3, J5, J6, J8, J10, J12, A13, A16, A18, A19, A20, A22, A23), até mesmo porque o sexo do bebê correspondeu as suas preferências pessoais (J3, J4, J5, J6, J8, J9, A13, A16, A17). No entanto, a reação positiva ocorreu até naqueles casos em que o sexo do bebê não correspondeu às preferências dos futuros pais (J7, J10, J12, A19, A20, A22), como pode ser visto nos depoimentos abaixo:

“Eu sou bem ao contrário, até queria guria. Todo homem quer um guri, quer um guri, quer um guri, mas eu falava que queria guri só para mexer com a C., mas eu sempre queria uma guriazinha. Ah, me senti feliz [quando eu soube que era menina]” (J3)

“Menina, [a minha preferência] sempre foi. (...)... nos criamos dentro de cinco guri, nós temos duas irmãs de criação, então aquela coisa assim, como é que eu posso dizer, o meu pai sempre quis uma menina, aí meu irmão casou e teve uma menina, mas o meu pai já estava morto, não acompanhou a criação. (...) eu fiquei com aquela coisa assim, ‘Eu vou ver se de repente quando eu casar e tiver uma menina, só para satisfazer as vontades’, não satisfazer, sabe aquela coisa assim dele não teve e eu ter, tentar dar o carinho que eu tinha certeza que ele ia dar.” (A17)

“É um menino. Eu queria guria, sempre falava que queria guria. Mas aí quando a gente foi lá ver, aí mostrou bem direitinho, ele fazia assim com as mãos, aí o médico falou que era um guri, bah, foi até melhor, deu até vontade de chorar, foi muito bom, muito bom mesmo.” (J12)

“Particularmente eu queria uma menina, mas isso não impede, não intervém em nada no meu sentimento. Eu queria uma menina porque a menina é sempre companheira da mãe, enfim, é mais delicadinha, ela é mais carinhosa, mais meiga, e o rapaz não tem jeito, esse não tem jeito. Ah, eu sempre disse para ela, eu particularmente queria uma menina, mas tendo saúde, ‘Tu e o nenê tendo saúde para mim é o suficiente’, fiquei faceiro da mesma forma, da mesma forma que se fosse uma menina” (A22)

Mais especificamente, na maioria dos casos os futuros pais expressaram preferência pelo sexo feminino (J3, J4, J10, J12, A13, A16, A17, A19, A22) e menos pelo masculino (J1, J6, J7, J8, J9, A20). Assim, em muito mais casos o sexo do bebê correspondeu às suas preferências (J3, J4, J5, J6, J8, J9, A13, A16, A17) do que não correspondeu (J7, J10, J12, A19, A20, A22). Contudo, alguns pais referiram não terem preferência quanto ao sexo do bebê, até mesmo por ser o primeiro filho (J2, J5, J11, A14, A18, A21, A23):

“Preferência não só minha, mas eu acho que da casa toda, era para que fosse uma menina, não sei se por causa da mãe que teve três filhos homens. Cada um que nascia ela ia dizer que era uma menina, uma menina, e era só homem. Daí agora veio a minha.” (A13)

“Porque o meu sonho mesmo é ter um filho, um guri, e graças a Deus que foi realizado. É... eu sempre quis ter um guri. Imagina, eu sempre quis ter um menino. Bah, naquela hora assim que o médico falou que era um menino, eu, bah, só não pulei porque eu estava... [risos]. Mas fiquei super, super contente mesmo de ser um menino.” (J6)

“Eu não... para mim tanto faz o sexo, que é o primeiro filho... Claro, menino é melhor por causa disso, e menina é melhor por causa daquilo. Então empatou, tanto fazia.” (J2)

“Nós não estávamos preocupados com o sexo [do bebê]. O que tivesse que ser ia ser, não tinha uma preferência, sabe, tanto que a gente vai tentar uma menina em seguida. Não vamos esperar muito tempo entre o próximo filho, no máximo mais uns dois anos de diferença. Até se viesse de uma vez só nós íamos achar muito bom. Já ia estar solucionada essa parte” (A23)

Analisando-se as preferências do casal, em geral elas foram diferentes, pois cada membro desejava o sexo oposto à preferência do outro membro da dupla (J4, J6, J7, J8, J9, J12, A16, A19, A20, A22). Apenas em três casais se nota uma semelhança nas preferências quanto ao sexo do bebê (J3, A13, A17).

Chama atenção o fato de alguns pais mencionarem que a família havia dado um palpite correto quanto ao sexo do bebê, sendo este realmente correspondente às preferências familiares (J3, J11, A13, A19):

“A mãe dela queria gurua, falou desde o início ‘Ah, vai ser gurua!’” (J11)

Analisando-se as falas dos dois grupos, percebe-se que tanto adolescentes quanto adultos ficaram felizes ao saberem o sexo de seu bebê, mesmo quando este não correspondia às suas preferências. Assim, parecem ter se adaptado à realidade com facilidade, conseguindo comemorar a descoberta e se envolver com o nenê. Isso nos faz pensar na fantasia dos pais sobre seus bebês: antes da ecografia; mesmo tendo suas preferências, os pais podem imaginar o bebê como menina ou menino mais livremente. Assim, no momento em que esta fantasia é ou não confirmada pela ecografia, eles já realizaram algum trabalho psíquico para imaginar o bebê como sendo menino ou menina, o que facilita sua adaptação ao bebê agora mais concreto, cujo sexo foi confirmado (Soulé, 1987). Isto porque a ecografia, de acordo com este autor, provocaria uma interrupção do fantasma, do bebê imaginário, voluntariamente escolhida pelos pais.

Também se nota um grande número de pais de ambos os grupos que mencionou não se importar com o sexo de seu bebê por ser o primeiro filho. Isso contradiz o exposto por Parke (1996), de que os pais e mães teriam claras preferências em relação ao sexo do primeiro filho.

Ainda quanto às preferências pessoais, o sexo feminino foi o mais desejado pelos homens, o que vai contra dados encontrados em nosso meio (Caron, Fonseca & Kompinsky, 2000) e no exterior (Brazelton & Cramer, 1992; Parke, 1996) de que a preferência dos futuros pais seria o sexo masculino, o que garantiria de forma mais concreta a sua “imortalidade”, a partir da produção de um outro ser igual a si mesmo. Isto seria ainda mais acentuado entre adolescentes, que em virtude de estarem consolidando sua identidade sexual estariam mais ligados aos estereótipos masculinos, preferindo que seu bebê tivesse o mesmo sexo que o seu (Marsiglio & Cohan, 1997).

Contudo, comparando-se os grupos, constata-se que o sexo do bebê correspondeu principalmente às preferências dos pais adolescentes. Esta correspondência entre o sexo do bebê e as preferências dos futuros pais potencializaria uma interação e envolvimento afetivo positivo com o bebê após o nascimento, como apontado na literatura (Parke, 1996).

5.2 Escolha do nome do bebê

O tema desta subcategoria foi o processo da escolha do nome do bebê, buscando-se investigar quem havia escolhido ou sugerido o nome e quais os motivos levados em conta nesta escolha ou sugestão.

No terceiro trimestre de gestação, a grande maioria dos futuros pais mencionou que o nome do bebê já estava escolhido (J1, J2, J3, J7, J8, J9, J10, J11, J12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23):

“Sim, já foi escolhido quando soubemos o sexo.” (A18)

Na verdade, apenas dois participantes referiram que o nome ainda estava sendo escolhido pelo casal em virtude de não saberem o sexo do bebê (J5, J6). Um

participante também referiu que o casal ainda não tinha escolhido o nome do bebê caso o sexo fosse masculino (J4). Isto pode ser constatado nos depoimentos abaixo:

“Estamos pensando ainda. É que assim, ela sugere daí eu aceito. Outro dia, eu sugiro e ela ‘Porque tem que ser daquele jeito lá, aquele outro [nome]...’. É, ela só gosta dos nomes que ela fala. (...) ... eu pretendo, pelo menos por minha parte, ter pelo menos dois ou três nomes na cabeça e ver qual encaixa melhor na choradeira dele” (J5)

Dentre os que já haviam escolhido ou sugerido algum nome para seu bebê, o motivo citado foi simplesmente gostar do nome (J2, J3, J4, J7, J9, J10, J11, J12, A13, A15, A17, A18, A19, A21, A23):

“Vai se chamar K. Não sei, achei bonito. Eu [escolhi]. Nós dois estávamos falando de nome, daí alguém falou K. e eu achei bonito. É porque é bom de falar...” (J2)
“J. Não tem [um motivo especial]. É um nome forte.” (A15)

Alguns participantes também referiram terem se inspirado em novelas, filmes ou livros para escolher o nome do bebê (J3, J7, A13, A17, A23), enquanto outros escolheram nomes de algum parente, amigo ou de seus próprios genitores (J3, J8, J9, A20, A21, A22, A23). Ainda houve os que escolheram nomes sugeridos por algum parente ou amigo (J1, J2, A15):

“Eu só escolhi de um livro, eu não queria um nome que fosse, que pudesse ficar abreviado, um apelido para um nome longo. (...) É um nome bem a ver com os tempos que a gente está vivendo agora, um nome bem brasileiro. Ele é um nome de vogais, só tem uma consoante...” (A23)

“Ela que escolheu em homenagem ao meu pai (...), eles são apaixonados por ela, então quando a gente estava namorando ela disse que se um dia a gente viesse a casar e ela ficasse grávida, se fosse um gurizão, ela ia dar o nome do meu pai para ele, foi tudo escolha dela” (A22)

“O pai dela escolheu [o nome], porque se a M. nascesse menino, o nome dela ia ser D., aí nós botamos, já para deixar o avô mais coruja ainda” (J1)

Quanto a quem havia sugerido ou escolhido o nome do bebê, foram encontradas quatro situações: nome escolhido pelo participante, nome escolhido pela sua companheira, nome escolhido pelo casal e cada membro do casal escolheu um nome para um determinado sexo do bebê. Muitos futuros pais referem que eles escolheram ou sugeriram o nome de seus bebês (J2, J3, J4, J6, J7, J12, A18, A19, A21). Também houve um bom número de pais que referiu um pacto entre ele e a companheira, tendo

cada um escolhido um nome para cada sexo (J2, J8, J9, J10, J11, J12, A20). Em menor número de vezes a companheira foi quem escolheu o nome da criança (J10, A13, A16, A20, A22) ou este foi escolhido conjuntamente pelo casal (J3, J8, A14, A15, A17, A23):

“Ah, fui eu [que escolhi]. (...)... porque isso aí já, quando a gente falou assim ‘Ah, se for guri vai ser M.’, nós dois tivemos um acordo, que daí ficou, ia ser M. mesmo. (...) Não, eu sempre gostei de M., um nome bíblico, sabe, eu sempre gostei desde pequeno, então eu disse ‘Não, o meu filho vai ser M.’. Então não foi por causa de novela, nada disso (...), não tem nada a ver, eu já tinha escolhido a muito tempo, sabe” (A19)

“Ah, foi nós dois. É que guria já estava escolhido, que ela tinha escolhido que ia ser J., que ia ser o nome dela no caso. E guri era, no caso, para eu escolher. Só que acabou nós dois escolhendo” (J8)

“A M. escolheu primeiro, depois a gente... eu aceitei assim, a gente conversou... Não, ela botou o nome e perguntou para mim, e eu ‘Não, pode ser’, eu não grilo muito com essas coisas de nome” (A16)

Apenas em três casos houve algum desagrado ou conflito inicial entre os parceiros em função do nome escolhido para o bebê (J2, J5, J11):

“Ela não gostou muito, ela queria um outro nome, mas acabou aceitando...” (J2)

Analisando-se conjuntamente as falas dos futuros pais, nota-se que na grande maioria das vezes a escolha dos nomes se deu após o conhecimento do sexo do bebê através da ecografia. Isso parece ser algo bastante comum entre os casais, pois como afirmam Szejer & Stewart (1997), saber o sexo do bebê faz com que ele exista de outra forma, uma vez que indica com exatidão sua identidade, favorecendo a escolha de um nome.

Quanto aos motivos para a escolha do nome, os futuros pais adolescentes e adultos citaram motivos diversos. Os meios de comunicação influenciaram algumas escolhas, mas em geral foram escolhidos nomes que soavam agradáveis aos pais de ambos os grupos. Vários escolheram nomes de amigos, parentes, de seus genitores, enfim, de pessoas significativas para eles e/ou suas companheiras. Assim, percebe-se toda a carga afetiva entremeadada na escolha do nome, os desejos dos pais de que o filho se pareça com alguém que respeitam e pelo qual sentem grande afeição. Ou ainda, de que sejam inseridos em sua linhagem e/ou que sejam portadores de determinadas

características de personalidade, como no caso de escolhas de nomes fortes ou suaves, que significavam coisas boas, o que também é apontado por Szejer e Stewart (1997).

Quando questionados sobre quem havia escolhido o nome do bebê, em geral os futuros pais adolescentes e adultos responderam que eles mesmos o haviam sugerido ou escolhido, ou que cada membro do casal havia escolhido um nome para determinado sexo do bebê. Neste caso, geralmente o nome escolhido é correspondente ao sexo que o genitor prefere. De qualquer modo, isso parece atestar uma participação e interesse dos futuros pais em relação ao bebê, bem como uma oportunidade dada pelas mães para que eles participem e se envolvam. Robinson e Barret (1987) também encontraram entre pais adolescentes um desejo de participar do processo de escolha do nome.

Já quando se compara os relatos em cada grupo, constata-se algumas peculiaridades entre futuros pais adolescentes e adultos. Somente entre os adolescentes apareceu ainda dúvida no que tange à escolha do nome, por desconhecimento do sexo do bebê. Isto poderia refletir uma maior flexibilidade dos adolescentes para lidar com a incerteza, ou uma maior necessidade dos adultos de saber o sexo do bebê para se organizarem em função de roupas, organização do quarto, etc. Por outro lado, não se pode esquecer que os adolescentes que fizeram apenas uma ecografia até o momento da entrevista tinham um nível sócio-econômico baixo, ficando impossibilitados de realizar um exame particular, como feito pelos demais participantes.

No que se refere à escolha do nome, foi mais marcante no grupo jovem o adolescente tê-lo escolhido a ou a escolha ter sido dividida entre os membros do casal em função do sexo do bebê. No entanto, não necessariamente o futuro pai escolheu o nome do menino e a companheira da menina. Já entre os adultos, muitas vezes os nomes escolhidos para o bebê já eram mencionados como preferidos pelo casal ou pelo participante desde a época de namoro ou casamento. Neste mesmo grupo houve uma tendência maior para que a mãe escolhesse o nome ou que o casal entrasse em um acordo sobre isso, o que poderia refletir talvez uma maior união e convivência do casal, no sentido de partilhar as decisões relativas a seu bebê. Já no grupo adolescente, a escolha do nome parece ter ocorrido de forma mais dissociada entre o casal, quase sendo imposta de um membro para outro, o que poderia atestar menos flexibilidade dos adolescentes para negociação e a empatia e menor capacidade de ceder frente às necessidades e desejos alheios, o que pode estar associado ao seu estágio de

desenvolvimento cognitivo (Elster & Hendricks, 1986; McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Montmayor, 1986; Piaget, 1976; Sadler & Catrone, 1983).

5.3 Características físicas, emocionais e/ou comportamentais do futuro bebê

Esta subcategoria foi composta por todos os depoimentos dos futuros pais que se referiam a características físicas, emocionais e/ou comportamentais imaginadas por eles para seu futuro bebê.

A grande maioria dos futuros pais mencionou imaginar alguma característica física do futuro bebê (J2, J3, J5, J6, J8, J9, J10, J11, J12, A13, A16, A17, A19, A20, A21, A23), como cor de olhos, de cabelo, de pele, e/ou alguma característica emocional ou comportamental (J1, J3, J4, J6, J7, J8, J9, J10, J12, A13, A15, A16, A17, A19, A20, A21, A22), como ser agitado, calmo, ativo, teimoso, conforme se nota nos seguintes exemplos:

“Ah, bem cabeluda, com o cabelo bem crespo, é o que eu imagino... Uma corzinha café com leite assim, fraquinha. Assim que eu penso” (J3)

“Ela vai ter a pele mais ou menos morena assim, que nem eu, o cabelo escuro, que nem ela, bem cabeludinha, bem cabeludinha. Acho que vai ser assim... o narizinho parecido com o meu. [Quanto ao jeito de ser] Acho que um pouco do pai, um pouco da mãe. Ela vai ser, acho que muito carinhosa, também muito braba. Ela vai, como posso dizer, vai ser uma pessoa que tem um senso de liderança, no caso, [de] personalidade e muito bonita.” (A13)

“Fisicamente? Não tem um... é que eu sou muito parecido com o pai da S. Assim, cor de pele, e o segundo, o primeiro filho homem dele, eu acho que [o bebê] vai ser parecido. Vai ter pele morena, é, o irmão dela, a pele morena e o cabelo claro. E a gente torce que saia com o olho claro, o olho dela! (...) [Quanto ao jeito de ser] Ah, como vai ser garoto, acho que vai ser o meu xerox mesmo. Eu acho que... eu gosto de aprontar, vai ser parecido comigo, as atitudes assim, vai ser sempre disposto (...)” (A23)

No entanto, vários pais, mesmo citando alguma característica do futuro bebê, responderam não terem ainda imaginado nada a respeito disso ou terem dúvidas sobre como ele realmente será (J1, J4, J5, J8, J10, J11, A14, A18, A21, A22):

“Como eu imagino? Eu imagino ele com bastante saúde, não vou pintando nem fixando um modo físico dele, olho e cabelo, não estou nada, eu quero escutar o primeiro choro e ver que está tudo perfeito com ele, depois aí que eu vou ver o que ele é, como ele é na minha frente, eu não imagino nada, imagino ele com bastante saúde...” (A22)

“Não sei, espero que bem completo. Não, não cheguei a pensar...” (J5).

Quanto às características emocionais/comportamentais imaginadas, alguns pais citaram determinada característica futura (no caso, ser agitado), relacionando-a com a grande quantidade de movimentos intra-uterinos do bebê (J6, J7, J9, A21):

“Do jeito que ele mexe com a barriga, vai ser agitado” (J9)

“Talvez seja um pouco, eu acho que vai ser um pouco parecido comigo, que dizem que eu sou elétrico desde criança e tal, e a médica já disse que ele é elétrico, que ela tenta auscultar e ele mexe bastante, vai para um lado e para o outro, eu imagino uma criança elétrica, é só o que eu imagino...” (A21)

Em relação à semelhança do bebê com alguma pessoa da família ou de fora dela, para a grande maioria dos futuros pais, o futuro bebê será parecido (seja física ou emocionalmente) consigo mesmo (J2, J3, J10, J12, A14, A15, A19, A21, A23) e/ou terá semelhanças com os dois membros do casal (J1, J6, J7, J9, J10, A13, A16, A17, A18, A20, A22):

“Já cheguei a sonhar até. Já imaginei ele assim como eu, a minha cópia, mas só que pequenininho” (J10).

“Acho que vai ser calmo, porque nós somos calmos. A princípio acho que vai ser calma, porque nós somos calmos, temos uma vida normal...” (A18)

Alguns também citaram semelhança do bebê com os avós (J3, J11, J12, A23) ou outros parentes (J6, A23), como cunhados e irmãos. Houve pais que relataram que o bebê seria parecido com o outro genitor, no caso, a mãe (J4, J10, A17):

“Ah, de repente puxe à mãe. À mãe não, a minha mãe, no caso. Eu acho que ela vai puxar a minha mãe, um pouco a mim, um pouco dela, um pouco de cada um assim.” (J11)

“Acho que vai ser parecido mais com a K., eu acho. Ah, sei lá, eu acho, é uma intuição. Até acho que vai ser mais parecida com ela.” (J4)

Analisando-se todos os depoimentos, percebe-se uma dificuldade dos futuros pais em descrever seu bebê imaginado. Entretanto, tanto adolescentes quanto adultos mencionaram características físicas e/ou emocionais do futuro bebê, apesar de que em ambos os grupos se constatou uma certa dúvida sobre como o bebê realmente seria. Esta dificuldade dos futuros pais fica evidente na necessidade de considerar coisas mais concretas para fantasiar sobre o bebê, como quando basearam-se nos seus movimentos

fetais, ou quando indicaram com quem o bebê seria parecido, justificando assim algumas características de personalidade e físicas que lhes atribuem imaginariamente. Isto também poderia refletir a vivência indireta da gravidez pelo homem, comentada anteriormente (Parke, 1996; Sherwen, 1986; Szejer & Stewart, 1998), que lhes faria recorrer aos dados concretos para certificar-se da realidade do bebê. Além disso, pode-se considerar que os pais teriam mais receio de fantasiar sobre seu bebê, ou mais ainda de comentar sobre isso com uma outra pessoa (Soulé, 1987).

De qualquer forma, dentre as características mencionadas pelos futuros pais, percebe-se que são sempre positivas. Dessa forma, se constata como o bebê imaginado reflete a megalomania dos futuros pais, no sentido de carregar toda a perfeição possível, uma forma de compensar suas próprias falhas como homem ou mulher, e até mesmo como filhos (Brazelton & Cramer, 1992; Soulé, 1987). Um outro aspecto é a necessidade dos futuros pais de anteciparem alguns atributos do bebê, o que lhes permite realizar um trabalho simbólico de fazer lugar para ele em suas vidas (Szejer & Stewart, 1997).

Porém, quando se comparou os depoimentos dos dois grupos, os futuros pais adolescentes parecem ter recorrido mais aos recursos acima citados para tornar o bebê mais concreto. Por outro lado, os futuros pais adultos mencionaram mais características emocionais do que físicas imaginadas para o bebê, diferentemente do que ocorreu no grupo adolescente, que citaram mais características físicas. Estes dois achados poderiam estar relacionado à cognição do adolescente, que nesse período da vida está ainda adquirindo o pensamento abstrato, por isso nem sempre conseguindo distanciar-se mentalmente da realidade (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Montmayor, 1986; Piaget, 1976). Assim, imaginar características físicas seria mais fácil para eles do que imaginar características psicológicas do futuro bebê. Além disso, poderia estar relacionado com o contexto da gravidez inesperada, onde os adolescentes não estariam ainda conseguindo ir além do momento atual e imaginar seu futuro em vários aspectos, e não somente no que diz respeito ao seu bebê.

No que tange à semelhança do bebê com alguém, nos dois grupos os pais citaram semelhança consigo mesmo ou com os dois membros do casal. Contudo, entre os adolescentes percebe-se uma tendência maior a considerar o bebê como parecido com os avós, talvez por sua grande presença e influência como apoio social para eles ou

até mesmo como um modo imaginário de resgatar uma relação conflitiva com os próprios pais e, em alguns casos a própria ausência do pai. Também se poderia pensar que esta tendência a encontrar semelhanças entre o futuro bebê e a família ou o casal facilitaria o vínculo entre os futuros pais e seu bebê, pois o insere em uma linhagem (Soulé, 1987; Szejer & Stewart, 1997).

6. Expectativa quanto à paternidade e relacionamento com o bebê

Esta categoria foi composta pelas expectativas dos futuros pais quanto aos cuidados do bebê, sua criação e seu relacionamento futuro com o mesmo. Também foram incluídas suas expectativas quanto às mudanças pessoais e conjugais decorrentes do nascimento do bebê, ao apoio à companheira e suas expectativas quanto às características e/ou comportamentos do futuro filho. As questões da entrevista que embasaram esta categoria foram: “Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele/a nascer?” “Como tu te imaginas como pai?”, “O que tu te imaginas fazendo com o bebê?”, “Como tu te imaginas atendendo o bebê (alimentando, consolando, fazendo dormir, brincando)?”, “E quando ele não quiser dormir ou comer, ou quando chorar?”, “Tu achas que a tua companheira vai pedir a tua ajuda nos cuidados com o bebê?”, “Em que tu achas que vais poder ajudá-la?”, “Quem tu esperas que vá ajudar vocês quando o bebê nascer?”, “O quanto tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a da tua companheira?”, “Em que aspectos tu pensas que ocorrerão mudanças?”, “E o relacionamento de vocês? Tu achas que vai ser afetado pelo nascimento do bebê?”, “Como tu achas que vai te sentir com estas mudanças?”, “Como tu achas que o/a teu/tua filho/a vai ser quando crescer?”, “Como tu imaginas que vais criar o/a teu/tua filho/a?”, “O que tu esperas para ele/a quando crescer?”, “O que tu não gostarias para ele/a?”. Quando este tema apareceu relacionado a outras questões da entrevista, os comentários dos pais foram também considerados aqui. Os relatos foram agrupados em sete subcategorias denominadas: *expectativas quanto ao relacionamento com o bebê e ao desempenho do papel paterno*, *expectativas quanto à criação do filho*, *expectativas quanto a mudanças pessoais e conjugais*, *expectativas quanto ao apoio à companheira*, *expectativas quanto à rede de apoio social*, *expectativas quanto às características e/ou comportamentos da futura criança* e *expectativas quanto ao futuro do filho*.

6.1 Expectativas quanto ao relacionamento com o bebê e ao desempenho do papel paterno

Nesta subcategoria foram agrupados todos os depoimentos dos participantes que se referiam às expectativas quanto ao relacionamento com o bebê e/ou ao seu desempenho do papel paterno após o nascimento. Em muitos momentos, os depoimentos referiram-se a estes dois temas concomitantemente.

Quanto às expectativas dos futuros pais, estas foram bastante variadas. Inicialmente, um grande número referiu não saber como será este relacionamento, não tendo ainda se imaginado no papel de pai (J1, J3, J4, J8, A13, A15, A18, A20, A23). No entanto, após isso, passaram a descrever algumas expectativas, exemplificadas a seguir:

“Ah, eu não sei como é que vai ser. Eu imagino que eu vou estar... pelo menos no primeiro mês, dois meses, em cima dele, babando, idealizando. E vou tentar me dedicar ao máximo, por causa que ela já vai estar, [ele] já vai sair de dentro dela, e ela já vai estar amamentando, ele já vai conhecer ela. E eu vou tentar que ele me conheça como pai e não como as outras pessoas normais, entendeu. Como alguém diferente.” (J8)

“A gente não tem idéia sem estar com ele junto, tu não tens [idéia de] como vai ser.” (A18)

Percebe-se que uma grande parte referiu imaginar-se como um pai bastante presente (J1, J9, J5, J10, J11, A14, A16, A18, A21, A22, A23), coruja e “babão”, isto é, apegado ao filho (J1, J5, J7, J8, A22), carinhoso e atencioso (J6, J7, J8, J9, J10, A16, A19, A21), interessado (J7, J8), brincalhão (J4, J9), amigo (A22, A23), enfim, um pai legal, um bom pai (J4, J6, J9, A14, A19, A20), e até mesmo um super pai (J6, A19, A21, A22). Como consequência, pensam que terão um bom relacionamento com seu filho (J10, J12, A21), lhe educando (J10, J11, A23), dando limites (J10, J12, A16, A17, A20, A21, A23) e servindo de exemplo (J5, A22). Alguns também desejam ensinar para o filho o que aprenderam com os próprios pais (J6, J10, J11, A14, A16, A20, A22), mas corrigindo seus erros (J3, J7, J11, A17):

“Pretendo dar o máximo de tudo para ele... (...) eu quero dar de tudo: carinho, atenção, bastante atenção e carinho. E ser um super pai para ele, espero, que graças a Deus estou com ele (...) Eu pretendo ser um bom pai, dando ao meu filho o que eu tive, e o que eu não tive também pretendo dar...” (J6).

“Vou estar toda hora ao redor dele, brincando com ele, dando atenção, carinho. Eu vou ser um pai legal para o meu filho (...) Eu sempre quero ter ele do meu lado, sempre quero dar atenção para ele (...)” (J9)

“Bah, vou ser um paizão bem legal, bem carinhoso, e como eu disse para ti, eu gosto muito de criança, então vai ser o xodó da casa, vai ser bem legal mesmo. Olha, tudo que tiver de bom eu vou dar para ele, o que tiver ao meu alcance, mas dar o melhor para ele, não vai faltar nada... (A19)

“Eu me imagino, sem falsa modéstia, um paizão, um paizão.” (A21)

Um menor número de participantes referiu esperar encontrar alguma dificuldade no futuro relacionamento com o bebê, sem contudo especificá-la. Para alguns também está presente uma preocupação (J11), uma dúvida quanto a acertar ou não como pai (A20), além da responsabilidade desta nova função (J3, A18):

“Bah, eu não sei te dizer... Eu não sei te dizer como é que eu vejo o relacionamento, não sei, eu vou procurar ser um bom pai, mas não sei se vou acertar, também não sei se ela [a companheira] vai [acertar]...” (A20)

“Ah, eu não imagino como que vai ser assim... (..) Ah, é uma responsabilidade grande, mas tem as suas recompensas...” (J3)

Tomando-se conjuntamente as falas dos participantes, constata-se que tanto adolescentes quanto adultos esperam ter um bom relacionamento futuro com seus filhos, desempenhando com sucesso o novo papel paterno, até mesmo como uma tentativa de superar o próprio pai, algo também mencionado entre os grupos. Entre adolescentes, resultados semelhantes foram encontrados por Westney e cols. (1986) e entre adultos por Anderson (1996). O desejo dos participantes de “fazer a coisa certa” é mencionado na literatura (Brazelton & Cramer, 1992; Daly, 1993). Aliás, o fato de tentar ser como o próprio pai relaciona-se com os achados da categoria 4.1, em que os futuros pais relataram em geral terem boas lembranças do próprio pai. Além disso, mais uma vez corroborariam os achados de outros estudos na área de apego e família, de que os genitores servem como modelo parental direto ou indireto para os futuros pais e mães (Brazelton & Cramer, 1992; Parke, 1996; Szejer & Stewart, 1997).

Chama atenção o fato de que nos dois grupos aparece de forma recorrente uma certa dúvida dos futuros pais quanto à sua capacidade para desempenhar este papel, e uma dificuldade para imaginar-se como pai. Esta dúvida, de acordo com Szejer e Stewart (1997) faz parte do processo de transição para a paternidade. Mesmo

descrevendo-se no futuro relacionamento, os participantes passam uma impressão de ainda estarem um pouco distantes em relação a este papel. Talvez isso também seja decorrência da vivência indireta da gravidez pelo homem (Parke, 1996; Sherwen, 1986; Szejer & Stewart, 1997), já bastante citada em subcategorias anteriores. Ao mesmo tempo, poderia ser decorrente de uma falta de modelos paternos e da revolução social atual em relação ao que seriam as funções e comportamentos ideais a serem seguidos pelos pais, documentada pela literatura (Daly, 1993; Parke, 1996). Assim, mais do que nunca, os futuros pais sentem-se perdidos e confusos quanto ao que esperar do novo papel, pois este encontra-se em um novo processo de definição que ultrapassa os limites intrapsíquicos. De um lado existem as demandas do papel tradicional de pai (provedor da família) e de outro as novas demandas no sentido de maior participação e envolvimento.

Finalmente, comparando-se os grupos, percebe-se que para alguns jovens a expectativa quanto ao seu desempenho no papel paterno aparece bastante idealizada, no caso, de ser um “super pai”, de certa forma ignorando ou negando as dificuldades que poderão surgir no decorrer do tempo, o que não acontece entre os adultos. Isto também poderia ser um reflexo da onipotência natural do adolescente (Blos, 1994 e 1996; Osório, 1989; Outeiral, 1994).

6.2 Expectativas quanto à criação do filho

Esta subcategoria está estreitamente relacionada à anterior, pois trata de um tema mais específico, no caso como os futuros pais esperam criar seu filho. Também aqui os futuros pais deram respostas variadas. Uma grande parte deles se imagina aconselhando o filho (J7, J11, A14, A17, A19, A20), mostrando a ele o que é certo e o que é errado (J6, J9, A17, A19, A20, A22), ou seja, a realidade como ela é (J7, J9, A17). Ao mesmo tempo, dando liberdade para que ele faça suas próprias escolhas (J3, J7, J11, A19, A22). Abaixo seguem alguns trechos das falas dos participantes que ilustram estas idéias:

“Criar presa, não, mas também não muito solta... meio-termo.” (J3)

“Dando bastante conselho (...) Quero aconselhar bem, mostrar... É que muitas vezes a gente é criado, eu mesmo fui criado de um jeito que não era para mim ser criado. A minha mãe quis me mimar, mas eu

botei a cara na vida e vi que a vida não é como ela quis mostrar para mim, e eu não quero que a J. tenha a mesma ilusão, de estar sempre lá embaixo da saia da mãe, essas coisas assim. (...) Não [quero] opinar muito, opinar tudo bem, mas não decidir, tipo na hora de pensar em uma faculdade, coisa assim.” (J7)

“... eu acho procurar não criar muito, que eu penso comigo, não é criar, como eu posso dizer... uma pessoa assim muito egoísta, uma pessoa prepotente, procurar criar ela dentro da realidade dela (...). Se der para ter, tem, se não der, espera que um dia vai ter, enxergar a realidade do mundo... (...) A nossa linha vai ser essa aí, não vamos ser nenhum, dois militares dentro de casa, ditando regras e coisa, mas ditando o que é certo e errado, o resto quem vai ter que descobrir é ela....” (A17)

“... procurar ser o mais correto possível, saber dizer não na hora certa, o sim na hora certa, mostrar os melhores caminhos...” (A22)

Alguns futuros pais mencionaram um desejo de criar o filho como haviam sido criados pelos próprios pais (J4, J6, A19, A20):

“Eu pretendo passar para ele o que o meu pai me passou, que nesse mundo tem muitas coisas ruins e tem as coisas boas também. Vou passar as coisas boas para ele, e depois mostrar aos poucos as coisas ruins, coisas que ele não deve fazer, que aí vai pela cabeça dele. Que isso o meu pai me passou.” (J6)

Eu me imagino como o meu pai. Um cara (...) que é duro quando precisa, acho que vou ser assim, pelo exemplo que eu tive. Eu acho importante saber dar uma linha, não empurrar, dizer ‘Eu quero que tu vás por aqui’, mas dizer ‘O caminho certo é por ali, procura ir por ali...’ (A20).

Outro futuro pai (A23) referiu criar o filho sem aceitar seus questionamentos:

“... eu penso que como a gente, a gente forma, como a gente estiver criando ele eu jamais vou perguntar para ele o que ele acha (...) Como a gente está criando ele, o que a gente determinar eu acho que ele tem que aceitar que é aquilo, pelo menos até ele começar... quando ele se soltar sozinho. Isto eu digo até a adolescência. Não vou admitir que ele ponha o que a gente falar em dúvida, isso eu vou deixar bem claro, pelo menos no início, depois sim, se ele tiver outras idéias a gente dá mais margem para isso.” (A23)

Apenas dois futuros pais relataram não saber como criariam seu filho (J1, J5), e um mencionou que seria necessário primeiro conhecer a criança para depois saber como agir com ela (A13):

“Não sei como eu vou criar, eu não sei. Da melhor maneira.” (J1)

“É no improviso, eu acho.” (J5)

“Ah, nem sei, só vendo na hora mesmo. A pessoa para poder educar, eu acho que primeiro ela tem que começar a conhecer bem aquela criança, para saber quais os pontos mais difíceis dela.” (A13)

De modo global, as falas dos futuros pais refletem uma expectativa de criarem seus filhos em uma relação amigável, baseada no aconselhamento, principalmente informando sobre o certo e o errado, embora deixando liberdade para o filho escolher seu caminho. Estes resultados parecem retratar um modelo ideal de pai bem como as vivências dos futuros pais, ambos comentados anteriormente.

Entre os grupos, a partir de uma comparação dos relatos, nota-se que os adolescentes mencionam mais a questão da liberdade do filho e parecem ter menos idéias sobre como criá-lo do que os adultos, que enfatizaram mais a questão do aconselhamento, sugerindo maior diretividade do papel paterno. Como já comentado, estes achados podem estar relacionados ao momento de vida dos jovens, em que a liberdade é bastante valorizada como caminho para a autonomia. Ainda não parece haver entre os jovens uma identificação com o papel paterno como aquele que limita, que educa, talvez por serem disso que justamente querem fugir neste momento de suas vidas, dos limites e restrições impostos por seus próprios pais.

6.3 Expectativas quanto ao apoio à companheira

Este tópico do estudo considerou as expectativas dos futuros pais em relação ao apoio que a companheira requisitará após o nascimento do bebê, bem como o apoio que eles oferecerão a ela.

Considerando-se todas as falas, percebe-se que a grande maioria dos futuros pais acredita que a companheira pedirá a sua ajuda nos cuidados com o bebê em algum momento, seja desde os primeiros dias (J3, J4, J5, J6, J7, J9, J10, J11, J12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A 21, A21, A22, A23), seja algum tempo depois (J2, J8). Apenas um pai não tem certeza quanto a esse pedido (J1). Pode-se perceber isso nos seguintes depoimentos:

“Ela vai [pedir ajuda], com certeza. Ah, vou me sentir bem. É, eu quero ajudar. Ah, em tudo que eu puder fazer. O que eu posso mais eu não sei ainda. Não tenho idéia” (J5)

“Ah, ela vai pedir [ajuda] para fazer tudo, vou ter que aprender a fazer tudo, trocar fraldas, dar banho, fazer mamadeira, cuidar. Acho que nem vai ser preciso pedir. Vou querer eu mesmo fazer” (A13)

Ao mesmo tempo, a grande maioria dos pais relatou um desejo de ajudar a companheira (J4, J5, J6, J7, J10, J11, J12, A13, A14, A15, A16, A17, A21, A22). Muitos referiram já ter experiência com o bebês, seja por cuidarem de seus irmãos, seja por cuidarem de seus primos ou afilhados (J2, J4, J9, J10, J11, J12, A13, A15, A16, A17, A18, A19, A21). Contudo, alguns pensam que cuidar do próprio filho será diferente (J4, J9, J10), apesar de não se imaginarem com dificuldade para isso (A18, A19):

“Vou sair, vou dar banho. [Vou estar sempre] ao redor dele, brincando com ele, dando atenção. Não, eu já estou acostumado [a trocar fralda, dar banho e comida], eu cuidava as minhas irmãs. Eu já tenho prática, eu cuidava as minhas irmãs, cuidava até o filho da irmã dela [da companheira]. Cuidava ele quando ele nasceu, eu sei de tudo. Agora vai ser diferente, agora vai ser o meu filho.” (J9)

“Olha, eu tive uma experiência muito grande, porque quando eu tinha uns 15 anos a minha irmãzinha nasceu. Então eu que cuidei da minha irmã, que a minha mãe ficava em casa, daí eu ficava só em casa, não trabalhava, só estudava, então eu cuidei, dava banhinho, trocava fralda e fazia dormir, pegava no colo, quanto a isso eu não me preocupo, porque eu já tenho uma grande experiência da minha irmãzinha, das minhas primas que tiveram filho bem antes também, e eu sempre cuidei, peguei, então para mim não tem mistério, não me apavoro com isso, sei que eu vou agir bem natural com isso, com certeza.” (A19)

No entanto, dentre os que não possuem conhecimento sobre o cuidado de um bebê, vários referiram um desejo de tentar aprender e se esforçar para acertar (J2, J6, J10, A13, A16, A20, A23):

“... eu quero estar sempre em cima aí, não quero saber... Sim, tudo o que eu puder fazer, vou fazer. Ela sempre vai me pedir ajuda, isso é uma coisa certa. E eu quero estar ali sempre assim, qualquer coisinha estar ali junto, vendo, ir olhando, estar junto” (J11)

“Ah, eu pretendo saber, eu pretendo saber ajudar, qualquer coisa eu tenho que ir lá e fazer alguma coisa, e, como é que eu posso dizer, ah, é um monte de coisa, na hora o cara fica sem palavras para falar, qualquer coisa que eu puder eu ajudo, se eu não puder também tento, se eu errar, eu faço de novo” (J12)

“Nem vai precisar [ela me pedir ajuda], eu vou me oferecer direto no que precisar” (A21)

Quando questionados sobre o que poderiam fazer para ajudar a companheira nos cuidados com o bebê, muitos pais responderam de forma vaga, dizendo que ajudariam em tudo que pudessem (J1, J3, J5, J10, J11, J12, A14, A20), em quase tudo (J4, J10) ou em tudo (A16, A18, A20), tentando fazer o melhor possível (J1), enfim, tudo o que

estivesse ao seu alcance (J3, J6). Três futuros pais mencionaram que se imaginavam um pouco atrapalhados inicialmente no cuidado do bebê (J1, J8, A21):

“No que for possível, no que der para eu ajudar, eu ajudo ela” (J1)

“Ah, vou tentar fazer o melhor possível, tentar fazer o melhor. Isso aí tu vais pegando experiência aos poucos, vai aprendendo direitinho.” (J1)

“Isso vai ser difícil, vai ser duro, porque eu sou atrapalhado para caramba, eu vou ter que aprender esses esquemas, ter habilidade para trocar fralda e tal, mas eu quero. (...) ... os meus sobrinhos às vezes eu trocava, embora, por exemplo, eu não soubesse que as fraldas descartáveis não absorviam as fezes, depois que foram me dizer que era só para xixi, eu achava que as fezes também (...) mas vai indo, vai ser uma atrapalhação, mas eu aprendo.” (A21)

Apenas dois pais responderam inicialmente que não sabiam o que fariam com/para o bebê (J5, A20):

“Não sei te dizer assim, não sei como é que vai ser. Não tenho nem idéia de como é que vai ser isto aí. Eu tenho idéia do que eu tenho que fazer, mas eu não tenho idéia de como vai ser. E nem de como fazer também... (...) Eu tenho que aprender a ser pai ainda.” (A20)

Contudo, vários futuros pais referiram-se a tarefas específicas que poderiam desempenhar. A grande maioria referiu se imaginar passeando com o bebê (J6, J8, J9, J10, J12, A16, A19, A21, A22), trocando suas fraldas (J2, J3, J6, J8, J10, J12, A15, A17, A22), brincando, principalmente jogando futebol, (J5, J6, J9, J10, J11, A14, A17, A19, A21), dando banho (J3, J7, J8, J9, A17, A22), dando mamadeira (J2, J4, J6, J8, A15, A22) e alimentando seu bebê (J6, J7, J8, J10, A22). Menor incidência obtiveram as tarefas fazer dormir (J10, J12, A22), embalar (J2, A15), cuidar (J7, J12), dar colo (A13, A17), acordar à noite para cuidar do bebê (J7) e conversar com ele (A16):

“Ah, em tudo, desde trocar fralda, dar banho, ‘vai lá e esquenta a papinha’, dar comida para ela, tudo, tudo. Bah, eu acho que tudo, menos trocar fralda, porque eu tenho... não posso com cocô.. Não sei, tentar ajudar ela nas coisas, não sei se vou conseguir também” (A20)

“Eu acho que [ela] vai [me pedir ajuda], tanto que eu, eu também quero dar bastante ajuda, não quero deixar tudo para ela. Ah,[você] cuidar dela, dar banho, trocar as fraldas, quando ela estiver chorando de noite, a C. dar de mamar e ela estiver com muito sono, eu posso ficar um pouquinho com ela” (J7)

“É, dando banhinho, cuidando, acordando de noite por causa do choro... (...) ... eu falo, eu até brinco com ela, eu vou dar bastante papinha para ela...” (J7)

“Bom, no começo me imagino trocando fralda, dando banho nele, no decorrer dos meses levar ele para passear, e mostrar as coisas do mundo para ele, o que está ao redor dele. (...) ... daqui a 4 meses, depois que ela ganhar, vou ter que pegar ele, levar para casa, dar banho, dar papinha, buscar ela na estação do Trensurb, trazer ele junto, colocar a cadeirinha, eu já estou imaginando tudo isso.”(A22)

Já em relação ao que fariam naqueles momentos difíceis, por exemplo, quando o bebê não quisesse mamar, dormir ou chorasse, alguns pais citaram soluções baseadas em seus próprios recursos, como embalar (J1, A13), fazer dormir (J7), acalmar (J7, A21, A23), oferecer alimentos diferentes ao bebê (J8, J9), conversar (A13), passear (A13), dar atenção (A13), fazer carinho (A13), ser paciente (J10, A21) e cuidar direito para evitar que chore (J7):

“Em primeiro lugar, tentar fazer ela dormir. Se ela estiver chorando, tentar fazer ela parar de chorar. E... mas no momento que precisar, que ela estiver chorando e precisar de alguma coisa, eu quero estar junto com ela, eu quero cuidar direitinho para não fazer com que ela chore.” (J7)

“[quando ela chorar] Fazer carinho, pegar no colo, conversar com ela, levar para a rua... (...) [quando ela não dormir] Eu acordo ela de manhã bem cedo no outro dia e deixo ela dormir pouco durante o dia e de noite ela vai querer dormir, acostumar ela assim. Quando ela não quiser dormir, tem que dar atenção. A princípio tem que dar atenção para ela, até ela se cansar e dormir.” (A13)

Outros futuros pais citaram soluções baseadas em uma busca de auxílio/recursos externos, seja da companheira, seja de médicos, familiares, amigos. Isto é, caso não consigam reverter a situação difícil com seus recursos, recorrerão a outras fontes de apoio (J1, A13, A18):

“Pegar no colo, embalar um pouquinho para ver se acalma. Se não der, tocar para a mãe, e a mãe embala um pouco até acalmar.” (J1)

Contudo, um outro grupo de futuros pais referiu não saber o que fazer nesses momentos (J3, J4, J5, J11, J12, A16, A18, A23), considerando-os difíceis (J6), já que ficarão preocupados (J6, J11, A16) e não têm certeza de que conseguirão acalmar o bebê (A16). Assim, chamarão a companheira todas as vezes que o bebê chorar, ou alguma situação difícil surgir (J7, J8, J12, A23):

“[Nos momentos difíceis] Ah, aí já... Daí eu não sei, não passei por isso. Eu não sei [o que fazer].” (J4)

“Ah, não sei. A princípio vai ser no desespero, até porque é o primeiro filho.” (J11)

“Ah, eu não sei, vou dar para a mãe dele, que eu não sei isso aí, ‘Toma, eu não sei isso aí’.” (J12)

“Nesses termos de choro aí já... não sei se eu vou conseguir. Aí, essa é que é a minha preocupação [não dormir] [risos]. Não sei o que eu vou fazer. É uma coisa que até eu não vou fazer.” (A16)

De forma geral, os depoimentos dos futuros pais indicam uma vontade de dividir os cuidados do bebê com a companheira, apesar de não estarem muito seguros quanto ao seu bom desempenho nestas novas tarefas. Resultados semelhantes também foram encontrados por Redmond (1985), Westney e cols. (1986) e Allen e Doherty (1996) entre pais adolescentes e por Anderson (1996) entre pais adultos. Esta tendência dos futuros pais parece refletir um maior compromisso com a igualdade presente entre os casais de hoje, em virtude de modificações na definição do papel paterno e materno (Cabrera & cols., 2000; Szejer & Stewart, 1997). No entanto, isso não significa que os pais realmente apoiarão suas companheiras após o nascimento do bebê, até mesmo pela existência de uma estrutura social tradicional que ainda domina e favorece a divisão tradicional de tarefas entre pais (trabalho) e mães (cuidado dos filhos) (Lewis & Dessen, 1999).

Além disso, o apoio que será fornecido e/ou solicitado pela companheira após o nascimento do bebê parece ser uma continuação do apoio já oferecido e/ou solicitado por ela durante a gravidez. A grande maioria acredita que a companheira solicitará sua ajuda e sente-se feliz com isso. Estes achados concordam com o que referem Westney, Cole e Munford (1988), de que quanto mais conhecimentos os futuros pais possuem sobre gravidez, cuidado pré-natal, parto e cuidado infantil, maior a probabilidade de apresentarem comportamentos de apoio à gestante e ao futuro bebê, pois os futuros pais referiram ter bastante experiência com bebês. Este fato indicaria a nova mentalidade sobre a divisão de cuidados infantis entre homens e mulheres, já comentada anteriormente. O cuidado masculino parece já estar sendo bem mais aceito atualmente do que em outras épocas. Nesse ponto, Stern (1997) também comenta que o futuro pai poderá ajudar a companheira como decorrência de suas representações de cuidado desenvolvidas ao longo de sua história, dependentes de suas relações familiares e características individuais, bem como de diretrizes culturais.

Além disso, esta experiência com o cuidado de bebês muitas vezes também decorre da situação econômica menos favorecida dos participantes, cujas famílias foram chefiadas por mulheres que necessitavam trabalhar para garantir a sobrevivência,

deixando os filhos aos cuidados dos irmãos mais velhos. Outra situação é a maior rede de apoio presente entre as famílias mais desfavorecidas economicamente, em que estes jovens puderam ter mais contato com primos, por exemplo, ou até o maior tamanho da prole destas famílias, que lhes permitiu ter contato também com sobrinhos.

Considerando-se todos os depoimentos dos participantes, percebe-se ainda que tanto adolescentes quanto adultos utilizariam recursos próprios ou pediriam um auxílio externo quando surgissem situações difíceis com seus bebês, como não querer dormir, não querer comer, chorar, etc. Assim, não parece haver relação entre a experiência prévia com bebês e a forma de lidar com situações difíceis, até porque muitos não necessariamente já teriam enfrentado estas situações anteriormente.

Já quando se examinam os depoimentos dos futuros pais por grupos, constata-se uma diferença entre adolescentes e adultos quanto ao que poderão fazer para ajudar a companheira. Enquanto os adolescentes tenderam a ser pouco específicos quanto ao apoio oferecido à companheira, referindo principalmente que fariam tudo o que pudessem, os adultos citaram mais atividades específicas em que poderão ajudar, como dar banho e trocar fralda. Nesse sentido, poderia se pensar na onipotência do adolescente (Blos, 1994, 1996; Osório, 1989; Outeiral, 1994), com seu pensamento mágico, que o faz crer que poderá ajudar em tudo o que for preciso, e da melhor forma. Isso também aparece quando alguns deles referiram já terem cuidado de outras crianças e que por isso cuidar o seu próprio bebê será uma experiência fácil, parecida com as anteriores. Ao mesmo tempo, poderia significar uma falta de consciência em relação às exigências de um bebê e às suas capacidades pessoais para atendê-las, comentadas anteriormente. Contraditoriamente, os jovens também tenderam a imaginar que a experiência com o próprio filho diferente daquela anterior com outras crianças, o que poderia relacionar-se à responsabilidade que os adolescentes mencionam quando pensam em seu futuro papel. Assim, poderiam se sentir mais responsáveis agora, cuidando de seu filho, do que sentiam-se antes, quando não precisavam se preocupar com questões práticas, como o sustento da criança.

Entre os grupos, constata-se outra tendência. Os adolescentes imaginaram-se mais que os adultos desempenhando tarefas em relação ao cuidado do bebê. Nesse sentido, este achado pode estar relacionado ao modelo de pai que influencia estes futuros pais jovens, tendo os adultos um modelo mais tradicional do que os

adolescentes, como comentado anteriormente. Este achado contraria o que apontam Teti e Lamb (1986), uma vez que para estes autores os adolescentes poderiam evitar comportamentos de cuidado considerados femininos, em função de estarem consolidando também sua identidade sexual masculina. Dallas e Chen (1999) também encontraram, como no presente estudo, que adolescentes consideravam muitas tarefas como responsabilidade paterna (por exemplo, acalmar o choro, alimentar, trocar fraldas).

Uma outra tendência evidenciada entre os grupos relaciona-se às suas expectativas quanto ao que fariam naquelas situações consideradas difíceis: enquanto alguns adolescentes mencionaram a utilização de seus próprios recursos para lidar com o bebê, outros referiram não saber o que fazer, tendendo a deixar a solução com a companheira, que julgam mais apta para atender o bebê. Já entre os adultos, sobressai-se uma tendência a inicialmente utilizar os próprios recursos, para solicitar auxílio da companheira apenas nos momentos em que não conseguirem solucionar a situação sozinhos. Dessa forma, a tendência presente entre os adultos parece ser mais madura, no sentido de acreditarem em seu potencial e de envolver uma concepção de casal, onde um membro complementaria o outro quando necessário. Já a tendência dos adolescentes mostra tanto uma certa onipotência e crença em si mesmos, no sentido de solucionarem sozinhos as situações difíceis, baseados em suas experiências, quanto uma certa impotência, por acharem que apenas a companheira saberia o que fazer nestes momentos.

6.4 Expectativas quanto à rede de apoio social

Esta subcategoria englobou as expectativas dos futuros pais em relação à rede de apoio social, isto é, em relação a pessoas e/ou instituições que lhes oferecerão apoio financeiro e/ou emocional quando o bebê nascer.

Os futuros pais citaram várias pessoas de que esperam receber algum tipo de apoio quando o bebê nascer. A grande maioria referiu os pais da companheira (J1, J4, J5, J10, J12, A20, A21, A23) ou sua mãe (J2, J6, J8, J9, J11, A17, A19, A21, A22) como possíveis fontes de apoio. Seus próprios pais (J4, J5, J10, A20, A23) ou sua mãe

(J7, J9, J11, A14, A16, A21) também foram bastante mencionados, como indicam os exemplos abaixo:

“Os pais dela, porque por enquanto a gente não tem condições de morar juntos, porque com o que eu ganho não dá para sustentar uma casa. Ela vai continuar morando com os pais dela, e eu ali [na minha casa]. (...) mas eu vou ajudar no que for possível.” (J1)

“Ah, não sei, não sei. Acho que os meus pais e os pais da K. que vão ajudar mais.” (J4)

“Eu acho que a mãe dela, mas ela está para se mudar, não sei como é que vai ser... Não sei nada, a gente não sabe nada. Mais é nós que vamos ter que encarar ela sozinha.” (J11)

“Mas depois que nascer sim, vai vir a mãe dela e a minha mãe, aí vão se revezar.” (A21)

“Eu acho que vai continuar a mesma coisa, principalmente os pais dela e os meus pais. O meu pai e a minha mãe não são muito de vir aqui, eles moram longe e são mais de dar um apoio moral. Mas se chamar eles vêm, mas não se metem. A minha sogra e o meu sogro estão sempre aqui. Eu acho que vai continuar a mesma coisa depois que ela nascer, não vai alterar nada, eu acho que vai até piorar, é capaz de meus pais virem mais aqui ficar junto da neta, aquela coisa toda...” (A20)

Vários futuros pais citaram seus familiares (J2, A13, A18, A21, A23) ou os familiares da companheira (J6, A13, A16, A17, A21), entre eles os irmãos, cunhados, primos, sobrinhos, padrinhos do bebê, como possíveis fontes de apoio. Em menor número foram citados amigos (A14, A20), vizinhos (A15), profissionais (A23) e colegas de trabalho (A14):

“A madraستا da D.” (J6)

“A J., minha sobrinha. Ah, todo mundo vai ajudar, mas é que ela é quem está mais aqui em casa.” (A18)

“Acho que todo mundo vai ajudar, todo mundo vai querer ajudar a cuidar, ainda mais que era a menina que todos queriam.” (A13)

“A irmã dela e a minha mãe. Acho que são as pessoas mais indicadas. A irmã dela vem aqui dia de semana, fica com ela e cuida o nenê, e a minha mãe quando puder vai vir também. Mas a princípio são só essas duas pessoas.” (A16)

Chama atenção o fato de dois futuros pais não esperarem ajuda de ninguém para cuidar do bebê, querendo eles mesmos lidar com isto (J3, A22):

“Ai , isso eu acho que a gente não precisa... Não tem que pensar assim quem é que vai ajudar, se é a gente que tem que se ajudar e não os outros que têm que ajudar a gente. Mas se quiserem ajudar, a gente não vai dizer que não.” (J3)

“... a gente está tentando ter uma parte bem adulta nesse ponto de chamar a responsabilidade para nós, tanto da gestação como do primeiro banho, o primeiro dia em casa, porque a gente nunca vai, não sabe o dia de amanhã, então se ficar sempre na dependência de uma pessoa, quando essa pessoa vir a faltar ou não puder estar junto, a gente não sabe o que vai fazer, então a gente está procurando chamar essa responsabilidade para nós mesmos, dividir todos os problemas e tentar achar as soluções em casa.” (A22)

Considerando-se todos os depoimentos dos futuros pais, percebe-se que tanto adolescentes como adultos esperam ser apoiados financeira e/ou emocionalmente por seus pais, pelos pais da companheira e por seus familiares ou pelos familiares da companheira.

No entanto, quando se compara os depoimentos entre os grupos, nota-se que os adolescentes esperam receber maior apoio dos pais da companheira. Esse achado concorda com a literatura da área, que indica que a família da adolescente é que geralmente assume o cuidado do bebê, de forma partilhada com o casal adolescente (Coley & Chase-Lansdale, 1998; Furstenberg, Brooks-Gunn & Morgan, 1990). Já os adultos parecem esperar mais apoio de outros familiares que não os pais, bem como de amigos e vizinhos. Assim, a rede de apoio social esperada pelos adultos parece mais ampla do que a esperada pelos adolescentes, talvez até porque muitos deles não podem mais contar com seus pais, seja por estes já serem falecidos, por viverem no interior, ou por terem uma idade avançada.

6.5 Expectativas quanto a mudanças pessoais e conjugais

Esta subcategoria considerou as expectativas dos futuros pais quanto às mudanças pessoais e conjugais decorrentes do nascimento do bebê. De fato, a grande maioria dos futuros pais mencionou esperar alguma mudança pessoal (J1, J2, J3, J4, J5, J8, J9, A13, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23) e/ou conjugal (J1, J3, J4, J6, J7, J8, J9, J10, J11, J12, A13, A14, A15, A17, A18, A19, A20, A21, A23) após o nascimento.

Quanto às mudanças pessoais esperadas, foram citadas o aumento da responsabilidade (J1, J2, J5, J8, A22) e a redução da liberdade (J1, J4, A17, A18, A23). De modo geral, os pais referiam-se às mudanças pessoais como casal (nós) e não

individualizando-as apenas para si mesmos (eu). Abaixo encontram-se trechos ilustrativos destas idéias dos participantes:

“Responsabilidade eu acho. A responsabilidade aumenta, agora não tem mais festinha, não tem mais. Só quando ele estiver maiorzinho de repente. Mas vai mudar a responsabilidade, tem que aumentar.” (J1)

“A gente sempre saía, fazia festa, ficava até tarde na rua. A gente vai ter que se reorganizar, eu acho, essas saídas, e no resto eu acho que não, de resto tudo se encaixa.” (A18)

Contudo, de modo geral, os futuros pais foram vagos em suas respostas, referindo que sua vida mudaria pouco (J2, J4, J9, A19, A20, A21) ou muito (J3, J5, J8, J12, A13, A15, A16, A22) após a chegada do bebê, poucas vezes citando os aspectos que seriam modificados. Alguns pais, mesmo comentando sobre o tema, referiram não terem uma idéia muito clara sobre o assunto (J2, J3, J5, J6, J11, J12, A19, A21):

“Ah, ela gostava de sair, gostava de trabalhar também, eu falei para ela ‘Não, vamos continuar como nós éramos antes, sair, se divertir, tu trabalhando e eu também, eu quero arrumar um serviço bom também, para mim cuidar do meu filho legal (...). Ah, não vai mudar muito, nós vamos fazer as mesmas coisas que nós fazíamos antes, mas com a atenção no nenê.” (J9)

“Olha, vai ser, bem dizer vai ser o mesmo, a única coisa que vai mudar é que vai ter mais um, ter mais um integrante nessa família, que será amado, vai ser uma alegria para nós, mais uma alegria, sabe, que uma criança todo dia ela descobre alguma coisa, é um passo novo, sabe, nós vamos ter que passar por muita coisa, então vai ser muito legal.” (A19)

“Vai mudar muito. Ah, não sei onde que vai ser as maiores mudanças, mas vai mudar. Não sei, acho que já está mudando.” (J5)

“A princípio vai mudar muita coisa, não... vai ter um espaço que é nosso, nossa casa ali, vai mudar muita coisa até dentro de casa, o jeito de pensar, o jeito de... vai mudar muita coisa, vai mudar muito.” (A13)

“Tudo, tudo, vai ocorrer mudança na hora, desde a hora que ele abrir o olho até a hora que ele fecha, muda tudo, muda tudo.” (A22)

“Ai, um monte... ai, agora eu não sei explicar assim...” (J3)

De modo geral, percebe-se que tanto adolescentes quanto adultos possuem consciência das possíveis modificações pessoais decorrentes do nascimento de seu filho. Contudo, a idéia em geral é vaga e os futuros pais não conseguem expressar claramente em que aspectos ocorrerão as maiores mudanças, muitas vezes acreditando que elas não

serão tão radicais quanto comumente se fala. O que aparece de modo geral é uma incerteza quanto a si mesmos no futuro, uma dificuldade de imaginar as modificações impostas pela nova vida, onde será necessária uma reformulação da forma habitual de viver. Isso reflete uma dificuldade de pensar adiante sobre a experiência atual da gravidez, e até mesmo o desconhecimento da situação, por serem todos “pais de primeira viagem”. Além disso, como comenta Stern (1997), as representações dos pais seriam menos modificadas que as das mães, o que poderia lhes dificultar pensar nas mudanças decorrentes da chegada do bebê.

Já para aqueles que conseguem vislumbrar de forma mais concreta as modificações pessoais que sofrerão com a chegada do bebê, a maior responsabilidade e a conseqüente redução da liberdade foram citadas por participantes de ambos os grupos. Estas mesmas restrições impostas pela paternidade também foram citadas no trabalho de Belsky e Miller (1986).

No entanto, comparando-se as falas entre os grupos, sobressai-se uma tendência dos adolescentes a citarem o aumento de responsabilidade, enquanto que os adultos enfatizaram mais a redução da liberdade. Isto talvez se deva ao fato dos adultos já terem assumido muito mais responsabilidades em função até de sua idade e estado civil. Estas mudanças pessoais esperadas parecem ser uma continuação daquelas mencionadas como decorrentes da gravidez.

Quanto às mudanças conjugais, vários futuros pais pensam que sua relação com a companheira será modificada com o nascimento do bebê (J1, J7, J8, J10, J11, A13, A14, A15, A17, A19, A20, A22, A23), enquanto outros pensam que não haverá nenhuma modificação (J3, J4, J9, J12, A16, A18, A21). Dentre os que citaram mudanças, as respostas foram contraditórias: alguns mencionaram uma maior união do casal com o nascimento da criança (J7, J8, J10, J11, A19, A22, A23), enquanto alguns mencionaram um certo afastamento do casal, pois sua atenção seria a partir daí dividida entre a companheira e o bebê (J1, A14, A17, A20). Dois futuros pais citaram ainda um medo de que o casal pudesse se separar (J6, J11). Várias expectativas dos participantes são encontradas nos exemplos abaixo:

“É, eu acho que vai mudar nisso aí, a gente vai, vai se ver muito mais, e muito mais tempo. E vai ser aquilo... bah, a gente já é unido agora, que namorando a gente já era unido, imagina agora com filho e todo aquele, sabe, é um casamento, não, não precisa tu assinar no papel ou ir na Igreja te vestir, sabe. A partir do momento que tu tens um filho com a pessoa que tu gostas, acho que tu já te casastes, deu, sabe.

Claro, não precisa nem tu pões uma aliança no dedo, tu já estás unido para o resto da tua vida. Claro, nem que a gente se separe amanhã ou depois, que não vai acontecer, que a gente se separa amanhã ou depois, mas a gente vai estar sempre se vendo, sempre, sempre se falando, que a gente tem o L.” (J10)

“Eu acho, eu acho não, tenho certeza que vai solidificar muito mais o nosso relacionamento por causa do O., (...) não que o nosso relacionamento não seja um relacionamento sólido, ele é sólido, mas a tendência é solidificar cada vez mais, porque são duas pessoas direcionadas para que uma tenha as chances de crescer com uma casa legal, uma casa, um ambiente legal, uma casa onde todo mundo se sinta bem, onde ele possa ter a liberdade dele, vai ser bem legal.” (A22)

“Olha, porque as pessoas que a gente tem conversado falam que a criança toma muito tempo, e a gente passa a viver em função da criança, tudo, daí até a gente comenta alguma coisa, mas eu creio que até devido a ser mais uma pessoa, claro que a gente tem que se dedicar mais um tempo para a criança tudo, mas tem que levar tudo controlado, a minha vida, a vida da R., para que não venha se tumultuar uma com a outra assim.” (A14)

“Não, claro que agora, por exemplo, quando a gente está em casa, ela diz que não, mas a atenção... ela acha que eu dou mais atenção para a TV do que para ela, eu gosto de TV. Mas a atenção vai toda pra ela, a minha, a dela vem toda pra mim, agora a gente vai ter que dividir, vai ser a única coisa que vai...” (A20)

Examinando-se as respostas dos dois grupos, constata-se que tanto adultos como adolescentes possuem consciência de que ocorrerão modificações em sua vida conjugal.

Contudo, comparando-se as falas por grupo etário, percebe-se que os adolescentes tendem a pensar mais do que os adultos que sua relação não mudará ou que o casal ficará ainda mais unido. Isto parece indicar a existência entre os adolescentes de expectativas irreais sobre sua relação, no sentido de pensar que o evento do nascimento não afetaria em nada o casal. Resultado semelhante foi encontrado por Nakashima e Camp (1984). Nesse sentido, também poderia indicar um desconhecimento dos jovens das demandas de um bebê real, que naturalmente desgasta cada um dos cônjuges e altera o relacionamento do casal (Stern, 1997). Essa consciência da interferência do bebê na vida do casal parece ser maior para os adultos, talvez por já terem conhecimento do fato pela experiência de outros casais amigos que já têm filhos, e até mesmo por já terem uma maior convivência como casal, sentindo desde a gravidez transformações em seu relacionamento. De fato, a paternidade e a maternidade, mesmo sendo experiências partilhadas, podem causar grandes tensões na relação conjugal, até que sejam feitos os devidos ajustes entre os membros (Belsky & Miller, 1986; Lewis & Dessen, 1999).

Outro fato que poderia contribuir para isso é que todos os adultos moram junto com suas companheiras, e terão assim maior contato com ela e com o bebê futuramente.

Dentre os adolescentes, três não moram junto com a companheira, e os demais estão juntos a relativamente pouco tempo (em média em torno de 1 ano).

Por outro lado, a visão dos adolescentes de maiores mudanças positivas poderia ser um reflexo da nova realidade da paternidade, que muitas vezes une mais o casal e até poderia promover a maturidade psicológica do pai adolescente, conforme citado por Belsky e Miller (1986).

Quando questionados sobre como reagiriam às mudanças decorrentes do nascimento do bebê, vários futuros pais relataram uma reação positiva, compreensiva, até por já estarem preparados para isso (J1, J3, J5, A18, A20, A21, A22). Um participante disse que deveria estar preparado para tudo (J6) e outro que teria que se acostumar (J4). Dois pais disseram não saber como reagirão (J11, J12):

“Vou me sentir numa boa, porque eu vou entender quando ela der mais atenção, esquecer um pouco de mim, eu já sei que é normal isso daí. Como eu posso esquecer também e dar atenção só para a criança. Mas numa boa.” (J1)

“Sabe que eu até nem me preocupo com isso, é que eu já me acho, eu acho que já estava tão na hora de ser pai que eu acho que eu já estou me preparando a tempo assim, até sem me preocupar em pensar muito, eu já estou preparado a tempo e nem penso que vai afetar assim, talvez eu estou me iludindo, que ele vá passar as noites chorando, que eu não vou conseguir trabalhar direito, mas eu, os meus colegas às vezes comentam que têm filho, que vai mudar, mas eu não, realmente eu não me preocupo com isso. Ah, se ocorrer mudanças tranqüilo, não tem problema, não tem problema.” (A21)

“Eu não sei, tem que ver.” (J12)

Estes relatos sugerem que os adultos parecem sentir-se mais preparados para aceitar as mudanças do que os adolescentes, que parecem nem conseguir pensar sobre o assunto, talvez até mesmo por uma limitação cognitiva que os impede de vislumbrar um futuro mais distante (McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Montmayor, 1986; Piaget, 1976).

6.6 Expectativas quanto às características e/ou comportamentos da criança

Enquanto na subcategoria 5.3 os futuros pais referiram-se às características físicas, emocionais e/ou comportamentais imaginadas para seu bebê, nesta subcategoria

eles se referiram às características e/ou comportamentos esperados para seu bebê já crescido, ou melhor, para sua criança.

A partir da análise das falas dos participantes, encontrou-se um grande número de pais que já haviam pensado sobre o tema, e que citaram principalmente as características psicológicas já imaginadas para sua futura criança, tais como ser ativa, brincalhona, inteligente, persistente, alegre e gostar de praticar esportes (J1, J4, J7, J8, J9, J10, J11, A16, A17, A19, A22), ou seja, características gerais, muitas vezes não referindo semelhança com um genitor em especial (J4, J8, A19, A22), como evidente nos depoimentos a seguir:

“Vai ser igual a mim, vai gostar de futebol...” (J1)

“Ah, um guri bem ativo, no caso, não um guri arreiro, mas ativo, que goste de brincar, de jogar bola, e seja alegre e descontraído” (J8)

“Ah, vai ser uma criança super saudável e super feliz” (A19)

“Vejo ele como uma pessoa de personalidade...” (A22)

Os pais também pensavam que a futura criança teria características de ambos os genitores (J7, J9, J11, A17), ou se pareceriam apenas consigo mesmo (J1, J10) ou ainda teriam características opostas às do casal (A16):

“Vai ser igual a mim, vai gostar de futebol.” (J1)

“Ai, [imagino ela] bastante teimosa, eu acho. É, eu sou teimoso, ela é teimosa, eu sou birrento e ela também é... [risos] É que nós somos do mesmo signo ainda, de Leão...” (J7)

“... se tiver algumas coisas minhas vai ser bem nervosa, e se puxar pela mãe eu acho que ela vai ser bem agitada, eu espero que não... Eu até acho que ela vai ser mais calma, mas pode ser que eu me engane. Eu acho que ela vai ser bem mais brincalhona, mais risonha.” (A16)

Por outro lado, um certo número de futuros pais referiu ainda não haver pensado sobre a futura criança (J3, J5, J6, J12, A20, A18):

“Não, não pensei nisso, não cheguei nesse ponto ainda” (J6)

“Como eu acho que ela vai ser? Não sei, não consigo [imaginar].” (A20)

Cabe também ressaltar a preocupação de alguns futuros pais adultos de ressaltar a flexibilidade de suas projeções em relação ao bebê, pois ele poderia não se tornar aquilo que eles imaginavam (A17, A18, A22):

“Ah, a gente imagina, mas nunca é o que a gente imagina...” (A17)

“Vejo ele como uma pessoa de personalidade, como eu te falei no início, talvez, são tudo projeções” (A22).

Analisando-se conjuntamente os depoimentos de todos os participantes, constata-se que os pais em geral citaram características psicológicas da futura criança, talvez por uma dificuldade de imaginá-la fisicamente. Dentre estas características, os pais citaram muito uma criança ativa, brincalhona, persistente, alegre e que goste de praticar esportes.

Comparando-se os grupos etários, chama a atenção a tendência encontrada entre os futuros pais adolescentes de não terem ainda pensado sobre isso já no final da gestação, o que poderia ser novamente explicado pelo tipo de pensamento do adolescente, que nem sempre lhe facilita antecipar o futuro, abstrair do concreto e gerar hipóteses sobre o bebê já crescido (Marsiglio & Cohan, 1997; McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Montmayor, 1986; Piaget, 1976).

Além disto, dois futuros pais adolescentes foram os únicos a mencionarem que suas crianças seriam parecidas apenas consigo, até em função de terem o mesmo sexo. Estes depoimentos parecem mostrar uma certa negação da participação da companheira no processo de gerar o filho, além do desejo de produzir um ser semelhante a si mesmo, o que aumentaria sua auto-estima, seu senso de poder e seu vínculo com a criança, ao mesmo tempo que não deixaria muito espaço para sua individualidade (Szejer & Stewart, 1997). No entanto, poderia também ser uma defesa contra o medo do desconhecido, pois imaginar a criança igual a si mesmo a torna conhecida e assim menos temida.

Também chama atenção a postura encontrada apenas entre os pais adultos de reforçarem o caráter hipotético de suas expectativas, isto é, reconhecerem a liberdade da

criança de ser diferente do que pensam. Nesse sentido, suas condições de desenvolvimento cognitivo e psicológico os auxiliam a reconhecer a individualidade de seu bebê, as e as incertezas do futuro, algo para que o adolescente parece não atentar.

6.7 Expectativas quanto ao futuro do filho

Esta subcategoria considerou as expectativas dos futuros pais quanto ao futuro do filho, bem como o que eles não desejavam que acontecesse para eles futuramente.

A grande maioria dos futuros pais espera que o filho estude, trabalhe e tenha sucesso futuramente (J1, J3, J6, J7, J8, J9, J10, J12, A13, A14, A15, A17, A18, A19, A20, A22, A23). Dentre estes, alguns futuros pais relataram uma expectativa de um futuro diferente do seu para o filho (J1, J11, A14, A15), principalmente com mais oportunidades de trabalho e estudo. Dois futuros pais desejavam que ele fizesse o que quisesse (J7, J9) e três referiram-se ao futebol, com uma expectativa de que o filho torcesse para o mesmo time (A14, A21, A22). Abaixo seguem alguns exemplos referentes a estas expectativas dos participantes:

“Quero tudo de bom e melhor para ele, isso é o que o pai quer para todos, para todo filho, como o meu pai quis para mim eu quero para ele também, o que o pai dela quis para ela, ela quer para ele também, a gente quer tudo de bom para ele. Ah, que ele estude, que seja responsável, que ele adquira as coisas dele, sabe, é isso aí, eu não sei dizer para ti o que mais de bom” (A19)

“Que estude e que seja uma pessoa normal. Ah, normal, assim, é estudar, trabalhar, fazer curso, essas coisas assim...” (J3)

“Um bom futuro, que não seja como o meu, por enquanto tirando cópia, xerox. Eu queria uma coisa melhor” (J1)

“A princípio assim eu imagino ele o que eu sempre falo pra ela, ‘bah, eu vou levar ele a ser um jogador de futebol’, que é uma coisa que eu sempre quis... (...) gosto ainda, mas se for isso que ele quiser, primeiro ele vai estudar e tudo, mas é uma das coisas que eu vou ver se ele vai querer... [Desejo que seja] um guri estudioso, até mesmo porque eu não tive essa oportunidade de poder estudar assim.” (A14)

Vários participantes mencionaram uma expectativa de que o filho se tornasse uma pessoa boa, simples, honesta, obediente (J6, J9, J10, A14, A17, A20, A22) e saudável (J4, J8, A16, A18), que andasse com boas companhias (J3) e fosse feliz (A21):

“O que eu desejo é um, em primeiro lugar, [que fosse] um bom menino, honesto.” (J6)

“Que venha com saúde também, que venha e tenha saúde” (J8)

“Ah, eu espero que seja super feliz, e eu sempre comento isso, espero que seja agradecido ao pai dele, como eu sou ao meu, que eu sempre comento que eu sou muito agradecido ao meu pai e a minha mãe, espero que seja a mesma coisa” (A21)

Após a leitura de todos os depoimentos, percebe-se que tanto futuros pais adolescentes como adultos desejam que seu filho trabalhe, estude e tenha sucesso futuramente. Secundariamente apareceram as expectativas relacionadas ao aspecto pessoal, isto é, de que se tornasse uma pessoa boa e tivesse saúde. Essas expectativas parecem refletir um ideal social que valoriza o aperfeiçoamento, a informação, a competitividade, muito mais do que a integridade da pessoa e seus valores. No entanto, pode-se perceber que os futuros pais desejavam muitas coisas boas para seus filhos, o que também é relatado na literatura (Brazelton & Cramer, 1992; Debray, 1988; Soulé, 1987), uma vez que o bebê carrega as expectativas e desejos (muitas vezes não realizados) de ambos os pais. Isso foi citado diretamente por alguns participantes deste estudo, pois alguns esperavam que o filho os superasse e tivesse um futuro diferente, melhor que o seu.

Em relação ao que não desejavam para o filho futuramente, a grande maioria dos participantes não queria envolvimento com drogas, bebida, más companhias e/ou brigas (J3, J4, J5, J6, J8, J9, J10, J12, A19, A22), conforme exemplificado abaixo:

“Que no futuro, vamos supor, daqui a uns 10, 12 anos, que os amigos não envolvessem em drogas, alguma coisa assim, ou ele não se envolvesse sozinho também. Só isso, é o que mais me preocupa em guri.” (J8)

“[Queria que ele] não se perdesse, e vou... quero que ele seja assim direito, que tenha tudo legal, que ele... que ele arrume um, vou dar força para ele fazer o que ele quiser. Ah, [queria] que não acontecesse com ele de usar drogas, bebesse, isso aí, brigasse também, arrumar confusão na rua, que isso aí, bah, confusão sempre dá morte, isso eu não queria para ele, queria que ele fosse tranquilo e só... Drogas, bebida, isso aí, que ele esteja consciente do que ele vai fazer, do que ele não vai fazer, por causa das doenças, que tem muita doença...” (J9)

Alguns pais mencionaram não desejar nenhuma doença (J9, A16, A18) e que ele não ficasse órfão (J11, A13):

“... preocupações tu tens, mas eu acho que não, eu não gostaria que ela ficasse doente, assim, menos doença. O resto nós estamos aí, a gente vê. É, eu acho que não tem, eu acho que todo o pai não quer que a filha sofra, eu acho que o pior é doença, que o resto a gente se sacrifica e... tem como dar. É, que ela tenha bastante saúde, que não tenha muita... que a parte de saúde que é pior, o resto a gente batalha pra mudar.” (A16)

“Eu não queria que ela ficasse sem pai e sem mãe, isso eu não queria.” (A13)

Muitos pais mencionaram que pretendem fazer tudo o que puderem para ajudar o filho a ter um bom futuro, como informar, proteger, cuidar dele (J6, J9, J10, J11, J12, A16, A19, A22):

“Em primeiro lugar, as drogas [que não se envolvesse]. O problema é que... um dia, não sei, nunca, não sei, esconder não dá pra esconder, se esconder é pior, sempre tem amigo, assim, essas amizades também. Mas eu vou tentar passar de tudo pra ele, pra ele poder se informar.” (J6)

“Porque eu quero tirar uma faculdade boa, ter um emprego bom e ficar sempre mais assim em cima pra poder dar tudo o que ela quer...” (J11)

“Ah, drogas, más companhias, isso eu não gostaria, não gostaria e não vou gostar nunca, esse risco que a juventude está correndo hoje, eu na minha casa sempre tive o caminho certo, a A. na casa dela também, e a gente vai passar isso para ele e explicar para ele que não é legal uma pessoa viver na escuridão, obscura atrás das outras, não vai ser legal isso, isso eu não quero para ele.” (A22)

Apenas três futuros pais (J4, J5, A21) não sabiam o que responder ou não haviam pensado sobre o assunto. No entanto, outros dois futuros pais, mesmo tendo comentado sobre suas expectativas, mencionaram dificuldade em pensar sobre o que não desejavam para o filho, isto é, em coisas ruins (A13, A20):

“Eu até não imaginei, não sei ainda, eu até fico curtindo com, às vezes eu até comento que eu nem quero que passe rápido a gravidez e tal, quero curtir cada fase assim bem devagar, eu nem imagino.” (A21)

“Que ela estude, que ela tenha a profissão dela, que ela tenha as coisas dela, e que ela case, conheça uma pessoa boa assim, que não... só isso. É, só coisa boa, não consigo pensar coisa ruim pra ela.” (A20)

Em relação ao que não desejavam para o futuro de seu filho, os futuros pais de ambos os grupos mencionaram coisas semelhantes, tais como brigas, envolvimento com drogas e bebida, más companhias, doença e orfandade.

Contudo, comparando-se os grupos, constatou-se uma maior preocupação dos adolescentes quanto ao envolvimento com drogas, bebida, más companhias, brigas e um

desejo de ajudar o filho a evitar isso, enquanto que os adultos preocuparam-se mais com a questão da doença e deram pouca ênfase ao que não desejavam. Tal achado poderia refletir a situação social dos adolescentes, que podem eles mesmos já terem se envolvido com isso, ou até como um reflexo do ambiente violento em que vivem, pois os que deram este tipo de depoimento são aqueles que vivem em áreas pobres da cidade (vilas), onde a violência é mais freqüente. Assim, tendo essa realidade tão presente, teria ficado mais fácil para os jovens mencionarem tais medos do que para os adultos, apesar deles também citarem este tipo de preocupação, sobretudo o uso de drogas.

Discutindo as expectativas e sentimentos de futuros pais adolescentes e adultos

O objetivo do presente Capítulo foi examinar eventuais semelhanças e particularidades entre os sentimentos e expectativas de futuros pais adolescentes e adultos. Estas expectativas e sentimentos estavam relacionados principalmente com a experiência de estar esperando o primeiro filho, quanto ao bebê e quanto ao relacionamento futuro com o mesmo.

A expectativa inicial, baseada na literatura, era de que se encontrariam claras diferenças entre adolescentes e adultos quanto às suas expectativas e sentimentos. Mais especificamente, esperava-se que as expectativas e sentimentos dos futuros pais adolescentes em relação à gestação e à futura paternidade seriam mais ambivalentes e negativos do que os dos futuros pais adultos. Isso porque grande parte da literatura considera que os jovens teriam sentimentos mais ambivalentes quanto à gravidez e à experiência da paternidade (Cabrera & cols., 2000; Trindade & Bruns, 1999), experienciando maior quantidade de estresse durante este período (Belsky & Miller, 1986; Christmon, 1990; Elster & Panzarine, 1983; Elster & Hendricks, 1986; Hendricks, 1980; Hendricks, 1988; Parke, 1996; Young, 1988), até mesmo em virtude de uma rede de apoio insuficiente para auxiliá-los a conviver com um evento que é considerado como tarefa da idade adulta (Belsky & Miller, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Russell, 1980; Teti & Lamb, 1986), sendo por isso mesmo não planejado (Trindade & Bruns, 1998; Trindade & Bruns, 1999). Assim, a idéia que a maioria das pesquisas passam é de uma falta de prontidão do adolescente para ser pai, em virtude das tarefas desenvolvimentais que deve ainda cumprir como adolescente (Belsky & Miller, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Harris, 1998; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Nunes, 1998; Robinson & Barret, 1982; Robinson, 1988; Rothstein, 1978; Russel, 1980; Sadler & Catrone, 1983; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999; Young, 1988).

Os resultados do presente estudo corroboram parcialmente a literatura sobre o tema, pois embora tenham se encontrado várias particularidades entre os pais adolescentes e adultos, também foram encontradas muitas semelhanças entre os

mesmos, o que apoia outros estudos que não apontam diferenças marcantes entre adolescentes e adultos em várias dimensões da paternidade e pessoais (Dallas & Chen, 1999; Dennison & Coleman, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Nakashima & Camp, 1984; Robinson & Barret, 1987).

A Tabela 3 apresenta de forma esquemática alguns dos principais achados do presente estudo. Na primeira coluna são apresentadas as semelhanças entre os relatos dos futuros pais adolescentes e adultos para cada categoria analisada. Nas demais colunas, apresenta-se algumas tendências mais marcantes no relato de cada grupo etário em cada categoria.

Nota-se que em todas as subcategorias examinadas foram encontradas semelhanças entre futuros pais adolescentes e adultos. Dessa forma, a existência de expectativas, sentimentos e percepções semelhantes evidenciaria que seu aparecimento independe da idade da paternidade. Além disso, de que mesmo com os obstáculos mencionados pela literatura (por exemplo, falta de apoio social e de recursos materiais), os adolescentes conseguiriam lidar de forma bem sucedida com as demandas impostas pela paternidade (Robinson, 1988; Russell, 1980; Sadler & Catrone, 1983), dependendo das suas características individuais (Christmon, 1990a,1990b; Coley & Chase-Lansdale, 1998) e do apoio social recebido (Cochran, 1997; Marsiglio & Cohan, 1997; McArney, Lawrence, Aten & Iker, 1984; Robinson, 1988; Sadler & Catrone, 1983).

Com relação às semelhanças, em ambos os grupos alguns resultados merecem destaque. Já foi dito acima, por exemplo, que os pais de ambos os grupos mostraram preocupação e ansiedade em relação ao parto. De forma mais geral, Robinson e Barret (1987) não encontraram diferenças entre pais adolescente e adultos quanto ao seu nível de ansiedade, e Dallas e Chen (1999) e Elster e Hendricks (1986) também não encontraram diferenças quanto às suas preocupações durante a gravidez e o exercício do papel paterno. Além disso, semelhanças quanto às preocupações, referentes principalmente à gestante e ao bebê, também foram encontradas no presente estudo, o que apoia os achados destes últimos autores (Dallas & Chen, 1999; Elster & Hendricks, 1986).

Semelhanças entre os futuros pais adolescentes e adultos foram ainda encontradas quanto à definição de um bom pai, que englobou tanto aspectos afetivos como formativos, e quanto às expectativas quanto ao relacionamento com o bebê e ao

modo como pensam criar o seu filho. Estes achados corroboram as idéias de Cabrera e cols. (2000) e Lewis e Dessen (1999), de que os pais estariam sendo influenciados por um novo modelo de pai e de paternidade.

Por outro lado, diferenças marcantes eram esperadas em relação à reação à notícia da gravidez e sua vivência. No entanto, pais adolescentes, assim como os pais adultos, também demonstraram uma reação positiva à notícia da gravidez e uma percepção positiva do período da gravidez, o que corrobora parcialmente os achados de Trindade e Bruns (1999), ao mesmo tempo que apoia os achados de Allen e Doherty (1996) e Dallas e Chen (1999).

Afora estes achados que recebem apoio na literatura, infelizmente poucos estudos que comparem adolescentes e adultos em relação aos sentimentos e expectativas examinados em detalhe no presente estudo foram encontrados.

Já em relação às diferenças entre os grupos, alguns resultados do presente estudo também apoiam a literatura. A literatura amplamente documenta o desconhecimento dos adolescentes em relação aos padrões de desenvolvimento normais de um bebê (Harris, 1998; Jorgensen, 1993; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Reis & Herz, 1987; Rhein & cols., 1997; Sadler & Catrone, 1983). Possivelmente este desconhecimento também se estende às questões que envolvem a gestação, pois muitos adolescentes que reagiram negativamente em relação às imagens do bebê na ecografia, aos movimentos intra-uterinos do bebê, às mudanças do corpo da companheira, por exemplo, atestavam também um desconhecimento de tais situações.

Além disso, os participantes citaram mais freqüentemente preocupações sobre sua capacidade para lidar com a nova situação, o que vai ao encontro da idéia veiculada pela literatura de falta de prontidão do adolescente para ser pai, em virtude das tarefas desenvolvimentais que deve ainda cumprir como adolescente (Belsky & Miller, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Harris, 1998; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Nunes, 1998; Robinson, 1988; Rothstein, 1978; Russel, 1980; Sadler & Catrone, 1983; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999; Young, 1988), muitas vezes contraditórias às demandas da paternidade.

Tabela 3: Síntese dos relatos dos futuros pais para cada categoria temática analisada

CATEGORIA	SEMELHANÇAS	TENDÊNCIAS	
		ADOLESCENTES	ADULTOS
1.1	Reações positivas, negativas e ambivalentes à notícia da gravidez Percepções positivas, negativas e ambivalentes sobre o período da gravidez	Reações ambivalentes e negativas Percepções negativas e ambivalentes	Reações positivas Percepções positivas
1.2	Reações positivas, negativas e ambivalentes da própria família à notícia da gravidez Reações positivas e negativas da família da companheira à notícia	Reações negativas ou ambivalentes da própria família Reações negativas da família da companheira	Reações positivas da própria família Reação positiva da família da companheira
1.3	Reações positivas e negativas dos amigos à notícia	Reações negativas e positivas dos amigos	Reações positivas
1.4	Participação contínua, eventual ou não participação no pré-natal Presença e ausência na ecografia Reações positivas e negativas às primeiras imagens do bebê na ecografia	Acompanhamento contínuo mais frequente Maior referência de reações positivas e negativas (maior presença na eco)	Acompanhamento eventual ou nenhuma participação Menos reações (menor presença)
1.5	Sentem movimentos do feto Reações positivas e negativas aos primeiros movimentos do feto Conversar, tocar a barriga, acariciar Desejo de ter contato com o bebê	Reações negativas aos primeiros movimentos (medo, descrença, surpresa) Acariciam menos a barriga	Dificuldades para perceber primeiros movimentos do feto/ Reações positivas Dificuldades para conversar, mais toque
1.6	Aceitação das mudanças do corpo da companheira e conhecimento das mesmas	Desconhecimento e surpresa das mudanças do corpo da companheira Subjacente à aceitação aparece uma desaprovação e estranheza	Aceitação e admiração Mais conhecimentos
1.7	Preocupações referentes à gestante e ao bebê	Preocupações mais proeminentes relacionavam-se a si mesmos (capacidade para lidar com a situação)	Preocupações com a gestante (saúde mental) e não ter preocupações
1.8	Ansiedade, medos e otimismo em relação ao nascimento Desejo de acompanhar o parto	Maior ansiedade Desejo de acompanhar o parto mais frequente	Ansiedade e ausência de preocupações/tranquilidade Menos frequente desejo de acompanhar o parto

2.1	Mudanças pessoais emocionais e/ou físicas decorrentes da gestação	Sente-se mais responsável	Restrição das atividades de lazer e mudanças na organização física da casa
2.2	Mudanças conjugais positivas, negativas ou inexistentes decorrentes da gestação	Mudanças conjugais negativas (limitações das atividades da dupla)	Mudanças conjugais positivas
3.1	Apoio solicitado pela gestante: proximidade, maior contato, alcançar alguma coisa, locomoção, tarefas domésticas A companheira não solicita apoio	Proximidade, alcançar algo A companheira tende a não solicitar apoio	Ajuda nas tarefas domésticas, alcançar algo e levar ao serviço Apoio emocional
3.2	Apoio oferecido: emocional, prático (tarefas), acompanhamento médico	Acompanhamento médico e cuidado com a alimentação	Apoio emocional e prático
3.3	Rede de apoio social: familiares, amigos e vizinhos	Mãe e mãe da companheira	Os próprios pais
4.1	Lembranças transgeracionais positivas do pai	Lembranças positivas Sem lembranças (abandono)	Lembranças negativas e ambivalentes
4.2	Lembranças positivas da mãe	Lembranças ambivalentes	Lembranças positivas
4.3	Modelos de pai positivos: próprio pai, pai com ressalvas, amigos, não tem Valorização da educação e da afetividade Modelos de pai negativos: modelo geral, próprio pai, familiares, sem modelo	Prioridade ao aspecto afetivo da relação com o pai Sem modelos positivos (descobrir-se) Sem modelos negativos/ amigos/ não indicam o pai	Prioridade ao aspecto educativo/formativo Modelo negativo é o próprio pai
4.4	Modelos de mãe positivos: própria mãe, sogra, sem modelo Modelos de mãe negativos: sem modelo, modelo geral	Modelo positivo externo à família ou avós/amigos Sem modelo positivo/ não citaram a mãe Sem modelo negativo, a própria mãe	Modelo positivo é a própria mãe Não mencionaram o tema/ modelo geral
4.5	Bom pai: educar e orientar o filho, atencioso, presente, participativo, carinhoso, amigo, trabalhador, responsável	Características afetivas	Características formativas/educativas
4.6	Boa mãe: carinhosa, atenciosa, presente, compreensiva, educadora, cuidadosa, companheira, dar liberdade	Características afetivas	Características formativas/educativas
5.1	Reação positiva quanto ao sexo do bebê Sexo do bebê correspondeu e não correspondeu às preferências pessoais dos pais, preferência sexo feminino, sem preferência por ser primeiro filho, preferências diferentes entre os membros do casal	Sexo do bebê correspondeu mais às suas expectativas	

5.2	<p>Nome do bebê escolhido por gostar, inspirado em filmes, livros, nomes de parentes e amigos</p> <p>Nome já escolhido no momento da entrevista</p> <p>Nome escolhido pelo pai, cada membro de um sexo, a companheira e o casal</p>	<p>Ainda dúvida quanto à escolha (não saber o sexo)</p> <p>Escolhido pelo adolescente, escolhida dividida entre o casal pelo sexo do bebê/ pouca negociação</p> <p>Nomes sugeridos por outras pessoas</p> <p>Conflito inicial entre os parceiros pelo nome escolhido</p>	<p>Nomes pensados desde a época de namoro</p> <p>Mãe escolheu o nome ou acordo do casal</p>
5.3	<p>Características físicas, emocionais e/ou comportamentais do bebê, não imagina nada ou dúvidas, relação com movimentos intra-uterinos do bebê</p> <p>Bebê parecido com ele, semelhança com o casal, avós, outros parentes, companheira</p>	<p>Recorrer a recursos concretos para descrever o bebê (movimentos uterinos)</p> <p>Mais características físicas</p> <p>Bebê parecido com avós</p>	<p>Mais características emocionais</p> <p>Bebê parecido consigo ou com o casal</p>
6.1.	<p>Não sabe como será relacionamento com o bebê, pai presente, coruja, carinhoso, atencioso, bom pai, super pai</p> <p>Bom relacionamento, dar limites e exemplo, educar, ensinar o que aprenderam com os próprios pais</p>	<p>Aspectos afetivos</p> <p>Corrigir erros dos próprios pais</p>	<p>Aspectos formativos/educativos</p>
6.2	<p>Criação: aconselhar, ensinar o certo e o errado, dar liberdade para fazer próprias escolhas, educar como foram criados</p>	<p>Liberdade do filho, menos idéia de como criá-lo</p>	<p>Aconselhamento, diretividade, limites,</p>
6.3	<p>Apoio futuro: companheira solicitará ajuda, desejo de ajudar, experiência com bebês, desejo de aprender e acertar, ajudar no que puderem, em tudo, não sabem o que fazer, passear, trocar fraldas, brincar, banho, mamadeira, comida, fazer dormir, embalar</p> <p>Momentos difíceis: recorrer aos próprios recursos, aos próprios recursos e depois a recursos externos e a recursos externos</p>	<p>Inespecíficos quanto ao apoio à companheira (em tudo)</p> <p>Cuidar do bebê será fácil e diferente do que cuidar de outras crianças</p> <p>Mais tarefas em relação ao cuidado do bebê</p> <p>Usar próprios recursos, não saber o que fazer, busca de recursos externos</p>	<p>Atividades específicas (banho, fralda)</p> <p>Fácil cuidar do próprio bebê</p> <p>Próprios recursos e depois recursos externos</p>
6.4	<p>Rede de apoio social esperada: pais, pais da companheira, familiares de ambos, não esperam ajuda de ninguém</p>	<p>Pais da companheira</p>	<p>Outros familiares, amigos e vizinhos</p>
6.5	<p>Mudanças pessoais esperadas: aumento da responsabilidade, redução da liberdade, respostas vagas (muito, pouco), não sabem</p> <p>Mudanças conjugais esperadas: sim e não, maior união do casal, afastamento</p> <p>Reação positiva às mudanças</p>	<p>Maior responsabilidade/mais dúvidas</p> <p>Relação não mudará ou casal ficará mais unido</p> <p>Medo de separação do casal</p> <p>Não sabem como reagirão</p>	<p>Redução da liberdade</p> <p>Casal se afastará/relação mudará</p>

6.6	<p>Características psicológicas da futura criança, não pensou sobre isso</p> <p>Parecida com ambos ou nenhum genitor</p>	<p>Não pensou</p> <p>Parecida com ambos, apenas consigo ou com nenhum genitor</p>	<p>Flexibilidade das projeções</p>
6.7	<p>Futuro desejado: estudo, trabalho, sucesso, futuro diferente do seu (melhor), saúde, ser honesto</p> <p>Não desejam envolvimento com drogas, bebida, brigas, más companhias, doença, ficar órfão, não pensaram, farão o que puderem pelo filho</p>	<p>Fazer o que quiser</p> <p>Envolvimento com drogas, brigas, bebida, más companhias</p> <p>Desejo de ajudar o filho</p>	<p>Futebol</p> <p>Doenças</p> <p>Não pensaram sobre o que não desejam para o filho</p>

Por outro lado, esperava-se que as lembranças transgeracionais de pais adolescentes fossem predominantemente negativas, indicando um padrão de desestruturação familiar sugerido pela literatura (Allen & Doherty, 1996; Dallas & Chen, 1999; Westney & cols., 1986). Os achados do presente estudo corroboram parcialmente a literatura, pois enquanto alguns futuros pais adolescentes foram abandonados por seus próprios pais, outros referiram lembranças muito positivas dos mesmos. O mesmo ocorreu em relação às mães, de quem referiram tanto lembranças positivas como ambivalentes.

Mais uma vez, infelizmente há uma escassez de estudos comparativos entre adolescentes e adultos em relação às suas expectativas e sentimentos. A partir da revisão da literatura, constata-se também que dentre os poucos achados, muitas vezes estes aparecem de forma contraditória em relação a diversos aspectos envolvendo as expectativas e experiências de futuros pais adolescentes.

De forma geral, os achados do presente estudo sugerem que existem diferenças entre os grupos, mas que estas não são tão pronunciadas como muitas vezes sugerido pela literatura revisada, pois suas vivências em relação ao período da gestação também se assemelham em muitos aspectos. A ausência de consistência entre os achados do presente estudo pode ser decorrente da participação de vários adolescentes do presente estudo durante a gravidez da companheira, assumindo o bebê financeira e emocionalmente e continuando seu relacionamento afetivo com ela. Obviamente, para aqueles adolescentes que não aceitaram participar da pesquisa, ou que não assumiram a paternidade, estes sentimentos e expectativas seriam bastante diferentes daqueles demonstrados pelos adultos que assumiram a paternidade, o que é corroborado pela literatura (Belsky & Miller, 1986; Parke, 1996).

Além disso, a grande maioria das companheiras dos futuros pais participou de grupos de gestantes, o que de certa forma poderia ter influenciado positivamente a postura destes adolescentes frente à gestação e ao futuro papel paterno. De fato, também é apontado na literatura a participação em grupo de gestantes como um fator de grande influência no envolvimento paterno durante e após a gestação (Parke, 1996).

Examinando-se mais especificamente as particularidades encontradas no grupo adolescente, se poderia considerar que estas decorrem de características específicas da fase adolescente. Em primeiro lugar, a literatura amplamente documenta o

desconhecimento dos adolescentes em relação aos padrões de desenvolvimento normais de um bebê (Jorgensen, 1993; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Parke, Power & Fisher, 1980; Reis & Herz, 1987; Rhein & cols., 1997). Possivelmente este desconhecimento também se estende às questões que envolvem a gestação. Assim, é natural que os pais adolescentes tenham apresentado sentimentos de medo, estranheza e surpresa frente aos acontecimentos concernentes a este período, como por exemplo, as transformações corporais da companheira e os movimentos intra-uterinos do bebê.

Relacionado a isso, um outro ponto bastante comentado pela literatura diz respeito ao tipo de pensamento do adolescente, ou seja, ao seu desenvolvimento cognitivo (Marsiglio & Cohan, 1997; McKinney, Fitzgerald & Strommen, 1977; Montmayor, 1986; Piaget, 1976). Sabe-se que nesta fase do ciclo vital, o adolescente está adquirindo o pensamento das operações formais, que lhe possibilitará formular hipóteses e estabelecer relações entre elas, o que inclui a capacidade de antecipação dos eventos e de sua reação aos mesmos. Contudo, esta aquisição não se dá em uma idade determinada, e não se estabiliza totalmente durante a adolescência. Assim, em certos momentos o adolescente pode demonstrar estar pensando com a lógica formal, enquanto que em outros ele ainda utiliza um pensamento mais concreto. Em vista disso, também é natural que os adolescentes tenham tido dificuldade de pensar como criarão seu filho, sobre as características físicas e emocionais que ele terá quando bebê e quando criança, muitas vezes utilizando-se de recursos concretos para poder descrevê-lo, como seus movimentos intra-uterinos. Além disso, mostraram certa dificuldade para pensar sobre o apoio que poderão oferecer à companheira, sobre o que farão nas situações difíceis do cuidado do bebê e sobre as possíveis modificações conjugais e pessoais decorrentes do nascimento do bebê. Esta compreensão baseada nos conhecimentos fornecidos pela Psicologia do Desenvolvimento também foi encontrada no trabalho de Amazarray e cols. (1998) com mães adolescentes.

Também em relação à adolescência, a literatura aponta como ser pai e ser adolescente são papéis sociais completamente opostos, pois as exigências de cada um apontam em direções diferentes, o que poderia causar conflito entre os adolescentes que se tornam pais, por não conseguirem lidar com as questões da adolescência e ao mesmo tempo ter que lidar com questões da paternidade (Kahn & Bolton, 1986; Nunes, 1998;

Rothstein, 1978; Sadler & Catrone, 1983; Young, 1988). Nesse ponto, os autores mencionam que a necessidade de consolidação da identidade, de aquisição de autonomia financeira e emocional da família, de aquisição de maturidade emocional, etc., ficariam com sua resolução impedida ou dificultada pela ocorrência da paternidade (Coley & Chase-Lansdale, 1998; Lewis & Volkmar, 1993; Montmayor, 1986; Rothstein, 1978; Sadler & Catrone, 1983; Teti & Lamb, 1986). Algumas das tendências desfavoráveis evidenciadas no grupo adolescente dizem respeito a este aspecto, e poderiam ser por isso explicadas como decorrentes desse conflito interno dos futuros pais adolescentes. Como exemplo, o fato de estarem se sentindo com maior responsabilidade desde que souberam da gestação, de terem citado mais mudanças conjugais negativas decorrentes da gestação, no sentido de diminuir a possibilidade das saídas noturnas principalmente, o que para eles é visto com pesar, enquanto que os adultos não parecem se importar por abrir mão disto.

Enfim, os achados do presente estudo corroboram aqueles encontrados na literatura que aponta que a idade teria pouco impacto na maneira como futuros pais assumem seu papel de pai e cumprem suas obrigações, tendo os jovens possibilidade de vencer os obstáculos encontrados e cumprirem de forma bem sucedida suas responsabilidades parentais (Cochran, 1997; Robinson, 1988; Russell, 1980; Sadler & Catrone, 1983).

Tendo-se em vista o que foi exposto, constata-se que embora existam peculiaridades entre adolescentes e adultos, muitas delas devidas à fase de desenvolvimento em que se encontram, predomina a existência de semelhanças entre os grupos, o que contraria a expectativa inicial do estudo, baseada na literatura, de que haveria tendências claramente distintas entre adolescentes e adultos em relação as suas expectativas e sentimentos durante a gravidez da companheira.

CAPÍTULO IV

Examinando a interação pai-bebê entre adolescentes e adultos em uma situação de interação livre

Além de investigar as expectativas e os sentimentos dos futuros pais adolescentes e adultos em relação à gestação, ao bebê e à paternidade, buscou-se também examinar sua interação com o bebê aos três meses de vida. Assim, nesta seção são descritos os resultados derivados da análise da Observação da Interação Familiar (Anexo F) entre os pais e seus bebês, realizada na residência dos participantes.

O objetivo da observação foi verificar a ocorrência de alguns comportamentos considerados pela literatura como importantes para uma interação adequada entre pais e bebê, tais como olhar, sorrir, vocalizar. Assim, assumiu-se neste estudo que estes comportamentos também seriam importantes para facilitar a interação entre um pai e seu bebê, até mesmo em virtude do escasso número de estudos que enfocam tal interação, principalmente entre pais adolescentes-bebês. Particularmente, esta seção do estudo visou investigar possíveis semelhanças e diferenças na interação com o bebê entre pais adolescentes e adultos.

De acordo com a hipótese inicial do estudo, baseada na literatura existente sobre a interação pai adolescente-bebê, seriam encontradas diferenças expressivas entre pais adolescentes e adultos no que tange à sua interação com o bebê, especialmente quanto à sincronia. Isto ocorreria tanto pelo desconhecimento dos adolescentes em relação às capacidades do mesmo (Bolton & Belsky, 1986; Jorgensen, 1993; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Parke, Power & Fisher, 1980; Reis & Herz, 1987; Rhein & cols., 1997; Robinson, 1988; Robinson & Barret, 1987), quanto pelo fato de frequentemente não morarem junto com a companheira, e por isso não terem um relacionamento tão próximo com ela e seu bebê (Amazarray & cols., 1998; Belsky & Miller, 1986; Bolton & Belsky, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Hendricks, 1980; Hendricks & Montgomery, 1983; Jorgensen, 1993), ou ainda por estarem cumprindo tarefas da adolescência, por exemplo a consolidação da identidade

sexual, o que lhes impediria de exercer atividades de cuidado por serem consideradas femininas (Blos, 1994; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999).

Como já foi descrito no Capítulo II, tomando-se por base os estudos de Belsky, Rovine e Taylor (1984), Isabella, Belsky e von Eye (1989) e Carro, Piccinini e Millar (1999), as co-ocorrências sincrônicas foram definidas aqui como trocas recíprocas entre o pai e o bebê, independente de quem iniciou tal troca, ou seja, quando os comportamentos de ambos aconteciam um após o outro ou simultaneamente. Operacionalmente, sincronia foi definida como responsividade ao comportamento do outro membro da díade. Já assincronia foi definida como não responsividade de um membro da díade ao comportamento do outro (ex.: bebê chora – pai ignora), ou a emissão de um comportamento não adequado ao comportamento emitido pelo outro membro (por exemplo, bebê sonolento - pai estimula).

Dois oito minutos da sessão de observação da interação pai-bebê, foram selecionados seis, excluindo-se sempre o primeiro e o último minuto. O primeiro minuto foi descartado em virtude de que o pai encontrava-se muitas vezes preparando-se para iniciar a interação. O último minuto foi descartado tendo em vista que em algumas seções as filmagens foram concluídas ainda dentro do oitavo minuto, o que não permitiu utilizá-lo completamente. Estes seis minutos foram então divididos em intervalos de quinze segundos, totalizando um total de vinte e quatro intervalos, em que se verificou a presença de comportamentos paternos e do bebê, além das trocas sincrônicas e assincrônicas entre a dupla. O protocolo inicial utilizado para a análise foi descrito em detalhe no Capítulo II (Anexo I).

Inicialmente, dois observadores receberam um treinamento de 30 horas, assistindo vídeos com episódios de interação pai-bebê de outros participantes do projeto de pesquisa em que a pesquisadora está inserida, sorteados aleatoriamente. Este treinamento teve o objetivo de esclarecer dúvidas no uso das categorias de análise, bem como para a identificação e marcação das frequências. Todas as dúvidas na análise dos comportamentos foram dirimidas na presença de um terceiro juiz, no caso a pesquisadora. Este treinamento levou a algumas modificações na estrutura de categorias de comportamento e suas respectivas definições inicialmente proposta. Foram também incluídas categorias especialmente criadas para este estudo, em função da faixa etária dos bebês (três meses) (ex.: bebê responde ao estímulo, pai estimula sem

objeto/brinquedo). Já os comportamentos paternos estimula sem objeto ou estimula com objeto, por exemplo, tiveram sua definição modificada daquela empregada no trabalho de Carro, Piccinini & Millar (1999), sendo melhor especificada para esta faixa etária.

Além disso, com base neste estudo piloto, diversas categorias foram excluídas do protocolo final, tendo em vista sua baixa frequência (ex.: *pai interpreta/fala pelo bebê; bebê chora; sorri/sorri*), pois ocorreram em menos de 20% do total de intervalos observados¹¹). Entre elas destacam-se todas as categorias assíncronicas e várias categorias síncronicas, bem como algumas categorias de comportamentos paternos e do bebê. Todas as modificações estão indicadas no Anexo G e H.

Assim, o protocolo final utilizado no presente estudo (Anexo J) foi composto por 14 comportamentos paternos (*responde à vocalização/choro do bebê; fala para o bebê; estimula com objeto/brinquedo; estimula sem objeto/brinquedo; colo; sorri para o bebê; acaricia/beija o bebê; embala/aconchega o bebê; olha o bebê; olha para a câmera/outro lugar; posiciona-se face a face; acalma o bebê; fica em pé/movimenta-se com o bebê; ajeita o bebê*), 7 comportamentos do bebê (*vocaliza/choramanga; alerta/acordado; olha para o pai; alerta/irrequieto; olha para a câmera/outro lugar; segura brinquedo/estímulo; responde ao estímulo*) e 6 seqüências síncronicas (*vocaliza/vocaliza; vocaliza/ajeita o bebê; vocaliza/olha; olha/olha; responde ao estímulo/estimula com objeto - brinquedo; alerta - irrequieto/ resposta adequada*). A descrição operacional de todas as categorias de comportamentos observadas encontra-se nos Anexos G e H.

Utilizando-se este protocolo, foram registrados todos os comportamentos classificados nas diversas categorias de comportamentos em cada intervalo de tempo. Quando se observou mais que uma categoria de comportamento e/ou co-ocorrência dentro de um mesmo intervalo, cada uma delas foi pontuada.

Dez casos foram utilizados por dois codificadores para o cálculo do índice de concordância na análise das categorias, realizado através do Kappa¹². Dentre as

¹¹ O total de intervalos de cada protocolo foi 24. Considerando-se os 23 protocolos completos, obteve-se um total de 572 intervalos de 15 segundos. Assim, optou-se por excluir aqueles comportamentos que tiveram incidência inferior a 110 vezes, independente do valor do Kappa.

¹² Também foi calculado o índice de concordância entre os observadores, utilizando-se a fórmula $[(\text{concordâncias}) / (\text{concordâncias} + \text{discordâncias})] \times 100$. Considerou-se a concordância apenas em relação aos comportamentos assinalados como presentes pelos dois observadores. Não se considerou a concordância em relação à ausência de comportamentos porque isso tenderia a superdimensionar o índice de concordância. Assim, usando este critério, os índices variaram de 0% a 99% (M = 26,07; dp = 37,62)

categorias de comportamento paternos, o Kappa variou de 0.41¹³ a 0,89 (M = 0,65). Nas categorias de comportamentos do bebê, o Kappa variou de 0.45 a 0.73 (M = 0,63). No que se refere às seqüências sincrônicas, o Kappa variou de 0.43 a 0,76 (M = 0,62). A Tabela completa com todos os índices calculados encontra-se no Anexo L.

Após o cálculo do Kappa, que foi baseado em videotapes de dez participantes analisados separadamente, os dois codificadores continuaram a examinar também separadamente os outros treze videotapes. Isto foi feito buscando aumentar o controle sobre a codificação. Eventuais diferenças entre os codificadores foram dirimidas posteriormente por um terceiro juiz, no caso a pesquisadora.

Uma análise inicial usando o teste de correlação de Spearman foi utilizada a fim de se examinar eventuais relações entre os fatores demográficos (ex.: jovem versus adulto, escolaridade, estado civil, ocupação e sexo do bebê) e as categorias de comportamentos paternos, do bebê e as interações sincrônicas. O Anexo M apresenta os resultados encontrados.

De modo geral, os fatores demográficos apareceram pouco correlacionados com a maioria das categorias de comportamentos observados. Foram encontradas somente duas correlações significativas. A escolaridade dos pais correlacionou-se negativamente com a categoria de comportamentos paternos fala para o bebê (-0,50; $p = 0,02$). Ao contrário do esperado, quanto maior a escolaridade do pai, menor foi a incidência de comportamentos nesta categoria. Esta ausência de correlações significativas sugere que os fatores demográficos examinados parecem não ser determinantes para a maioria das categorias de comportamentos paternos, do bebê e para as trocas sincrônicas consideradas no presente estudo.

Uma segunda análise estatística foi realizada utilizando o teste de Mann-Whitney com o objetivo de examinar o papel do grupo etário (adolescentes vs. adultos) na incidência de cada categoria de comportamentos observada. A Tabela 6 apresenta a incidência média, desvio padrão e o nível de significância para cada categoria de comportamento paterno. Como pode ser visto, nenhuma diferença significativa foi encontrada entre os grupos nas diversas categorias de comportamento examinadas. Isto

entre as categorias de comportamentos paternos, 0% a 85% (M = 47,57; dp = 36,12) entre as categorias de comportamentos do bebê e 0% e 76% nas seqüências sincrônicas pai-bebê (M = 23,83; dp = 37, 03).

¹³ Estes valores são considerados por Robson (1995) como suficientes (0.40 a 0.60) e bons (0.60 a 0.75), em função das características estatísticas deste índice de concordância.

indica que nos dois grupos os pais tenderam a ser bastante semelhantes quanto aos comportamentos emitidos durante a interação com o bebê.

Tabela 6 - Incidência média, desvio padrão, e nível de significância para cada categoria de comportamentos paternos

Comportamentos Paternos		Pais Jovens n = 9	Pais Adultos n = 11	U	p
Responde à vocalização/choro do bebê	M	10,77	9,09	42,50	0,59
	DP	6,79	7,54		
Fala para o bebê	M	20,11	15,72	34,00	0,23
	DP	3,65	7,43		
Estimula com objeto/brinquedo	M	8,00	6,00	38,00	0,37
	DP	6,40	6,76		
Estimula sem objeto/brinquedo	M	6,11	5,54	47,00	0,84
	DP	5,10	3,67		
Colo	M	18,88	18,27	49,00	0,96
	DP	8,49	9,14		
Sorri para o bebê	M	9,11	3,90	29,50	0,12
	DP	8,28	3,23		
Acaricia/beija o bebê	M	6,33	7,00	42,50	0,59
	DP	2,50	3,87		
Embala/aconchega o bebê	M	8,77	8,63	49,00	0,97
	DP	8,02	7,31		
Olha o bebê	M	23,77	23,63	46,00	0,72
	DP	0,44	0,67		
Olha para câmera/outro lugar	M	13,33	16,09	38,00	0,38
	DP	6,38	5,50		
Posiciona-se face a face	M	4,55	7,27	35,50	0,28
	DP	7,48	7,65		
Acalma o bebê	M	6,22	5,18	41,00	0,51
	DP	5,28	6,14		
Fica em pé/movimenta-se com o bebê	M	11,22	5,63	37,00	0,33
	DP	9,49	8,24		
Ajeita o bebê	M	10,11	12,45	37,50	0,36
	DP	6,15	7,07		

A Tabela 6 mostra uma grande variabilidade na frequência das categorias de comportamentos examinadas, o que indica que dentro de cada grupo os pais diferiram bastante. Contudo, no conjunto, estas variações acabaram sendo compensadas entre os pais de um mesmo grupo, o que levou a poucas diferenças entre os mesmos.

As categorias de comportamentos paternos com maior incidência em ambos os grupos foram *falar para o bebê, olhar para o bebê, dar colo e olhar para a câmera ou outro lugar*. Este último comportamento sugere que a presença do observador interferiu na interação. No entanto, comparando-se as frequências entre estas categorias de comportamentos e as demais, vê-se que a interferência parece ter sido uniforme entre os grupos. Já a primeira destas categorias é apontada na literatura como sendo característica da interação de pais e mães com o seu bebê (Parke, Power & Fisher, 1980).

Também cabem ser mencionadas algumas tendências que apareceram na Tabela 6, mesmo que não tenham sido significativas. Por exemplo, na categoria de comportamentos paternos *fala para o bebê, sorri para o bebê e fica em pé/movimenta-se com o bebê*, os pais adolescentes apresentaram uma incidência média um pouco maior de comportamentos do que os pais adultos. Isto sugere, inclusive, uma tendência a maior responsividade dos pais adolescentes, ao contrário do que se esperava inicialmente, baseado na literatura (Lamb & Elster, 1986). Contudo, estas tendências necessitam ser melhor exploradas em estudos futuros.

O teste de Mann-Whitney também foi utilizado para se investigar eventuais diferenças na incidência média das categorias de comportamentos do bebê avaliadas neste estudo. A Tabela 7 apresenta a incidência média, o desvio padrão e o nível de significância para cada categoria de comportamentos do bebê. Os resultados não revelaram diferenças significativas em nenhuma das categorias de comportamentos do bebê.

Tabela 7 - Incidência média, desvio padrão, e nível de significância para cada categoria de comportamentos do bebê

Comportamentos do Bebê		Pais Jovens n = 9	Pais Adultos n = 11	U	p
Vocaliza/choraminga	M	14,11	12,00	42,50	0,59
	DP	6,35	6,38		
Alerta/acordado	M	18,88	20,27	39,00	0,40
	DP	6,50	6,81		
Olha para o pai	M	7,55	7,09	44,00	0,67
	DP	8,30	6,80		
Alerta/irrequieto	M	8,00	5,81	35,50	0,28
	DP	5,14	5,63		
Olha para câmera/outro lugar	M	19,77	20,00	41,00	0,51
	DP	4,65	5,09		
Segura brinquedo/estímulo	M	7,00	5,63	40,00	0,46
	DP	6,68	7,41		
Responde ao estímulo/brinquedo	Ma	11,22	9,45	44,50	0,70
	DP	9,18	8,20		

Ao contrário do que se esperava, os bebês de ambos os grupos apresentaram comportamentos semelhantes durante a observação realizada. Como pode ser visto na Tabela 7, ocorreu variabilidade na incidência de comportamentos entre os bebês dos dois grupos. No entanto, nenhum padrão particular apareceu entre os grupos.

As semelhanças encontradas entre os bebês de ambos os grupos endossam a ausência de diferenças significativas nas categorias de comportamentos paternos analisadas acima.

Por fim, o teste de Mann-Whitney foi também utilizado para se examinar eventuais diferenças nas trocas sincrônicas entre pai adolescentes e adultos e seus bebês. A Tabela 8 apresenta a incidência média, o desvio padrão e o nível de significância para cada seqüência sincrônica observada neste estudo.

Tabela 8 - Incidência média, desvio padrão, e nível de significância para cada categoria de comportamentos sincrônicos

Seqüências Sincrônicas		Pais Jovens n = 9	Pais Adultos n = 11	U	<i>z</i>
Vocaliza/vocaliza	<i>M</i> <i>DP</i>	13,00 5,85	10,09 7,476	39,00	0,42
Vocaliza/ajeita o bebê	<i>M</i> <i>DP</i>	6,44 5,36	7,90 6,47	44,00	0,67
Vocaliza/olha	<i>M</i> <i>DP</i>	14,77 6,45	12,90 5,94	41,50	0,54
Olha/olha	<i>M</i> <i>DP</i>	7,55 8,30	7,00 6,55	44,00	0,67
Responde ao estímulo/estimula com objeto – brinquedo	<i>M</i> <i>DP</i>	6,77 5,82	5,36 6,69	37,50	0,35
Alerta – irrequieto/resposta adequada	<i>M</i> <i>DP</i>	7,44 4,74	5,54 5,83	35,50	0,28

Os resultados não revelaram nenhuma diferença significativa entre os grupos nas diversas seqüências sincrônicas examinadas. Os dados indicam que pais adolescentes e adultos interagiram de forma bastante semelhante com seus bebês.

Discutindo a interação pai-bebê entre adolescentes e adultos em uma situação de interação livre

O objetivo deste Capítulo foi de examinar eventuais semelhanças e particularidades na interação pai-bebê entre adolescentes e adultos. De acordo com a literatura consultada, a expectativa inicial era de que os pais jovens tenderiam a ser menos responsivos ao bebê do que os pais adultos, em virtude de alguns fatores desenvolvimentais e estruturais. No que se refere aos fatores desenvolvimentais, o desconhecimento dos adolescentes acerca do desenvolvimento infantil (Bolton & Belsky, 1986; Jorgensen, 1993; Lamb & Elster, 1986; Parke & cols., 1980; Reis & Herz, 1987; Rhein & cols., 1997; Robinson, 1988; Robinson & Barret, 1987) e sua relação freqüentemente mais distante com o bebê, até pelo fato de não morar com a companheira e por isso não terem um relacionamento tão próximo com ela (Bolton & Belsky, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Hendricks, 1980; Hendricks & Montgomery, 1983; Jorgensen, 1993), poderiam influenciar negativamente na sua interação com o bebê. O fato de não desejarem ou planejarem a gravidez também poderia contribuir para um menor envolvimento de sua parte (Cabrera & cols., 2000), bem como sua busca pela consolidação da identidade sexual, com a necessidade de assumir rígidos estereótipos masculinos (Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999).

Já quanto aos fatores estruturais, a presença dos avós do bebê poderia lhe deixar pouco espaço para se envolver com o cuidado do bebê (Allen & Doherty, 1996; Barret & Robinson, 1981; Cervera, 1994; Dallas & Chen, 1999; Furstenberg, 1980; Hendricks, 1980; Hendricks & Montgomery, 1983; Marsiglio & Cohan, 1997; Parke & cols., 1980; Rhein & cols., 1997).

No entanto, os resultados do presente estudo não corroboram a expectativa inicial sugerida pela literatura, principalmente de que o adolescente tenderia a ter uma interação menos responsiva com o bebê quando comparado ao pai adulto. Os resultados do presente estudo mostram que aos três meses de vida do bebê, pais adolescentes e adultos comportaram-se de forma bastante semelhante em uma situação de interação livre, sendo todos igualmente responsivos ao bebê. Resultados semelhantes foram encontrados por Kreutz (2001), analisando também um episódio de interação livre entre mães adolescentes e adultas com bebês de idade semelhante aos deste estudo.

A ausência de diferenças entre o grupo de adolescentes e adultos endossa os achados de alguns estudos recentes que enfatizam que a interação pai adolescente-bebê não diferiria tanto da interação pai adulto-bebê (Bolton & Belsky, 1986; Cochran, 1997; Marsiglio & Cohan, 1997; McArney, Lawrence, Aten & Iker, 1984; Nakashima & Camp, 1984; Robinson, 1988; Sadler & Catrone, 1983).

Na verdade, não foi encontrado um estudo específico comparando pais adolescentes e adultos em sua interação com o bebê. Também não se pode esquecer que existe uma grande variabilidade nas experiências e atitudes de pais adolescentes (Belsky & Miller, 1986), e alguns tendem a assemelhar-se aos pais adultos em suas características pessoais, familiares, conjugais, etc., aos pais adultos.

Alguns fatores podem ter contribuído para que a expectativa inicial do estudo não fosse apoiada. Inicialmente, se poderia pensar que o instrumento utilizado não seria suficientemente sensível para captar eventuais particularidades na dinâmica pai-bebê nos dois grupos. No entanto, utilizando o mesmo protocolo de análise e o mesmo tipo de interação e idade do bebê, Ferrari (2001) encontrou diferenças significativas entre mães adultas casadas e solteiras, e Carro, Piccinini & Millar (1999) também encontraram diferenças significativas entre mães adultas que participaram de diferentes tipos de intervenção precoce. Todas estas evidências reduzem a possibilidade de que o instrumento possa ser responsabilizado pela ausência de diferenças significativas entre os grupos. O mesmo se pode dizer do processo de coleta de dados, que envolveu a utilização de videotape. Embora este procedimento sempre interfira com o que está sendo observado, ambos os grupos passaram pelo mesmo procedimento, e por isto sofreram, potencialmente, a mesma influência. Além disto, buscou-se facilitar a interação pai-bebê, evitando-se, sempre que possível, qualquer tipo de interferência no ambiente da filmagem. Esperava-se que isto contribuísse para que os pais ficassem bastante atentos ao seu bebê, respondendo a ele de forma sincrônica. Os estudos de Ferrari (2001) e de Carro, Piccinini e Millar (1999) também utilizaram videotape e encontraram expressivas diferenças entre os grupos observados. Portanto, nem o protocolo, nem o procedimento de observação, parecem conseguir explicar a ausência de diferenças encontradas no presente estudo na interação pais-bebê entre adolescentes e adultos.

Na verdade, os pais adolescentes do presente estudo, com poucas exceções (3), são pais que assumiram a gestação da companheira, continuando a conviver com ela após o nascimento do bebê, inclusive até mesmo morando junto com ela, e por isso tendo também um relacionamento próximo com o bebê. Achados semelhantes foram encontrados por Allen e Doherty (1996), Dallas e Chen (1999) e Trindade e Bruns (1999), no sentido de que muitos pais adolescentes tendem a assumir a criança e conviver com ela. Isto propicia uma convivência com o bebê semelhante a de pais adultos, o que por sua vez contribuiria para tornar a interação entre o grupos bastante similar.

Ainda relacionado a isso, pode-se pensar que, uma vez convivendo com o bebê ao longo dos três primeiros meses de idade, os pais de ambos os grupos já conhecem seus bebês, podendo assim perceber seus sinais e atendê-los de forma sincrônica. Este fato é comentado por Brazelton e Cramer (1992), pois para estes autores é a interação contínua do pai com o bebê que traz o reconhecimento entre a dupla e permite o estabelecimento da sincronia da interação. Também Belsky, Gilstrap e Rovine (1984) apontam que à medida que o bebê se desenvolve, o pai parece ficar mais à vontade no desempenho do papel paterno. Isto deve acontecer também com o pai adolescente, que ao conviver com o bebê, passa a ficar mais seguro como pai.

Também não se pode esquecer que aproximadamente 60% dos bebês eram do sexo masculino, o que também pode ter contribuído para a semelhança entre a interação pai-bebê nos dois grupos. Como comentado anteriormente, em virtude de estarem consolidando a identidade sexual, pode ser “melhor” para os adolescentes terem filhos do mesmo sexo, a fim de poderem se comportar de forma estereotipadamente masculina (Teti & Lamb, 1986).

Como já foi assinalado no Capítulo III quando se examinou o planejamento da gravidez entre adolescentes, para este grupo etário o bebê parece mais não planejado do que indesejado. É como se o tempo da gravidez se encarregasse de adaptar os pais à nova situação, permitindo que interajam com o bebê de forma semelhante aos pais adultos, que são utilizados no presente estudo como um padrão de interação.

Um outro ponto que poderia explicar as semelhanças encontradas é que os participantes que aceitaram participar do presente estudo já apresentavam uma postura diferenciada, indicando um maior envolvimento com a gravidez e até, em certo sentido,

buscando através desta participação ajuda para eventuais dificuldades. Suas companheiras, na grande maioria das vezes, participavam de grupo de gestantes, o que indiretamente também pode ter influenciando estes pais na sua interação com o bebê.

Novamente relacionando estes achados com os resultados expostos no Capítulo III, percebe-se que a maioria dos futuros pais já possuía conhecimentos sobre o cuidado de bebês e inclusive alguma experiência, o que com certeza contribuiu para sua interação com o bebê. Isto confirma os achados de Allen e Doherty (1996) e Dallas e Chen (1999), ao mesmo tempo que contraria o que geralmente é veiculado pela literatura, isto é, o desconhecimento dos adolescentes em relação ao desenvolvimento infantil (Bolton & Belsky, 1986; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986; Parke & cols., 1980; Reis & Herz, 1987; Rhein & cols., 1997). De fato, Westney, Cole e Munford (1988) encontraram em sua pesquisa que quanto maior o conhecimento dos pais adolescentes sobre o desenvolvimento infantil e o cuidado de crianças, maior o apoio oferecido à companheira no cuidado do bebê. Anderson (1996) e Cabrera e cols. (2000) também enfatizaram que as experiências prévias de pais com cuidado de crianças aumentavam a probabilidade de envolvimento paterno.

Talvez pelas razões acima mencionadas a incidência das seqüências assíncronas tenha sido tão baixa, a ponto de serem excluídas por não se mostrarem representativas da interação destes pais adultos e adolescentes com seus bebês aos três meses de idade. A respeito desse achado preliminar, se poderia levantar uma outra hipótese: o período de tempo de 15 segundos é bastante amplo para que um pai responda a um determinado comportamento do bebê. Nesse caso, se a análise fosse feita por contingência, poderia ter sido encontrada uma maior freqüência de seqüências assíncronas.

Ainda deve ser ressaltado o fato de que muitas das seqüências sincrônicas observadas apresentaram uma incidência muito baixa (por exemplo, *vocaliza/acaricia - beija; olha/estimula com objeto - brinquedo*), o que sugere a necessidade de reformulações no instrumento, talvez por não serem representativas da interação de pais adolescentes e adultos com seus bebês aos três meses de vida destes.

Entretanto, não se pode esquecer que nesta fase do estudo, três casais adolescentes já tinham terminado seu relacionamento, caso em que não foi possível obter a participação do pai no estudo. Pode-se pensar que estes pais representariam uma

parcela expressiva da população de pais adolescentes, e que ao deixarem de conviver com o bebê, teriam uma interação diferenciada com ele. Contribuiria também para isto uma relação mais conflituada com a mãe do bebê e sua família, fator apontado pela literatura como negativo para a interação pai adolescente-bebê (Allen & Doherty, 1996; Belsky & Miller, 1986; Cervera, 1994; Dallas & Chen 1999; Furstenberg, 1980; Hendricks, 1980; Hendricks & Montgomery, 1983; Marsiglio & Cohan, 1997; Parke, Power & Fisher, 1980; Rhein & cols., 1997) ou quem sabe suas próprias características psicológicas (Anderson, 1996; Blos, 1994; Hendricks, 1980; Marsiglio & Cohan, 1997; Parke, Power & Fisher, 1980; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999). No entanto, em virtude das barreiras existentes para o envolvimento dos pais adolescentes com sua companheira, se poderia também se pensar que o abandono representaria a frustração destes jovens na luta pela superação destes obstáculos (Allen & Doherty, 1996; Rhein & cols., 1997).

Um outro ponto a ser ressaltado, como declaram Belsky, Gilstrap e Rovine (1984), é que a observação naturalística não se preocupa com o que os pais e as famílias são capazes de fazer, como ocorre em uma situação artificial de laboratório, e sim com o que eles realmente fazem cotidianamente em suas casas. Contudo, estes autores reconhecem que mesmo sob tais condições naturais o funcionamento familiar se altera durante a observação. Assim, também os pais do presente estudo podem ter tentado, durante a filmagem, mostrar o melhor de si como pais, o que colaboraria para um resultado bastante semelhante entre adolescentes e adultos, até mesmo em função da imagem socialmente difundida do que seja um bom pai, comentada no Capítulo III.

De qualquer forma, não se pode deixar de relacionar estes achados com as lembranças das vivências transgeracionais destes pais adolescentes e adultos relacionadas aos seus próprios pais e mães. De fato, parece que as expectativas destes pais no que tange ao seu relacionamento com o bebê foram confirmadas no terceiro mês do bebê, em que todos eles se mostraram bastante responsivos ao mesmo. Este achado assemelha-se ao encontrado por Christmon (1990a) entre pais adolescentes, pois aqueles que tinham boas expectativas do papel parental foram os que assumiram mais responsabilidades no cuidado posterior da criança. Por outro lado, este desejo de ter um relacionamento ideal com o bebê, contrariando muitas vezes o relacionamento tido com o próprio pai, é também mencionado por Brazelton e Cramer (1992). No entanto, não se

pode esquecer que uma interação responsiva do pai não indica necessariamente uma divisão de tarefas de cuidado do bebê igualitária entre estes pais e suas companheiras. Poderia indicar talvez uma certa convivência com o bebê que lhes permite ter conhecimento de seus sinais e responder a eles. De qualquer forma, estes pais poderiam estar refletindo em seu comportamento interativo um novo tipo de pai, um novo modelo de homem, denominado andrógono, uma vez que características tradicionalmente consideradas como masculinas e femininas estariam mescladas neste novo modelo (Lewis & Dessen, 1999), bastante almejado também como ideal pelos novos pais de outros estudos (Allen & Doherty, 1996; Anderson, 1996).

Apesar das dificuldades estruturais e pessoais (sem maturidade emocional e habilidades pessoais como apontado na literatura), os pais adolescentes parecem conseguir superá-las e interagir adequadamente com o bebê, principalmente quando suficientemente apoiados (Marsiglio & Cohan, 1997; Robinson, 1988; Sadler & Catrone, 1983). Conforme Barret e Robinson (1981), eles podem apresentar uma sensibilidade que a sociedade geralmente não reconhece. No entanto, um exame da escassa literatura existente sobre a interação pai adolescente-bebê mostra que os resultados não são conclusivos em relação a semelhanças ou diferenças com pais adultos (Ragozin & cols., 1982; Young, 1988; Zuckerman, Winsmore & Alpert, 1979), necessitando-se de mais estudos que investiguem estas questões. De qualquer forma, os resultados do presente estudo sugerem cautela quando se fala que a interação tende a ser menos responsiva entre pais adolescentes e seus bebês.

Além das diferenças individuais, outros fatores, tais como a rede de apoio social e a relação afetiva com a companheira, desempenham um papel fundamental na qualidade da interação. A ausência de diferenças entre pais adolescentes e adultos apontada no presente estudo adquire relevância particular, quando se considera, conforme Cox e cols. (1992), que a qualidade da interação aos 3 meses do bebê, junto com as atitudes em relação à criança e ao papel paterno e o tempo de contato do pai com o bebê, são fatores preditores da qualidade de apego seguro no primeiro ano de vida.

CAPÍTULO V

Considerações finais

O presente estudo teve o objetivo de examinar as semelhanças e peculiaridades entre as expectativas e os sentimentos de pais adolescentes e adultos, bem como sua interação com o bebê aos três meses de vida.

A expectativa inicial do estudo, baseada na literatura, era de que os pais adolescentes teriam sentimentos mais ambivalentes ou negativos em relação à gestação do que os pais adultos, em virtude do não planejamento da gravidez e da falta de prontidão para ser pai. Na interação com o bebê aos três meses de vida, eles seriam menos responsivos do que os pais adultos.

A partir dos resultados encontrados, percebe-se que, em relação às expectativas e sentimentos, as peculiaridades entre os grupos tiveram o mesmo peso que as semelhanças, o que contrariou parcialmente a expectativa inicial do estudo. Quanto à interação com o bebê, não foram encontradas diferenças no que diz respeito à responsividade, o que não corrobora a expectativa inicial.

A partir destes resultados, é possível pensar que o grupo de pais adolescentes que participou deste estudo diferencia-se daqueles pais que não quiseram participar, ou que não assumiram a gestação. Evidentemente, o acesso a estes pais é mais difícil. Os achados deste estudo também não pretendem ser um retrato fiel da paternidade na adolescência e na idade adulta, até mesmo porque os pais como um todo não podem ser considerados como um grupo social homogêneo (Lewis & Dessen, 1999), porque existem diferentes adolescentes e adultos, de diferentes níveis sócio-econômicos, raças, idades, etc., que por isso mesmo vivenciam experiências diversas durante a gravidez de sua companheira. Assim, descrições típicas de pais adolescentes e seus parceiros podem não ser úteis, já que os adolescentes deste estudo podem diferir daqueles de outros estudos, inclusive por terem assumido a gestação. Assim, o objetivo foi descrever a experiência de alguns adolescentes e adultos na sua futura paternidade. Acredita-se que o objetivo foi alcançado, e que os resultados lançam algumas idéias para novos estudos. Por exemplo, seria interessante comparar as vivências de adolescentes que assumiram e

não assumiram a gestação da companheira. Ou complementar a avaliação da interação no terceiro mês do bebê com a análise das entrevistas sobre a experiência da paternidade, que não foram examinadas no presente estudo, a fim de saber em que medida estes outros dados descrevem os sentimentos e a participação dos pais na vida da criança.

Ao final do estudo, também se perceberam outros pontos que poderiam ser aprofundados ou melhorados em estudos posteriores. Inicialmente, a comparação entre pais adolescentes e pais adultos poderia levar em conta o nível econômico, características conjugais e a escolaridade de cada grupo. Nesta pesquisa, estes aspectos foram emparelhados na medida do possível, mas é claro que adolescentes e adultos não podem ser considerados grupos homogêneos. No entanto, com o relativo controle destas variáveis demográficas, a força destas possíveis diferenças parece ter diminuído sensivelmente, como também foi apontado por outros autores (p. ex., Jorgensen, 1993).

Outro ponto que poderia ser ampliado em estudos futuros é a extensão da avaliação da interação pai-bebê, isto é, acompanhar e avaliar esta interação em outras idades do bebê, traçando um panorama das modificações e da estabilidade por que passa durante o primeiro ano de vida, por exemplo. Isto porque alguns estudos indicam que o comportamento da criança poderia piorar com o tempo, o que levaria a pensar que o comportamento parental seria menos efetivo ou responsivo ao longo do desenvolvimento do bebê (Coley & Chase-Lansdale, 1998).

Além disso, os participantes deste estudo foram selecionados por conveniência, o que impede a maior generalização dos resultados, em virtude do pequeno número de participantes. Assim, esse viés pode ter influenciado na grande semelhança encontrada entre pais adolescentes e adultos. Nesse sentido, seria importante realizar estudos com amostras maiores e selecionadas de forma aleatória, em que também fosse investigada a questão familiar, isto é, em que fossem incluídos os avós do bebê na coleta de informações, tendo em vista o papel relevante destas pessoas na experiências destes jovens e adultos.

Já quanto à interação pai-bebê, neste estudo não foram examinadas diferenças na interação conforme o sexo do bebê, apesar de que este fator contribui para a qualidade da interação, como apontado na literatura (por exemplo, Snow, Jacklin & Maccoby, 1983). No caso deste estudo, aproximadamente 60% dos bebês eram do sexo masculino.

Assim, com uma amostra maior, seria possível equilibrar os grupos também quanto ao sexo do bebê e verificar o quanto este poderia interferir na interação dos pais jovens e adultos.

Ainda em relação à interação, poderia ser utilizado um instrumento diferente para avaliá-la, ou ainda outras dimensões de avaliação da interação que não a responsividade. Por exemplo, em uma análise por contingência da interação pai-bebê, cujos intervalos fossem de poucos segundos, se poderia avançar nas análises, evidenciando-se talvez particularidades mais marcantes entre pais adolescentes e adultos.

De qualquer forma, um ponto forte deste estudo foi a comparação entre adolescentes e adultos em sua experiência de tornar-se pai e principalmente, um aprofundamento na investigação do tema da paternidade adolescente, ainda tão pouco examinado em nosso país, apesar do crescente número de gestações entre adolescentes frequentemente veiculado pela mídia.

A comparação entre diferentes grupos etários permitiu retratar a realidade da paternidade para os adolescentes, bem como realçar as sutilezas que a idade paterna traz para a vivência desta crise (a transição para a paternidade). Esse ponto preenche uma lacuna encontrada na literatura consultada, pois são escassos os estudos que comparam adolescentes e adultos em sua vivência da paternidade. Não foi encontrado nenhum estudo que investigasse especificamente as expectativas e sentimentos dos futuros pais e sua posterior interação com o bebê.

O caráter longitudinal do estudo também merece destaque, uma vez que as informações obtidas não são retrospectivas e sim atuais e cobrem um período de tempo relativamente longo (do terceiro trimestre da gestação ao terceiro mês de vida do bebê), em que foi possível também comparar os dados coletados na primeira fase do estudo com aqueles da segunda fase, verificando em que medida o que os pais esperavam em relação ao bebê se confirmou na interação com o mesmo. Estes dois aspectos do estudo também preenchem lacunas encontradas na literatura, no caso, da realização de estudos longitudinais e com informações atuais de pais adolescentes e adultos. Isto porque a realidade social tem se modificado nos últimos anos, e estudos desta natureza permitem conhecer mais e melhor o papel paterno e em última instância, as famílias brasileiras.

Este estudo também preenche uma lacuna no que diz respeito à interação pai-bebê avaliada sob condições naturais, ou seja, na própria residência da díade. Mais ainda, preenche uma lacuna em relação à interação pai adolescente-bebê, não examinada anteriormente em âmbito nacional, e pouco examinada em outros países.

Também o momento escolhido para a avaliação da interação (entre o terceiro e o quarto mês do bebê) corresponde a um dos momentos indicados por Stern (1997) para exame de pontos específicos em relação ao bebê, uma vez que as cólicas já cessaram, as rotinas de vida do bebê estão sendo estabelecidas e ele está apto a interagir face a face, respondendo a muitos comportamentos paternos.

Além disso, nesse estudo foi possível obter um depoimento direto dos pais sobre suas experiências, sentimentos, expectativas e sua interação com o bebê, evitando-se o viés presente nos depoimentos maternos, tão sistematicamente apontado como falha metodológica pela literatura (Robinson & Barret, 1982).

Talvez ainda o ponto mais importante do estudo tenha sido mostrar que a paternidade na adolescência nem sempre assume um caráter negativo na vida dos jovens, como é representado freqüentemente na literatura e em nossa cultura. É claro que os jovens enfrentam dificuldades, que neste estudo foram entendidas como sendo decorrentes da fase adolescente, mas estas dificuldades não são intransponíveis, especialmente quando recebem apoio de sua família e da família da companheira.

Além disso, como ser pai na adolescência é um fato bastante comum em nosso país, é importante ouvir o que esses jovens pais têm a dizer, suas dúvidas, dificuldades e sentimentos, a fim de auxiliá-los em suas questões, compreendendo como experienciam esses acontecimentos (Trindade & Bruns, 1998). Até mesmo porque eles parecem ser mais conhecidos por estereótipos do que pelas suas características reais (Lamb & cols., 1986).

Este estudo também pretendeu lançar as bases para possíveis intervenções terapêuticas na interação entre pais adolescentes e adultos e seus bebês, por se acreditar que antes de intervir é necessário conhecer o fenômeno, identificando os padrões e a sensibilidade e contingência do comportamento dos pais ao bebê.

Finalizando, de acordo com Fonseca (1997), a problematização da paternidade e da maternidade adolescentes nos campos de pesquisa e intervenção podem seguir caminhos diferentes, dependendo do tipo de valores que orienta a sua realização: de um

lado, considerá-la sempre indesejável e patologizá-la, prevendo processos de intervenção repressivos; de outro, considerá-la como uma experiência que pode ser positiva para certos adolescentes, apoiando-os em suas necessidades. Esta última perspectiva foi a adotada no presente estudo: descrever sem juízo de valor a experiência destes pais.

As idéias de Meyer (1998) parecem adequadas para este momento, pois conforme a autora, as dúvidas e questionamento são tão importantes quanto os conhecimentos que geram, uma vez que abrem possibilidades de interferência acadêmica e política. A capacidade de duvidar possibilita o confronto constante com os esquemas e verdades estabelecidas. Nesse sentido, acredita-se que o presente estudo confrontou alguns esquemas e verdades estabelecidos, como por exemplo, a idéia de prontidão para a paternidade ou de uma idade adequada para a paternidade, uma vez que adolescentes e adultos apresentaram mais semelhanças do que diferenças entre si.

Além disso, mostrou que os pais adolescentes, embora difíceis de alcançar, são acessíveis às investigações científicas, e que apesar das dificuldades que encontram em sua transição para a paternidade, parecem se tornar os melhores pais que eles podem ser.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). O adolescente e a liberdade. Em A. Aberastury & M. Knobel (orgs.), *Adolescência normal* (pp. 13 - 23), 10ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Allen, W. D. & Doherty, W. J. (1996). The responsibilities of fatherhood as perceived by African American teenage fathers. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 77 (3), 142- 155.
- Amazarray, M. R.; Machado, P. S.; Oliveira, V. Z. & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: Um estudo fenomenológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (3), 431 – 440.
- Anderson, A. M. (1996). Factors influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing*, 2 (3), 306 – 324.
- Atwater, E. (1988). *Adolescence*. 2ed. New Jersey: Prentice Hall.
- Barret, R. L. & Robinson, B. E. (1981). Teenage fathers: A profile. *The Personnel and Guidance Journal*, 60 (4), 226 – 228.
- Belsky, J.; Gilstrap, B. & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project, I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three and nine months. *Child Development*, 55 (1), 692 – 705.
- Belsky, J.; Taylor, D. G. & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project, II: The development of reciprocal interaction in the mother-infant dyad. *Child Development*, 55 (1), 706 - 717.
- Belsky, J.; Rovine, M. & Taylor, D. G. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project, III: The origins of individual differences in infant-mother attachment: Maternal and infant contributions. *Child Development*, 55 (1), 718 - 728.
- Belsky, J. & Miller, B. C. (1986). Adolescent fatherhood in the context of the transition to parenthood. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (org.). *Adolescent fatherhood* (pp. 107 - 121). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Blos, P. (1994). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente: Questões desenvolvimentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bolton, F. G. & Belsky, J. (1986). The adolescent father and child maltreatment. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (org.), *Adolescent fatherhood* (pp. 123 – 140). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bruns, M. A.T. & Santos, C. (1998). Maternidade e paternidade adolescentes. *Jornal Correio Popular de Campinas*. Campinas, 31/10/1998, p. 03.
- Buchanan, M. & Robbins, C. (1990). Early adult psychological consequences for males of adolescent pregnancy and its resolution. *Journal of Youth and Adolescence*, 19 (4), 413 – 424.
- Cabrera, N. J.; Tamis-LeMonda, C. S.; Bradley, R. H.; Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71 (1), 127 – 136.
- Caron, N. A., Fonseca, M. M. C. & Kompinsky, E. (2000). Aplicação da observação na ultra-sonografia obstétrica. Em N. A. Caron (org.), *A relação pais-bebê: Da observação à clínica* (pp. 178 – 206). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carro, J. W. (1994). *Qualidade de interação mãe-bebê: Os efeitos de uma intervenção precoce*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- Carro, J., Piccinini, C. A. & Millar, W. S. (1999). The role of an early intervention on enhancing the quality of mother-infant interaction. *Child Development*, 70 (3), 713 - 721.
- Cervený, C. (1996). Gravidez na adolescência: Uma perspectiva familiar. Em *Coletâneas da ANPEPP: Família e Comunidade*, 1 (2), 35 - 50.
- Cervera, N. (1994). Family change during an unwed teenage pregnancy. *Journal of Youth and Adolescence*, 23 (1), 119 - 140.
- Christmon, K. (1990a). Parental responsibility and self-image of African American teenage fathers. *Families in Society*, 71 (9), 563 – 567.
- Christmon, K. (1990b). Parental responsibility of African American unwed adolescent fathers. *Adolescence*, XXV (99), 645 – 653.
- Clement, S.; Wilson, J. & Sikorski, J. (1998). Women's experiences of antenatal ultrasound scans. Em S. Clement (org.), *Psychological perspectives on pregnancy and childbirth* (pp. 07 – 26). Edinburgh, UK: Churchill Livingstone.

- Cochran, D. L. (1997). African american fathers: A decade review of the literature. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, VOL (NUM), 340 – 351.
- Coleman, E. (1980). Counseling adolescent males. *The Personnel and Guidance Journal*, 60 (4), 215 - 218.
- Coley, R. L. & Chase-Lansdale, P. L. (1998). Adolescent pregnancy and parenthood: Recent evidence and future directions. *American Psychologist*, 53 (2), 152 – 166.
- Colletta, N. D. & Gregg, C. H. (1981). Adolescent mothers' vulnerability to stress. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 169 (1), 50 – 54.
- Cox, M. J.; Owen, M. T.; Henderson, V. K. & Margand, N. A. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, 28 (3), 474 – 483.
- Dallas, C. M. & Chen, S. C. (1998). Experiences of African American adolescent fathers. *Western Journal of Nursing Research*, 20 (2), 210- 222.
- Daly, K. (1993). Reshaping fatherhood: Finding the models. *Journal of Family Issues*, 14 (4), 510 – 530.
- Dean, A. L. (1997). *Teenage pregnancy: The interaction of psyche and culture*. Hillsdale, New Jersey: Analytic Press.
- Dearden, K., Hale, C. & Alvarez, J. (1992). The educational antecedents of teen fatherhood. *British Journal of Educational Psychology*, 62 (1), 139 - 147.
- Debray, R. (1988). *Bebês/mães em revolta: Tratamentos psicanalíticos conjuntos dos desequilíbrios psicossomáticos precoces*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dellmann-Jenkins, M.; Sattler, S. H. & Richardson, R. A. (1993). Adolescent parenting: A positive, intergenerational approach. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*. 74 (10), 590 – 601.
- Dimenstein, G. *Desinformação provoca riscos sexuais*. Jornal Folha de São Paulo, 15 de maio de 1999, Seção Cotidiano, p. 05.
- Elster, A. B. & Panzarine, S. (1983). Teenage fathers: Stresses during gestation and early parenthood. *Clinical Pediatrics*, 22 (10), 700 - 703.
- Elster, A. B. & Hendricks, L. (1986). Stresses and coping strategies of adolescent fathers. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (org.). *Adolescent fatherhood* (pp. 55 – 65). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Elster, A. B. & Lamb, M. E. (org.). (1986). *Adolescent fatherhood*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

- Fagot, B. I., Pears, K. C., Capaldi, D. M., Crosby, L. & Leve, C. S. (1998). Becoming an adolescent father: Precursors and parenting. *Developmental Psychology*, 34 (6), 1209 - 1219.
- Ferrari, H. (2001). *A ausência paterna e suas implicações na qualidade da interação mãe-bebê*. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS.
- Fonseca, J. L. (1997). *Paternidade adolescente: Uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado, PUCSP, São Paulo.
- Fonseca, J. L. C. L. (1998). Paternidade adolescente: Da investigação à intervenção. Em M. Arilha, S. G. U. Ridenti & B. Medrado (org.), *Homens e masculinidades: Outras palavras* (pp. 185 - 214). São Paulo: Editora34.
- Furstenberg, F. F. (1980). Burdens and benefits: The impact of early childbearing on the family. *Journal of Social Issues*, 36 (1), 64 - 87.
- Furstenberg Jr., F. F.; Brooks-Gunn, J. & Morgan, S. P. (1990). *Adolescent mother in later life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Garbarino, J. (1993). Reinventing fatherhood. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 74 (1), 51 - 54.
- Harris, J. L. J. (1998). Urban African American adolescent parents: Their perceptions of Sex, love, intimacy, pregnancy and parenting. *Adolescence*, 33 (132), 833 - 844.
- Heath, D. T. & McKenry, P. C. (1993). Adult family life of men who fathered as adolescents. *Families in society: The Journal of Contemporary Human Services*, 74 (1), 36 - 45.
- Hendricks, L. E. (1980). Unwed adolescent fathers: Problems they face and their sources of social support. *Adolescence*, XV (60), 861 - 869.
- Hendricks, L. E. & Montgomery, T. (1983). A limited population of unmarried adolescent fathers: A preliminary report of their views on fatherhood and the relationship with the mothers of their children. *Adolescence*, XVIII (69), 201 - 210.
- Hendricks, L. E., Robinson-Brown, D. P. & Gary, L. E. (1984). Religiosity and unmarried black adolescent fatherhood. *Adolescence*, XIX (74), 417 - 424.
- Hendricks, L. E. (1988). Outreach with teenage fathers: A preliminary report on three ethnic groups. *Adolescence*, XXIII (91), 711 - 720.
- Isabella, R. A., Belsky, J. & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: An examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, 25, 12 - 21.

- Isabella, R. A. & Belsky, J. (1991). Interactional synchrony and the origins of infant-mother attachment: A replication study. *Child Development*, 62, 373 - 384.
- Jorgensen, S. R. (1993). Adolescent pregnancy and parenting. Em T. P. Gullotta, G. R. Adams & R. Montmayor (orgs.), *Adolescent sexuality* (pp. 103 - 140). Newbury Park: Sage.
- Kahn, J. S. & Bolton, F. G. (1986). Clinical issues in adolescent fatherhood. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (org.). *Adolescent fatherhood* (pp. 141 - 154). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Kiselica, M. S. & Pfaller, J. (1993). Helping teenage parents: The independent and collaborative roles of counselor educators and school counselors. *Journal of Counseling & Development*, 72 (1), 42 - 48.
- Knobel, M. (1992). A síndrome da adolescência normal. Em A. Aberastury & M. Knobel (orgs.), *Adolescência normal* (pp. 24 - 62), 10ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klaus, M. H. & Kennel, J. H. (1993). *Pais-Bebê: A formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kreutz, C. M. (2001). *A experiência da maternidade e a interação mãe-bebê em mães adolescentes e adultas*. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, UFRGS.
- Krob, A. R. (1999). *A transição para a paternidade e a interação pai-bebê*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life. *Child Development*, 48 (1), 167 - 181.
- Lamb, M. E. & Elster, A. B. (1985). Adolescent mother-infant - father relationships. *Developmental Psychology*, 21 (5), 768 - 773.
- Lamb, M. E. & Elster, A. B. (1986). Parental behavior of adolescent mothers and fathers. Em *Adolescent Fatherhood* (pp. 88 - 106). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Lamb, M. E.; Elster, A. B.; Peters, L. J.; Kahn, J. S. & Tavare, J. (1986). Characteristics of married and unmarried adolescent mothers and their partners. *Journal of Youth and Adolescence*, 15 (6), 487 - 496.
- Lamb, M. E.; Frodi, A. M.; Hwang, C. P.; Frodi, M. & Steinberg, J. (1982). Mother- and father- infant interaction involving play and holding in traditional and nontraditional Swedish families. *Developmental Psychology*, 18 (2), 215 - 221.

- Landy, S., Schubert, J., Cleland, J., Clark, C. & Montgomery, J. S. (1983). Teenage pregnancy: Family syndrome?, *Adolescence*, XVIII (71), 679 - 694.
- Laville, C. & Dione, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (1), 9 – 16.
- Lewis, M. & Volkmar, F. R. (1993). *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência*. 3ed, Porto Alegre: Artes Médicas.
- Louro, G. L. (org.) (1999). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Macedo, R. M. S. de & Souza, R. M. de (1996). Adolescência e sexualidade: Uma proposta de educação para a família. Em *Coletâneas da ANPEPP: Família e Comunidade*, 1 (2), 07 - 33.
- Marsiglio, W. (1986). Teenage fatherhood: High school completion and educational attainment. Em *Adolescent Fatherhood* (pp. 67 - 86). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Marsiglio, W. & Cohan, M. (1997). Young fathers and child development. Em M. E. Lamb (org.), *The role of the father in child development* (pp. 227 – 244), 3ed. New York, NY, US: John Wiley & Sons.
- Martini, T. D. (1999). *A transição para a paternidade: Expectativas, sentimentos e síndrome de couvade dos futuros pais ao longo da gestação*, Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre.
- McKinney, J. P.; Fitzgerald, H. E. & Strommen, E. A. (1977). *Developmental psychology: The adolescent and young adult*. Homewood, Illinois, US: Dorsey Press.
- Meyer, D. E. E. (1998). A dúvida como postura intelectual: Uma abordagem pós-estruturalista de análise dos estudos de gênero na Enfermagem. *Formação Nursing Edição Brasileira*, (1), 27 - 34.
- Montmayor, R. (1986). Boys as Fathers: Coping with the dilemmas of adolescence. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (org.), *Adolescent fatherhood* (pp. 01 - 18). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Nachmias, C. & Nachmias, D. (1996). *Research methods in the social sciences*. London: Arnolds.
- Nakashima, I. I. & Camp, B. W. (1984). Father of infant born to adolescent mothers: A study of paternal characteristics. *American Journal of Disease on Children*, 138 (1), 452 – 454.

- Nock, S. L. (1998). The consequences of premarital fatherhood. *American Sociological Review*, 63 (2), 250 - 263.
- Nunes, C. E. G. (1998). Adolescência e paternidade: Um duelo de papéis sociais. *Psico*, 29 (1), 125 - 138.
- Ortiz, C. G. & Nuttall, E. V. (1987). Adolescent pregnancy: Effects of family support, education, and religion on the decision to carry or terminate among Puerto Rican teenagers. *Adolescence*, XXII (88), 897 - 917.
- Osório, L. C. (1989). *Adolescência hoje*. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parke, R. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard University Press.
- Parke, R. D.; Power, T. G. & Fisher, T. (1980). The adolescent father's impact on the mother and child. *Journal of Social Issues*, 36 (1), 88 – 106.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1970/1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. São Paulo: Pioneira.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998). *Ficha de contato inicial*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998). *Consentimento informado*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998). *Entrevista de dados demográficos do casal*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998). *Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai*. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Correa, C.; Gianlupi, A. G.; Levandowski, D. C. & Ribeiro, L. S. (1998). *Observação da interação familiar*. Instrumento não publicado.
- Ragozin, A. S.; Basham, R. B.; Crnic, K. A.; Greenberg, M. T. & Robinson, N. M. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, 18 (4), 627 – 634.
- Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

- Redmond, M. A. (1985). Attitudes of adolescent males toward pregnancy and fatherhood. *Family Relations Journal of Apply Family and Child Studies*, 34 (3), 337 – 342.
- Reis, J. S. & Herz, E. J. (1987). Correlates of adolescent parenting. *Adolescence*, XXII (87), 599 - 609.
- Rhein, L. M., Ginsburg, K. R., Schwarz, D. F., Pinto-Martin, J. A., Zhao, H., Morgan, A. P. & Slap, G. B. Teen father participation in child rearing: family perspectives (1997). *Journal of Adolescent Health*, 21 (4), 244 - 252.
- Riesch, S. K.; Kuester, L.; Brost, D. & McCarthy, J. G. (1996). Fathers' perceptions of how they were parented. *Journal of Community Health Nursing*, 13 (1), 13 – 29.
- Robinson, B. E. (1988). Teenage pregnancy from the father's perspective. *American Journal of Orthopsychiatry*, 58 (1), 46 - 51
- Robinson, B. E. & Barret, R. L. (1982). Issues and problems related to the research on teenage fathers: A critical analysis. *The Journal of School Health*, 52 (10), 596 – 600.
- Robinson, B. E. & Barret R. L. (1987). Self-concept and anxiety of adolescent and adult fathers. *Adolescence*, XXII (87), 611 – 616.
- Robinson, R. B. & Frank, D. I. (1994). The relation between self-esteem, sexual activity, and pregnancy. *Adolescence*, 29 (113), 27 - 35.
- Robson, C. (1995). *Real world research: A resource for social scientists and practitioner-researchers*. Oxford, UK: Blackwell.
- Rothstein, A. A. (1978). Adolescent males, fatherhood and abortion. *Journal of Youth and Adolescence*, 7 (2), 203 - 214.
- Rotundo, E. A. (1985). American fatherhood: A historical perspective. *American Behavioral Scientist*, 29 (1), 7 – 25.
- Russell, C. S. (1980). Unscheduled parenthood: Transition to 'parent' for the teenager. *Journal of Social Issues*, 36 (1), 45 - 63).
- Sadler, L. S. & Catrone, C (1983). The adolescent parent: A dual developmental crisis. *Journal of Adolescent Health Care*, 4 (1), 100 – 105.
- Sherwen, L. N. (1986). Third trimester fantasies of first-time expectant fathers. *Maternal Child Nursing Journal*, 15 (3), 153 – 170.
- Silva, S. G. (2000). Masculinidade na História: A construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 3, 08 –15.

- Slade, A. & Cohen, L. J. (1996). The process of parenting and the remembrance of things past. *Infant Mental Health Journal*, 17 (3), 217 – 238.
- Snow, M. E.; Jacklin, C. N. & Maccoby, E. E. (1983). Sex-of-child differences in father-child interaction at one year of age. *Child Development*, 54 (1), 227 – 232.
- Soares, I. *Gravidez precoce: Gestações jovens estão sem controle*. Jornal Zero Hora, 21 de novembro de 1999, Seção Geral, p. 47 - 49.
- Soulé, M. (1987). O filho da cabeça, o filho imaginário. Em: T. B. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Schäppi & M. Soulé (orgs.), *A dinâmica do bebê* (pp.132 - 170). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Steinberg, L (1985). *Adolescence*. New York: Alfred Knopf.
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: O panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stouthamer-Loeber, M. & Wei, E. H. (1998). The precursors of young fatherhood and its effect on delinquency of teenage males. *Journal of Adolescent Health*, 22 (1), 56 - 65.
- Sullivan-Lyons, J. (1998). Men becoming fathers: “Sometimes i wonder how I’ll cope”. Em S. Clement (org.), *Psychological perspectives on pregnancy and childbirth* (pp. 227 – 244). London, UK: Churchill Livingstone.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher: Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Taquete, S. R. (1992). Sexo e gravidez na adolescência: Estudo de antecedentes bio-psico-sociais. *Jornal de Pediatria*, 68 (3/4), 135 - 139.
- Teti, D. M. & Lamb, M. E. (1986). Sex-role learning and adolescent fatherhood. Em A. B. Elster & M. E. Lamb (org.), *Adolescent fatherhood* (pp. 19 - 30). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Trindade, E. & Bruns, M. A. T. (1998). Pai adolescente: Quem é ele? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 9 (1), 23 – 28.
- Trindade, E. & Bruns, M. A. de T. (1999). *Adolescentes e paternidade: Um enfoque fenomenológico*. Ribeirão Preto: Holos.
- van den Boom, D. C. (1994). The influence of temperament and mothering on attachment and exploration: An experimental manipulation of sensitive responsiveness among lower-class mothers with irritable infants. *Child Development*, 65 (1), 1457 - 1477.

- Westney, O. E., Cole, O. J. & Munford, T. L. (1986). Adolescent unwed prospective fathers: Readiness for fatherhood and behaviors toward the mother and the expected infant. *Adolescence*, XXI (84), 901 - 911.
- Westney, O. E., Cole, O. J. & Munford, T. L. (1988). The effects of prenatal education intervention on unwed prospective adolescent fathers. *Journal of Adolescent Health Care*, 9 (3), 214 – 218.
- Young, M. (1988). Parenting during mid-adolescence: A review of developmental theories and parenting behaviors. *Maternal Child Nursing Journal*, 17 (1), 01 – 12.
- Zuckerman, B.; Winsmore, G. & Alpert, J. J. (1979). A study of attitudes and support systems of inner city adolescent mothers. *The Journal of Pediatrics*, 95 (1), 122 – 125.

ANEXOS

Anexo A

Anexo B

Anexo C

Anexo D

Anexo E

Anexo F

Anexo G

Definições operacionais dos comportamentos paternos e infantis e instruções para codificação

(Adaptado de Carro, Piccinini & Millar, 1999,
a partir da versão de Belsky, Rovine & Taylor, 1984)

Instrução geral para codificação: são computados *todos* os comportamentos que ocorrem dentro do intervalo de 15 segundos, entendendo-se assim que os comportamentos não são mutuamente exclusivos ou computados por sua predominância ou ordem de ocorrência.

Categorias de Comportamentos Paternos¹⁴

1. **Interpreta/fala pelo bebê:** o pai vocaliza colocando-se empaticamente no lugar do bebê, interpretando o estado e/ou os sinais do bebê (Ex.: “*Tu queres brincar, sapeca*”; “*espirrou, então estou vendo que estás com frio*”); ou quando o pai fala como se fosse o próprio bebê (Ex.: “*ai, papai, estou com sono*”). Pode ser marcado simultaneamente com “Resposta à vocalização ou choro do bebê”, quando a interpretação foi em resposta a uma vocalização ou choro do bebê.

2. **Responde à vocalização ou choro do bebê:** somente é marcado quando o pai vocaliza em resposta a uma vocalização ou choro do bebê; incluem-se vocalizações do pai que imitam sons do bebê. Pode ser computado simultaneamente com “Interpreta/fala pelo bebê” quando a resposta se expressa como uma interpretação ou fala pelo bebê.

3. **Fala para o bebê:** pai vocaliza falando para/com o bebê, canta para ele, faz sons (Ex.: “*psiu, psiu*”), elogia o bebê, chama o bebê pelo nome, *fala de forma enfática com o bebê, visivelmente chamando sua atenção e propiciando uma interação divertida*

entre ele e o bebê (Ex: “O que é que essa garota está querendo, hein? O que? Diz para o papai!”). (Modificada¹⁵)

4. **Estimula com brinquedo/objeto:** pai faz gestos com auxílio de instrumentos que procuram chamar a atenção do bebê (Ex.: mostra objetos/brinquedo, passa o bico na boca ou na face do bebê). (Modificada)

5. **Estimula sem objeto/brinquedo:** nesta categoria são computados todos os comportamentos de estimulação em que o pai utiliza o próprio corpo para chamar a atenção do bebê, seja através de gestos e/ou caretas. (Criada)

6. **Colo:** pai pega o bebê no colo e/ou o mantém em seu colo. (Criada)

7. **Sorri para o bebê:** pai visivelmente sorri para o bebê; somente é marcado quando o pai está olhando para o bebê, excluindo-se assim sorrisos que não são dirigidos ao bebê.

8. **Acaricia/beija o bebê:** pai passa os dedos, a mão ou seu rosto no corpo ou rosto do bebê, afagando-o. Também inclui-se nesta categoria beijar o bebê.

9. **Embala/aconchega:** pai balança o bebê em seus braços ou sobre as pernas; pai traz e/ou mantém o bebê junto de seu corpo.

10. **Olha o bebê:** pai dirige o olhar para o corpo ou o rosto do bebê.

11. **Olha para a câmera ou outro lugar:** o pai dirige seu olhar para a câmera ou para outro lugar do ambiente, que não o bebê. (Criada)

12. **Posiciona-se face a face:** pai coloca intencionalmente a si ou ao bebê em posição que permita que ambos estejam face a face, no mesmo plano visual.

¹⁴ As categorias cujo título encontra-se em itálico foram excluídas do protocolo e da análise final em virtude de apresentarem uma baixa frequência durante o estudo piloto descrito no Capítulo IV.

¹⁵ A palavra modificada indica que esta categoria sofreu alterações em sua versão original, baseada nos autores citados no Capítulo II. Já a palavra criada significa que a categoria foi criada especialmente para este estudo.

13. **Acalma o bebê:** o pai faz gestos e/ou verbaliza para notavelmente acalmar o bebê, tirando-o de um estado de desconforto (Ex.: colocar fraldinha no rosto para o bebê dormir, dar chupeta para o bebê, o pai bate na bundinha do bebê ao fazê-lo dormir). Também é pontuado quando há uma tentativa por parte do pai no sentido de acalmar o bebê, mesmo sem sucesso. (Criada)

14. **Deita o bebê:** pai deita o bebê na cama, nas pernas ou no seu colo. (Antes disso, supõe-se que o bebê não está deitado nesses locais) (Criada)

15. **Fica em pé/movimenta-se com o bebê:** pai, tendo o bebê no colo, movimenta-se pelo ambiente com o mesmo, ou fica em pé segurando-o. (Criada)

16. **Ajeita o bebê:** o pai, tendo o bebê em seu colo, ajeita sua roupa ou troca sua posição para que melhor interaja com ele, para que apareça melhor na filmagem ou para que saia de um estado de desconforto (Criada)

Categorias Infantis¹⁶

1. **Vocaliza/Choramanga:** incluem-se nesta categoria o balbucio, o resmungo/choramigo (em geral de fraca intensidade e descontínuo), bem como gesticulações da boca, entendidas como “tentativas” de vocalização ou imitação da vocalização paternas.

2. **Chora:** incluem-se o choro (em geral de forte intensidade e contínuo, que expressa claro desconforto do bebê). (Modificada)

3. **Alerta/acordado¹⁷:** o bebê encontra-se alerta (de olhos abertos), atento ao ambiente e/ou respondendo de forma positiva aos estímulos. (Modificada)

¹⁶ Também aqui aquelas categorias cujo nome encontra-se em negrito foram excluídas do protocolo de análise final devido à baixa incidência.

4. **Sonolento/dorme:** o bebê encontra-se de olhos fechados ou semi-abertos, pestanejando, aparentando cansaço.

5. **Olha para o pai:** bebê dirige seu olhar para o rosto ou o corpo do pai, ou acompanha a trajetória dos movimentos/atividades do pai.

6. **Comportamentos involuntários:** incluem-se nesta categoria os comportamentos de espirrar, tossir, soluçar, bocejar, vomitar, *babar* e demais comportamentos que podem ser considerados reações involuntárias.

7. **Sorri:** o bebê visivelmente sorri para o pai; somente é computado quando o bebê está olhando para o pai, excluindo-se assim sorrisos que não são dirigidos ao pai.

8. **Alerta/irrequieto:** o bebê encontra-se visivelmente desconfortável, inquieto ou excitado com a atividade na qual está envolvido (Ex.: esperneia). Esta categoria sempre é pontuada quando o bebê está chorando. (Criada)

9. **Olha para a câmera ou outro lugar:** o bebê dirige seu olhar para a câmera ou outro lugar que não o pai. (Criada)

10. **Segura brinquedo/estímulo:** o bebê segura com uma ou duas mãos o estímulo que o pai lhe apresenta, seja ele um brinquedo ou até mesmo a própria mão do pai. (Criada)

11. **Responde ao brinquedo/estímulo:** o bebê notavelmente responde ao estímulo, fazendo caretas, vocalizando, acompanhando-o com o olhar, etc.

¹⁷ Esta categoria, bem como a categoria 05, foi baseada na utilizada e descrita por Brazelton & Cramer (1992).

Anexo H

Relação de seqüências sincrônicas e assincrônicas pai-bebê

(Adaptado de Carro, Piccinini & Millar, 1999,
a partir da versão de Isabella, Belsky & Von Eye, 1989)

Seqüências sincrônicas: são computados os momentos em que os comportamentos do pai e do bebê ocorreram simultaneamente ou dentro do mesmo intervalo, e não necessariamente um imediatamente após o outro (estímulo - resposta).

Seqüências assincrônicas: são computados os momentos em que o pai ignora algum comportamento emitido pelo bebê, ou que responde a ele de forma não sensitiva.

Observações: o sinal “/” indica que a ordem em que ocorrem os comportamentos é indiferente, ou seja, a seqüência é computada tanto se foi o comportamento do bebê que precedeu o comportamento paterno quanto se o inverso ocorreu.

Comportamentos sincrônicos da dupla pai-bebê¹⁸

1. *vocaliza/vocaliza*
2. *vocaliza/sorri*
3. *vocaliza/acaricia - beija*
4. *vocaliza/estimula com objeto – brinquedo (Criada)*
5. *vocaliza/estimula sem objeto – brinquedo (Criada)*
6. *vocaliza/embala – aconchega (Criada)*
7. *vocaliza/acalma (Criada)*
8. *vocaliza/ajeita o bebê (Criada)*
9. *vocaliza/olha*
10. *vocaliza/chora*

¹⁸ As categorias de comportamentos sincrônicos e assincrônicos destacadas em itálico foram excluídas do protocolo final de análise em virtude de sua baixa incidência no estudo piloto (descrição no Capítulo IV).

11. olha/olha
12. *olha/sorri*
13. *olha/acaricia - beija*
14. *olha/estimula com objeto – brinquedo (Criada)*
15. *olha/estimula sem objeto – brinquedo (Criada)*
16. responde ao estímulo/estimula com objeto – brinquedo (Criada)
17. *responde ao estímulo/estimula sem objeto – brinquedo (Criada)*
18. *sorri/sorri*
19. *sorri/acaricia - beija*
20. *sorri/estimula com objeto – brinquedo (Criada)*
21. *sorri/estimula sem objeto – brinquedo (Criada)*
22. *chora/embala - aconchega*
23. *chora/acaricia - beija*
24. *chora/acalma (Criada)*
25. *chora/olha (Criada)*
26. *chora/ajeita o bebê (Criada)*
27. *alerta – irrequieto/resposta adequada (Criada)*
28. *comportamento involuntário/resposta adequada (entende-se como resposta adequada as vocalizações em resposta ao comportamento involuntário do bebê ou tentativas do pai de confortar o bebê, de acordo com o comportamento por este apresentado, por exemplo, limpar a boca)*
29. *sonolento/deita (Criada)*
30. *sonolento/embala (Criada)*

Comportamentos assíncronicos da dupla pai-bebê

1. *chora – ignora*
2. *vocaliza – ignora*
3. *olha – ignora*
4. *sorri – ignora*
5. *comportamento involuntário – ignora*
6. *sonolento – estimula (Criada)*

Anexo I

Anexo J

Anexo L

Tabela 4 - Índices do Kappa para os comportamentos paternos, infantis e as seqüências sincrônicas observadas

Comportamentos Paternos	Kappa
Responde à vocalização/choro do bebê	0.528
Fala para o bebê	0.712
Estimula com objeto/brinquedo	0.811
Estimula sem objeto/brinquedo	0.514
Colo	0.714
Sorri para o bebê	0.528
Acaricia/beija o bebê	0.793
Embala/aconchega o bebê	0.410
Olha o bebê	0.566
Olha para câmera/outro lugar	0.618
Posiciona-se face a face	0.731
Acalma o bebê	0.627
Fica em pé/movimenta-se com o bebê	0.891
Ajeita o bebê	0.770
Comportamentos infantis	
Vocaliza/choraminga	0.723
Alerta/acordado	0.615
Olha para o pai	0.457
Alerta/irrequieto	0.634
Olha para câmera/outro lugar	0.543
Segura brinquedo/estímulo	0.735
Responde ao estímulo	0.574
Seqüências sincrônicas	
Vocaliza – vocaliza	0.685
Vocaliza - ajeita o bebê	0.637
Vocaliza – olha	0.723
Olha – olha	0.448
Responde ao estímulo – estimula com objeto/brinquedo	0.657
Alerta/irrequieto - resposta adequada	0.620

Anexo M

Tabela 5 - Correlação entre dados demográficos e categorias de comportamentos paternos, infantis e seqüências sincrônicas

Comportamentos Paternos	Grupo de jovens/adultos	Escolaridade (em anos)	Ocupação	Etnia	Estado civil	Sexo do bebê
Responde à vocalização/choro do bebê						
Fala para o bebê		-0,504*				
Estimula com objeto/brinquedo						
Estimula sem objeto/brinquedo						
Colo						
Sorri para o bebê			0,591**			
Acarícia/beija o bebê						
Embala/aconchega o bebê						
Olha o bebê					-0,535*	
Olha para câmera/outro lugar						
Posiciona-se face a face						
Acalma o bebê						
Fica em pé/movimenta-se com o bebê						
Ajeita o bebê						
Comportamentos do bebê						
Vocaliza/choramanga						
Alerta/acordado						
Olha para o pai						
Alerta/irrequieto						
Olha para câmera/outro lugar						
Segura brinquedo/estímulo						
Responde ao estímulo						
Seqüências sincrônicas						
Vocaliza – vocaliza						
Vocaliza - ajeita o bebê						
Vocaliza – olha						
Olha – olha						
Responde ao estímulo – estimula com objeto/brinquedo						
Alerta/irrequieto - resposta adequada						

** Correlação é significativa até o nível de 0,01.

* Correlação é significativa até o nível de 0,05.